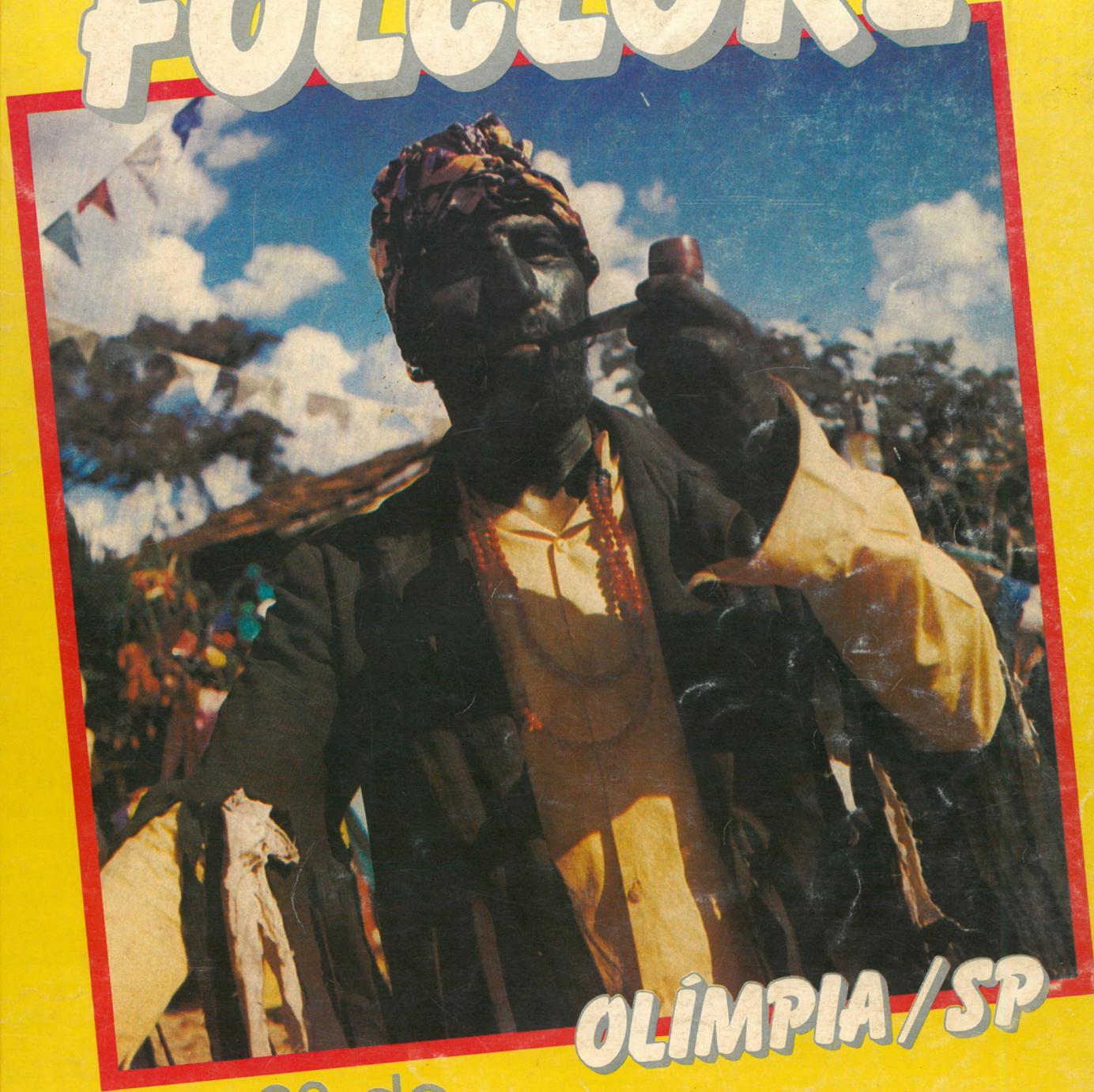


23^o FESTIVAL DO FOLCLORE



OLÍMPIA / SP

16 a 23 de
agosto / 87

Colaboração

BRADESCO

TERNO DE MOÇAMBIQUE

(Capa)

Terno de Moçambique "São Benedito" do Jardim Santa Ifigênia, como já tivemos a oportunidade de descrever em nosso Anuário de 1978, é um folguedo folclórico, uma Embaixada mista (homens e mulheres) que há mais de cinquenta anos existe em nossa cidade e que comparece, assiduamente, em nosso festival do mês de agosto, metafolcloricamente, pois no festival as apresentações ocorrem fora do seu ciclo festivo. Louva os padroeiros São Benedito, Santa Ifigênia, Nossa Senhora do Rosário (protetora dos homens de cor) e Santa Isabel (a princesa imperial regente, que quando estampada numa bandeira, por falta de conhecimento hagiológico do grupo, sincretiza-se em Santa Isabel de Hungria). Na bandeira do Moçambique, guia do grupo, aparece somente a figura de São Benedito que, pela sua cor, é chamado o santo preto. Aliás, a devoção a São Benedito, em nenhum país do mundo, é tão grande e fervorosa como no Brasil. No Terno de Moçambique, é santo querido e invocado com fervor, pois segundo a tradição, era filho de escravos, e que além de leigo, analfabeto e cozinheiro, um dia tornou-se superior do Mosteiro, na Ordem Franciscana.

No dia 13 de maio, festa maior do Terno de Moçambique, há uma série de dramatizações no ritual e, entre elas, o casamento de São Benedito com Santa Ifigênia. Para a encenação, uma moça de cor negra faz o papel de Santa Ifigênia e um moço representa São Benedito. Os rapazes, soldados do grupo, dançando ao som dos instrumentos musicais, cada um de per si, chegam até Ifigênia e a convidam ao casamento e esta recusa o convite de todos, aceitando-o, porém, quando formulado por Benedito, que pelo preceito eclesiástico, todos sabemos, morreu solteiro. O casamento é real para os moçambiqueiros, mas incoerente e impossível pelo celibato instituído pela Igreja.

Ainda muito curioso é ressaltar, no folguedo, a presença de um figurante especial, o escravo, que ilustra a capa da revista e no desempenho de seu papel, traz lembranças remotas, sentindo-se preso a uma sombra do passado, fumegando ofegante o seu pito de barro, de canudo comprido, canta, grita e dança, como ébrio de prazer, agitando-se todo em arremessos de vida, como se deu ao anoitecer do memorável 13 de maio de 1888. De repente, no rumor que o atordoia, numa loucura sem par, ao som dos cantos, dos roncões dos instrumentos, sente uma nostalgia profunda e não conseguindo abafar a cadência monótona da toada, repete em desespero, quase em fúria, esta cena: Ai, ai, ai, meu Deus, tenha piedade de mim! Pára, pára, não me bata mais! Ai, ai, ai! Ó meu Deus, tem dó! Quanto sofrimento, minha Nossa Senhora! Me livra do cativêiro! E dizendo estas frases, cai-lhe o pito da boca, enquanto ele cai no chão, remexendo-se todo e gritando sentidos "ais". Nesse ponto, o primeiro capitão do grupo presta-lhe socorro, dando-lhe as mãos para ajudá-lo a levantar-se. E erguendo-se de pronto, agita-se todo em bamboleios sem graça, batendo com as mãos nas ancas, a cantar arrastado, numa algaravia estrambótica, resumindo uma história longa e triste.

Não fugindo ao peso do substrato das credices e superstições, este escravo tem por finalidade expulsar o quebranto e o mau-olhado que, por inveja, poderão ser "jogados" sobre o grupo. Por isto é-lhe dado o nome de feiticeiro ou macumbeiro. A benzedura mais comum consiste numa reza que é feita silenciosamente. Dança, descalço, como os soldados do Moçambique e o traje só se difere pelo uso de um paletó preto, esfarrapado, e um cachimbo.

Há no Brasil dois tipos de Moçambique: com manejo de bastões e sem manejo de bastões. O Terno de Moçambique "São Benedito", do Jardim Santa Ifigênia, de Olímpia, sob a gerência do 1.º capitão Adelis Paula dos Santos, pelos seus elementos estruturais, é Moçambique sem manejo de bastões, assemelhando-se a um grupo de Congada.

JOSÉ SANT'ANNA
Coordenador do Festival

PRAÇA DAS ATIVIDADES FOLCLÓRICAS "PREFEITO WILSON ZANGIROLAMI"

Vimos passar ano após ano o Festival do Folclore de Olímpia. Agora já são decorridos 23 festivais e, nos dois últimos, tudo vibrou mais harmoniosamente com eles, tornando nosso trabalho mais leve e feliz. Nossa gratidão para com Deus torna-se cada vez mais sincera e mais profunda.

Daqui a poucos anos, quando o local da festa estiver totalmente concluído, outros olímpenses virão depois de nós e realizarão, em poucos dias, os trabalhos que gastamos tantos anos para firmar-lhes as raízes. Mas não gozarão, por certo, o encanto dos que gostam de observar todos os anos um conhecimento novo, uma curiosidade, nos domínios do que lhes era então desconhecido.

Olímpia dá uma contribuição elevadíssima ao estudo e à preservação do folclore nacional.

Na construção da Praça das Atividades Folclóricas está vivo o testemunho do esforço e dedicação de um prefeito laborioso, preso a Olímpia pelo amor ao trabalho. A esse denodado obreiro da opulência olímpense, rendemos nosso preito de admiração e o testemunho do nosso respeito, pois ele saiu a campo, escudado na própria confiança, dotando a Capital do Folclore de um recinto para as realizações folclóricas, e prossegue firme, com idoneidade e propósitos de zelo pelo bem público, pela prosperidade e grandeza deste chão paulista que ele tanto ama e quer servir.

E toda a gente de Olímpia agradece e está certa de que o prefeito abriu uma nova era de progresso, com zelo pela causa pública e interesse pela Cultura, construindo um monumento máximo ao folclore brasileiro.

A Praça, de construção moderna, é elegante e espaçosa, e merece especial menção entre as principais obras do gosto de nossa gente. Nela, o povo se reanima e sente-se valorizado, pois apresenta um aspecto pitoresco e muito agradável em meio a músicas, danças, folguedos, flores, comidas e do geral e entusiástico contentamento da povoação inteira.

É importantíssima essa obra e a devemos à energia, à firmeza de caráter, à crença de nobre missão que tão animosa e quase audaciosamente cumpre o nosso bom amigo, Prefeito Wilson Zangirolami.

Abençoamos, portanto, do fundo d'alma, esse raro vulto que, tocado pelo dedo da Providência, foi escolhido para realizar essa grande obra perfectiva a favor do folclore pátrio.

A certeza de que nosso sonho se tornou realidade muito nos compraz. É grande nosso orgulho de sermos folcloristas, e maior a satisfação de vermos o recinto denominado Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami".

JOSÉ SANT'ANNA
Criador do Festival



Gráfica BRADESCO
Osasco - SP

ANO XIV

22 de agosto de 1987

número 17

Anuário do Folclore

23.º FESTIVAL DO FOLCLORE

16 a 23 de agosto de 1987

Olímpia – A Capital do Folclore

Edição do Departamento de Folclore do Museu de História e Folclore "D. Maria Olímpia" e Comissão de Folclore (Conselho Municipal de Cultura), da Prefeitura Municipal de Olímpia.

EXPEDIENTE

Rua Jorge Tibiriçá, 420
Caixa postal 60
Telefone: (0172) 81-1929 - Ramal 14
Patrimônio de São João Batista
15400 - Olímpia - SP

Diretor: Prof. José Sant'anna

Redatora: Profa. Iseh Bueno de Camargo

Auxiliares: Antônio Clemêncio da Silva, Célio José Franzin, João José Abra, Sérgio Alexandre Di Marco e Sidney Carlos Schalch.

Fotos: Francisco de Assis Madalena e Hélio Garcia Filho.

Todo trabalho de redação assinado é de total responsabilidade do autor. Quaisquer artigos ou ilustrações deste Anuário podem ser reproduzidos, desde que citada a fonte.

SUMÁRIO

1 - A PRESENÇA DE SÃO JOÃO NO FOLCLORE DE OLÍMPIA

José Sant'anna

2 - O FORNO DO PÃO NOSSO DE CADA DIA

Iseh Bueno de Camargo

3 - RANCHINHO ABANDONADO, MÚSICA, SOLIDÃO E SAUDADE

Inezita Barroso

4 - SETE CONTOS DE REIS

José Sant'anna

5 - O MÁGICO TRÊS

José Carlos Rossato

NOTICIÁRIO

CORRESPONDÊNCIA

PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA
Administração: Wilson Zangirolami

“O Folclore representa a soma de tudo quanto o povo faz: seja certo ou errado, e disso resulta a sua verdadeira, psicologia. O fenômeno folclórico modifica-se sempre, mas traz em sua essência valores que persistem para a eternidade. Por isso, embora sendo uma ciência controvertida e divergente, deve ser pesquisado e estudado com amor, afastando-se, para tanto, sua parte inaproveitável. O folclore é a ciência do amor.”

JOSÉ SANT'ANNA
Olímpia – 1972

C I A F U N D I

Eletro Metalúrgica CIAFUNDI Ltda.

Rua Durval Brito, 111

Fone (0172) 81-1150

Jardim Glória

15 400 - Olímpia - SP

SEIJI KANASHIRO E OUTRO

FAZENDA SANTA ERNESTINA

Caixa Postal 202

15 400 - Olímpia - SP

BENEFICIADORA BALBO

COMÉRCIO DE CAFÉ E SACARIAS

Rua Washington Luís, n.o 576

Caixa Postal 351

Fones: (0172) 81-1067

81-1287

81-3488 - Noturno

A PRESENÇA DE SÃO JOÃO BATISTA

NO FOLCLORE DE OLÍMPIA

José Sant'anna

Departamento de Folclore — Olímpia

SÃO JOÃO BATISTA

São João Batista era filho do sacerdote Zacarias e de sua mulher Isabel. Nasceu em Ebreu, nas montanhas da Judéia seis meses antes de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, ignorando-se a data de seu nascimento.

Seus pais eram velhos e sem esperanças de ter filhos. Dizem as Sagradas Escrituras que, estando Zacarias em suas funções no templo, apareceu um anjo e lhe anunciou o nascimento de seu filho, que veio do Espírito do Senhor e iria adiante dele para preparar o seu caminho. Zacarias duvidou da palavra do Anjo e por castigo ficou mudo até o dia do nascimento do filho.

Nasceu a criança e quando, aos oito dias, foi circuncidado, queriam dar-lhe o nome do pai, enquanto Zacarias, falando por sinais, tomando um pedaço de tábua escreveu o nome de João. E logo soltou a língua e agradeceu a Deus.

João é nome derivado de "Janua" que significa "porta" e é o nome com que os cristãos substituíram os antiqüíssimos mitos pagãos de Jânus dos etruscos e de Saturno dos frígios e dos gregos.

Acerca da infância de João Batista, só sabemos o que diz o evangelista Lucas: o menino crescia e se fortalecia em espírito e esteve no deserto até o dia em que se mostrou a Israel.

Isto se deu no ano quinto do Império de Tibério César, correspondente ao ano 29 do nascimento de Cristo. João, vestido de uma roupa de pêlo de camelo, com um cinto de couro à cintura e alimentando-se de gafanhotos e mel silvestre, apresentou-se no deserto da Judéia, pregando o batismo e a penitência, anunciava o Messias de quem era o precursor.

Vinha gente de todas as partes a ouvir-lhe e, confessando seus pecados, eram batizados nas terras baixas do Jordão no sul de Jericó, no conhecido vau do rio, portanto dentro do domínio de Herodes Antipas, o tetrarca designado por Roma.

Entre os que vieram, estava Jesus. E João, reconhecendo-o não o quis batizar. Convencido, porém, por Jesus, batizou-o. Daí se originou o nome de Batista dado ao santo.

Depois disto e de haver João Batista dado, repetidas vezes, testemunho de Cristo, foi posto no cárcere por haver reprovado publicamente e com energia, a incestuosa união de Herodes com Herodíades (Herodias), mulher de seu irmão Felipe (1).

E, estando no cárcere, enviou dois de seus discípulos a Jesus, que andava na Galiléia, pregando o Evangelho, o qual, por este motivo, fez-lhe grandes elogios.

Mesmo no cárcere, João não deixava de reprovar a conduta de Herodes Antipas e isto lhe custou o ódio de Herodíades, que determinou mandar matá-lo, se bem que temia a ira do povo, que amava João.

Um dia Herodes celebrava seu natalício com grandes festas, o chamado **Festim**, a seus cortesões. E Herodíades apresentou sua filha, Salomé (2), que dançou admiravelmente, perante todos. Herodes, no seu entusiasmo, prometeu, sob

juramento, dar-lhe o que pedisse. A jovem bailarina consultou sua mãe e esta lhe aconselhou que pedisse a cabeça de João Batista. Ante essa petição, Herodes sentiu haver chegado demais em sua promessa, porém, como havia jurado, deu ordem que degolassem a João Batista, cuja cabeça, posta em uma bandeja, foi apresentada a Herodíades.

Sabe-se que João morreu em Maquerunte, Palestina (3), no ano 31 depois de Cristo. Foi degolado e atirado num lugar infecto, de onde o tiraram seus discípulos penalizados com seu triste fim.

Os discípulos de Batista tomaram seu corpo e o sepultaram. O nome de João era muito respeitado dos judeus, entre os quais havia muitos prosélitos que haviam sido por ele batizados.

Segundo os muçulmanos, a cabeça de São João está guardada na mesquita dos amíades, numa caixa de mármore branco, em Damasco, cidade síria. A cabeça do santo foi retirada de uma basílica construída no ano 400.

Muito tempo depois da morte de Jesus, quando São Paulo chegou a Éfeso, encontrou muitos discípulos de João Batista naquela região, os quais tinham sido batizados em nome de Jesus.

A Igreja honra-o como um santo e celebra-o com a festa de 24 de junho, data tradicional de seu nascimento; contrariamente ao que faz com os outros santos dos quais não comemora o nascimento, mas sim a morte. A 29 de agosto a Igreja recorda o dia de sua morte.

(1) Numa viagem que fez a Roma, Herodes conheceu a mulher de seu irmão e se enamorou dela de tal maneira que lhe propôs casamento. Herodíades aceitou e levou consigo para casa do novo marido uma filha (Salomé). Sendo esse casamento entre cunhados contra a lei mosaica, segundo os Evangelhos João Batista fez severas admoestações e esse crime, na opinião da enfurecida Herodíades, só podia ser expiado com a morte.

(2) Na história de João Batista, Salomé é chamada apenas filha de Herodíades (Marcos - 6.o, 22). O nome Salomé foi transmitido por Flávio Josefo. Seu aspecto físico foi conservado para a posteridade em uma moedazinha em que é representada com Aristóbulo. A moeda tem a inscrição: "Do rei Aristóbulo, da rainha Salomé". Salomé devia ter apenas uns dezoito anos de idade quando João Batista foi degolado.

(3) Graças a Flávio Josefo, esse acontecimento foi situado em local histórico concreto, a Fortaleza de Maquerunte, uma das numerosas fortificações que Herodes, o Grande, mandou construir na Palestina. Maquerunte, o lugar onde João viria a perder a vida, fica no meio dum cenário agreste e sombrio, na costa oriental do Mar Morto. Nenhuma estrada liga esse lugar solitário ao mundo. Partindo do vale do Jordão, sobe-se por estreitas veredas, para o sul, até à região montanhosa, desolada e nua, do antigo Moab. Nos profundos vales secos vivem algumas famílias de beduínos com seus rebanhos, que pastam a erva escassa e agreste que ali cresce. Não longe do rio Arnon ergue-se um enorme penhasco acima dos cumes das outras montanhas. Em seu cume açoitado pelo vento frio ainda hoje se encontram algumas ruínas. "El Mashnaka", "Palácio Suspenso", é o nome que dão os beduínos a esse lugar abandonado. Ali se erguia a fortaleza de Maquerunte. A olho nu pode-se distinguir lá longe, ao norte, a parte do vale do Jordão onde João batizava o povo e onde foi preso. Até agora nenhum pesquisador cravou a pá nas ruínas de "El Mashnaka" e só uns poucos chegaram a visitar o desolado penhasco. Abaixo do cume a parede rochosa é profundamente cavada num lugar.

Seguindo por estreitos corredores aí existentes, chega-se a um espaço abobadado que, às vezes, oferece abrigo aos nômades e seus rebanhos quando são surpreendidos pelas súbitas tempestades que ocorrem nas montanhas de Moab. Nas paredes cuidadosamente talhadas reconhece-se a antiga masmorra da fortaleza. Essa masmorra sombria abrigou João Batista depois de preso; aí foi também decapitado.

Fontes de consultas:

- 1 Bíblia Sagrada, tradução do padre Antônio Pereira de Figueiredo, Edição Barsa, 1967.
- 2 E A Bíblia Tinha Razão, de Werner Keller (alemão) tradução de João Távora, Edições Melhoramentos, São Paulo.

LENDAS

Lenda do latim **legenda**, do verbo **legere**, significa **ler**. Ler em voz alta para ser ouvida. Antigamente dava-se o nome de lenda à vida dos santos e mártires do cristianismo, que deveriam ser lidas nos conventos. Ocorria que o monge encarregado de redigir a vida de um santo, contribuía muitas vezes com a própria imaginação, inventando e acrescentando fatos e pormenores que não constavam na narrativa original. Naturalmente assim agiam, não por simples fálacia, mas no desejo de engrandecer ainda mais o valor e as virtudes do venerável santo. Foi assim que a vida dos santos foi sendo acrescida de situações e fatos puramente fantasiosos.

No sentido de tornar mais viva e ardente a propagação da fé, foi tornando cada vez mais distante da realidade. E o vocábulo terminou ganhando o seu sentido atual, de narrativa na qual os fatos históricos assumem um aspecto maravilhoso, deformados pela imaginação popular.

Como conseqüência as narrativas lendárias podem ser transmitidas pela tradição oral — como relato fantástico de grandes feitos e aventuras extraordinárias.

1 - LENDA DO MASTRO DE SÃO JOÃO

Um dia, Nossa Senhora, que trazia a Nosso Senhor Jesus Cristo no ventre, foi visitar sua prima Santa Isabel, que também trazia em seu bendito seio a São João Batista. Apenas as duas sagradas primas se avistaram, o divino Batista, que não tardava nascer, se ajoelhou em adoração a Jesus. Santa Isabel, que isto sentira, não tardou em comunicar o milagre à Virgem, que exultando, perguntou-lhe:

— Que sinal me dareis quando nascer vosso filho?

— Mandarei plantar nessa montanha um **mastro** com uma boneca e acender em torno uma grande fogueira, respondeu-lhe.

E de fato: na véspera de São João, a Mãe de Deus, vendo de sua morada uma fumacinha, labaredas e o mastro, partiu, indo visitar Santa Isabel.

INFORMANTE: D. Maria Cândida de Jesus Sant'Ana, 98 anos (1958), Olímpia.

2 - LENDA DO SONO DE SÃO JOÃO

Meses depois, quando Santa Isabel cantava, ninando o seu bendito filho, este lhe perguntou:

— Minha mãe, quando é o meu dia?

— Dorme, meu filhinho, dorme; logo que for, eu te direi.

E São João dormiu. Acordando, porém, na noite de São Pedro, e ouvindo foguetes e vendo fogueiras acesas, insistiu:

— Minha mãe, quando é o meu dia?

— O seu dia já passou, acudiu-lhe ela.

— Ora, minha mãe, por que não me disse? Eu queria brincar na terra!

Se João não estivesse dormindo em seu dia, de tanta alegria, o mundo pegaria fogo.

É por isso que o povo recita, sempre, estas quadrinhas:

Se São João soubesse
Qual era o seu dia,
Acabava o mundo
De tanta alegria.

São João de tão alegre
Em apenas um segundo,
Se não estivesse dormindo,
Poria fogo no mundo.

INFORMANTE: D. Judite Sant'Ana Nogueira, 35 anos (1960)
Olímpia.

3 - LENDA DA FLOR-DE-SÃO-JOÃO

Quando São João vivia nos desertos, vestido com couro de camelo e alimentando-se de gafanhotos e mel de mato, um dia sentindo-se muito cansado, deitou-se perto de uma árvore seca, sem nenhuma vegetação, e dormiu. Dormindo, o santo sonhou que estava num jardim cheio de folhagens verdes, de cujo cipó saíam muitas flores que traziam em seus cálices um caldinho muito doce, semelhante ao gosto do mel que ele comia. Era uma planta, ao mesmo tempo rasteira e trepadeira, que simbolizava muita fartura e que se produzia em qualquer tipo de terra: fértil e seca. As flores eram em grande quantidade, umas fechadas e outras abertas, da cor do sol, avermelhadas, exatamente na coloração preferida por São João.

Quando acordou, estava deitado sobre um tapete maravilhoso, cujos ramos subiam pelo tronco e galhos da árvore seca, enfeitando todo o local. O Santo colheu uma das flores e pôdo-a na boca, chupou-lhe o caule, sentindo o delicioso gosto de mel. Daquele dia em diante, a flor foi nascendo por todas as partes do mundo e ficou conhecida pelo nome de flor-de-são-joão ou cipó-de-são-joão.

INFORMANTE: D. Isolina Carlos Ferraud, 47 anos (1962),
Olímpia.

4 - LENDA DO CARNEIRINHO DE SÃO JOÃO

São João era filho de São Zacarias, um velho pastor de um grande rebanho.

Desde pequeno, o menino santo acompanhava seu pai ao campo para apascentar o rebanho. O cuidado que São João dispensava aos animais era tanto que cada carneiro, cada ovelha, se aproximava dele, tendo-o como um grande amigo.

Se algum dia o menino João não pudesse acompanhar o pai nos trabalhos costumeiros, o rebanho todo sentia sua ausência.

Num dia, São João não pôde comparecer ao campo e nesse dia um carneirinho tresmalhou-se do rebanho, indo parar no alto de um monte, dentro de um vale, onde ficou, durante sete dias, padecendo sede e fome.

No dia seguinte, o menino João voltou ao trabalho e notando a ausência do carneirinho, pôs-se de imediato a procurá-lo. Procurou muitos dias, em vão, sem poder encontrar o pobre bichinho.

Então, com muita piedade do cordeiro, prometeu que se o encontrasse, pediria a seu pai para deixar a coitadinha da rês morrer de velhice.

Subiu, novamente, o morro e encontrou-o num vale, já quase morto. O carneirinho quando avistou São João, ganhou ânimo. São João agarrou-o aos braços e levou-o, novamente, ao rebanho. Cuidou, carinhosamente, dele. E, para distingui-lo, São João amarrou-lhe uma titinha vermelha no pescoço, símbolo do amor.

Por isso é que na imagem de São João menino aparece um

carneirinho com uma fita vermelha no pescoço.

INFORMANTE: D. Hipólita Teodora da Silveira Sant'Ana, 60 anos (1963), Olímpia.

5 - LENDA DA MORTE DE SÃO JOÃO

Havia um homem muito rico que queria que São João se casasse com sua filha. Ela era apaixonada pelo santo.

A moça apesar de bonita, era de maus costumes. São João era católico, a família da moça não tinha religião. Então São João não quis e nem podia aceitar o casamento, por motivos que contrariavam a religião.

Por esta razão, a moça revoltou-se contra o Santo, e disse que se ele não casasse com ela, não se casaria com mais ninguém. E começou a atormentar a cabeça de seu pai, pedindo que matasse São João e trouxesse a cabeça dele para ela ter certeza de sua morte.

Foi daí que o ricaço ajustou um capanga para matar São João, cortar-lhe a cabeça e trazê-la para a moça ver, colocada numa bandeja.

INFORMANTE: D. Rosa Maria da Conceição, 46 anos (1965), Olímpia.

6 - LENDA DA CABEÇA DE SÃO JOÃO

Depois que São João Batista foi preso, dias depois foi decapitado a mando de Herodes que, para satisfazer a um capricho de Herodias, esposa de seu irmão Felipe, ordenou que fosse trazida sua cabeça num prato.

Salomé, enteada de Herodias, a quem foi entregue a cabeça de São João Batista, erguia a cabeça do santo homem e dizia: Você não ressuscita? Não faz milagre? Viva agora que eu quero ver.

Os amigos de São João que estavam ali por perto, acreditavam que ela, muito arrependida, estivesse dizendo: Viva São João Batista! Viva São João Batista!

E, por milagre, a cabeça desapareceu do prato e foi juntar-se ao corpo do santo morto.

INFORMANTE: D. Izídia Teresa dos Santos, 55 anos (1971), Olímpia.

7 - LENDA DA ORIGEM DA FOGUEIRA

Quando o menino Jesus estava para nascer, Santa Isabel, que era prima de Nossa Senhora, e que era casada com São Zacarias, estava também à espera de que nascesse um filho, que veio depois a ser São João.

A vinda desse menino ao mundo foi anunciada por um anjo ao sacerdote Zacarias uma vez em que este se achava no Templo, orando. Aconteceu que São Zacarias duvidou do que o anjo lhe dizia e, como castigo, foi condenado a permanecer privado do uso da palavra, até que a profecia do anjo se cumprisse. E só depois que o filho nasceu foi que Zacarias pôde novamente falar, convencendo-se todos, então, de que na verdade aquela criança trazia um destino sagrado.

Os pais de São João residiam no alto de uma colina, não muito perto da humilde residência de São José e Nossa Senhora. E como naqueles tempos não havia os meios de comunicação, Santa Isabel combinou com a prima que, assim que viesse ao mundo o filho esperado, ela mandaria acender, como sinal, à porta de sua casa, uma **fogueira**. Vendo esse sinal, Maria e José ficariam sabendo que o menino nascera.

Assim, certa noite, da planície onde residiam, São José e Nossa Senhora avistaram lá no alto uma **fogueira acesa**. E para mostrar que o sinal fora avistado, trataram, por sua vez, de acender uma fogueira também à sua porta.

São João, primo de Jesus, teve por missão, na Terra, preparar os homens para a chegada do Messias, isto é, Daquele que, para salvar a humanidade, morreria crucificado no monte Calvário. Coube a São João a missão de realizar o batismo de Jesus, o que aconteceu às margens do rio Jordão. O glorioso santo de junho foi um dos mártires da Igreja, pois morreu decapitado, isto é, cortaram-lhe a cabeça.

Em louvor a este santo é que acendemos, hoje, **fogueiras e mais fogueiras**, quando chega o dia em que se comemora o seu nascimento. Trata-se de uma repetição daquilo que aconteceu há quase dois mil anos, quando as duas famílias predestinadas se comunicaram, num momento de justa alegria.

INFORMANTE: Profa. Mara Sílvia Correia Fuso, 32 anos (1980), Olímpia.

CONTO

Conto é a narração falada ou escrita, uma estória. Muitos contos são narrados pelas babás e visam quase sempre a entreter as crianças na hora de dormir. O conto que apresentamos, de sentido religioso, A Fazedeira de Velas, é uma aventura ingênua. Refere-se à série Quando Nosso Senhor Andava Pelo Mundo. Portanto, está longe da realidade, pois foi acrescido de situações e fatos puramente fantasiosos, deturpados pela criatividade do povo. É conto narrativo simbólico de caráter sagrado e envolve as figuras de Nosso Senhor, São Pedro e **São João**.

A FAZEDEIRA DE VELAS

Quando Nosso Senhor andou no mundo, se hospedou com São Pedro e **São João**, na casa de uma velha fazedeira de velas de cera de carnaúba, num vilarejo.

Era uma mulher pobre, mesquinha e perversa. Chovia muito, quando os três chegaram à sua porta. E ela somente os recebeu, depois que prometeram trabalhar para ela, de manhã, no fabrico das velas.

Não lhes deu comida e, para dormirem, pôs um colchão velho, com percevejos a valer, sobre grande catre num quarto escuro e abafado.

Às cinco horas da manhã, foi acordá-los para o trabalho prometido. Todos ressonavam. São Pedro estava na beira, Jesus no meio e São João do lado da parede. Ela berrou por eles muito tempo e não conseguiu despertá-los. Então foi buscar um cabo de vassoura, de peroba, e aplicou boas lambadas a São Pedro, que continuou a fingir que dormia. Deu-lhe até quebrar a madeira.

Logo que ela dali saiu furiosa, maliciosamente Jesus disse a São Pedro:

— Meu velho, ela foi buscar um pau mais forte para nos bater. E, como estás aí à beira da cama, vais levar outra surra. Vem para o meio e eu vou para teu lugar, que ainda não apanhei e sou mais moço.

São Pedro aceitou e fez a troca. A velha entrou com uma vara de arueira em punho. Considerou os dorminhocos e disse:

— O da ponta já levou a sua conta. Vamos ao do meio.

E meteu a madeira no velho santo até a vara partir-se. Saiu ainda mais furiosa. São João falou a São Pedro, moído de pancadas:

— Meu velho, ela foi buscar um pau mais forte. Eu ainda não apanhei e sou mais moço. Agora ela vai de novo bater aí, que é mais perto de onde pode ficar do que onde estou. Vamos trocar depressa de lugar?

São Pedro aceitou e fez-se a troca. A velha entrou logo, armada de um cacete de angico e disse:

— Dois já levaram o seu quinhão. Falta o terceiro dorminhoco, o encostado à parede. Toma, diabo!

E marrou-lhe o cacete. Mas ao nome do Diabo, ele se apresentou e agarrou-a pelos cabelos, esperando as ordens de Deus. Os três levantaram-se da cama, e Jesus ordenou-lhe:

— Satanás, leva esta fazedeira de velas contigo, em corpo e alma. Se até o portão do Inferno ela não se arrepender, atira-a numa caldeira de cera de carnaúba fervente para o século dos séculos.

— Amém! aplaudiu São João.

São Pedro, torcendo-se ainda de dor das três surras levadas, acrescentou:

— Satanás, dá-lhe antes três boas tundas com um cacete de jequitibá.

Jesus repreendeu-o com o olhar e falou-lhe:

— Pedro, tu és pedra!

Então, São Pedro compreendeu e murmurou:

— Perdoai-lhe, Senhor.

— Ela não sabia o que fazia, concluiu Nosso Senhor.

VOCABULÁRIO

angico: nome de árvore. / **arueira:** nome de árvore. / **catre:** cama tosca e pobre. / **jequitibá:** nome de árvore. / **mesquinha:** infeliz, miserável. / **peroba:** nome de árvore. / **perversa:** má, ruim, ferina. / **tunda:** surra, sova, pancada, coça. / **quinhão:** sorte, destino, partilha. / **ressonavam:** respiravam dormindo.

INFORMANTE: João Joaquim de Sant'Ana, 54 anos, 1957, Olímpia.

A FESTA JOANINA NO BRASIL

Desde 1583 a festa de São João é comemorada no Brasil. É uma tradição que herdamos dos portugueses. Em muitas regiões do Brasil a festa de São João se conserva viva e autêntica, numa mistura de ritos pagãos e religiosidade cristã.

Coincide, em muitos lugares, com o início das colheitas, quando o homem do campo sente necessidade de apelar para forças místicas que o livrem das geadas, secas e inundações.

Por esta razão é chamado Padroeiro da Fertilidade Agrícola. É ainda Padroeiro das Mulheres Grávidas, Patrono dos Veterinários e Patrono do Amor Humano.

O dia mais importante das festas juninas — o mais festivo é o de São João (a festa joanina). Não só pelo significado etnográfico das festividades como pela especial estima ao santo precursor de Cristo, é a mais rica e movimentada.

Olímpia é uma das muitas cidades que recebeu no batismo o nome do precursor, porém, não o conservou em decorrência da mudança toponímica, mas tem em São João Batista o seu padroeiro, graças a preferência que tiveram os doadores das terras para a formação do patrimônio.

Diz-se ainda, mas as mudanças climáticas o estão desmentindo, ser a noite (véspera) de São João a mais longa e fria do ano.

A festa de São João é a principal do solstício de inverno realizada em todo o território nacional. É festa humana, é o ritual pagão que se trasladou para o catolicismo popular.

Nas estampas, imagens e bandeiras São João Batista figura sempre como menino alourado, de cabelos enroladinhos. Dificilmente aparece com a fisionomia de adulto. Sua festa gira em torno do fogo e tem início na noite que antecede o seu dia e prossegue durante o dia 24 de junho.

Algumas trovas do povo assinalam o grande interesse que nossa gente apresenta pelas festas juninas:

- 1 - **São João** a vinte e quatro,
São Pedro a vinte e nove,
Santo Antônio a treze,
Por ser o Santo mais nobre.

- 2 - Santo Antonho, o primero,
São João é o segundo,
O terceiro é São Pedro
Que tem a chave do mundo.

- 3 - Quando chega o mês de junho
Vejo muita animação,
Mês do grande Santo Antônio,
De São Pedro e **São João**.

As quadras em torno de São João assim expressam:

- 1 - **João** batizô a Cristo,
Cristo batizô a João,
Os dois foro batizados
Nas águas do Rio Jordão.

- 2 - **São João** é mais lembrado,
Porque a isto faz jus,
Este santo, todos sabem,
Foi quem batizou Jesus.

- 3 - **São João** teve alegria
E depois teve pesar,
Por não saber o seu dia
Para poder festejar.

- 4 - **São João** de onde veio,
Que veio todo orvalhado?
Veio do Rio Jordão,
Daquele rio sagrado.

- 5 - **São João** está dormindo,
Não acorde o santo não,
Dê-lhe uns cravos e rosas
E também manjericão.

- 6 - **São João** foi marinheiro,
Jesus Cristo, o capitão,
Ora viva Jesus Cristo,
Ora viva São João!

- 7 - **São João** tem tanta glória
E tanta que é bastante,
Tomou Jesus por padrinho
Para ser seu comandante.

- 8 - Se o **Batista** soubesse
Quando era o seu dia,
Descia do céu à terra
Com prazer e alegria.

- 9 - É dia de **São João**,
Vamos dançar, minha gente,
Queremos comer pipoca
E beber um quentão quente.

- 10 - Junho é mês de **São João**,
Mês de muita diversão,
Todo mundo dança e canta
Com sanfona e violão.

- 11 - Na noite de **São João**
Fui lavar as minhas mágoas,
As mágoas tão negras eram
Que enegreceram as águas.

- 12 - Ó meu **São João Batista**,
Filho da Santa Isabel,
Batizou meu Jesus Cristo
Por nome de Emanuel.
- 13 - Deus te salve **São João**
Batista e tão sagrado,
O teu santo nascimento
Nos tem muito alegrado.
- 14 - Onde está o **Batista?**
Ele está na Igreja,
Anda de mastro em mastro,
Para ver quem o festeja.
- 15 - Naquela ponte abismada
Onde **São João** batizava,
Diamante era tanto
Que São João se alumiaava.
- 16 - Nas águas do Rio Jordão,
Águas de tanta valia,
João batizô a Cristo,
Filho da Virgem Maria.
- 17 - Deus do céu que nos reúne
Com amor no coração,
João Batista batizou
Jesus Cristo no Jordão.
- 18 - Vamos cantar minha gente,
Cantar com grande louvor,
Louvando **São João Batista**,
Nosso santo protetor.
- 19 - A fogueira está acesa,
Bate firme o coração,
As moças olham a sorte
No dia de **São João**.
- 20 - No calor de uma fogueira
Todos gritam de emoção:
Salve o santo padroeiro,
Viva, viva **São João!**
- 21 - Já os linhos reflorescem
E os trigos em pendão,
Ajuntem-se as moças todas
No dia de **São João**.
- 22 - Minha mãe, quando é meu dia?
— Meu filho já se passou.
Com prazer e alegria,
Toda a terra se enfeitou.

SÃO JOÃO BATISTA PADROEIRO DE OLÍMPIA

O CRUZEIRO DA FAZENDA

"No segundo quartel do século passado, a decadência da mineração do ouro, no sul de Minas Gerais, provocou ininterrupta corrente emigratória, rumo aos sertões desconhecidos do oeste. Homens corajosos e valentes, sozinhos ou acompanhados da família, de agregados e escravos "desceram pelos vales do rio Grande e de seus afluentes" à procura de lugares aonde pudes-

sem se fixar e progredir. Esses pioneiros estabeleceram-se, por muito tempo, nas margens direitas dos rios Grande e Pardo. Com o tempo alguns deles atravessaram o rio Grande para ocupar terras na margem oposta. "Mais tarde vieram os posseiros de terras devolutas, geralmente criadores de gado, em busca de mais amplas acomodações para os seus rebanhos". Foram os primeiros exploradores mineiros que transpuseram, em vários pontos, o rio Pardo, para tomar posse de vastas extensões de terras.

Ao contrário dos aventureiros que atravessaram aqueles dois grandes rios da região para **possear** terras, Antônio Joaquim dos Santos, natural de Milho Verde, Caldas, no sul de Minas, quando veio conhecer o **sertão inculto**, visando a posse de glebas férteis, teve de percorrer longo trajeto, passando por Ribeirão Preto. Regressou à sua província após registrar, em Jaboticabal, as terras até então indevassadas, protegidas pela barreira quase intransponível de densas matas virgens, ao longo de várias léguas, da margem direita do rio Turvo.

Somente, em 1859, o mineiro de Caldas, com a mulher Maria Inês de Jesus e os filhos João, José, Miguel e Joaquim, bem como sessenta escravos, veio ocupar efetivamente suas Terras. Inês, a única filha do casal, permaneceu em Milho Verde, casada com um moço da família Felisberto dos Reis.

O local escolhido para sede do imenso latifúndio, ficava à esquerda do córrego Olhos D'Água, nome que Antônio Joaquim dos Santos lhe dera, em virtude do número incontável de nascentes que o alimentavam. Não muito distante de pequena lagoa, de que hoje (1987) ainda há poucos vestígios, formada nas duas margens do pequeno veio d'água, foi levantada a casa de residência da família. Era uma construção rústica, alta, de esteios de arueira, telha comum, paredes de pau-a-pique e chão batido até ser substituído por "largas tábuas de cedro." Os cômodos não eram muitos: sala, três enormes quartos, despensa e ampla cozinha. Uma escada feita com tocos de arueira conduzia à porta da entrada. Nas vizinhanças da moradia, antes do abandono a que seria relegada, no futuro, ficavam as senzalas, o curral, o mangueirão, os paióis, o poleiro além do monjolo, da horta e do pomar.

A descrição não estaria completa se não acrescentássemos a existência do cemitério, aberto à direita do córrego, e, principalmente, a **crúz** erguida, bem em frente à residência.



O cruzeiro ainda ali subsiste, conservado zelosamente, por membros da família Itavo (1987), como que para atestar às gerações que se sucederiam "a conspícua piedade dos antigos."

CRUZEIRO DA FUNDAÇÃO DA CIDADE

Em 3 de maio de 1902 reuniram-se os moradores sob grande entusiasmo e, num largo central destinado à igreja, ergueram

o Cruzeiro de madeira - símbolo do cristianismo - rezando-se um terço público. O Cruzeiro foi confeccionado na fazenda do Sr. José Bento de Miranda e transportado, em carro de bois, pelo carreiro Chico Matias, depois, quando desenterrado, foi levado para a fazenda do Coronel Francisco Nogueira, de onde desapareceu.

No ano de 1903, dia 2 de março, foram doados, por escritura pública, 100 alqueires de terra para a formação do **Patrimônio de São João Batista dos Olhos D'Água**. Os devotos já pensavam na construção de uma igreja, de pau-a-pique e coberta de sapé, que seria erigida em homenagem a São João.

No fim do ano de 1904, a pequena igreja já estava terminada, entretanto a primeira festa religiosa ao padroeiro, só se realizou no dia 11 de junho de 1905, constando de missa, procissão, leilão, etc.



A partir de 1905 é que o povo, com o coração carregado de fé ao santo padroeiro, iniciara as grandes festividades em louvor a São João. Deveu-se a escolha do padroeiro por parte de seus fiéis devotos - os doadores das terras - o fato de ser São João, o patrono da fecundidade agrícola.

O nome Olímpia já vinha sendo consagrado pelo uso quando o deputado Antônio Olímpio apresentou em 26 de julho de 1904, o projeto criando o Distrito de Vila Olímpia, em atenção ao pedido do engenheiro escocês Robert John Reid, idealizador do povoado, em homenagem a Maria Olímpia, afilhadinha do engenheiro e filha do Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira, fluente chefe político de Barretos, sede do Município. Somente em 1906 o Patrimônio é elevado à categoria de Vila, com a denominação de Vila Olímpia.

Já em 13 de março de 1910, na então Vila Olímpia, é criada a **Paróquia de São João Batista**.

A princípio, para as festas, a lenha para a fogueira era trazida em carros de bois e deixada em frente da igreja.

Havia a Quermesse que durava nove dias, isto é, o prazo para a celebração da Novena, com terço cantado. Defronte a igreja, armava-se uma belíssima barraca, feita de madeira tosca e coberta de sapé. Ao início e término das festividades, às cinco horas, o povo ouvia a Alvorada, espoucar da bateria de 21 tiros ao som da Banda de Música, que, provavelmente, nos primeiros anos, vinha de Bebedouro.

Iniciava-se a festa, com a reza do terço e depois dava-se início ao leilão de prendas riquíssimas: frango assado, leitão, peru, quitandas e doces diversos. O dinheiro apurado nestes leilões revertia-se para o melhoramento da Igreja e também para o aperfeiçoamento da festa do ano seguinte. Durante os leilões, queimavam-se fogos de artifícios, fabricados por fogueteiros locais, quando não contratavam fogueteiros de Bebedouro e Jaboticabal. Havia barraquinhas para a vendagem de quentão, pipoca, doces, etc. Vendedores ambulantes também construíam suas

barraquinhas para venderem miudezas. Havia diversas modalidades de jogos de azar.

No transcorrer dos leilões, a juventude que sempre elegeu São João também como protetor dos casamentos, enviava seus correios elegantes, em prosa ou em versos, de frases amorosas e que muitas vezes vinham com pseudônimo do remetente e solicitando respostas. Quando as respostas eram favoráveis, estavam abertas as portas da amizade para a iniciação do namoro. Muitas vezes os correios eram jocosos, serviam apenas para crítica.

O ponto alto da festa ocorria, justamente, na noite de 23 de junho, véspera do dia joanino. Às 20 horas, após o tradicional terço, uma fogueira armada no adro da igreja era acesa, ao lado da barraca, a qual se formava de muitas carroças de lenha. Nessa noite e no dia seguinte, o festeiro principal era quem hospedava todo o povo que vinha das fazendas e cidades vizinhas.

Demoravam muito tempo para chegar em Olímpia, pois a viagem de carro de bois era pachorrenta e os visitantes eram obrigados a pousar.

Na casa do festeiro, durante o dia e a noite havia comida, o suficiente para todos os visitantes, mas o problema existia apenas quanto à acomodação para dormir. Muito impressionante era a passagem sobre as brasas da fogueira, à meia-noite. Nessa noite ocorriam as coisas mais interessantes: erguimento do mastro de São João, adivinhações, sortes, etc.

No dia 24 de junho, dia do santo, às onze horas, realizava-se o leilão de gado e um grupo de moças fazia o "pregatório", isto é, pediam dinheiro aos participantes para o enriquecimento da festa. À tarde havia procissão, que saindo da igreja, percorria algumas ruas. Procissão muito concorrida, na qual os fiéis cumpriam promessas. A banda de música - Furiosa - embelezava ainda mais o espetáculo religioso. Crianças trajadas de anjos nas cores branca, rosa e azul seguiam os andores enjaezados que transportavam as imagens dos santos, sendo o primeiro de São Benedito e o último, de São João, a quem a festa era dirigida.

Velas enfeitadas de papel de seda, em variadas cores, além de belo ornamento, serviam para proteger a mão dos fiéis que as empunhavam durante a procissão.

Alguns homens, mulheres e até mesmo crianças, acompanhavam, descalços, o séquito joanino. Outros transportavam pequena imagem do padroeiro. Hinos a São João e a outros santos eram entoados durante todo o percurso. A procissão terminava no local de onde saíra, ou seja, na igreja.

Após o sermão do padre, havia o sorteio para a escolha do festeiro do ano seguinte, o que não podia recair sobre pessoa da mesma família. À noite, após a Quermesse, as pessoas se reuniam na casa do festeiro e, juntos, levavam a bandeira de São João à casa do festeiro do ano seguinte. A banda de música acompanhava esse grupo.

Entregue a bandeira ao futuro festeiro e realizada a saudação com "vivas", o grupo retornava à casa primeira para um arrasta-pé, baile simples, ao som de sanfona ou mesmo da banda de música.

Antes de tocar a "moda", o festeiro alertava todas as moças para não darem "tábua" nos moços, isto é, convidadas por um rapaz teriam que dançar. Caso, se negassem, não poderiam dançar com mais ninguém aquela "moda", pois essa atitude convertia-se em ofensa.

Outro fato importante, no transcorrer do baile, era a brincadeira do chapéu. Um moço arrumava um chapéu, e aproximando-se de um casal de dançarinos, punha o chapéu no cavaleiro. Este, de imediato, era obrigado a oferecer-lhe a dama para a dança e saía com o chapéu para pô-lo noutro cavaleiro. E assim prosseguia a brincadeira até tornar-se enjoativa. Também quando duas moças, não tendo sido convidadas por rapazes, para dançar, saíam as duas dançando. Dois moços se aproximavam delas, batiam palmas equivalentes a um convite e dan-

çavam em pares. Havia também a **brincadeira com cadeiras**. Era animada essa brincadeira. Escolhiam, por exemplo, o festeiro, como o cavalheiro principal. Se houvesse dez moças disputantes, eram colocadas, no salão, nove cadeiras. A sanfona tocava e ao "já" do animador, todas tentavam sentar. Sobrava, portanto, uma pessoa em pé. Esta, evidentemente, era considerada "fora" da brincadeira. Retirava-se uma cadeira. No final da brincadeira somente uma pessoa era a vitoriosa. Esta dançaria com o festeiro, por ter sido a campeã.

A fim de render um pouquinho mais de dinheiro para os serviços da igreja, os moços construíam de madeira rústica com cobertura de folha de coqueiro, um rancho para servir de cadeia, sem janelas, mas com porta e cadeado. Era a **Cadeia do Amor**. As moças desempenhavam o papel de soldados e prendiam os rapazes. O delegado só poderia dar-lhes alvará de soltura, se pagassem o preço estipulado para a sua liberdade. Quando algum rapaz estava sem dinheiro, um amigo poderia ir ao seu socorro, pagando para tirá-lo da prisão.

Em 1909 houve uma Cavalhada em Vila Olímpia na qual tomaram parte Chico Nogueira, Leonardo Posela, Gabriel Barbosa, Coronel Medeiros e outras pessoas de Olímpia e também de fora, como o Joaquim (conhecido por Canquim), de Monte Azul Paulista. O largo da igreja foi o local para o espetáculo dessa Cavalhada de São João Batista, na qual foram utilizados cavalos de pura raça, muito bonitos. Os participantes usavam fardas, fantasias de guerra, nas cores vermelha e azul, e arreatas luxuosas, lanças, espadas, etc., simulando a luta entre mouros e cristãos. Nesta festa de Cavalhada, à noite, foi leiloeiro, o Sr. Alexandre Nogueira, irmão do coronel Chico Nogueira.

Já, em 1929, na febre das construções, destaca-se na Praça da Matriz, o novo templo católico, em substituição à velha igreja do largo, projeto do Dr. Fernando Lobo, de pseudônimo Marcelo Tupinambá.



Para as obras em andamento, toda a população se movia, azafamada, disputando-se no esforço de dar o mais que pudesse. E ali, num trecho do terreno ao lado da construção, armavam-se barracas, com as denominações de brasileira, portuguesa, espanhola, italiana e síria, homenagem aos respectivos países, sob a direção de senhoras, representando as nações amigas.



Barraca Espanhola — 1923

Conforme descreve o escritor Dr. Silviano Pinto:

Uma fogueira monumental erguia-se ao centro, iluminando o conjunto, enquanto fogos de artifício eram queimados, ao som da charanga local. Aos pregões, não raro, piadas inofensivas eram ditas. Certa vez um bezerro sobreano foi trazido preso a uma corda pelo condutor. Apregoado, ninguém se moveu a lhe dar um lance. Depois de gritos estridentes do leiloeiro, alguém ofereceu vinte mil réis.

— É pouco, exclamou o leiloeiro. É para São João, nosso padroeiro.

Ninguém se movia.

— Vinte mil réis! É uma miséria! É quase um garrote!

Afronta faço,

Que mais não acho;

Se mais achara,

Mais tomara.

Dou-lhe uma, duas e... três!

— Um coisinha tão mofino e sem raça, por vinte mil réis! Só mesmo "pra agradá São João."

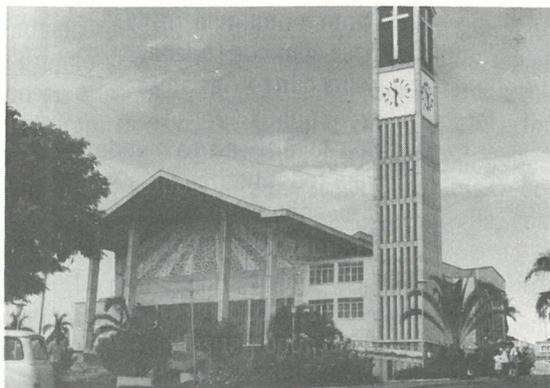
Embora Santo Antônio seja considerado o realizador de casamentos, ocupando em nosso país a tarefa outrora atribuída apenas a São Gonçalo, nossa gente sempre confiou nos poderes de São João Batista como casamenteiro. Para comprovar essa preferência da juventude pelo santo, registramos algumas estrofes, cedidas pelos correspondentes, durante a realização das quermesses em louvor a São João, em Olímpia, nos anos de 1957 e 1958.

- 1 - **São João** é santo moço,
Moço de grande valor.
Você é um moço santo
Que me mata de amor.
- 2 - **São João** tem um carneiro
Pra sozinho não ficar,
Gostaria que este santo
Fizesse nós dois casar.
- 3 - **São João!** Meu São João!
Santo muito milagroso,
Faça com que (fulana)
Saiba que sou amoroso.
- 4 - **São João** andou no mundo
Para todos batizar
E eu ando neste mundo
Somente para te amar.
- 5 - **São João** tem uma estrela
Amarrada numa linha,
Enquanto você existir
Há de ser somente minha.
- 6 - Oh! se **São João** soubesse
O tanto que eu te amo,
Fazia nosso casório
No último mês deste ano.
- 7 - Os olhos de **São João**
São de uma grande pureza
Os teus olhos, ó garota,
Brilham de tanta beleza.
- 8 - Pra festejar **São João**
O povo solta balão
E pra festejar você
Eu solto meu coração.

- 9 - É a **flor-de-são-joão**,
Tão bela por natureza,
Você parece com ela
Devido a sua beleza.
- 10 - Santo Antônio diz a missa,
São João reza no altar,
Quero ter prazer no mundo
De contigo me casar.
- 11 - Lá no céu tem muitos anjos
Pra **São João** se alegrar,
Aqui na terra tem eu
Que vivo só pra te amar.
- 12 - Pra dar certo o casamento
Já pensei um dia inteiro:
Vou pedir a **São João**
Que é santo casamenteiro.
- 13 - Gosto muito de você
Então não me diga não,
Fará nosso casamento
O bendito **São João**.
- 3 - Ó meu **São João Batista**,
Filho de Santa Isabel,
Arrume um moço bonito
Pra minha lua-de-mel.
- 4 - Deus te salve **São João**,
João Batista e sagrado,
Para o ano que vem
Eu quero estar casado.
- 5 - Na fogueira de **São João**
Vou queimar um papelzinho
Com o nome do meu bem
Para dar tudo certinho.
- 6 - Benzinho, boca de cravo,
Capela de **São João**;
Cadeado do meu peito,
Chave do meu coração.
- 7 - Os dois olhos de Maria
São bombas de **São João**,
Arrebatam no meu peito,
Retumbam no coração.
- 8 - Vou fazer uma promessa
Para não ficar solteira,
Vou rezar a **São João**
Durante a semana inteira.
- 9 - Quem não corre chega tarde,
Quem cochila não alcança,
Quem não pede a **São João**
Não terá sua aliança.

De 1965 para cá, não se realizaram as tradicionais quermesses da Igreja Matriz de São João Batista, mas, mesmo assim, a maioria das famílias que vivem em Olímpia, tanto as urbanas, quanto as residentes nos bairros rurais prestam, religiosamente, na noite de 23 de junho, o culto de que é merecedor o precursor do cristianismo, São João Batista.

O tempo foi passando e a Igreja de São João Batista é hoje um suntuoso templo de grandes proporções, espaçoso, criatividade do arquiteto Melanias Nagamine. Foi solenemente inaugurado no dia de São João do ano de 1975, como um dos maiores edifícios religiosos do interior de São Paulo.



Mas em Olímpia, cuja sociedade se urbaniza e se industrializa rapidamente, ainda há muitos lugares para o emprego e preservação das quadrinhas do povo, nas festas de São João:

- 1 - **São João** foi muito esperto,
Morreu moço e solteiro,
Mas o danado do santo
Faz casar o mundo inteiro.
- 2 - Se **São João** fosse doutô,
Eu mandava lhe chamá:
Pra curá meu coração
Que tá fora do lugá.

Muitos registros existem sobre as festividades de São João em Olímpia. Jornalistas, escritores e poetas sempre se manifestaram.

Do livro "**Poemas Olimpienses**", da poetisa popular Júlia Blanco Gigliotti (Jublangi), publicado em 1982, escolhemos, para nosso trabalho, as seguintes estrofes:

Do poema "**Recordando de Novo**", páginas 10 e 11:

"Nas festas de São João
todo mundo lá na praça
esperava a brincadeira
pois tudo era de graça."

Do poema "**Querida Olímpia**", páginas 12 e 13:

"São João, nosso padroeiro,
era sempre festejado
com festinhas ao ar livre
e um povo tão dedicado."

Do poema "**Noites de São João**", páginas 14 e 15:

"Todo mundo foi contente,
cantando com emoção
aquelas canções tão lindas
em louvor a São João."

DEVOÇÃO DE OLÍMPIA A SÃO JOÃO

Com o desbravamento do Patrimônio de São João Batista dos Olhos D'Água e povoamento de seu solo, São João foi acompanhando e, naturalmente, abençoando os nossos habitantes. Multiplicaram-se as famílias e, a devoção, da mesma forma, aumentou-se. É tradição da gente olimpiense homenagear o santo, e o folclore perpetuou grandeza e simplicidade nessa devoção.

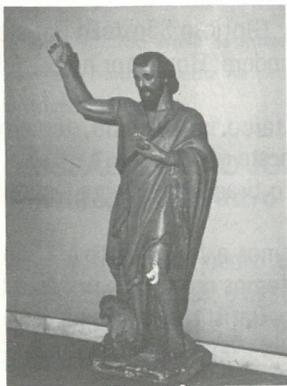
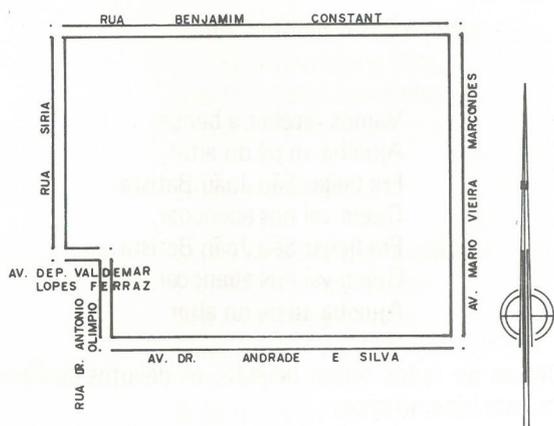


Imagem de São João, cultuada na 2a. Igreja

E numeroso nas famílias o nome **João** ou **João Batista**. Registra-se até sobrenome familiar: **de São João, Batista**.

A área de 100 alqueires de terra, doada para a constituição do patrimônio, em 1903, delimitada pelas ruas Benjamim Constant, Avenida Mário Vieira Marcondes, Síria, Avenida Deputado Valdemar Lopes Ferraz, Dr. Antônio Olímpio e Avenida Dr. Andrade e Silva, recebe o nome de **Patrimônio de São João Batista**. São terras foreiras, cujos proprietários pagam o aforamento à Fábrica da Paróquia. **São João Batista** é o padroeiro de Olímpia.



Patrimônio de São João Batista

O templo católico, o principal da cidade, em que é venerado e servido o Santo, na Praça da matriz, é batizado como **Igreja Matriz de São João Batista**. A casa residencial dos sacerdotes que prestam serviços à Matriz, e onde está instalada a parte administrativa, na Rua Dr. Antônio Olímpio, é a sede da **Paróquia de São João Batista**.

A principal rua da cidade, central, outrora a do Comércio, homenageia o padroeiro: **Rua São João**.

Estabelecimentos comerciais: açougue, armazém, bar, empório, farmácia, mercearia, padaria, posto de troca de escapamentos, etc. são registrados com o nome de **São João**.

Há 27 propriedades agrícolas: fazendas, sítios, chácaras, estâncias e recantos com a denominação **São João** ou **São João Batista**. Um dos córregos do Município tem esse nome.

Essa devoção traduz bem um dos aspectos da nossa unidade psíquica. Nosso povo não se desprende das raízes do passado, e é impuro todo o progresso que atenta contra suas tradições legítimas. O louvor do olimpiense ao santo padroeiro é muito nobre, pois até a última morada, onde todos se desfazem em meio ao silêncio, é o **cemitério de São João Batista**, o único da cidade.



São João da atual igreja, desenho de Fernando F. Luís.

Escultura (em mogno) de Luís Nogueira (espanhol), residente em Jaboticabal - SP

CELEBRAÇÃO DO TERÇO A SÃO JOÃO antes da fogueira

De todas as homenagens que se prestam a São João Batista - Crisóstomo - (que tem boca dourada, assim chamado por pregar bem: boca de ouro) - a que se reveste de mais respeito e sentimento religioso, é o terço.

O horário mais indicado para sua celebração é o das vinte horas, quando todos os convidados já estão presentes no local da festa.

O terço pode ser celebrado dentro ou fora de casa, desde que haja um bom espaço para acomodação do pessoal.

O altar é armado com muito esmero e carinho. Sobre uma mesa coberta com uma toalha branca de renda, são colocadas imagens ou quadros de santos: Jesus Cristo, Nossa Senhora e os santos juninos - Antônio, João e Pedro. Os quadros destes santos, instalados em armação de madeira para o mastro, também permanecem sobre o altar, que é todo enfeitado com flores naturais ou artificiais. Um litro de água (a qual após o terço ficará benta) e algumas velas acesas sobre pires ou castiçais, fazem parte do altar. Bandeirolas de papel de seda, de diversas cores; flores de papel crepom e cipó-de-são-joão adornam todo o ambiente.

O festeiro anuncia o terço e os fiéis se dirigem para o local, na maioria mulheres e crianças, pois os homens pouco se dedicam a prática religiosa do terço.

O "tiradô", "puxadô", "rezadô" ou capelão é a pessoa responsável para dirigir o terço, que será acompanhado pelos devotos.

Inicia-se com esta oração, que é lida pelo rezador:

Ó glorioso São João Batista, príncipe dos profetas, precursor do divino Redentor, primogênito da graça de Jesus e da intercessão de sua Santíssima Mãe, que fostes grande diante do Senhor pelos estupendos dons de graça, de que fostes maravilhosamente enriquecido desde o seio materno, e por vossas admiráveis virtudes, alcançai-me de Jesus, ardentemente vos suplico que me dê a graça de o amar e servir com extremado afeto e dedicação até a morte. Alcançai-me também, meu excelso protetor, singular devoção à Virgem Santíssima, que por amor de vós foi com pressa à casa de vossa mãe, Santa Isabel, para serdes livre do pecado original e cheio dos dons do Espírito Santo. Se me conseguirdes estas duas graças, como muito espero de vossa grande bondade e poderoso valimento, estou certo de que amando até a morte Jesus e Maria, salvarei minha alma, e no Céu convosco e com todos os Anjos e Santos amarei e louvarei a Jesus e Maria entre delícias e gozos eternos. Amém.

A seguir, todos cantam:

BENDITO DE SÃO JOÃO



Ainda estando no ventre
De sua mãe, encerrado,
Pela trindade da terra
Ali foste visitado.

bis

O tirador diz: Glorioso São João Batista!
Os fiéis respondem: Rogai por nós.

Prossegue o terço no segundo, terceiro, quarto e quinto mistérios, sempre neste ritual.

Ao finalizar, o tirador faz o agradecimento:

Nós agradecemos a Jesus Cristo e a São João Batista todos os benefícios que temos recebido e por este terço que acabamos de rezar. São João Batista, nosso padroeiro, tenha piedade de nós. São João Batista, rogai sempre por nós. Amém.

Aí, os fiéis são convidados a beijar o altar. O beijo é dado na imagem do santo ou na ponta de uma toalha branca, que cai, em forma de triângulo, da mesa, ou seja, do próprio altar, fazendo o sinal da cruz. Durante o beijamento, é entoada esta estrofe:

Os anjos no céu canta
É assim mesmo que Deus qué.
Senhor São João Batista
Filho da Santa Isabé.

bis

Filho de Santa Isabé
Também de São Zacaria.
Ele é primo de Jesus
E sobrinho de Maria.

bis

Nascido em Belém,
Batizado em Jordão.
Jesus por ser seu primo
Pusero o nome de João.

bis

Que nome tão galante
Que Jesus anunciou.
Os anjos no céu canta
Todos canta em seu louvor.

bis

Ofereço este bendito
Pr'o Senhor daquela cruz.
Pra ganhá o reino da glória
Para sempre, amém Jesus.

bis

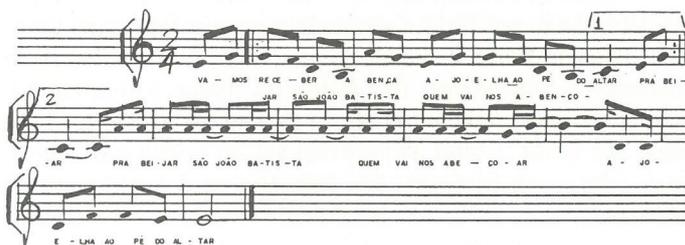
bis

bis

bis

bis

bis



Vamos receber a bença,
Ajoelha ao pé do altar,
Pra beijar São João Batista
Quem vai nos abençoar.
Pra beijar São João Batista
Quem vai nos abençoar,
Ajoelha ao pé do altar.

Depois de todos terem beijado, os devotos cantam, uma vez mais, este hino ao santo:

HINO A SÃO JOÃO

Bendito louvado seja
O nome de São João,
Que entre as sombras do Universo,
Alegrias do Jordão. bis

O seu santo nascimento
Todo mundo admirou,
Zacarias sendo mudo
O seu nome publicou. bis

Sua mãe Santa Isabel
Muitas graças já lhe deu.
Entre todos os viventes,
Outro maior não nasceu. bis

São João tem grande dor
E também grande pesar
Por não saber o seu dia
Em que vão lhe festejar. (♣) bis

Segue-se com o oferecimento do terço:

Ofereço este terço ao glorioso São João Batista, que rezamos neste santo dia e nesta santa hora, junto desta coroa de rosa (bandeira do santo). Oferecemos com aurora e aurora pra ser levado e posto nos pés de Nossa Senhora. São João que abençoe nossa lavoura e dê bastante saú de pr'os seus devotos.

O meu divino São João, queira aceitar este terço.

Todos rezam o Credo Apostólico. O "tirador", com o terço na mão recita o primeiro mistério. (Um Pai-nosso e dez Ave-marias, rezados em duas partes, uma pelo "puxador" e outra pelos fiéis).

Completado o 1º mistério, todos entoam um trecho do hino a São João:

Bendito louvado seja
O vosso nome João
Pela sombra do Universo,
Alegria do Jordão.

bis

E dizem, com muita euforia: Viva São João! Viva São João!

Neste terço não há a ladainha. Lá fora, muitos foguetes sobem ao ar.

* Este hino e o trecho dele cantado entre os mistérios rezados no terço, seguem a mesma música do hino cantado na procissão que se faz do altar ao local onde será fincado o mastro.

PROCISSÃO DE SÃO JOÃO em direção ao Mastro

Rezado o terço, retira-se o quadro da bandeira de São João (ou a bandeira tríplice) da mesa, e os festeiros seguram-no ao lado do altar, enquanto os devotos, um por um, passam por debaixo dele, beijando a figura do santo (ou dos santos). É a cerimônia do beijamento. Durante o beijamento, o povo canta, com veemência e muito amor, a oração "puxada" pelo rezador do terço:



Santo Antônio rezou a missa,
São Pedro benzeu o altar,
São João está chamando:
Pecador venha beijar.

Ou com esta letra:

Santo Antônio diz a missa,
São Pedro benze o altar,
São João faz o convite:
Quem quiser venha beijar.

E continua o "coral" cantando:



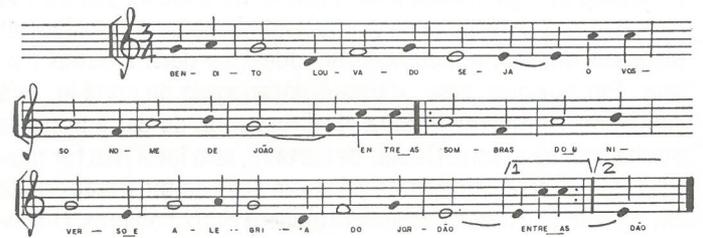
Chega, chega, pecador,
Chegará com alegria
Vem beijar São João Batista,
Festejar seu santo dia,
Que os anjos lá no céu
Estão cantando de alegria.

Uma vez realizado o beijamento, os festeiros conduzem o quadro em procissão, seguido pelo rezador do terço e todos os fiéis devotos; alguns carregam velas acesas, outros caminham descalços.



Dão três voltas ao redor da casa do festeiro e uma ao redor da fogueira, antes de se estacionarem no local onde o mastro será erguido, ou seja, em frente à casa do festeiro.

Durante a procissão do altar ao mastro, cantam o Bendito de São João:



Bendito louvado seja
O vosso nome de João,
Entre as sombras do Universo
E a alegria do Jordão. bis

Vosso santo nascimento
Todo mundo se alegrou,
Zacarias sendo mudo
O seu nome publicou. bis

Ainda está no vosso ventre
De sua mãe encarnada
Pela trindade da terra
Ali fosse visitada. bis

Sua mãe Santa Isabel
Tantas graças ela te deu,
Entre todos os viventes.
Outro maior não nasceu. bis

Lá no rio de Jordão
Aonde São João batizava,
Diamantes era tanto
Que os anjos alumiava. bis

São João tem grande dor
E também grande pesar
De não saber do seu dia
Para ele festejar. bis

São João se bem soubesse
Quando era o seu dia,
Do céu ele desceria
Com prazer e alegria. bis

Chegando ao mastro, dois ou três homens o levantam do chão, deixando-o inclinado à altura das pessoas. O festeiro faz o encaixe do quadro, já próprio para girar.

Há novamente a cerimônia do beijamento, ao som dos mesmos hinos cantados junto ao altar. Desta feita, os primeiros

a beijar São João são o festeiro e a festeira, que passam a afilhados do santo. Em seguida o rezador (ou rezadeira) do terço, que ganha a posição de padrinho de São João. E, por fim, as pessoas que não tiveram a oportunidade de beijar o santo, na primeira cerimônia.

O MASTRO

O mastro poderá ser de eucalipto, bálsamo, peroba-poca, mangue, guatambu, sapuva, pindaíba, pau-espeto, pau-de-brejo, angico, lixa, embaúba, amendoim, ipê, arueira (preparar antes, sapecá-la, e deixá-la na sombra, para não entortar) ou, na impossibilidade de qualquer destas madeiras, poderá ser feito de bambu grosso. A madeira para mastro terá que ser a mais reta possível, roliça. Conforme a madeira escolhida, poderá ser cortado no dia ou alguns dias antes. A altura será de 8 a 12 metros e o diâmetro de 12 a 15 cm. Em caso de ser preciso descascá-lo, tomar o cuidado de jogar as cascas na fogueira. Geralmente quem corta o mastro é o festeiro, mas na impossibilidade de o trabalho ser realizado por ele, a incumbência poderá ser dada a outras pessoas. Em qualquer caso, a pessoa encarregada de cortá-lo, fará com todo o respeito, o Sinal da Cruz, antes de dar a primeira machadada na árvore. Depois de cortado, se o local não for muito distante, será carregado a pé e, em caso de ser transportado em veículos, não pode estar misturado a outros objetos. O mastro é colocado em terreno defronte a porta da sala da casa do festeiro. Não se usa prego no mastro. O quadro será encaixado nele. Se for preciso fixá-lo, amarrar arame. A madeira do quadro deverá ser leve, pinho por exemplo, para poder girar, isto é, mudar de posição.

Deverão ser plantados 4 palmos do mastro, e para que não apodreça rapidamente, é costume passar óleo queimado na parte que ficará enterrada.

Antes de erguer o mastro, o festeiro beija a bandeira do Santo ou dos Santos, antes de encaixá-lo na madeira.

As pessoas farão bilhetinhos nos quais aparecem pedidos de felicidades e os atiram no buraco onde será fincado o mastro.

Os pedidos ao santo (ou aos santos) são para que estes resolvam os problemas da pessoa ou de toda a família.

No buraco onde será plantado o mastro, as pessoas atiram grãos de milho, de arroz, de café ou outros cereais para garantir boa colheita. Também é aconselhável colocar três ovos, para evitar pestes nas galinhas e aumentar a reprodução delas.

Enquanto o mastro estiver inclinado, as pessoas solteiras que desejarem casar, devem passar por baixo da bandeira do santo, beijando-a.

Na ponta do mastro coloca-se a bandeira do santo. Se for somente a de São João, far-se-á um quadrado de ripas, no qual será pregada a bandeira. Se forem as bandeiras dos três santos (Antônio, João e Pedro) - bandeira tríplice - então a armação terá a forma de um triângulo. O quadro do santo será de madeira leve, para girar mais facilmente.

Se é dia de São João, a bandeira do santo terá que ser voltada para o lado da casa. Se no dia seguinte amanhecer virada para o outro lado, a família mudar-se-á naquele ano.

O mastro será guardado para uso no ano seguinte e quando estiver inservível, será cortado em pedaços e queimado na fogueira. Nunca poderá ser utilizado no fogão, servindo-se de suas brasas para cozer alimentos.

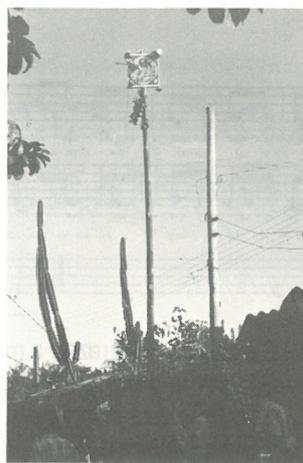
No mastro são amarrados, próximo à bandeira, espigas de milho semidescascadas, penca de laranjas ou outros produtos agrícolas para assegurarem boa colheita. As espigas de milho, depois de sete dias, serão retiradas do mastro, debulhadas, e misturadas à sementeira da próxima plantação, garantindo um roçado abundante. É costume, também, enlaçar o mastro com cipó-de-são-joão florido, para não faltar dinheiro à família.

A bandeira de São João é enfeitada com fitas e flores de papel de diferentes cores, não podendo estar ausente o vermelho, cor predileta do Santo.

No sopé do mastro de São João, as pessoas deverão, com a mão de pilão, socarem três vezes no sentido de fixá-lo. Se o agente for solteiro, logo se casará. Também serve para que a vida se prolongue por muito tempo. O uso da mão (de pilão) pressupõe a entender que é usada porque o pilão é peça utilizada para o benefício de produtos agrícolas: arroz, café, etc.

No ano seguinte, o mastro será retirado, cortado em pedaços e queimado na fogueira. Em caso algum a madeira do mastro poderá ser utilizada para outra finalidade. Mesmo se for queimada fora da fogueira, não poderá ter fins utilitários, como servir ao fogo para cozer alimentos, etc.

Antes de erguer o mastro, depois de encaixada a bandeira, novamente os festeiros beijam a bandeira. Erguer o mastro é tarefa própria dos homens. Depois de plantado (erguido), trocam as mãos, cumprimentam-se e, por este simples ato, tornam-se compadres.



SÃO JOÃO BATISTA



São João Batista,
Batista João,
Batizou Jesus
No rio de Jordão.

Se São João soubesse
Qual era o seu dia,
Descia do céu
Rezando Ave-maria.

Este cântico conserva a música, mas varia na letra, de uma para outra festa.

Existem algumas variantes colhidas em alguns terços em louvor

1 - São João Batista,
Batista João,
Batizou Jesus
No rio de Jordão.

Se São João soubesse
Qual era o seu dia
Descia na terra
Co'a Virgem Maria.

São João Batista
Ele vai pr'o ar
Livre-nos da peste
E de todo mal.

2 - Viva São João Batista,
Batista João,
Batizou Jesus Cristo
No rio de Jordão.

Se São João soubesse
Qual era o seu dia,
Descia do céu,
Rezando com muita alegria.

3 - São João Batista
Tem seu privilégio
Deixou pra São Gonçalve
O altar de seu colégio.

São João Batista,
Batista João
Levante a bandeira
Com o livro na mão.

Se São João soubesse
Qual era o seu dia,
Ele vinha lá do céu
Com a Virgem Maria.

4 - São João Batista,
Batista João,
Levanta a bandeira
Com o livro na mão.

Se São João soubesse
Qual era o seu dia,
Acabava o mundo
De tanta alegria.

5 - São João Batista,
Batista João,
Levanta a bandeira
Lá no rio Jordão.

Se São João soubesse
Qual era o seu dia
Do céu ele desceria
Com prazer e alegria.

6 - São João Batista,
Batista João,
Batizou Jesus
No rio de Jordão.

Este nosso corpo
É só podridão
Debaixo da terra,
No centro do chão.

7 - São João Batista,
Batista João,
Levanta a bandeira
Com livro na mão.

Nosso corpo é podre,
É uma podrição,
No fundo da terra,
No centro do chão.

Se São João soubesse
Qual era o seu dia,
Descia na terra
Com muita alegria.

8 - São João Batista,
Batista maior,
Suspende a bandeira
Na raia do sol.

Se São João soubesse
Qual era o seu dia
Acabava o mundo
De tanta alegria.

Esse corpo nosso
É uma podrição
Por baixo da terra,
Por cima do chão.

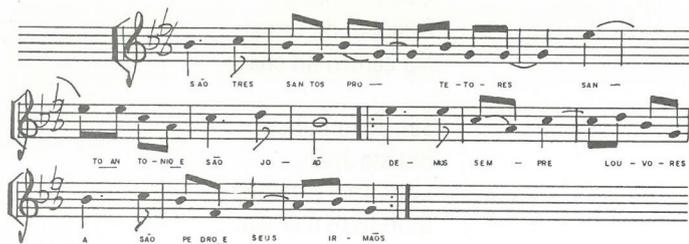
9 - São João Batista
Filho de Zacaria
Batizou Jesus,
Cheio de alegria.

Viva João Batista,
Batista São João,
Batizou Jesus,
No Rio do Jordão.

Se São João soubesse,
Qual era o seu dia
Descia do céu,
Com muita alegria.

Se no quadro forem colocadas as bandeiras dos três santos juninos, em conjunto, os devotos entoam:





São três Santos protetores
Santo Antônio e São João,
Demos sempre louvores
A São Pedro e seus irmãos.

bis

Santo Antônio tão zeloso
Sendo nosso patriarca
Foste sempre amoroso
À humanidade fraca.

bis

Se nosso São João soubesse
Qual era o seu dia,
Do céu desceria
Com prazer e alegria.

bis

São Pedro nosso guia
Desses pobres pecadores
E nos dá santa alegria
Te louvamos com ardores.

bis

Ou esta:

TRÊS SANTOS



Que bandeira é essa
Que vai levantá
É a de Santo Antônio
Pra nós festejá
Pra nós festejá
Com muita alegria
Levanta a bandeira
Da Virge Maria.

Que bandeira é essa
Que vai levantá
É a de São João
Pra nós festejá
Pra nós festejá
Com muita alegria
Levanta a bandeira
Da Virge Maria.

Que bandeira é essa
Que vai levantá
É a de São Pedro
Prá nós festejá.

Pra nós festejá
Com muita alegria
Levanta a bandeira
Da Virge Maria.

É comum ouvirmos devotos recitarem esta sextilha diante do mastro de São João:

São João Batista,
Meu santo formoso,
Até seu retrato
É tão poderoso,
Do alto do mastro
Ao chão milagroso.

O QUE FAZEM AO REDOR DO MASTRO

Depois de erguido o mastro de São João, quem bater 3 ou 7 vezes com a mão-de-pilão para fixá-lo melhor no chão, encontrará, mais rapidamente, a pessoa com quem se casará, além de prolongar a vida.

É costume colocar-se um pilão perto do mastro de São João. Quem der três batidas com a mão-de-pilão, no pilão vazio, enquanto se faz um pedido, será atendido.

Antes de erguer-se o mastro de São João, a pessoa que quiser que os cabelos fiquem crespos, basta cortar uma mecha e colocá-la num buraquinho feito na madeira do mastro.

Depois de erguido o mastro de São João, bater sete vezes com a mão-de-pilão, num pilão vazio, ao redor do mastro, para que se encontre logo a pessoa com quem se casará.

Colocam-se espigas de milho, cana-de-açúcar, laranjas e outras frutas no mastro de São João para haver boa produção na roça. São João é o padroeiro da boa colheita.

As velas acesas no altar do terço serão removidas para o pé do mastro de São João, a fim de que o Santo se alegre mais ainda.

Subir no mastro de São João e colocar um balãozinho em seu topo. A vida da pessoa se tornará mais longa.

No dia de São João, após o erguimento do mastro, colocar ao pé deste, um pilão. Depois faz-se uma fila de pessoas, todas com uma vela acesa na mão. Ao passar pelo pilão, cada pessoa depositará nele a vela, dando, em seguida, três batidas com a mão-de-pilão, formulando, mentalmente, três desejos (pedidos). É certo que os desejos se tornarão realidade.

A pessoa que quiser viver muitos anos deverá socar o pé do mastro, depois de levantado. Cada batida que der, simboliza um ano a mais de vida.

É também costume brasileiro derramar a cera derretida de uma vela acesa e grudá-la no mastro, para arranjar casamento.

A FOGUEIRA

A fogueira é uma homenagem que se presta a São João, o precursor do cristianismo.

É feita de troncos de árvores de qualquer madeira, com exceção do cedro (madeira da cruz de Cristo) e da videira (que produz a uva com a qual se faz vinho, símbolo do sangue de Jesus). Tem o formato de uma arapuca e altura que quiser. As madeiras mais grossas servirão de base à pirâmide. A forma de arapuca é para que a língua de fogo a devore em pouco tempo. No interior da fogueira colocam-se pedaços pequenos de lenha, gravetos, capim seco, papel, para pegar fogo com mais facilidade.

É um deslumbramento para as crianças, que são legítimas pirólatras. A família festeira roga a São João, em torno da fogueira, para que suas chamas queimem as coisas ruins e iluminem as coisas boas. Roga, também, que a livre de temporais, bem como de secas prolongadas.

Depois de acesa a fogueira é costume das crianças jogarem



Rosa, roseira,
Tu és do meu rosal!
Todos cheiram desta rosa
Só não posso eu cheirar.

Ardem fogueiras
É noite de São João.
Pula, Rosa, esta fogueira
Que eu dou a minha mão.

São João, São João!
Pipoca e quentão.
São João, São João!
Cantigas ao violão.

SÃO JOÃO DARARÃO

SÃO JO -ÃO DA -RA -RÃO TEM UMA GAÍTA RA -RAI -TA QUANDO TO CO RO RO CA BA - TE
NE - LA TU DOS OS AN JO RA -R ANJOS TOCAM GAÍ TA RA -RAI TA TU CAM TAN TA AN RAN TO A QUI RA TE RIA MA
RI - A TU VAI AO BA - LE TU LE - VA O CHA - LE QUE VAI CHO -
VÊ - E DE - ROS DE MA DRU - GA - DA
GA MO - LHA - DA TU VAI MOR - RÊ

dentro dela cabaças ou gomos de bambu, pelo prazer de ouvirem o estouro.

O fogo, além de essencial à vida, simboliza a alegria. E essa alegria é aumentada quando as pessoas atiram traques e bombas às brasas da fogueira, para viverem as emoções dos estalos que provocam.

Ao lado da fogueira, garotos peraltas, sentem-se realizados, explodindo bombinhas, colocadas embaixo de latas, somente para vê-las subirem ao ar.

Quando a fogueira está crepitante, as crianças, reunidas ao redor dela, sempre sob os cuidados dos mais velhos, batem palma e gritam três vezes: São Luís! São Luís! São Luís!, para que esta aumente a labareda.

Se há muita fumaça só para um lado, recitam, em coro, o dístico:

Santinho pra cá,
Fumaça pra lá.

E em meio a tanto contentamento, homens e mulheres, moças, rapazes e crianças dão-se as mãos, e formando uma grande roda ao redor da fogueira, giram da direita para a esquerda, ao som de uma sanfona, violão e pandeiro, entoando gostosas melodias alusivas à data, entre elas, as músicas folclóricas:

ROSA, ROSEIRA

RO - SA RO - SEI - RA TU ÉS DO MEU RO - SAL TO - DOS CHEI - RAM DES TA
RO SA SÓ NÃO POSSO EU CHEI - RAR AR - DEM FO - QUEI - RAS É NOI - TE DE SÃO
JOÃO PU LA RO SA ES - TA FO - QUEI RA QUE EU DOU A MI - NHA MÃO SÃO JOÃO SÃO
JOÃO RI - RO CA E QUIN - TÃO SÃO JOÃO SÃO JOÃO CAN - TI - GAS AO VI - O
LÃO

São João Dararão tem uma gaitararaita,
Quando tocororoca bate nela.
Todos os anjoraranjos tocam gaitararaita,
Tocam tantararanto aqui na terra.

Maria tu vai ao baile,
Tu leva o xale que vai chovê.
E depois de madrugada,
Toda molhada, tu vai morrê.

Lá no centererento d'avenidiririda
Tem xaroporope escorregou.
Agarrourororou-se em meu vestidirirido
De uma preguererega e meu deixou.

Maria tu vai casares,
Eu vou te dares os parabéns
Vou te dares uma prenda, ai,
Saia de renda, ai, e dois vinténs.
(Música herdada dos portugueses).

Há também recitativos. Os poemas são quase todos referentes ao casamento. Uns curtos, quadrinhas; outros, longos, até históricos. Destacamos estas seis quadras:

- 1 - Quem quisé casá comigo
Não me mande recadinho,
Pegue uma troca de roupa
E me espere no caminho.
- 2 - Esta noite está tão fria,
Na fogueira está mais quente;
Quem quiser casar comigo
Viverá sempre contente.

3 - Pirolito que bate, bate,
Pirolito que já bateu,
O homem que eu mais amava,
Coitadinho, já morreu.

4 - Casamento junta os dois
Perante Deus e a lei,
Mas se junta os corações,
Juro por Deus que não sei.

5 - O amor é igual a pinga
Que a gente mesmo alambica,
Quanto mais se passa o tempo,
Mais gostosa ela fica.

Destaca-se, especialmente, esta quadra inocente, recitada por uma criança:

6 - São João eu lhe suplico
De todo meu coração:
Nunca permita que alguém
Me aplique uma injeção.

São, ainda, cantados desafios e contadas anedotas e piadas, em volta da fogueira.

Quando a fogueira já está bem baixa, com bastante cinzas, assam-se batata-doce, mandioca e gomos de cana-de-açúcar e, perto dela, as pessoas permanecem até quando há o ensejo para outras práticas de aspecto folclórico ou religioso.

PULAR FOGUEIRA

Uma das coisas mais perigosas, apesar de muito divertida, é o costume de pular fogueira nas festas de São João.

A gente brasileira herdou este hábito dos portugueses, aliás, é um ritual propiciatório que se pratica na Europa há muito tempo.

Este ritual é o encanto da garotada, mas assusta, em demasia, os pais.

Interessante observar que é costume praticado pelos índios brasileiros, principalmente os do Estado de Mato Grosso, em certas épocas do ano.

Quando a fogueira já se queimou mais da metade, as pessoas, geralmente homens ou rapazes, gostam de saltá-la, conseguindo, através deste sacrifício, perdão para os pecados cometidos. Dificilmente a mulher pula a fogueira.

COMPADRES E PARENTES DE FOGUEIRA

Também é costume, em volta da fogueira, as pessoas que cultivam sincera amizade, tornarem-se até parentes.

Quando a fogueira já está baixa, isto é, já esteja queimada até a metade, duas pessoas de mãos dadas, dão três voltas em torno dela. Depois puxam um tição aceso e o põem de lado. Antes, combinam o que uma deseja ser da outra. Padrinho, por exemplo. Juntam-se as mãos, ficando uma de cada lado com o pé (calçado) sobre o tição, recitando esta quadrinha, verso por verso. Uma pessoa diz o verso e a outra repete:

Santo Antônio falou,
São João batizou,
São Pedro confirmou:
Teu padrinho eu sou.

Em seguida pulam a fogueira, trocando de lugar. Repetem três vezes este ato. Ao final, o afilhado tomará a bênção do pa-

drinho. Se combinarem ser compadres, faz-se o juramento, perante a fogueira, de que se respeitarão para sempre.



Ouvimos muito estas outras quadras:

Santo Antônio disse,
São João confirmô,
Pra nós sê compadre
Que Deus mandô.

Jesus Cristo falou,
São João confirmou:
Nós somos compadres
Porque Deus mandou.

São João disse,
São Pedro confirmô
Pra sê seu padrinho
Foi Deus que mandô.

São João falou,
Santo Antônio confirmou
Pra nós ser namorado,
São Pedro que mandô.

São João disse,
São Pedro confirmô
Neste mundo e no otro
Seu compadre eu sô.

Santo Antônio declarô,
São Pedro endossô,
Vô sê seu tio,
Que São João mandô.

São João fez o pedido
São Pedro abençoou,
Deste dia e hora em diante
Sua tia eu sou.

Com São João dormiu,
Com São João acordou,
Boa noite, meu primo,
Que São João mandou.

Inclusive, estas quintilhas são repetidas:

São João disse,
Santantônio batizô,
São Pedro confirmô,
Para nós ser primo
Que Deus mandô.

São João disse,

Santo Antônio confirmô,
Pra nós sê compade
Neste e notro mundo
Foi Deus que mandô.

E esta setilha:

Santo Antônio falou,
São João confirmou,
E São Pedro jurou
Nós juramos
Por Deus do céu e da terra,
Que seremos compadres
Por toda a vida.

E assim as pessoas se tornam primos, afilhados, padrinhos, compadres, namorados, etc. Noivos não podem pular o tição dizendo seu noivo (ou noiva), nem seu marido (ou mulher) serei, porque se pularem o tição em brasa, o casamento não se realizará. Se casados, o casamento se desfará.

RITUAL DA PASSAGEM SOBRE AS BRASAS DA FOGUEIRA EMOCIONANTE CULTO A SÃO JOÃO

À meia-noite, quando a fogueira já tendo queimado grande parte da lenha e formado muitas brasas, é a hora sagrada para passar-se sobre o braseiro.

O devoto de São João, após haver distribuído as brasas com o auxílio de um rastelo ou enxada, formará um caminho de, aproximadamente, três metros de comprimento por um metro de largura.

A pessoa tira os sapatos e meias, dobra a barra das calças e invocando o nome do Santo, faz-se o Sinal da Cruz, e passa, vagarosamente, pelo centro do caminho das brasas vivas. Vai e volta. A fé não permitirá que o devoto se queime.

A maioria dos adeptos da passagem sobre as brasas costumam penitenciar-se ou fazer abstinência para que não se queiem. Uma promessa, por exemplo, consiste em um sacrifício qualquer, durante todo o ano. No dia de São João, a pessoa faz um voto de abster-se de uma coisa que muito goste: alguns alimentos (doces ou salgados), bem como de certos hábitos comuns: ir a baile, a cinema, assistir a jogo de futebol, etc. Para isto, então, procede-se a um sorteio, após ter escrito, em papezinhos, que serão enrolados, contendo, em cada um, uma abstinência.

Antes, porém, da realização do sorteio é necessária a oração para que o adepto possa cumprir a promessa. Aquilo que for sorteado, a pessoa deixará de comer ou de praticar durante um ano (de um São João ao outro).

Assim agindo, a pessoa estará material e espiritualmente preparada para pisar nas brasas, sem que nenhum ferimento venha a ocorrer-lhe. Outras pessoas fervorosas passam o braseiro, sem ser preciso a realização desse sacrifício.

Mas é muito importante observar que algumas pessoas se queimam. Mas tudo se explica. São alguns assistentes que, desejando serem alvo de observação e, ao mesmo tempo, imitadores, sem fé. Ou alguém, já embriagado, de licores e quentões, que se mete a atravessar o brasão. Nestes dois casos as queimaduras surgem realmente. E o resultado é um hospital.

Durante o tempo que os devotos de São João se preparam e quando andam sobre as brasas, a assistência guarda profundo silêncio, fazendo torcida, e até mesmo rezando para que o agente não queime seus pés. Há pessoas que chegam a passar três vezes, ida e volta, sobre as brasas. Outras fazem questão de passar, formando uma cruz, no braseiro, e dizendo: "Quem tem fé não queima o pé."

FOGOS DE ARTIFÍCIO FASCINANTE ESPETÁCULO PIROTÉCNICO

São João é a festa mais bonita do ano, mormente para as crianças, por causa das fogueiras, dos fogos de artifício, das rodinhas que giram como pequeninos sóis e dos pistolões que vomitam balas luminosas que descrevem curvas no ar.

Nas festas joaninas de antigamente sempre houve grande foguetório, mas pouca variedade, porque os fogos de artifício eram fabricados por fogueteiros locais.

A propósito, é oportuno narrar este episódio, ocorrido em nossa cidade, que nos foi contado por Jesus Francisco de Miranda (Chico Vato). Um festeiro de São João, chamado Seu José, para brincar com o fabricante de foguetes, Seu João, que além de fabricá-los, tinha ainda grande predileção em poder soltá-los.

Um dia, após a festa, quando foi receber o pagamento pelos serviços prestados, Seu João Fogueteiro, sentindo-se muito útil às festividades de São João, chegou-se ao festeiro e disse:

— Compadre Zé, estou tão cansado, pois soltei fogos a noite inteira. O senhor viu que barulheira!

Então, o compadre Zé tomou a palavra:

— Compadre, numa ocasião Nosso Senhor resolveu fazer uma grande festa no céu. Teria de tudo, até foguetório. São João interveio:

— Senhor, quem desempenhará a função de soltar fogos?

Nosso Senhor respondeu:

— É muito fácil. É só dar uma chegada na terra e convidar o mais bobo entre os homens.

O Seu João Fogueteiro, não entendendo a mensagem, desferiu uma gostosa gargalhada.

Hoje as coisas andam muito diferentes. Há uma variedade enorme de fogos de artifício, industrializados. Evoluiu-se tanto que foi preciso regulamentar o uso dos fogos.



Até quem fizer fogueira em lugar público ou soltar balões, está sujeito a pagar multa, além de sanções previstas em decretos federais, no Código Penal e na Lei de Contravenções Penais. Isto está previsto numa Resolução da Secretaria de Segurança do Estado de São Paulo, a qual disciplina também o uso de fogos de artifício em todo o território estadual, durante as festas juninas.

De acordo com a Resolução são permitidos:

“fogos de salão, de vista e sem estampido; fogos de pequeno estampido (artigos de chão) como bichas e borboletas com versos, desde que a carga explosiva não ultrapasse o limite de 20 centigramas; lanternas japonesas com mechas de peso não superior a 2 (dois) gramas; fogos sem flecha, de assovio ou lágrimas e fogos de tiro, cujas bombas não contenham mais de 70 centigramas de massas de tiro; espirais, aeroplanos, morteiros sem bombas

e serpentes voadoras; fogos de flecha (artigos de ar), cujas bombas não contenham mais de 6 gramas de massa de tiro; morteiros com tubos de papelão de cores e fantasia, e os de estampido, desde que não contenham mais de 50 centigramas de massa de tiro; os fogos de estampido (artigos de chão) que não contenham mais de 20 centigramas de massa explosiva; fogos sem flecha (artigos de ar), cujas bombas não contenham mais de 5 gramas de massa explosiva; as baterias ou salvas; os morteiros, de qualquer calibre, desde que projetados por meio de tubos metálicos, peças pirotécnicas presas em armações especiais. Está terminantemente proibido o comércio e o uso dos seguintes fogos: foguetinhos infantis, com ou sem bombas; diabinhos malucos, buscapés, assovios pirotécnicos, bombas, bombardas (artigo de chão) com mais de 20 centigramas de massa de tiro por peça e os estalos, os traques, as pipocas e os espantacoiós; bombas de parede; balões em geral, exceto as lanternas japonesas; piões de trepa-moleques com ou sem bomba; fogos de qualquer espécie, em cuja composição tenha sido empregado dinamite ou fósforo branco.

Mas, enfim foguetes e rojões sobem ao ar, debaixo do alarido "vivas", danças e cantos, com músicas puxadas à sanfona e violão. Nosso povo tem-se divertido com lindos fogos permitidos, os que não são perigosos, que não causam desgraças.

O cenário da noite joanina é esplendoroso demais. Além do céu belíssimo, iluminado pelas estrelas que Deus lá acendeu para a eternidade, há outro cenário, artificial, de estampidos e cores variadas.

COMEZAINAS E BEBIDAS

Celebrado o terço e hasteada a bandeira de São João no mastro, o povo espera, ansioso, pelas quitandas, doces e bebidas próprios da festa, que obedece a uma tradição popular. Dizem que as festas joaninas estão em extinção, mas a verdade é que elas continuam mais vivas do que nunca nos fogos de artifício, fogueira (para esquentar o frio), quentão, danças e comidas.

No ambiente da festa, o perfume apetitoso das rosquinhas, dos bolos, das bebidas frias e quentes, aumenta o gosto pela mais antiga e mais brasileira das festas. Frei Vicente Salvador informava que em 1603 os índios acudiam aos festejos portugueses com muita vontade, porque eram amigos das novidades, como no dia de São João, por causa das fogueiras e das capelas.

E São João, o santinho distraído, o santo-menino, que segundo a lenda dorme e não sabe qual o seu dia, recebe do povo as rosas e os cravos, as graças e as ternuras das mãos inspiradas das quitandeiras e doceiras que criam em sua homenagem as melhores guloseimas brasileiras.



Por isso mesmo, o povo deve lembrar antes de servir-se das comezainas e bebidas, que o corpo não é de ferro e que o estômago também perde a paciência.

Em balaies e cestas de taquara, forradas com toalhas alvíssimas, são servidos aos convidados as quitandas: bolo de São João, biscoito, biscoitinho, bolacha, bolo de fubá, brevidade, broa, pau-a-pique, pão-de-queijo, rosca, sequilho e uma infinidade outra de nomes estrambóticos, só conhecidos na linguagem popular do Brasil, estranhos até ao domínio da língua portuguesa: cacete, cu-de-boi, bolacha assada no pau, traíra, etc, etc. O pão caseiro é servido simples ou com recheio de queijo ou carne. Os doces geralmente são servidos em pedaços (doces secos, cristalizados): bolinhas de amendoim, cocada branca, cocada morena, paçoquinha em pedaço (ou em pó, servida em cartuchos), pé-de-moleque, suspiro, doce de leite, doce de mamão, doce de abóbora, doce de cidra, tijolinho baiano... São também servidos doces em massa de diversas qualidades. Pipoca e amendoim torrado nunca faltam à festa do santo.

Quanto às bebidas, são servidas as quentes e as frias. A preferência sempre recai sobre o quentão, a chocolatada e o cafezinho. Os licores aparecem em abundância. Há licores de tudo quanto é possível. Eles são preparados com muitos meses de antecedência, porque a tradição ensina que quanto mais velho, melhor ele será. Além disso, alguns deles só podem ser feitos na época da colheita da fruta, como o tamarindo, jabuticaba, etc.

Assim, na festa de São João desfilam, sobre bandejas, em copinhos feitos de gomo de bambu (ou copinhos plásticos), os licores de: abacaxi, banana, cacau, café, caroço de pêssego, coco, figo, hortelã, jabuticaba, jenipapo, laranja, limão, maracujá, morango, ovos, pitanga, rosas, tamarindo, tangerina, uva, vanilina e outros. Uma outra bebida fria merece destaque na festa de São João em Olímpia. É a pinga-de-abelha. Essa bebida se prepara com cachaça forte, suco de laranja, suco de limão, hortelã pisada, açúcar e mel. Mel, naturalmente para alegrar São João e aí é que entra a abelha, sua produtora. O consumidor desta bebida, com pequena quantidade entra na fogueira, não na fogueira de lenha, mas na fogueira de cachaça. E bebida-nha traidora tal qual o martelinho de anis.

Pois é isso: São João é festa para fortalecer o espírito, a crença, mas, ao mesmo tempo, é para comer, beber e falar muito. Por isso vale a pena existir São João em Olímpia, ou melhor, no Brasil, só para participarmos destas coisas tão sublimas.

Deixe o povo rezar, falar, rir, cantar, dançar, comer e beber à vontade.

BRINQUEDOS DAS CRIANÇAS

Nas festas de São João é comum as crianças imitarem os adultos. Gostam de participar de todas as atividades e expressar seu espírito de companheirismo. Querem até soltar fogos, um procedimento não adequado, pois lhe tira a espontaneidade. Mas a criança vive num mundo lúdico, no qual a brincadeira é a forma natural de relacionamento com o mundo. É o modo pelo qual ela se desenvolve e aprende.

Por isso mesmo, após a celebração do terço, as crianças de 6 a 11 anos, principalmente as meninas, um pouco distante da fogueira, fazem o seu próprio mundo. Lideradas por uma companheira que estimula os momentos de brincadeiras, tem-se preferência pelo brinquedo cantado, comumente conhecido por cantigas de roda. É uma modalidade de jogo muito simples e, por incluir tradição, música e movimento — é um poderoso agente socializador. Cantam páginas do cancionário folclórico infantil: Ciranda, Cirandinha; Eu Entrei na Roda; Carneirinho, Carneirão e acabam cantando músicas folclóricas relativas à festa de São João, como as que registramos.

CAI, CAI, BALÃO

ou Mãe da Mula); Garrafão; Pica-pica, Machadinha e outros. Mas um dos brinquedos merece destaque. É o **Boi-de-pau** (ou Boi-de-são-joão), brinquedo praticado em Olímpia e no seu distrito de Ribeiro dos Santos.



Cai, cai, balão!
Cai, cai, balão!
Na rua do sabão,
Não cai, não!
Não cai, não!
Não cai, não!
Cai aqui na minha mão.

(As crianças formam uma roda de mãos dadas e giram, cantando).

CAPELINHA DE MELÃO



Capelinha de melão
É de São João;
É de cravo, é de rosa,
É de manjericão.

São João está dormindo
Não o acorde, não.
Acordai, acordai,
Acordai, João!

(Mesma formação e modo de brincar)

Dessa forma a brincadeira prossegue até que as crianças enjoem dela e iniciem outra atividade.

Na noite de São João os meninos também aproveitam a ocasião para realizarem seus brinquedos, que se prolongam até de madrugada, hora em que já estão dominados pelo cansaço.

Os brinquedos tradicionais para a noite joanina dividem-se em duas categorias. A primeira é a das brincadeiras dirigidas, com distribuição de presentes, como: corrida-do-saco, perna-de-pau, ovo na colher, enfiar a linha na agulha, pau-de-sebo e quebra-potes. Dessa modalidade, com exceção do pau-de-sebo, participam meninos e meninas.

A segunda se constitui de brinquedos por eles mesmos organizados, sempre sob a liderança de um elemento mais ativo. É quando brincam de Um na Mula (Unha A Mula, Mama Na Mula



O brinquedo consiste numa armação de madeira (amendoineiro, farinha-seca, arueira ou leiteira), que imita um boi.

São duas forquilhas enterradas no solo, distanciadas, em linha reta, 3 metros, ficando 1,70 m acima do chão. Sobre estas forquilhas é colocado um pau roliço, lavrado numa das pontas, de 11 centímetros de diâmetro. Essa madeira, que representa o corpo do boi, terá um rabo de 50 centímetros de comprimento, o qual é amarrado à forquilha traseira com um pedaço de arame. Sobre esse pau serão amarrados, com uma cinta, ao centro, dois sacos de estopa, simbolizando o arreo do animal. Os peões seguram numa tira de pano amarrada ao dorso do boi. Essa tira faz o papel de rédeas.

Os meninos, sem o auxílio de adultos, preparam o brinquedo, servindo-se de machado, facão, enxada, enxadão e serrote. No chão são depositadas palhas de arroz, para evitar que os participantes se machuquem, quando caem.

Do brinquedo fazem parte um julgador, cinco controladores (levantadores do dorso do boi) e dez montadores, chamados peões. Sempre há um líder para a execução do trabalho. Quando há muitos participantes, a escolha é feita através de par ou ímpar ou pela ordem alfabética dos nomes dos mesmos. Os meninos gordalhões não são aceitos no jogo, pois cansam muito os levantadores.

A função dos controladores é movimentar o corpo do boi para derrubar o peão, agitando a parte lavrada da madeira (cabeça que mede 65 cm de comprimento), que se encaixa na forquilha dianteira. O papel do julgador é anotar a quantos pulos o peão resistiu, para eleger o campeão.

A brincadeira é muito animada e se prolonga por algumas horas.

ANIMAÇÃO DA FESTA DE SÃO JOÃO

Hasteada a bandeira no mastro, ou melhor, à hora de servir os comes e bebes, é também a hora de apresentação das danças a São João. Estas têm lugar nos terreirões de secar café, nos quintais ou sobre tablado especialmente armado para esse fim. Essas danças aproximam as amizades e são manifestações coletivas de confraternização. Em Olímpia, nas festas joaninas, as danças preferidas são Quadrilha, Cateretê e Fandango.

QUADRILHA A SÃO JOÃO

QUADRILHA é dança característica das festas juninas: Santo Antônio, São João e São Pedro. Nasceu em Paris no século XVIII. Era dança da aristocracia e dava abertura aos bailes das cortes européias. Veio para o Brasil no século XIX, na época da Regência. Galgou prestígio na sociedade brasileira e iniciava a seqüência das danças dos salões da época imperial,

CATIRA DE SÃO JOÃO

época em que a elite do Brasil estava voltada para a Europa, sobretudo para a França. Por esta razão a Quadrilha tornou-se dança preferida, conservando, até nossos dias, a "marcação" em francês, com profundas deturpações fonéticas.

No Brasil, o povo carioca a popularizou, folclorizando-a, rapidamente. Dos salões nobres, foi levada às fazendas. Hoje é dança brasileira das pessoas das cidades e dos campos também.

A dança principal das festas dedicadas aos Santos Juninos, é sem dúvida, a **Quadrilha**.

Da Quadrilha Junina, fazem parte muitas pessoas, cavalheiros e damas que, em pares, dançam ao som de sanfona, violão e pandeiro, interpretando cantigas alegres e outras particularidades que não são sem interesse para a história dos costumes populares. Alguns marcadores de Quadrilha ainda empregam expressões francesas, como: balancer, tour, en avant, vis-à-vis, en arrière, autrefois, traverser des dames, etc., com sensíveis alterações fonéticas, como já dissemos.

A Quadrilha dirigida pelo Sr. Ezequiel Batista de Carvalho, velho e incansável quadrilheiro no Município de Olímpia, é dividida em partes e, cada parte, durante a execução da dança é oferecida a pessoas de respeito ou pessoas importantes que assistem a essa dança. Sua marcação é caipira, bem nacional, também com vestígios de língua francesa: cavalheiros à frente da dama, balanceia, tur, cada um com seu par de vis-à-vis, cada cavalheiro com a dama da frente, passeio, vem chuva, não virou nada, a ponte quebrou, é mentira, um cavalheiro e duas damas, passa a dama na frente, as damas dão as mãos, cavalheiros dão as mãos às damas e elas passam para trás, damas dão as mãos, amarelinho, grande túnel, etc., etc.



Dificilmente numa festa de São João o catira (ou cateretê) estará ausente. Nem é preciso grupo ensaiado para dançar. A presença de violeiros é o bastante para que a dança se realize. É um dos mais belos espetáculos de danças: uma mistura de poemas, palmas, sapateados, coreografias e ritmos, ditados pela tradição e apresentados ao som de duas violas. É dançado por homens, mas vez ou outra, mulheres procuram intrometer-se na fila dos dançadores.

Alguns grupos de catireiros, para realçar a apresentação e melhor se identificarem, apresentam-se uniformizados. No Esquadrão de Catira de José Aparecido Teodoro, os catireiros trajam-se com calças marrons, camisa xadrez, lenço vermelho no pescoço, chapéu panamá de cor branca, cinta larga de cor marrom, botas ou botinas marrons, sem esporas. Dançam em pares de, pelo menos, seis homens. Quanto maior o número de participantes, mais vibrante é o espetáculo. Os violeiros, os únicos que cantam, fazem parte da dança e dirigem a coreografia. Os dois primeiros catireiros que ficam ao lado dos violeiros, chamados de puxadores de palmas, determinam para os companheiros qual o ritmo das palmas, dos sapateados e da coreografia.

Em Olímpia houve grupos famosos de catira: "Os Galizés", "Os Carijós" e "Os Pássaros-Preto", que viviam em constantes desafios para se classificarem como os melhores da dança. Hoje, os grupos mais atuantes são "Os Mirandinhas", "Os Passarinhos" e "O Esquadrão de Cateretê Dois de Março".

O Recortado é uma dança que, embora tendo vida independente, costuma ligar-se ao Catira como fase conclusiva. É dança de muita vivacidade e maior movimento. A coreografia se desenvolve com o canto, ou apenas entre versos. Na noite de São João os catireiros entram em ação.

Exemplo de uma moda de viola do catira de Olímpia em homenagem a São João:

CATIRA DE SÃO JOÃO moda de viola

DAN - CA DANÇA RA - PA - ZIA - DA COM MUITA FÉ E DE - VO - ÇÃO BA - TE
PALMA E SASSA - TEI - A LE - VAN - TA POEI - RA DO CHÃO BA - TE
PALMA E SAPA - TEI - A EM LOU - VOR A SÃO JO - ãO

Dança, dança, rapaziada
Com muita fé e devoção,
Bate palma e sapateia
Levanta poeira do chão,
Bate palma e sapateia
Em louvor a São João.

Todo povo está contente
Olhando o céu e o chão,
Festando com alegria
Prestando muita atenção,
Festando com alegria
Em louvor a São João.

FANDANGO DE SÃO JOÃO

Pra dançá o cateretê
Precisa de instrução,
Dança moço, dança velho
Sem nenhuma confusão,
Dança moço, dança velho
Em louvor a São João.

O ponteado da viola
É que faz a marcação,
Bate palma e bate pé
Cumpre sua obrigação,
Bate palma e bate pé
Em louvor a São João.

O nosso cateretê
É dançado no sertão,
É uma dança de respeito
Serve para louvação,
É uma dança de respeito
Em louvor a São João.

A festa é animada
Tem foguete e rojão,
O devoto reza o terço
Em sinal de gratidão,
O devoto reza o terço
Em louvor a São João.

Nesta festa tem de tudo
De pipoca a quentão,
Bebida, doce e quitanda
E animada função,
Bebida, doce e quitanda
Em louvor a São João.

Em redor lá da fogueira
Quanta movimentação,
As moças cantam toadas
Alegando o coração,
As moças cantam toadas
Em louvor a São João.

Festejar São João Batista
Com respeito e animação,
É dever de cada um
Que seja um bom cidadão,
É dever de cada um
Em louvor a São João.

Pra dizer bem a verdade
Digo a qualquer irmão,
Que São João é milagroso
E derrama proteção,
Porque quem faz sua festa
Só pode ser bom cristão.



Esquadrão de Cateretê "Dois de Março"

Pode-se afirmar que Fandango é dança de tropeiros, dançada em diversas cidades do interior paulista, entre elas Sorocaba e Capela do Alto.

É diferente do Fandango do Nordeste, que é folgado também conhecido por Marujada, Barca e outros nomes.

Olímpia até 1965 não conhecia essa dança paulista, mas a partir desta data, através do Festival do Folclore que se realiza em agosto de cada ano, acabou por adotar o Fandango, tomando como modelos os fandangueiros de Capela do Alto e Sorocaba. Formou-se um grupo constituído de dançadores de catira. As duas danças: Catira e Fandango apresentam ligeira semelhança.

O Fandango dançado em Olímpia, denominado Fandango de Chilenas, compreende uma série de "mandatos": o mandato do gato, do cachorro, do galo, tirar cipó, enrolar o cipó, sobre chinha à direita, sobre chinha à esquerda, continência ao público, dança da varginha simples, etc.

É dança tipicamente masculina e geralmente dançada por quatro pares, ou seja, oito pessoas no mínimo. Usam indumentária especial: calças azuis, camisa vermelha de mangas compridas, chapéu branco, lenço branco no pescoço, botas pretas e esporas denominadas chilenas com duas rosetas lisas, que durante a dança funcionam como instrumento musical idiofone, de ritmo muito agradável.

Como instrumentos entram a viola, o violão e, às vezes, o acordeão. Os violeiros cantam durante os intervalos dos "mandatos" e executam os instrumentos durante as danças. É espetáculo maravilhoso.

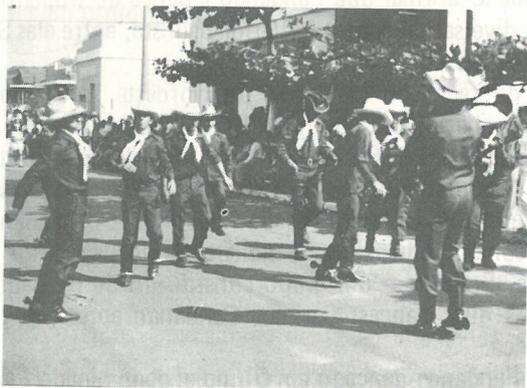
No dia de São João, gostam de cantar as estrofes:

FANDANGO DE SÃO JOÃO



- | | | |
|-----|---|-----|
| I | Sapateia fandangueiro
No meio deste salão.
Vamos dançar o fandango
Em louvor a São João. | bis |
| II | Vamos dançar o fandango
No dia de São João.
É uma dança só de home
Batida firme no chão. | bis |
| III | Bate palma rapaziada
E presta muita atenção
Essa dança não tem erro
Quando é pra São João. | bis |
| IV | São João é milagroso
É um santo de alegria. | bis |

O povo todo prepara
Pra festejá no seu dia.



FANDANGO DE CHILENAS DOS IRMÃOS LARA



FANDANGUEIROS MIRINS DE OLÍMPIA

O ALUCINANTE ESPETÁCULO DE SOLTAR BALÕES

Imaginemos, em todo o seu esplendor festivo, uma linda noite de São João. No ar espoucam foguetes. Nas ruas, nos quintais, nos pátios de fazendas, os fogos de artifício e as fogueiras enchem de luz, de cor e de alegria todos os que se entregam às diversões próprias das noites joaninas. Outrora, os balões concorriam para o maior embelezamento do nosso céu. Mas, soltar balões nos dias de hoje é proibido. É um divertimento inocente na aparência, mas pode ser o causador involuntário de uma tragédia. Eles, que são tão bonitos, representam perigos. O balão subindo, pode, depois de proporcionar uma alegria passageira ir adiante, causar a infelicidade, provocar a desgraça, originar a miséria de alguém. Todos apreciam os balões bonitos. E quem não gosta de ver o céu pleno de lanternas coloridas, acesas, levadas pelo vento, como se fossem estrelas que se morressem numa sarabanda luminosa?



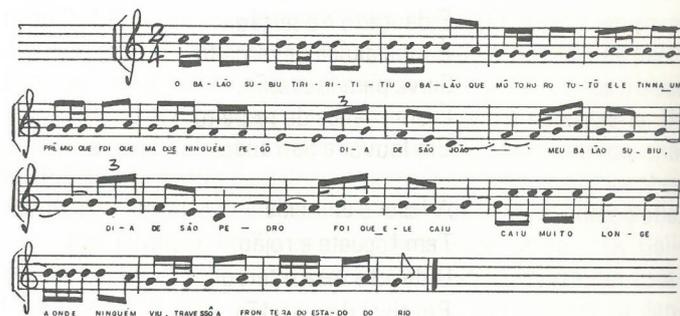
Infelizmente, cada balão que sobe é, realmente uma amea-

bis

ça à propriedade alheia, contida naquele "bucha" ou "gás" que o divertimento tão bonito leva em seu bojo. A "bucha ou morão", caindo acesa, pode ser a causa de uma grande catástrofe: incêndios às casas, principalmente palhoças; nos depósitos; nas florestas que protegem os mananciais de onde vem a água que bebemos; às plantações; às roças; etc. Por isso, o mês de junho passou a ser chamado "mês do perigo".

Mesmo assim, há pouquíssimos irresponsáveis que ainda lançam mão desse espetáculo perigoso. Dos balões restaram algumas canções, que são persistentemente entoadas nas festas de São João.

O BALÃO DE SÃO JOÃO



- 1 - Escrevi uma carta para o meu amô,
Mandei no balão, o balão levô,
Eu não fui feliz, o balão quemô
Só pr'o causo disso, ela me dexô.

ESTRIBILHO

O balão subiu
Fi-ri-ri-tiu,
O balão quemô
To-ro-ro-to-tô
Ele tinha um prêmio,
Que foi quemado
E ninguém pegô.

- 2 - Dia de São João, meu balão subiu,
Dia de São Pedro, foi que ele caiu,
Caiu muito longe, aonde ninguém viu,
Travessô a frontera do Estado do Rio.

ESTRIBILHO

- 3 - Dia de São João que festão que é,
Pois eu fui na festa, levei o Mané,
Tinha um preto véio chamado Pajé,
Pisava no fogo, nem quemava o pé.

ESTRIBILHO

- 4 - Caxa e pandero chama os convidado
A festa tá boa, tem samba enfezado,
Quentão e bolinho há pra todo lado,
Enquanto um ganha, otro sai logrado.

ESTRIBILHO

QUEIMADURAS

As queimaduras são acidentes quase que frequentes nas

festas são-joaninas. Os agentes que mais comumente produzem queimaduras nessas festas são líquidos aquecidos: quentão, chocolate e as substâncias inflamáveis: de fogueiras e de fogos de artifício. Há um ditado que diz: "Quem brinca com fogo quer se queimar". As crianças pagam maior tributo a esse tipo de acidente, pois permanecem mais tempo em volta da fogueira, brincando, dançando, assando batata-doce no braseiro, ou, às vezes, atravendo-se a soltar-fogos sem ter tido, para isso, uma preparação.

A terapêutica desses acidentes varia fundamentalmente com uma série de fatores; dependendo da extensão, profundidade e localização das lesões, bem como o agente causador, do período evolutivo, da idade e das condições gerais do doente e também da presença ou não de complicações.

Todo paciente de queimadura profunda, deve ser imediatamente encaminhado ao hospital. Mas, em se tratando de pequenas queimaduras, para amainar a dor e infecção, o povo se previne com remédios caseiros, alguns considerados escatológicos (sujos), outros espirituais.

Mas essa medida, segundo os praticantes, serve como parâmetros no tratamento de algumas queimaduras. Recolhemos, de 1965 a 1970, alguns remédios do pronto socorro folclórico, aplicados como lenitivos nas queimaduras de pequena extensão, leves.

1. Lavar algumas folhas de tomateiro, amarrá-las num pano bem limpo e amassá-las com martelo. Apertar bem o pano para conseguir um pouco de sumo. Misturar ao sumo um pouco de óleo de cozinha e aplicar sobre a queimadura, duas vezes por dia, até curar-se.
2. Passar, no momento da queimadura, pó de café já coado, misturado com um pouco de óleo de cozinha.
3. Espalhar sobre a queimadura nata de leite ou manteiga.
4. Cobrir a parte queimada com folha tenra de bananeira.
5. Mandar uma criança urinar sobre a queimadura, pois a urina alivia a dor e evita a formação de bolhas.
6. Pôr sobre a queimadura manteiga de leite ou gordura de porco derretida.
7. Colocar sobre a queimadura fezes frescas de vaca.
8. Cuspir sobre a queimadura e espalhar o cuspo com um pedaço de algodão.
9. Aplicar, com pena de galinha, um creme feito com duas colheres de vinagre e cal, o suficiente para ficar na consistência de manteiga.
10. Cobrir a queimadura com folhas novas de bananeiras, passadas ao fogo, para amolecerem.
11. Dar banho de malva do campo e cânfora.
12. Passar mel de abelha sobre a queimadura.
13. Pôr açúcar e fuligem (picomã) sobre a queimadura.
14. Deitar sobre a queimadura algumas rodela de tomate, cortadas bem finas ou passar, levemente, um pouco de extrato de tomate.
15. Esfregar, suavemente, sobre a queimadura, um pouco de dentifrício (creme dental).
16. Lavar bem folhas de aboboreira e aplicar sobre a queimadura.
17. Retirar o sumo da babosa e aplicar sobre a queimadura, 4 vezes ao dia, até sarar.
18. Apanhar algumas folhas de algodoeiro e retirar o sumo. Aplicar sobre a queimadura, todos os dias, até curar-se.
19. Fazer um creme com uma clara de ovo e 2 colheres (sopa) de azeite de oliva e aplicar sobre a queimadura.
20. Desfiar um pouco de fumo e embeber em água morna e colocar sobre a queimadura.
21. Preparar a seguinte pomada: Numa tigela de louça, colocar 4 colheres de cal virgem e 1 litro de água, e misturar bem. Quando a cal assentar, retirar a água. Repetir 7 vezes a operação. Depois misturar a cai lavada em outro

tanto de água e filtrar, colocando num funilum pedaço de algodão. Depois de filtrada, coloca-se num pires 1 colher dessa água e 1/2 colher de azeite de cozinha. Misturar bem até obter-se uma pomada. Com o auxílio de um pedaço de algodão ou de uma pena de ave, aplicar a pomada sobre a queimadura. De meia em meia hora, repetir a pomada, cobrindo-a com um pedaço de folha de bananeira.

22. Esfregar, com uma mecha de cabelos, o local da queimadura.
23. No momento em que se queimar, levar a parte machucada rente ao fogo, deixando-a receber, por alguns minutos, o calor.
24. Queimando-se, antes que se formem bolhas, espalhar sobre a queimadura um molho de pimenta, bem ardido, para não sentir dor.
25. Passar na queimadura um pouco de estrume de burro. (prática escatológica).

Outras pessoas apelam à medicina espiritual, recorrem às forças imponderáveis do sobrenatural:

1. Santa Cecília que cura esta queimadura. Santa Cecília que cura e ponha virtude. Repetir três vezes e rezar um Pai-nosso e uma Ave-maria à Santa Cecília".
2. "O fogo não tem frio, a água não tem sede, o ar não tem calor, o pão não tem fome. São Lourenço, curai esta queimadura pelo poder que Deus vos deu. Faz o Sinal da Cruz e reza-se um Pai-nosso a São Lourenço".
3. "São Cristóvão, São Pedro, São Miguel, São João, Santo Anastácio, Santo Amaro, Santa Catarina, Santa Adélia, Sant'Ana, Santa Rita, todos os santos e santas que estão no céu, intercedei junto ao Senhor para curar o mal que o fogo, causando queimadura, fez sofrer esta pobre criatura. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém". (Oração para ser rezada logo após se verifique a queimadura).
4. "Fogo, criado por Deus, eu te ordeno e intimo em Seu Nome que abrandes teu calor, que diminuas teus ardores, que cesses de aumentar e não formes nenhuma ferida nesse corpo. Grande São Lourenço, que foste colocado sobre um braseiro sem sentir dores, pela graça divina que estava convosco, rogai a Deus que ele aceite minha prece, que Ele recompense nossa fé, curando (Fulano), seu servo". (Soprar sobre a queimadura, em forma de cruz, dizendo: Deus te cure peio seu poder. Assim seja).

Em caso de incêndio, que às vezes são provocados pela fogueira ou fogos de artifício, rezar esta oração:

5. "Onipotente Deus, que ao vosso bem-aventurado mártir São Lourenço destes esforços para triunfar dos incêndios e dos seus tormentos, concedei-nos que se extingam as chamas deste fogo. Por Cristo, Senhor Nosso. Amém".

Há muitas orações contra Incêndio: de São Cristóvão, São Gervásio, Santa Joana D'Arc. Há diversas de São Lourenço. São orações feitas. Geralmente estes Santos católicos tiveram momentos de aflição em relação ao fogo. Por exemplo:

Santa Cecília, que se tornou pela tradição, a padroeira da Música e dos músicos, foi condenada a morrer queimada. Exposta às chamas, durante um dia e uma noite, foi encontrada sem um ferimento sequer. Também falhou o golpe subsequente aplicado pelo carrasco, incumbido de decapitá-la.

Baile, função ou pagode são nomes dados à brincadeira de salão ou barraca que se realizam após as obrigações religiosas na passagem de São João. Enquanto um grupo de moças e rapazes procuram experimentar as sortes e simpatias próprias do ritual, outro grupo procura apressar o início do baile. Isto depois da meia-noite.

Geralmente o local do baile é um chão de terra batida, coberto de encerado. O salão é todo enfeitado com cipó-de-são-joão, ramos de manjerição e bandeirolas coloridas. Nas fazendas onde há terreirão para secar cereais, fazem uma armação de madeira e a cobrem com encerado, para essa diversão.

O conjunto musical é bem simples: acordeão, violão e pandeiro. Há uma série de avisos e recomendações do festeiro, antes do início do baile, para que as moças não dêem "tábuá" nos rapazes e que estes dancem com muito respeito. Depois de umas duas horas de iniciado o baile é também costume realizarem algumas brincadeiras como a do chapéu e a das cadeiras. São muito divertidas. As músicas executadas pelo conjunto musical se apóiam no folclore brasileiro, mas há uma predileção pelas músicas populares do gênero arrasta-pé, baião, marcha, maxixe, rancheira e valsa, tanto do gosto dos instrumentistas quanto do gosto dos dançadores. Registramos o nome das músicas (e seus autores). as mais ouvidas: A Bandinha do Prefeito (Pereirinha), A Dança da Moda (L. Gonzaga e Zé Dantas), Adeus Mariana (Pedro Raimundo), Antônio, Pedro e João (O. Santiago e B. Lacerda), Arraial de Santo Antônio (Frederico de Freitas e Júlio Dantas), As Noites de Junho de Antigamente (G. Glagliardi e D. P. Mamome), A Sanfona do Mané (Haroldo Lobo e Milton de Oliveira), Assim é a Quadrilha (Mário Zan e Messias Garcia), Até o Sol Raiá (R. Stanganelli e Francisco Barreto), Balão Bonito (Mário Zan - Messias Garcia), Cai, Cai, Balão (Assis Valente), Carneirinho (Antônio Nássara), Chegou a Hora da Fogueira (L. Babo), Dançando a Quadrilha (Mário Zan), Dia dos Namorados (H. Lobo e M. Oliveira), Feijão Queimado (Raul Torres e José Riéli), Festa da Vovó Gerarda (Pereirinha e Zé Pitanga), Festa de Casamento (Pereirinha e Marques da Silva), Festa na Palhoça (Pedro Sertanejo e Benivaldo Sá), Festa na Roça (Mário Zan - Palmeira), Homenagem a São João (Pereirinha), Isto é Lá com Santo Antônio (Lamartine Babo), Lembrança do Sertão (Pereirinha e J. Diniz), Marcando a Quadrilha (José Bétio), Na Casa de Zebedeu (Pedro Raimundo), Noite de São João (H. Bertussi), Noites de Junho (J. Barro e A. Ribeiro), O Casório da Maria (?), O Delegado Quer Prender o Antônio (H. Lobo e M. Oliveira), O Leilão (Altino de Sousa Bom), Olha Pró Céu (J. Fernandes e L. Gonzaga), O Sanfoneiro Só Tocava Isso (H. Lobo e G. Medeiros), Os Três Santos (Messias Garcia e Mauro Pires), Pedido a Santo Antônio (Noemi Cavalcanti e Antônio Tibúrcio), Pedido a São João (Osmar Zan e Vanderlei Zan), Pula a Fogueira (G. Marinho e J. Bastos Filho), Quadrilha de São João (Milton José e Sertãozinho), Quadrilha de São João (Oswaldo Riéli), Quadrilha Maluca (Pereirinha), Quadrilha na Cidade (Gérson Filho), Quadrilha na Roça (Gérson Filho), Recado a São João (Osmar Zan e Mário Aguinaldo), Rosa Maria (Roberto Martins e Evaldo Rui), Santo Antônio Tenha Dó (Maria do Rosário Veiga Torres), Sobe Balão (J. Catarina e M. Aguinaldo), Solta o Busca-pé (Alvarenga e Ranchinho), Sonho de Papel (A. Ribeiro e C. Braga), Tarratachim (Capitão Furtado), etc.

Durante o baile as pessoas ainda podem servir-se das quitandas, quentão e licores, sempre à disposição de todos, na casa do festeiro.

Às cinco horas, o baile chega ao seu final. As pessoas acordam os filhos que estão dormindo, juntam-se em grupo, inclusive os que participaram do baile e vão a um córrego (ou rio) próximo, para dar banho em São João (imagem), olhar-se nas águas correntes e tomar banho nessas águas, à busca de saúde e felici-

LAVAR O ROSTO NO RIO

Já no dia 24 de junho, de madrugada, antes do sol nascer, os fiéis dirigem-se em procissão (ou não) a um rio ou córrego, de águas correntes. Levam um quadro ou a imagem de São João e vão cantando este Bendito, de música igual à do Beijamento da Bandeira do Santo, que será instalada no mastro.

BENDITO DE SÃO JOÃO (VARIANTE)

São João se bem soubera
Quando era o seu dia
Pelo céu ele desceria
Com prazer e alegria. bis

São João tem grande dor
E também grande pesar
De não saber o seu dia
Quando vão lhe festejar. bis

São João de glória tanta
De tanta foram bastante
Toma Deus para seu primo
Para ser seu comandante. bis

No rio de São Jordão
Onde São João se banhava
De diamante era tanto
Que os anjos se alumiava. bis

Sua donzela Santa Isabel
Com suas toalhas brancas
Incensadas, embalsamadas
Onde São João se enxugava. bis

São João tem grande dor
E também grande alegria
Quando deu com sua capela
Do festejo do seu dia. bis

(Capela: Coroa feita com o cipó-de-são-joão)

E também esta quadra:



Ó meu São João,
Eu vou me lavar,
A minha mazela
No rio vou deixar.

Dizem que as águas no dia de São João são "bentas" e as pessoas devem dar banho no santo. Todos lhe jogam um pou-

co d'água. Depois, devem lavar o rosto nas águas correntes. Isto é bom para evitar desgraças, infelicidades à pessoa. A pessoa deve tomar o cuidado ao olhar nas águas correntes e verificar se o seu rosto está refletido. Se estiver refletido, a pessoa viverá; mas em caso contrário, no próximo São João ela não estará viva.

Esta prática é uma lembrança do batismo de São João nas águas do rio Jordão, por isso há pessoas que gostam de entrar nelas e molhar-se, isto é, tomar um banho com roupa e tudo, firmando os dizeres da quadrilha tão divulgada:

São João Batista disse,
Nosso Senhor confirmou,
Quem se batiza nas águas,
Bem batizado ficou.

Ao saírem das águas, numa atitude de confirmação do batismo religioso, alguns declamam a quadrinha:

São João dormiu,
São Pedro acordou,
Somos batizados
Que Jesus mandou.

Em outra festa de São João no Município de Olímpia, coletamos esta sextilha, também recitada após o banho nas águas:

Jesus Cristo batizou Deus,
E Deus batizou São João,
Eu também fui batizado
Nessa mesma ocasião
Pelos poderes de Cristo
E também de São João.

E também esta estrofe de nove versos:

São João era primo de Jesus,
Jesus batizou Deus,
Deus batizou São João,
Vamos ver o batizado
Lá no Rio de Jordão.
São João foi batizado
Na mesma ocasião.
Viva São João Batista,
Batista João!

Da mesma forma, como seguiu o séquito, ele volta. O festeiro ou rezador vem com a imagem à frente, cantando o Bendito de São João e a seguir esta estrofe:

Ó meu São João
Eu já me lavei,
A minha mazela
No rio já deixei.

Ou, simplesmente, recitando: Nas águas de São João me lavei e toda mazela que tinha deixei.

Chegando à casa do promotor da festa, é costume servir o mingau-de-são-joão, que é um caldo obtido pela seguinte receita: Numa panela grande, pôr gordura, ossos de vaca, alho, cebola de cabeça, cebolinha verde, pimenta, folhas rasgadas de couve e sal. Refogar bem, acrescentar bastante água e deixar ferver. Depois de bem fervido, adicionar, aos poucos, farinha de mandioca em pó. Tomar cuidado para que a farinha não passe do limite, transformando o mingau em angu. É um caldo muito gostoso e serve para forrar o estômago e assentar o juízo de quem esteja embria-

gado.

Depois de servido o mingau, todos se despedem e vão para casa dormir um pouco.

NOVENAS DE SÃO JOÃO (realização de terços)

Em Olímpia realizam-se novenas ao santo padroeiro — São João — nos bairros urbanos e na zona rural.

Essas novenas se iniciam a 15 e se completam na noite de 23 de junho — véspera do dia do santo precursor de Cristo. Para isso reúnem-se na casa de uma família que liderará todo esse movimento religioso, as famílias devotas do santo e interessadas na realização do terço. É nesta casa escolhida, que se organizam para a novena a ser rezada ao santo.

A grande preocupação dos noveneiros é a de que depois de rezado um terço numa casa, não volte a ser rezado numa casa que, por motivo da ausência da família, não pôde ser celebrado, seguindo o itinerário previsto. Não é permitido voltar, pois fere a formalidade litúrgica. Se numa rua há casas dos dois lados, a novena se dá primeiramente nas casas da margem esquerda, para depois ser rezada nas da margem direita. O mesmo ocorre com as casas situadas em outras ruas.

Como o próprio nome diz, novena quer dizer o que se realiza durante nove dias. E, em cada dia, só pode ser rezado um só terço. Na programação, já fica estabelecido onde será realizado o último terço, o do dia 23 de junho, e também o ponto de partida, para a visita nas casas. Isto tem que ser respeitado, pois é tradicional.

Nessa procissão algumas pessoas empunham velas acesas durante o percurso, assim como cantam canções religiosas em louvor a São João.

A novena que comentamos foi realizada no Bairro de São José, em Olímpia, no ano de 1985.

Nas casas, encostada a uma parede, está uma mesa com 2 ou 3 castiçais, vasos de cravos e rosas, de papel ou mesmo naturais, um crucifixo e o santo padroeiro das novenas — vestido com seu manto de pele de camelo, chamado por muitos de santo-menino, tendo ao lado, o carneiro com uma fita vermelha e uma cruz longa e fina. Cipó-de-são-joão, ramos de manjericão, renques de alecrim, folhas de laranjeira, pedaços de fitas vermelhas de pano e garrafinhas d'água, completam a simetria do altar.

As folhas de laranjeira, em substituição as suas flores (pois não é época de floração) são colocadas por moças que, pretendendo casar-se e querendo ser felizes no casamento, após ser rezado o terço, retiram uma das folhas e a guarda bem escondidinha no meio de seus pertences. Os pedaços de fita vermelha são colocados por senhoras, que após o terço, também levam um pedacinho para casa, para garantirem felicidade. A água servirá para as pessoas doentes, esperando, assim, que os seus problemas de saúde sejam resolvidos.



A sala fica repleta de mulheres e crianças, que acompanham o terço, cantam desafinadamente as músicas e rezam os Pai-nossos e as Ave-marias, orações que se dividem em duas partes: uma da "puxadeira" do terço e a outra dos participantes, acompanhando as contas do rosário.

Entre um e outro mistério do terço, a "tiradeira" dá entoação a este cântico religioso, acompanhado pelas outras mulheres numa voz que concorre para maior desentonação.

HINO A SÃO JOÃO



Ó glorioso São João
Ouve hoje nossa prece, bis
Rogo a Deus com fervor bis
Do céu a nós bênção desce.

Batizar a Jesus bis
Foste a tua missão bis
E por Ele batizado bis
No santo Rio Jordão.

Teu espírito sublime bis
Que em santo amor ardia, bis
Dai-nos esperança agora bis
Ao céu nos guiai um dia.

Os homens, mais distantes, seguem, quase que silenciosos, as partes das rezas.

Terminado o terço, a assistência dirige-se ao altar, em fila, para beijá-lo, respeitosamente, enquanto as cantadeiras cantam, com muito entusiasmo e ligeira desafinação, o hino:



Vamos beijar este altar
E beijar com devoção,
Este altar já foi benzido
Pelo amado São João. bis

Graças a Deus,
De todo o coração,
No céu e na terra
Louvores a São João. bis

Há em tudo muito respeito e devoção, apesar das crianças que acompanham, choramingando, os cantos sacros.

No quintal o latido esganiçado e agudo dos cachorros se silencia quando fogos de artifício extasiam e divertem o povo e gritos de viva São João se levantam de todas as bocas.

Como é costume em terço, o cafezinho (ou quentão) é servido a todos, acompanhado de quitandas e pipocas.

Pouco a pouco o grupo vai-se dissolvendo, cada um para sua casa, esperando o terço-mor, no dia de São João, na casa do noveneiro-chefe, com festa caipira completa, para ninguém botar defeito.

NOVENA DE SÃO JOÃO BATISTA PARA CHOVER PROCISSÃO DOS MOLHA-CRUZES

Enquanto parte da população rural, agastada pelo sofrimento provocado pelo sol abrasador, pelo calor insuportável que prejudica a lavoura, blasfema contra o céu; outra parte deste mesmo povo, dotada de sentimento religioso, procura, através de promessas e sacrifícios, buscar a Deus e aos santos, suplicando a bênção à terra.

Esse grupo de lavradores sofridos, gente simples e devota, à hora mais causticante do sol, pisa sobre a terra castigada, comburida, para suplicar a Deus a preciosa chuva.

Ensina-lhes a tradição religiosa que, no período da grande seca, deve ser realizada a novena de São João Batista—o padroeiro das roças.

Então, durante nove dias ininterruptos, reúnem-se pessoas devotas do santo protetor, num gesto de amor à religião e à própria vida, para o cumprimento da promessa.

Meio-dia, uma hora da tarde, horas penosas de sol punidor, mulheres, crianças e alguns homens, andam a pé, uns descalços, descobertos, transportando à frente da procissão um andor-zinho com a imagem de São João, ou simplesmente a imagem do santo, carregada por um dos fiéis, em direção a um cruzeiro. Todas as pessoas transportam garrafas e litros cheios d'água, para molharem o cruzeiro. São os molha-cruzes. Durante o percurso a percorrer até ao cruzeiro, o qual não é muito curto, vão rezando em voz alta algumas orações e cantando hinos, todos suplicantes de chuva.

Ao pé da cruz acendem velas e celebram um terço a São João. Antes, porém, retiram a imagem do andor e todos lhe despejam um pouquinho de água.



Realizado esse ato, tem-se início o terço. Todos ficam ajoelhados. Ao seu término, molham a cruz com o restante da água transportada nos vasilhames.

Juntos, entoam, um hino, seguindo-se a música do mesmo hino entoado durante o levantamento do mastro de São João.

Vamos, vamos, minha gente,
Lá no rio de Jordão,
Assistir ao batizado
De Jesus e São João. bis



São João batizou Cristo,
Cristo batizou São João
Nas paragens que fizeram
Lá no rio de Jordão. bis

São José e Nossa Senhora
Estavam dum lado, parado,
Dando viva ao nosso Deus
Pelo lindo batizado. bis

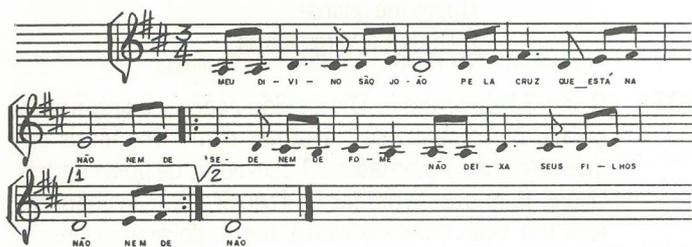
Voltam, em cortejo, sob o mesmo sol ardente, sempre rezando e entoando hinos dolentes que parecem casar-se com o calor insuportável.

Os hinos preferidos suplicam chuva ao milagroso São João. Este, por exemplo, de música muito conhecida:

São João Batista,
Batista João,
Manda chuva à terra
Para as plantações.

São João Batista,
Batista João,
Manda chuva à roça
Para as plantações.

E este Bendito de São João, que se acrescenta à promessa:



Meu divino São João
Pela cruz que está na mão,
Nem de sede, nem de fome
Não deixa seus filhos não. bis

(De joelhos)

Ponha seu joeio em terra
Para Deus peça perdão,
Quando foi dali a poco
A chuva de Deus no chão. bis

Tanto na procissão de ida quanto na de volta, algumas pessoas fazem sacrifícios. Carregam pesadas pedras sobre a cabeça ou ombros. São os penitentes. Estes sacrifícios podem revestir-se de conseqüências amargas. Formam-se doloridas bolhas nos pés e nos ombros, que resultam num demorado restabelecimento da saúde. Mas o santo nunca abandona o devoto.

Ao redor daquela cruz, freqüentemente molhada durante a novena, graças ao poder da água, algumas plantinhas silvestres sustêm o viço, dando uma grande esperança aos lavouristas de que naquele ano a chuva não falhará na época necessária.

Mas se a vontade dos homens não é prontamente atendida eles não se desanimam. A fé permanece inalterável e o cumprimento da promessa se repete.

NOVENA DE SÃO JOÃO BANHO NO SANTO

É também costume rural a realização de uma novena em louvor a São João, que se inicia no dia 16 e termina no dia 24 de junho — dia consagrado ao santo.

Organiza-se uma procissão, a qual tem como ponto de partida a casa de um promesseiro.

O povo sai em fila, transportando à frente o andor de São João enfeitado com flores e fitas, de papel ou de pano, na cor vermelha, dirige-se a um córrego ou rio, cantando, durante o percurso, hinos em louvor ao santo e rezando suas orações.

Chegando ao córrego, descem o andor e o colocam à margem das águas. Retiram a imagem do andor e a põem no chão.

As pessoas, uma por uma, colhem a água na concha da mão e a derramam sobre a imagem do santo. A seguir, lavam o rosto nas águas correntes.

Enquanto se processa o ritual, cantam este hino, muito conhecido e divulgado entre os olímpenses:

Deus te salve João
Batista sagrado
Teu nascimento
Nos tem alegrado. bis

Se São João soubesse
Qual era o seu dia
Descia do céu à terra
Com prazer e alegria. bis

Em caso de inexistência de córrego ou rio no local onde se realiza a novena, este ritual pode ser realizado junto a um tanque com água colhida de uma cisterna.

Esta novena favorece a lavoura, pois a água é fecundadora da terra e São João não permitirá a seca rigorosa.

"O participante dessa novena gozará de boa saúde e será bem sucedido no seu trabalho", informou-nos o Sr. Joaquim Ribeiro de Sá, fazendeiro no Município de Olímpia e festeiro de São João.

ORAÇÕES A SÃO JOÃO BATISTA

Nossas pessoas rezam ou carregam junto ao corpo orações, para a defesa da saúde e também contra os inimigos ou espíritos do mal. Essas orações se multiplicam com muita facilidade, pois são cedidas de uma para outra pessoa.

Na cópia delas, já aparecem as primeiras alterações, uma

letra ilegível é substituída por outra, a ponto de a oração perder o seu sentido primeiro. O mesmo ocorre na transmissão oral. Para essas pessoas as orações de São João são virtuosas, mas para que não percam seus poderes, devem ser copiadas na noite de 23 para 24 de junho. Entre os mais simples religiosos, são escritas para repousarem dentro de saqu沿海 (patuá) amarrado ao pescoço das crianças, ou dobrados em bolso de paletós e vestidos, carteira de dinheiro ou forro de chapéus. As pessoas mais animadas, e de boa memória, procuram decorá-las, mas fazem muito "segredinho" para ensiná-las a alguém.

Nosso povo põe toda a sua crença nas orações, algumas até absurdas, que surgiram e continuam surgindo e não se sabe como.

1 - O que fazes, João, lavando o Senhor no Rio Jordão? Vês, João, que aí vêm teus inimigos? Deixá-los vir, Senhor, olhos terão, por mim passarão; pés terão não me conseguirão; mãos terão, não me pegarão; pois eu, Senhor, com as armas de São Jorge estou armado, com o sangue de Cristo batizado, com o leite da Virgem borrifado, na barca de Noé embarcado. Assim, Senhor, meus inimigos não poderão matar-me nem ofender-me, nem meu sangue derramar. Ó fonte, ó fonte de Davi! Livrai-me, meu Jesus de Nazaré! Livrai-me do Ferrabrás. Tendo Jesus a meu lado quem poderá ofender-me? A cruz do Senhor caia sobre mim, quem nela morreu responda por mim para que meus inimigos não se cheguem a mim. Amém.

2 - O Santo Precursor andava pelas cidades, chamando a todos para que fizessem penitência dos seus pecados. Batizava nas águas do Rio Jordão e alimentava-se de mel e gafanhotos.

São João Batista, que andou pelo mundo, anunciando a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, como vós, ando arrependido dos meus pecados. Ando e andarei na fé de Cristo, sob vossa proteção. Meus inimigos não me verão, não me perseguirão, não me alcançarão. Estou protegido pelo vosso cajado, estou mergulhado nas águas do Jordão, estou escondido no deserto.

Sois a voz que clama no deserto, sois a voz que anuncia o reino de Deus. Sois a voz que atemoriza, espanta e afasta os meus inimigos. Ordena aos meus inimigos que eles se arrependam dos pecados. São João Batista protegi-me, amparai-me e guiai-me. Amém.

3 - Primeiro o galo cantou e São João levantou para ir ao Rio de Jordão. Chegou e encontrou com a Virgem Maria. Nossa Senhora perguntou:

— Aonde vai, João?

— Vou à procura de Vós.

— Vai rezar, vai tirar orações para livrar de teus inimigos.

Virgem Maria, mãe de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. Na casa onde estiver esta oração, mulher não morrerá de parto nem criança morrerá pagã. Não terá coração bravo nem criança violenta.

Esta casa tem quatro santos: São Jorge, São Lucas, São Mateus e a Santíssima Trindade. Virgem, meus inimigos têm olhos não me verão; têm boca não me falarão; têm pés não andarão; têm mãos não me pegarão. Com o poder da Santíssima Trindade serei guardado para sempre. Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Amém.

4 - Santo precursor, que mereceu de Cristo ser escolhido para preparar os homens ao caminho da Redenção, que batizou a Jesus por suas mãos no Rio de Jordão, descendo sobre ele o Santo Espírito em forma de pomba; que foi o primeiro neste mundo a saudar o Redentor, alegrando de contentamento ainda no ventre materno, quando Maria Santíssima visitou a vossa Mãe, Santa Isabel; dignai interceder por mim, para que alcance do Redentor perdão de todos os meus pecados. A vós entrego a guia da minha alma e do meu corpo, para não ter pensamentos desonestos ou contrários à doutrina católica que professo, em virtude das santas águas do Batismo com que fui regenerado do pecado original, para merecer a glória da vida eterna. Amém.

5 - Meu Sinhô São João Batista, que andou por este mundo, amansando os burros e as pessoas brabas, peço que abraque meus inimigos, para que eles não cheguem até mim.

6 - Valha-me senhor São João Batista que me disseram prós meus inimigos. João a minha espera no Rio Jordão. Eles virão bravos, mansos ficarão. Serão cortados de coração, quebrados de pé e mão. Não terão pernas que me alcançarão, nem braços que me ofenderão e nem olhos que me enxergarão. Com faca, porrete ou arma de fogo não me ofenderão. Serei coberto com o manto de Nossa Senhora da Conceição. Amém.

7 - Reza-se um Pai-nosso e uma Ave-maria, dizendo em seguida: me vale meu Jesus da paz da minha guia. Que a Virgem Maria Santíssima jogue pólvora pra diante e chumbo pra trás. Ela foi virgem no parto, sempre virgem ela é. Me livrai meu corpo de pau, faca e arma de fogo. Me vale meu senhor São João Batista, São Pedro e São Paulo. São Pedro, São Paulo e São João Batista me livre em roda de meu corpo em três pontíssimo.

Meu corpo será guardado com o leite de Nossa Senhora e o sangue de Jesus Cristo. Me vale Nossa Senhora. Amém.

8 - Para rezar no mês de junho:

Encontrei Nossa Senhora
Com seu rosário na mão
Eu pedi o rosário a ela
Ela me disse que não
O rosário tem sete voltas
Em forma de um coração
Numa ponta tem São Pedro
Na outra tem São João
Ao meio tem Santo Antônio,
Padroeiro da oração.

9 - Oração antes de dormir

Para ser rezada durante o mês de junho

Ao redor da minha casa
Tem três conquista
São Pedro, São Paulo
E São João Batista
Na porta da sala,
Jesus coroado,
Na porta do meio
Jesus crucificado
Na porta da cozinha,
Senhor dos Passos
Que me livre de feitiço,
De reza brava
E de oiá de atravessado
Breve divino, Cordeiro da Cruz,
Que me livre de todos males
Meu bom Jesus
Deus adiante e o Pai na guia,
Quem me guarda
É Deus e a Virge Maria.

NOTA: O dia 24 de junho — Dia de São João — é apropriado para o benzimento das lavouras, como dos locais em que estas serão plantadas. O benzedor, de posse de três tições apagados, retirados da fogueira de São João, coloca um tição em cada canto, deixando-se um canto livre, por onde serão expelidos todos os males da lavoura ou das terras: pestes, danificações, invejas, etc. Serve também para que não falte chuva e haja abundante colheita. Pondo-se de joelhos, faz o Sinal da Cruz, e fazendo cruces no ar com cipó-de-são-joão amarrado em forma de cruz, reza-se:

10. Cristo veio em paz. Deus se fez homem. O verbo se fez carne. Cristo foi crucificado. Cristo foi morto. Cristo foi sepultado. Cristo ressuscitou. Cristo subiu ao

céu. Cristo governa. Cristo nos defende de todos os males. Com o patriarca São José e o divino São João, padroeiros da lavoura, esta lavoura está livre contra pragas, animais daninhos, inveja, ladrões e da seca da destruição. Amém. (Pai-nosso, Ave-maria e Credo). Repete-se três vezes.

Depois enterra-se a cruz de cipó num buraco feito no próprio local onde se rezou. Basta um só benzimento.

Os tições serão recolhidos e guardados para serem queimados na fogueira do próximo São João.

MEDICINA FOLCLÓRICA LIGADA A SÃO JOÃO

A medicina folclórica é muito antiga e foi demasiadamente empregada nos séculos passados. Ainda nos dias de hoje está em pleno vigor.

Quando uma doença simples, ou de difícil cura, aflige uma pessoa, leva-a naturalmente a procurar recursos para sarar, utilizando-se de agentes vegetais, animais e místicos. Estes últimos, principalmente, são procurados entre os benzedores, buscando a proteção de amuletos e orações. É então a medicina folclórica teológica.

Os benzedores negam-se peremptoriamente a passar a terceiros suas orações, sob a alegação de que perderão com isso o poder miraculoso a elas emprestado. Os benzimentos são realizados com orações ditas milagrosas, orações fortes.

Há pessoas crédulas, de todas as camadas sociais, que afiançam os resultados dos benzimentos. E isto basta para reforçar a eficácia das orações, chás, remédios, simpatias e dar fama ao benzedor, que é favorecido por uma poderosa força de sugestão.

PARA CRIANÇA ANDAR

1 - No pé de cipó-de-são-joão, rasga-se a moita ao meio, formando um espaço que dê para a criança passar. A criança passará por este buraco durante três dias. Depois é só amarrar o cipó e deixá-lo secar no próprio pé.

2 - Arruma-se cipó-de-são-joão e faz-se uma roda. A mãe põe a criança em pé, dentro da rodilha, primeiramente no limiar da porta da sala. A benzedora com um machado, bate-o sobre o cipó, porém, sem cortá-lo e pergunta: Que corto? A mãe responde: Medo. A benzedora então diz: Medo eu corto em nome de São João.

Faz-se este trabalho durante três dias seguidos: no 1.º dia na porta da sala, no 2.º na porta do meio e no 3.º dia, na porta da cozinha.

SIMPATIA PARA CURAR BRONQUITE

No lugar onde se fizer a fogueira de São João, faz-se um buraco bem fundo e nele coloca-se uma moringa nova, cheia de água. Tampa-se o buraco e faz-se a fogueira naquele local. Após a celebração do terço, acende-se a fogueira e, no outro dia, antes do sol sair, tirar a moringa do buraco e dar a água, para tomar, a uma pessoa que sofra de bronquite, mas sem que ela saiba do ocorrido.

XAROPE PARA BRONQUITE

No dia de São João, pega-se o cipó-de-são-joão e o põe para ferver. Depois de fervido, pôr um quilograma de açúcar e deixar ferver até engrossar. Coar e engarrafar. Dar três vezes ao dia à pessoa.

BENZIMENTO DE DESTRONCADO

Veio de São Simão. São Romão veio de Roma aqui para ser São João Batista. Para benzer carne quebrada, osso torto, nervo rendido, veia magoada. Isto mesmo que eu coso.

(Repetir três vezes, costurando, com uma agulha e linha, um pedacinho de pano sem uso).

ENCEFALALGIA

Quem sofre constantemente de dor-de-cabeça (encefalalgia), no amanhecer do dia de São João, antes do sol nascer, deverá encher uma bacia de água limpa e lavar o rosto. Durante a lavagem deverá dizer: Que São João deixe nestas águas o mal que me atormenta.

CONTRA ERISPELA

Jesus e São João iam andando por um caminho. Jesus perguntou a João:

— João, você viu alguma coisa em Roma?

— Eu vi zipela, queimadura e vermelhão no corpo.

— O que mais?

— O povo morrendo de zipela, queimadura e vermelhão no corpo.

Volta então, João. Com os poderes de Deus, da Virgem, volta e cura a zipela, queimadura e vermelhão no corpo.

(Se o doente for mulher deve rezar um Pai-nosso. Se for homem, rezar uma Ave-maria).

SIMPATIA PARA CURAR ICTERÍCIA

No dia de São João, ao meio-dia, arrumar um cipó-de-são-joão e fazer nove rodilhas, passando a pessoa doente, três vezes, em cada rodilha. Depois de nove dias, jogar as rodilhas de cipó num córrego, sem olhar para trás. A tirixa desaparecerá.

CURAR FERIDAS

Coloque um copo de água para ferver. Quando estiver fervente, pôr 10 (dez) flores-de-são-joão e retirar do fogo. Conservar a vasilha tampada por alguns minutos. Coar, umedecer um pano e passá-lo levemente sobre a ferida.

CURAR VITILIGO (VITILIGEM)

Macetar 250 (duzentos e cinquenta) gramas de flor-de-são-joão e pô-las em 1 (um) litro de aguardente. Deixar o litro enterrado durante 7 (sete) dias. Tomar, diariamente, 5 (cinco) gotas da infusão, em jejum. Somente as gotas, não diluídas em água. As manchas, aos poucos, desaparecerão.

CURAR QUEBRANTO

Deus quando andou no mundo encontrou com (nome da pessoa), sentado numa pedra, gemendo e chorando.

Jesus lhe perguntou:

— O que tem, (fulano)?

— Quebrante e maloiado.

— Quem te maloiô?

Foi home ou foi miúê?

Branco ou preto?

Vão ou moço?

Que vai todo esse mal para as ondas do mar. Que o corpo de (fulano) é pobre e não pode te agüentar.

(Se a doença já é de muitos dias, repetir três vezes esta benzeção, uma vez cada dia, rezando, a seguir, um Pai-nosso e

uma Ave-maria a São João Batista).

CURAR TOSSE

Coloque numa vasilha um litro de água, um copo de açúcar e vinte flores-de-são-joão. Deixar ferver bem, até engrossar um pouco. É ótimo xarope para combater a tosse.

POMADA DE MANJERICÃO

(para os cabelos)

Para que essa pomada tenha eficácia e resolva o problema de cabelos secos e rebeldes, é preciso que seja preparada no dia de São João.

Põe-se numa frigideira um pedacinho de banha de porco, sem sal, com um punhado de manjeriço. Deixe fritar. Depois coe numa peneirinha ou pano bem fino. Guarde num vidro de tampa. Use um pouco dessa pomada no cabelo. Além do brilho, perfuma-o e o torna macio.

BATISMO LAICAL

O natimorto ou a criança que morre antes de ter sido batizada, não deve ser enterrada sem o batismo. Os pais da criança convidam, para padrinhos, um casal casado no civil e no religioso.

O padrinho segurará uma vela acesa, enquanto a madrinha com um copo d'água, diz, em voz alta, três vezes, aspergindo a água sobre ela: assim como São João batizou a Jesus no Rio Jordão, eu te batizo (fulano) em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Rezam em seguida o Credo e o Pai-nosso.

Se o natimorto for menino, deverá ser batizado com o nome de Pedro. Se for mulher, com o nome de Maria.

Se não houver cemitério próximo, essa criancinha é enterrada ao pé de uma cruz. E, inexistindo a cruz, enterram-na em outro local, fincando, a seguir, uma cruz sobre a sepultura, como marco do seu desaparecimento.

ESMOLARIA

É costume de esmoleres pedir em nome dos santos. São João é santo predileto dos pedidores de adjutório.

Carregam uma pequena imagem do santo ou estampa em quadro com moldura e vidro. Batem às portas das casas e se atendidas, dizem: Dá esmola pra São João.



As pessoas quando podem atender o pedido, recebem o santo, levam-no para dentro de casa, beijam-no às vezes, e o devolvem ao pedinte, acompanhado de uma pequena esmola em dinheiro, ou em outro gênero: um pouco de arroz, ou de feijão, ou de café ou de açúcar, ou barra de sabão, para exemplos. O dinheiro recebido é guardado em embornal que os mendigos tra-

zem a tiracolo e os outros adjutórios, numa sacola.

Esta difícil arte de pedir para si, em nome do santo, é uma atividade de mulheres idosas e muito pobres.

Quando recebem o óbolo, agradecem, meigamente, com as palavras: São João lhe pague e lhe dê vida e saúde.

FOLIA DE SÃO JOÃO

Tenho tido a fortuna de relacionar-me com os moradores de Olímpia e deles receber preciosas informações acerca das Foliás que em determinadas épocas do ano homenageiam, popularmente, alguns santos católicos. As foliás mais comuns são as de Santos Reis, realizadas no ciclo de Natal. Mas há, também, as de Santo Amaro, São Sebastião, Divino Espírito Santo, São Benedito e São João Batista.

É curioso observar o ritual da Folia de São João de Olímpia, aliás, a única cidade brasileira que ainda apresenta essa modalidade de folguedo folclórico.

De sete em sete anos é um festeiro encarregado pela realização da festa. Logo, percebe-se, que se trata de pagamento de promessa. O ciclo joanino para estas Foliás é de onze dias, iniciando-se a 14 e prosseguindo até o dia 24 de junho, dia do Santo, quando se realiza a chegada da bandeira à casa do festeiro.

No dia 14 de junho, à noite, reúnem-se todos os foliões na casa do festeiro, rezam um terço, beijam a bandeira, despedem da família e saem, primeiramente pelos campos, deixando a cidade para os últimos dias da peregrinação.

Enquanto percorrem a zona rural, dormem e alimentam-se na casa das pessoas devotas do santo.

O pagamento de uma promessa a São João é sempre relacionada com os problemas da lavoura. Nem por isso as moças deixam de colocar fotografias ou mechas de cabelos na bandeira para resolverem problemas de casamento. E as mulheres colocam fitas, peças de roupas de crianças e fotografias, buscando resolver problemas de saúde. Esses ex-votos não podem ser retirados da bandeira. Cairão por si mesmos.

COMPONENTES DA FOLIA

Uma folia de São João Batista resolve-se com 10 (dez) pessoas, mas o grupo sempre deve contar com algumas reservas, para substituição de pessoas, quando necessário. É muito difícil a participação da mulher nesses grupos, mas vez ou outra, encontramos crianças.

Compõe-se a Folia de São João dos instrumentos viola, violão, violino, banjo, cavaquinho, acordeão, pandeiro e caixa. O conjunto coral é formado pelo mestre, contra-mestre, ajudante de contra-mestre, contralto, quarta voz, quinta voz e taleiro. Geralmente os instrumentistas são, ao mesmo tempo, os cantadores. Aparece ainda na folia, o bandeireiro (alferes, o que transporta a bandeira), o macuco (macaqueiro, encarregado de transportar o adjutório que não tenha sido em dinheiro) e o portador (emissário, pessoa responsável para levar as mensagens do grupo). A folia é acompanhada, também, pelo gerente, quase sempre o promesseiro de São João, promotor da festa.

Não há mascarados (palhaços) no grupo, como ocorre nas foliás de reis.

Todo o itinerário a ser percorrido pela folia é a pé. Nos casos de doença a pessoa poderá usar um meio qualquer de transporte.

Os adjutórios em dinheiro são entregues, diretamente, ao gerente da folia.

Desenhada em tecido branco, a bandeira traz, ao centro, São João Batista retratado ainda menino. É assim que ele aparece nas estampas e imagens. Difícilmente encontramos desenhos de São João com o semblante de moço ou velho. Sempre de criança.

BANDEIRA DE SÃO JOÃO



Um carneirinho e uma cruz completam o quadro. Não entendemos bem a razão do aparecimento da cruz, uma vez que ela se tornou símbolo religioso após a morte de Cristo, e São João faleceu antes de Jesus. A presença do carneirinho explica-se. Isaías pinta o Messias futuro com o cordeiro sacrificial que sofre pelos pecados dos homens (Isaías, 53 - 6s). Assim, São João Batista chamou Nosso Senhor "O Cordeiro de Deus" (Jo 1, 29 - 36), palavras que o celebrante católico repete na missa, antes da comunhão enquanto segura a hóstia sagrada na mão.

Também no Apocalipse, Nosso Senhor é chamado Cordeiro (5, 6; 13, 8; 14, 1). Cordeiro é símbolo de inocência, mansidão e obediência. A fita vermelha presa ao pescoço do carneiro, na estampa de São João, é símbolo do amor.

FOLIA DE SÃO JOÃO DA FAMÍLIA MIRANDA

A mais antiga Folia de São João de Olímpia é a da Família Miranda, outrora residente no distrito de Ribeiro dos Santos e hoje radicada no Bairro de São José, em nossa cidade.

A companhia compõe-se de excelentes instrumentistas e cantadores e possui o maior número de toadas referentes ao santo.



FOLIA DE SÃO JOÃO - FAMÍLIA MIRANDA

TOADA DE SÃO JOÃO
(Peditório)

São João Batista,
Batista João,
Suspende a bandeira
No Rio de Jordão,
Ai, ai . . .

São João Batista,
Batista João,

Batizou Jesus
No Rio de Jordão,
Ai, ai . . .



Se São João soubesse
Qual era o seu dia
Descia do céu
Com prazer e alegria,
Ai, ai . . .

Pedimos oferta
Com muita alegria
Pra rezar o terço
Quando for seu dia
Ai, ai . . .

Quando recebe a oferta, o grupo canta:

TOADA DE AGRADECIMENTO

Entra o mestre cantando o "replay"

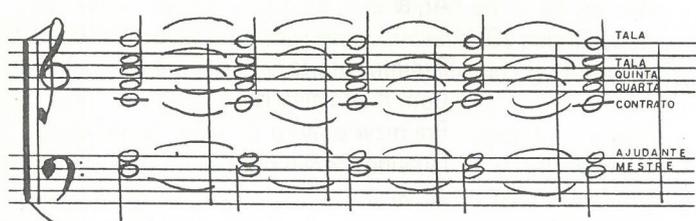


Depois o ajudante e o "contrato", juntos com o mestre, repetem este "replay".





até o momento da tala, quando entram as outras vozes: mestre, ajudante, "contrato", quarta, quinta e talas.



Gardecemo a rica oferta,
Gardecemo a rica oferta,
Muito bem agardecido,
Muito bem agardecido,
Oi, ai. . .

São João lhe abençoô,
São João lhe abençoô,
Lá no céu é protegido,
Lá no céu é protegido,
Oi, ai. . .

CHEGADA DA FOLIA DE SÃO JOÃO NA CASA DO FESTEIRO

Ao meio-dia do dia 24 de junho a Folia chega à casa do festeiro. Para esta cerimônia trajam-se adequadamente, usando uniformes novos, muito bem confeccionados: botinas marrons, calças e camisas brancas, casquete ou chapéu panamá branco, fita vermelha de cetim atravessada sobre o peito, cravo vermelho sobre o bolso esquerdo da camisa, toalha branca no pescoço. Os instrumentos, são bem enfeitados com flores de papel e fitas de pano, de variadas cores. É tradição levar junto à folia um carneirinho branco com uma fita vermelha no pescoço. À chegada, há grande foguetório.

O promotor da festa recebe a bandeira e os foliões cantam, expressando sua alegria pelo cumprimento de mais uma promessa:

Sarve o dono da festa
Muito bom de coração
Já chegamo em sua casa
Co'a bandeira de São João.

Deus serve nobre festeiro
Deus te ponha a benção
São João é sua guia
E também dos folião.

E continuam cantando por algum tempo.

Na festa realizada pelo senhor Valdevino de Sousa (Divino Salvador), em Olímpia, em 1985, na situação de festeiro e ao mesmo tempo mestre da folia, ele recitou, após à cantoria, as seguintes estrofes do nascimento de São João:

NASCIMENTO DE SÃO JOÃO

Deus Jeová completou
A Zacaria e Isabel
Que ela daria à luz um filho
Enviado pelo Pai do Céu.

Seus vizinho e parentes
Ouviru que o Senhor tinha assinalado
Que pela sua misericórdia
Nasceria um filho santificado.

Foi então no oitavo dia
Que foro "circundar" o menino
Zacaria, o nome do seu pai,
Pra crescer no bom destino.

Sua mãe tão satisfeita
Ficô naquela opinião,
Mas de nenhuma sorte,
Ele será chamado João.

O povo todo dizia
Esse nome na geração não hai,
Perguntaro por aceno
Ao seu querido pai.

Como queria que chamasse
Aquele filhinho seu,
Ele pediu uma tabinha,
O nome de João escreveu.

O povo se admiraro
Dos milagre que recebeu,
E abrindo a sua boca
Sua língua desprende.

E falava bem, dizendo
Em redores da Judéia,
Que abençoasse o menino
Pra crescer com boa idéia.

Quem julgar este menino
Que o anjo adora no céu,
Bendito seja Jeová,
Zacaria e Isabel.



Folia de São João do Divino Salvador

BANQUETE DE SÃO JOÃO

Cumprindo-se a primeira parte da chegada, que é a louvação cantada, o festeiro ordena ao chefe da cozinha a distribuição da comida. No quintal, em grandes mesas, é distribuída a alimentação ao povo. Os foliões têm sua mesa especial. São os primeiros a tomarem seus lugares. Depois os espaços das outras mesas são destinados às crianças. À medida que os foliões e crianças vão saindo, são convidadas as demais pessoas para o banquete a São João. Comidas há em grande quantidade. São servidos, em grandes vasilhas: arroz, feijão, carne assada de vaca e de porco, leitoa assada, cabrito assado, frango cozido, tutu de feijão, farofa, macarronada, carne com batatinha e pão caseiro. Bebida alcoólica não é servida na festa. Mas refrescos, refrigerantes, água, café e chá, em abundância. O povo come à tripa forra. O chefe do banquete e os cozinheiros (a maioria por promessa) sofrem demais para darem conta do recado. E assim prossegue o almoço que se estende até a boca da noite. Todos são bem servidos.

ENTREGA DA BANDEIRA

Às dezenove horas, os foliões reiniciam suas atividades, cantando na casa do festeiro às pessoas que queiram pagar promessas, segurando a bandeira e dando-lhe uma oferta em dinheiro.

Às vinte horas tem-se início o terço cantado, pelo rezador, foliões e devotos.

Ao término do terço os foliões encerram a sua função, cantando para entregar a bandeira ao dono da festa:

Meu senhor dono da casa
Cumprimo a obrigação,
Guarde a santa bandeira
Do amado São João.

Deus do céu que le ajude,
Nossa Senhora também,
Adeus meus irmão, adeus,
Até pr'ó ano que vem.

A seguir, há enorme foguetório e o erguimento do mastro. Cumprida a parte religiosa, São João continua sendo festejado com alegrias transbordantes de um deus admirável. Acende-se a fogueira para afugentar os males. Há novamente a distribuição de farta alimentação: quitandas variadas, doces diversos, podendo, a partir dessa hora servir bebidas de pouco teor alcoólico: quentão, licores, etc. Café, chocolate quentinho. Muita música, danças, sortes para casamento, banhos no rio, prognóstico de futuro, etc. Termina assim a festa de aniversário de São João, que coincide com o solstício de inverno.

FOLIA DE SÃO JOÃO DA FAMÍLIA SILVA

A Folia de São João da Família Silva da atual Vila Garcez,

de Olímpia, difere das outras duas companhias existentes. O conjunto se compõe de uma viola, um violão, dois pífaros, um chocalho, um reco-reco, um triângulo e um bumbo executados ao estilo baiano.



Família Silva - 1987

Cantam somente o mestre e o seu ajudante.

Ao saírem da casa do festeiro, antes do beijamento da bandeira, cantam:

Reunimo os companhero, ai, ai (bis)
Com prazer e alegria, ai, ai (bis)
São João saiu pr'ó mundo, ai, ai (bis)
Com muita sabedoria, ai, ai (bis)
Vai saí essa bandera, ai, ai (bis)
Com muita fé e harmonia, ai, ai (bis)
São João veio no mundo, ai, ai (bis)
Veio fazendo a lovação, ai, ai (bis)
São João batizô Cristo, ai, ai (bis)
E Cristo batizô São João, ai, ai (bis)
Os dois foro batizado, ai, ai (bis)
Nas águas do rio Jordão, ai, ai (bis)

Quando chegam numa casa e o grupo é recebido, primeiramente cantam esta toada:



Lá no céu desceu um anjo
Zacaria foi encontrá
Ai, meu Deus,
Zacaria foi encontrá.

Sua esposa Isabel
Um filho ela terá
Ai, meu Deus,
Um filhco ela terá.

Esse anjo desceu do céu
Foi fazer uma visita
Ai, meu Deus,
Foi fazer uma visita.

O nome que lhe dará
É o nome de João Batista
Ai, meu Deus,
É o nome de João Batista.

Esse anjo desceu do céu
Deixô o povo com muita fé
Ai, meu Deus,
Deixô o povo com muita fé.

Por ser ele enviado
Encontrou Maria, em Nazaré
Ai, meu Deus,
Encontrou Maria, em Nazaré.

E a seguir, canta o peditório:

Vei pedi sua oferta, ai, ai (bis)
Pr'ó festejo do seu dia, ai, ai (bis)
Vai pedi um donativo, ai, ai (bis)
Em nome da companhia, ai, ai (bis)
São João andô no mundo, ai, ai (bis)
Ele é um Santo milagroso, ai, ai (bis)
Ele sai e pede oferta, ai, ai (bis)
Ele é Santo poderoso, ai, ai (bis)
São João andô pr'ó mundo, ai, ai (bis)
Vei uma estrela na guia, ai, ai (bis)
Ele sarva e pede oferta, ai, ai (bis)
Gerarmente pra família, ai, ai (bis)

Recebe a oferta e canta esta outra toada:

São João evai s'embora, ai, ai (bis)
Ai, precisa de viajá, ai, ai (bis)
São João evai saíno, ai, ai (bis)
A fita vai arreando, ai, ai (bis)
Quem tivé sodade dele, ai, ai (bis)
Vai atrás acompanhano, ai, ai (bis)
Vós pegô essa bandera, ai, ai (bis)

Veja que bandera é essa, ai, ai (bis)
É o senhor São João Batista, ai, ai (bis)
Vei cumpri sua promessa, ai, ai (bis)
Recebeu São João Batista, ai, ai (bis)
Na bandera da folia, ai, ai (bis)
Gardecemo a rica oferta, ai, ai (bis)
Com prazer e alegria, ai, ai (bis)
Convida todos devoto, ai, ai (bis)
Pr'ó festejo do seu dia, ai, ai (bis)

Antes de sair da casa, o gerente da folia reafirma o convite, dizendo o dia, o horário da festa e o endereço do festeiro.

Caso a pessoa visitada tenha alguma promessa a cumprir, colocando na bandeira uma flor ou outras peças votivas, o grupo ainda agradece, cantando:

Sua promessa está no céu, ai, ai (bis)
Com prazer e alegria, ai, ai (bis)
Senhora que está ajoeiada, ai, ai (bis)
Nessa hora vô cantá, ai, ai (bis)
Sua promessa está no céu, ai, ai (bis)
Vai podê se descansá, ai, ai (bis)
Tá entregue lá pra Deus, ai, ai (bis)
Ai, ela foi pra bom lugá, ai, ai (bis)

Ocorre, às vezes, o devoto de São João pedir aos foliões para cantarem a uma pessoa finada, da família. Os foliões atendem:

Agora vamos cantá, ai, ai (bis)
Pr'ó irmão desencarnado, ai, ai (bis)
Desencarnô e foi pro céu, ai, ai (bis)
Ai, o seu tempo foi marcado, ai, ai (bis)
Essa arma tá no céu, ai, ai (bis)
Com Jesus crucificado, ai, ai (bis)
Recebeu essa bandera, ai, ai (bis)
Nessa hora de agonia, ai, ai (bis)
Oferecemo pr'essa arma, ai, ai (bis)
Um Padre-nosso e Ave-maria, ai, ai (bis)
São João que le ajude, ai, ai (bis)
Toda hora e todo dia, ai, ai (bis)

Nesta hora, ajoelham-se, silenciam os instrumentos e, em voz alta, todos rezam um Pai-nosso e uma Ave-maria pela alma do finado.

TOADA PEDINDO JANTAR E POUSO

A folia conta com uma pessoa encarregada de levar as mensagens do gerente. Esse emissário recebe, no grupo, o nome de portador. Entre suas incumbências estão a de pedir um almoço ao grupo, jantar e também um pouso. O portador leva o recado com bastante antecedência a fim de que os hospedeiros de São João possam preparar-se para a recepção.

Registramos as letras das toadas, de pedido de jantar e pouso, bem como a de agradecimento.

PEDIDO

Aqui vem São João Batista, ai, ai (bis)
Cansado de viajá, ai, ai (bis)
Vei le pedi um poso, ai, ai (bis)
E tamém um bão jantá, ai, ai (bis)
Qué sabê vossa resposta, ai, ai (bis)
Se vós pode arranjá, ai, ai (bis)
Aleluia, Aleluia, ai, ai (bis)
Senhora de Nazaré, ai, ai (bis)
Vós me guarde essa bandera, ai, ai (bis)
Té amanhã se Deus quisé, ai, ai (bis)
Quando é amanhã cedo, ai, ai (bis)
Nós torna a percurá, ai, ai (bis)

O dono da casa guarda a bandeira. Os foliões lavam o rosto e as mãos e logo após é servida a refeição. Conversam um pouco e cuidam logo de dormir, pois a jornada é muito cansativa.

No dia seguinte, bem cedo, tomam o café e antes da partida, agradecem, cantando:

Bençoada seja a mão, ai, ai (bis)
Ai, que guardô nossa bandera, ai, ai (bis)
Vai ficá na lembrança, ai, ai (bis)
Essa famia ordera, ai, ai (bis)
Lá no Céu vai ganhá sarva, ai, ai (bis)
Ai, de Rainha verdadeira, ai, ai (bis)
Gardecemo o rico poso ai, ai (bis)
Que vós deu pra companhia, ai, ai (bis)
São João que le ajude, ai, ai (bis)
Ai, o senhor e a famia, ai, ai (bis)
Gardecemo a rica janta, ai, ai (bis)
Que matô a nossa fome, ai, ai (bis)
Ai, bençoada seja a casa, ai, ai (bis)
Adonde os meus folião come, ai, ai (bis)
Vai saí essa bandera, ai, ai (bis)
Vós quera me descurpá, ai, ai (bis)
Ora deu gente daqui, ai, ai (bis)
Ai, moradô desse lugá, ai, ai (bis)
São João é milagroso, ai, ai (bis)
Ele só faz é caridade, ai, ai (bis)
É o padroero de Olímpia, ai, ai (bis)
É o padroero da cidade, ai, ai (bis)

Novamente, o gerente agradece a oferta que pode ser dada em dinheiro, ou uma vaca, frango, arroz ou outros gêneros, e reforça o convite para o dia da festa.

BANDEIRA ESCOTEIRA

Alguns promesseiros de São João preferem sair somente com a bandeira do santo, para pedir esmolas para a realização do terço. Assim sendo, a bandeira é chamada de Bandeira Escoteira.

Os devotos apanham a bandeira e passam-na nos cômodos, especialmente sobre as camas, pedindo a São João que lhes dê saúde e retire os males da casa. As pessoas dão três beijos no santo e passam sob a bandeira, para serem protegidos e abençoados.

Com as esmolas arrecadadas, realizam um terço no dia 24 de junho, chantam o mastro, acendem a fogueira e soltam fogos de artifício.

Embora essas manifestações simples sejam a parte mais importante da festa, os promesseiros oferecem aos convidados algumas guloseimas: bolos, roscas, pães, doces, pipoca e amendoim torrado. É muito quente, é claro, para aquecer o frio.



Sem as guloseimas típicas, a festa perderia um pouco de sua graça, de sua alegria.

SUPERSTIÇÕES, CRENDICES, SIMPATIAS E SORTES NAS FESTAS EM LOUVOR A SÃO JOÃO EM OLÍMPIA

As superstições, crendices, simpatias e sortes entremeiam a festa joanina, pois a seu culto se ligam as funções afrodisíacas. São inúmeras e variam de família a família. A maioria dessas práticas brasileiras ligadas ao santo de junho é de origem portuguesa.

Todas exercem grande entusiasmo à juventude que, por curiosidade, se põe a experimentá-las. Versam sobre o amor, casamento, proteção à saúde, aos bens, trabalhos da lavoura e predizem a morte. O principal objetivo é o amor e, a preocupação central, o casamento.

As moças são as que mais depositam crença nessas práticas inocentes.

É intensa a relação delas. Fizemos seu registro (e o de suas variantes), durante alguns anos, nas festas de São João em Olímpia, para que o tempo não se encarregasse de levá-las ao esquecimento.

1 - O menino que nascer no dia 24 de junho, para ser bem sucedido na vida, deverá receber o nome de João Batista.

2 - A pessoa que nascer na noite de São João terá muitos poderes, inclusive o de curar os males dos semelhantes.

3 - Arrumar namorado no dia de São João é certo casar-se com ele.

4 - A moça que comer o bico (ponta) do pão, na noite de São João, se casará com um médico.

5 - A pessoa que morrer no dia de São João, receberá o perdão de todos os seus pecados.

6 - As pessoas que são devotas de São João não morrerão assassinadas.

7 - Na época da festa de São João, ele dormirá durante três dias, porque se souber que os festejos são para ele, ficará tão orgulhoso que poderá perder a alma.

8 - Após haver rezado o terço, os devotos, em procissão, darão três voltas em torno da casa com a bandeira de São João (ou a dos 3 santos). Além da homenagem que se presta ao santo, é, ainda, o momento de bênção sobre a casa e a família.

9 - O festeiro que fizer jejum durante os três dias que antecedem a São João alcançará graças, desde que solicitadas ao santo.

10 - Ao levantar, no dia de São João, da primeira pessoa encontrada, solicitar-lhe o nome. Este será o nome da pessoa com quem o agente se casará.

11 - Na noite de São João, à meia-noite, a pessoa preparará pelas ruas: São João, com quem me casarei? (3 vezes). A pessoa receberá de alguém, invisivelmente, o nome da pessoa com quem contrairá matrimônio.

12 - Soltar fogos na noite de São João, além de homenagear o santo, serve para afugentar o demônio, que está solto naquela noite.

13 - Na noite de São João, quando estiverem soltando balão, pensar numa coisa que mais deseja. Se o balão alçandar, acontecerá o que a pessoa pensou. Se incendiar, tristeza e frustração no sorteio. Certamente o experimentador ficará solteiro para sempre.

14 - Não se deve soltar muitos fogos no dia de São João, porque ele está dormindo. Se ele acordar, de tanta alegria, porá fogo ao mundo.

15 - Na noite de São João, olhar nas águas de uma cisterna. Se a pessoa não enxergar o rosto, morrerá naquele ano.

16 - Na noite de São João, à meia-noite, olhar numa cisterna. Se vir um caixão, morrerá solteiro. Se aparecer uma noiva, se casará naquele ano.

17 - Ao amanhecer o dia de São João, olhar em uma bacia d'água ou em um riacho. Se a imagem se refletir, a pessoa continuará vivendo. Em caso contrário, morte breve; se olhar de braços abertos e enxergar-se de braços cruzados, morte na certa naquele ano.

18 - Pôr, no sereno, uma bacia com água. No outro dia, logo de manhã, antes do sol nascer, dar uma olhada na superfície da água. Se não aparecer a imagem, a pessoa morrerá.

19 - Quem quiser saber o tempo que lhe resta, é só puxar um balde de água de uma cisterna e olhar nele, à meia-noite. Se vir a imagem, a pessoa ainda viverá muito tempo. Em caso contrário, morte.

20 - Para saber se a pessoa alcançará outro São João, na madrugada do dia do santo, ir ao córrego e olhar nas águas. Se aparecer a imagem inteira da pessoa, é certo de que estará viva no próximo São João. Se avistar o corpo, porém, sem a cabeça, morrerá antes da próxima festa joanina.

21 - No dia de São João, de madrugada, olhar-se nas águas de um rio ou numa bacia d'água. Se a pessoa vir as orelhas, não morrerá. Se enxergar apenas uma, não assistirá a outra festa de São João.

22 - Deixar no sereno uma bacia com água. De madrugada olhar dentro dela. Se vir a sombra, alcançará o próximo São João. Em caso contrário, morrerá antes.

23 - No dia de São João, antes do nascimento do sol, olhar nas águas correntes. Se a pessoa vir sua sombra continuará com vida. Se não a vir, morrerá naquele ano.

24 - Na manhã de São João, antes do raiar do sol, amarrar sobre a cabeça uma grinalda feita com um ramo de são-caetano. Dirigir-se ao córrego e olhar em suas águas. Se aparecerem as orelhas, a pessoa morrerá.

25 - Derreter estanho em uma colher e despejá-lo numa bacia d'água. Ele formará as iniciais do nome da pessoa com quem se casará. Se formarem flores de laranjeira, estas também indicam casamento.

26 - Para garantir chuvas, levar, em procissão, à meia-noite, a imagem de São João a um rio e dar-lhe um banho.

27 - Dar banho na imagem de São João, no seu dia, e não enxugá-la, faz com que a chuva não falte.

28 - Casas que têm muitas pulgas, percevejos, chupanças e baratas, devem ser lavadas com água colhida no córrego, no alvorecer do dia de São João, para afugentar estes insetos.

29 - No dia de São João, antes do sol sair, ir a um córrego e lavar a cabeça, para ter saúde naquele ano.

30 - No dia 24 de junho, quem lavar o rosto nas águas correntes, antes do sol nascer, não ficará enrugado.

31 - Quem não pode tomar banho, deve tomá-lo, pelo menos, no dia de São João, para que goze saúde o ano todo.

32 - No dia de São João, levar a imagem do santo a um córrego, mergulhá-la nas águas e pô-la sobre a cabeça de todas as pessoas presentes, para abençoá-las.

33 - Tirar três brasas da fogueira e colocá-las debaixo do travesseiro. Rezar para São João mostrar, em sonho, o moço (ou moça) com quem se casará.

34 - No dia de São João, a zero hora, colocar brasas da fogueira em um tablado. A pessoa que tenha fé, se passar em cima das brasas, descalça, não se queimará e nem sofrerá males da pele.

35 - Na noite de São João, pula-se a fogueira em nove pessoas. Ao terminar, pega-se um carvão da fogueira e joga-o atrás de uma porta. O agente ouvirá o nome da pessoa com quem se casará.

36 - Na véspera de São João, a pessoa solteira que fizer uma fogueira, deverá correr três vezes em volta dela, dizendo: São João, Santo Antônio e São Pedro, e jogar uma moeda na fogueira. No dia seguinte, quando ela já estiver apagada, retirar a moeda, que deverá ser dada ao primeiro pedidor de esmolas. A inicial do nome do esmoleiro será a inicial do nome do namorado (ou namorada).

37 - Quem pular a fogueira de São João será feliz o ano todo.

38 - A família que não acender uma fogueira a São João, terá a casa rondada pelo diabo, durante toda a noite.

39 - Pega-se um pouco de cinza da fogueira e amarre num papel. Colocá-lo debaixo do travesseiro. A pessoa sonhará com quem irá se casar.

40 - Pegar três tições da fogueira de São João para colocá-los em três cantos da roça. Um canto permanecerá livre para dar saída a todo mal. É com um desses tições que o lavrador dará início à queimada para o preparo do terreno do novo plantio.

41 - Depois da festa de São João, pegar um tição da fogueira e guardá-lo. Quando vier tempestade, pôr o tição no fogo. Quando pegar fogo, pô-lo à porta da sala. A tempestade se abrandará.

42 - Deve-se guardar um tição da fogueira joanina para utilizá-lo nas noites de temporal. Basta jogar este tição no terreiro, que a tempestade cessará.

43 - Os carvões que restaram da fogueira de São João têm o poder de amainarem os temporais, se forem queimados durante os mesmos.

44 - Para que não gore nenhum ovo da galinha que está chocando, colocam-se três carvões da fogueira de São João no ninho.

45 - Pegar um carvão da fogueira de São João e colocá-lo debaixo do travesseiro. A pessoa sonhará com quem irá se casar.

46 - Na passagem de São João, à meia-noite, dar uma volta em torno da fogueira. Colher um punhado de cinzas dela e colocar sobre um papel. Dar mais duas voltas, recolhendo cinzas. Depois, embrulhar as cinzas no pacote, envolvê-lo num pano branco e colocá-lo debaixo do travesseiro. O agente sonhará com a pessoa com quem se casará.

47 - Retirar da fogueira de São João nove carvões, bem pequenos, e carregá-los na carteira. Nunca faltará dinheiro à pessoa.

48 - Enterrar no local onde será acesa a fogueira de São João, um litro de mel. Decorridos nove dias, este litro de mel será desenterrado. É bom para curar bronquite. Basta que se dê ao doente, uma colherinha do mel, em jejum, todos os dias.

49 - Na noite de São João, à meia-noite, pular a fogueira de mãos dadas com o rapaz querido, proporcionará casamento imediato.

50 - Levantar cedo no dia de São João, sem conversar com ninguém. Ir à fogueira, apanhar, com a mão, um punhado de cinzas. Rezar três Pai-nossos e jogar as cinzas para trás, mas sem olhar. Ir a uma bica, lavar o rosto três vezes, beber três goles de água e rezar mais um Pai-nosso, oferecendo-o a São João Batista. A pessoa se defenderá de todos os males.

51 - Quem sofrer reumatismo e tiver fé em São João, se passar a fogueira, descalço, não se queimará e ficará curado.

52 - Em noite de São João passa-se um ramo de manjeriçã na fogueira e atira-o sobre o telhado. Se na manhã seguinte o manjeriçã ainda estiver verde, o casamento é com moço; se estiver murcho, será com velho.

53 - Para que os carneiros sejam sadios, no dia de São João, colocar no bebedouro, três carvões, retirados da fogueira.

54 - Coloca-se água dentro de um copo e passe-o sobre a fogueira de São João. A pessoa solteira enche a boca de água e esconde-se atrás de uma porta que dê para a rua. O primeiro nome que ouvir pronunciar, será o nome da pessoa com quem se casará.

55 - Devem ser recolhidos os carvões da fogueira de São João para serem enviados a parentes e amigos, a fim de que estes tenham uma vida longa.

56 - Colocar uma vela nova em um prato cheio d'água. Acendê-la e deixar cair na água tantos pingos quanto for a idade do agente. Estes pingos unir-se-ão e formarão a inicial do nome da pessoa com quem o agente irá contrair matrimônio.

57 - À meia-noite de São João, colocar água numa bacia, acender uma vela nova com uma caixa de fósforo do qual nenhum palito tenha sido tirado. Pronunciar três vezes as frases, enquanto os pingos da vela caem dentro da bacia: São João, meu protetor, formai as iniciais do meu amor. Os pingos se unem e formam as iniciais da pessoa com quem o agente se casará.

58 - As velas que continuarem acesas no altar, após a celebração do terço de São João, serão removidas para o pé do mastro, para que o santo se alegre e abençoe as pessoas.

59 - Apanhar um espelho, uma caixa de fósforo e uma vela. Acender a vela, à meia-noite, e olhar no espelho. Se for casar naquele ano, aparecerá, no espelho, o noivo. Caso contrário, aparecerá um caixão mortuário. O espelho, a vela e a caixa de fósforo devem ser virgens (sem uso).

60 - À meia-noite, com um espelho e uma vela, em um quarto escuro, a pessoa acenderá esta e sob sua luz, olhará no espelho. Se a pessoa tiver que casar, aparecerá a imagem de uma noiva (ou de um noivo). Se a pessoa tiver que morrer solteira, refletirá a imagem de um caixão mortuário.

61 - Compra-se um espelho, um lenço branco e uma vela. No dia de São João, à meia-noite, sem olhar para o espelho, limpe-o com o lenço. Acenda a vela e, por último, olhasse no espelho. Aparecerá o rosto da pessoa com quem irá se casar. Se nada aparecer, a pessoa morrerá solteira.

62 - Comprar um espelho virgem, uma vela virgem e uma caixa de fósforo. À meia-noite, na passagem de São João, acender a vela e olhar no espelho. O agente verá a pessoa com quem vai casar-se.

63 - Comprar um espelho virgem e uma toalha nova. No dia de São João, à meia-noite, com a toalha no pescoço, olhar no espelho. Se a imagem não se refletir, a pessoa morrerá.

64 - No dia de São João, olhar num espelho ainda sem uso, à luz de uma vela que deverá ser oferecida ao santo. Em vez de seu rosto ser refletido, o agente verá o rosto do seu eleito(a).

65 - No dia de São João, a vela derretida em um prato d'água poderá formar a letra inicial do nome do futuro marido.

66 - Compra-se um espelho e um pente sem uso. À meia-noite, da noite de São João, ir a uma encruzilhada. Chegando, olhar no espelho. Se vir uma pessoa, é com ela que irá se casar. Se vir um caixão de defunto, irá morrer naquele mesmo ano.

67 - Na noite de São João compra-se um espelho, sem ter sido usado. À meia-noite, o consulente verá o rosto da pessoa com quem se casará.

68 - Quem quiser sonhar com a pessoa com quem irá se casar, na noite de São João, após haver rezado as orações, faz-se o seguinte pedido: "São João Batista! São João Batista!

Nesta noite eu hei de sonhar com quem vou me casar."

69 - Quem puser uma chave debaixo do travesseiro na noite do dia 23 de junho e rezar a São João, verá em sono, a pessoa com quem irá se casar.

70 - Colocar 7 grãos de milho debaixo do travesseiro, na passagem de 23 a 24 de junho. A pessoa sonhará com quem irá casar-se.

71 - Três dias antes de São João, contar nove estrelas, três noites em seguida. No dia de São João, sonhará com a pessoa com quem irá casar-se.

72 - Na noite de São João apanhar uma espiga de milho e colocá-la debaixo do travesseiro. O agente sonhará com a pessoa que virá buscar esta espiga. Este será o eleito para o casamento.

73 - Para uma pessoa saber se está próxima a se casar, plantar três dias antes de São João, três cabeças de alho. Quantas cabeças de alho aparecerem nascidas no dia de São João, serão os anos da espera do casamento. Se nenhuma germinar, a pessoa se casará naquele ano.

74 - À meia-noite de São João, plantam-se três dentes de alho, cada um com o nome de uma pessoa. Aquele que brotar, é com quem a pessoa irá se casar. Se não brotar nenhum, com nenhum deles a pessoa se casará.

75 - Na véspera de São João, à meia-noite, plantam-se três dentes de alho, marcando em cada um o nome de um rapaz. O que amanhecer brotado no dia seguinte, ou seja, no dia de São João, é o nome do rapaz com quem a agente se casará.

76 - Plantar na véspera de São João uma cabeça de alho. Se brotar no outro dia de manhã, a pessoa se casará no mesmo ano.

77 - Se quiser saber quando irá se casar é só pegar um dente de alho e passá-lo, ligeiramente, na fogueira de São João, à meia-noite. Depois plantá-lo. Se o dente de alho brotar, a pessoa se casará no mesmo ano.

78 - Plantar três dentes de alho em canteiros diferentes, cada um com um nome de pessoa de quem realmente goste. O alho que brotar primeiro, indicará o nome da pessoa com quem o agente se casará.

79 - Na noite de São João, à meia-noite, planta-se um dente de alho, pensando na pessoa com quem quer se casar. Se o dente de alho brotar, o casamento é certo.

80 - Na véspera de São João, à meia-noite, se uma moça quiser saber se casará, basta plantar dois dentes de alho numa vasilha qualquer. Se no dia seguinte amanhecerem nascidos, ela se casará. Em caso contrário, não se casará nunca mais.

81 - Plantar um dentinho de alho. Quantos dias levar para brotar, tantos anos levará a pessoa para casar-se.

82 - Na passagem da noite de São João, a pessoa escolherá três dentes de alho (dentes grandes) e em cada um fará uma marquinha simbolizando o nome de um pretendente. Pôr os dentes de alho num copo de água e deixar passar a noite. No outro dia, de manhã, o dente de alho que brotar, revelará o nome da pessoa com quem o agente se casará. Se nenhum deles brotar, a pessoa, então, morrerá solteira.

83 - Planta-se um dente de alho em louvor a São João, no dia 23 de junho. Se ele amanhecer chocho, a pessoa obtém o que deseja.

84 - Cortar, na touceira, a metade das folhas das cebolinhas verdes. No que restou, amarrar uma fita de cada cor, com os nomes de rapazes. No outro dia, o broto que estiver maior, será o do nome do rapaz com quem a agente se casará.

85 - Na véspera de São João, pegar três pés de cebolinha, limpar os troncos e amarrar em cada pé o nome de um rapaz querido. Molhar bem e, no dia seguinte, o broto que estiver maior indicará o nome do rapaz com quem se casará.

86 - Pegar três pés de cebolinha e deixar os troncos bem limpinhos. Amarrar em cada pé uma fita com o nome das pessoas queridas. No dia seguinte, o brotinho que estiver maior, in-

dicará o nome da pessoa com quem se casará.

87 - Na noite de São João tomam-se três pratos: um sem água, outro com água limpa e o terceiro com água suja. A pessoa aproxima-se com os olhos vendados e põe a mão sobre um deles. Se puser a mão sobre o prato sem água, não haverá casamento. Se a mão cair no prato de água suja, o casamento será com viúvo. Se for no prato de água limpa, será casamento com solteiro.

88 - Colocar água dentro de um copo e passá-lo, em cruz, sobre a fogueira. Em seguida, quebrar dentro dele um ovo (clara e gema) e guardá-lo em um oratório. No outro dia, de manhã, poderá surgir um dos seguintes desenhos: um navio (que significa viagem), uma igreja (que significa casamento) ou um caixão (que significa enterro).

89 - Quebrar um ovo, retirar-lhe a clara e colocá-la num copo d'água, deixando-o dormir, toda a noite, no sereno. No dia seguinte, se estiver formado o desenho de uma igreja e de uma noiva, a pessoa se casará. Se aparecer o desenho de um caixão, a pessoa não alcançará mais que um ano de vida.

90 - Na noite de São João pôr sobre a mesa três pratos. No primeiro colocar flores, no segundo água e no terceiro um terço. Depois colocá-los sobre cadeiras. A pessoa de olhos vendados, escolherá uma das cadeiras, colocando-se atrás dela. O resultado será o seguinte: prato de flores - casamento; prato de água - viagem e terço - ingresso na vida religiosa.

91 - Colocar uma clara de ovo dentro de um copo d'água e deixar pousar no sereno. No dia seguinte aparecerá um desenho. Se for navio - viagem; se for véu - casamento; se for cruz - morte e, se cama - doença.

92 - Na noite de São João pegam-se três batatas. Uma será totalmente descascada, a outra somente descascada pela metade e a terceira sem descascar. Em cada batata escreve-se o nome de uma pessoa querida. Jogue-as debaixo da cama. No outro dia, a batata que a pessoa pegar, com os olhos fechados, conterá o nome da pessoa com quem se casará.

93 - Na noite de São João pega-se três grãos de feijão; sendo um inteiro, um descascado, e outro cortado pela metade. Embrulham-se os três em pedaços de papel e colocam-nos debaixo do travesseiro. Na manhã seguinte tira-se um. Se for inteiro, casar-se-á com um homem rico; se for descascado, com um homem pobre; se for cortado, com um homem de posição média.

94 - Na noite de São João a pessoa deverá apanhar três grãos de feijão. O primeiro será descascado inteirinho e representa a pessoa pobre. O segundo será descascado pela metade e representa a pessoa de situação financeira média. O terceiro ficará com a casca e representa a pessoa rica. Colocar o três grãos de feijão debaixo do travesseiro, antes de ir dormir. No dia seguinte, de manhãzinha, sem levantar o travesseiro, pega-se um deles. A pessoa ficará sabendo a situação financeira do moço (ou moça) com quem se casará.

95 - Em uma peneira reunir limões verdes, meio maduros, maduros e podres. Misturá-los bem. Vedar os olhos de uma pessoa solteira e pedir-lhe que apanhe um dos frutos. Se a pessoa retirar um limão verde, casar-se-á com um moço de pouca idade; se o limão for meio maduro, com um moço de meia idade; se for maduro, com um velho e se for o limão podre, a pessoa morrerá solteira.

96 - Em noite de São João, fazer um pirão com um pouco de farinha e pôr dentro dele um caroço de milho. Com os olhos fechados, divide-se o pirão em três porções. Uma será colocada na porta da rua, a outra sob o leito e a terceira na porta do quintal. Se o grão de milho for encontrado na porta da rua, é sinal de próximo casamento. Se for encontrado sob o leito, o casamento será demorado. E se estiver na porta do quintal, não há possibilidade de casamento.

97 - No dia de São João, pega-se uma xícara e coloca-se nela uma clara de ovo. Deixe-a passar a noite no sereno. No dia

seguinte, antes do apontar do sol, olha-se ao fundo da xícara. Se aparecer um navio, significa uma viagem. Se for o rosto de uma mulher, está será a futura esposa. E se aparecer um caixão fúnebre, acontecerá uma tragédia na família, etc.

98 - Pegar três pires virgens (sem uso), um com pétalas de rosas, outro com terra e o último com chaves. A pessoa, com os olhos vendados, tocará num dos pires. Se tocar no pires de rosas, naquele ano se casará. Se tocar no pires de terra, morrerá. Mas se tocar no de chaves, enriquecerá.

99 - Prende-se um bode no portão da casa, das 22 horas até a meia-noite. Se ele berrar menos de três vezes, o agente ficará solteiro. Se berrar três vezes, a pessoa se casará com uma pessoa rica. Se berrar mais de três vezes, a pessoa se casará e ficará viúva em menos de três anos.

100 - Na noite de São João dão-se nós frouxos nas quatro pontas do lençol, tendo-se previamente escrito nelas o nome de quatro pessoas queridas. Ao amanhecer, o nó que estiver desmanchado, indicará o nome do futuro esposo (ou esposa).

101 - Na noite de São João, escreva em papéis o nome de rapazes (ou moças). Enrole-os e os coloque num prato fundo, cheio de água, no sereno. O papel que amanhecer mais aberto é o do rapaz (ou moça) com quem o agente se casará.

102 - Pôr embaixo da cama, num copo d'água, três papéis escritos com nome de meninos. No outro dia, o papel que estiver aberto revelará o nome do futuro marido.

103 - Escrever em papezinhos o abecedário. Colocá-los numa vasilha com água, no sereno. Ao amanhecer, antes do nascer do sol, retirar os que estiverem abertos e com eles formará o nome da pessoa com quem irá se casar.

104 - Enrolar em papezinhos o nome de pessoas queridas. Colocar os papéis em um prato cheio d'água, que passará a noite no sereno. Logo de manhã, a pessoa encontrará um só papelzinho aberto, com o nome do futuro esposo (ou esposa).

105 - Colocar num prato com água, três pedaços de papel dobrados, cada um com o nome de uma pessoa. Deixar pousar no sereno. No outro dia, o papel que estiver aberto trará o nome da pessoa com quem irá casar-se. Se nenhum papel abrir-se, então o agente não se casará com ninguém.

106 - Na noite de São João escrever em pedaços de papel diversos nomes de mulheres. Depois dobrá-los e colocá-los num recipiente com água. Deixar passar a noite. No outro dia, o papel que se abrir, dirá o nome da futura esposa.

107 - Na noite de São João, para saber com quem se casará, escrever cinco nomes de rapazes, um em cada papel. Dobrá-los e pô-los em uma bacia d'água e deixá-los à noite ao tempo. O que amanhecer desdobrado (aberto), indicará o nome do futuro marido.

108 - Na noite de São João, à meia-noite, escrever em papéis, o nome de três moços (ou moças), com o carvão da fogueira de São João. Colocá-los debaixo do travesseiro. No dia seguinte, antes do sol nascer, abrir os papezinhos. O nome que estiver mais legível, será o da pessoa com quem o agente irá se casar.

109 - Escrever em papezinhos o nome dos moços (ou moças) que se tem em mira. Colocá-los, fechados, debaixo do travesseiro. À meia-noite, retirar um papelzinho. O nome que estiver ali gravado é o da pessoa com quem irá casar-se.

110 - Três nomes de pessoas amadas deverão ser escritos em pedacinhos de papel e colocados dentro de uma latinha. Após agitar repetidas vezes a vasilha, jogar um papelzinho atrás da porta da igreja, outro no fogo, e o que sobrar deverá ser posto debaixo do travesseiro, para ser aberto no dia seguinte. A pessoa lerá neste papel o nome do eleito (ou da eleita) para o casamento.

111 - Escrever em três papéis, o nome de três pessoas. Depois de enrolá-los, pôr um atrás da porta da igreja, outro na parte central (nave) e o que ficar, será aberto ao chegar ao altar. Este indicará o nome da futura esposa (ou esposo).

112 - Escrever, em papezinhos, o nome de três pessoas amadas. Dobre-os e os coloque no sereno, sobre um esticador de uma cerca ou no caixão de uma cisterna. No dia seguinte, o papelzinho que amanhecer aberto indicará o nome da pessoa com quem o agente se casará.

113 - As moças que quiserem casar, devem colher flores-de-são-joão, na noite deste santo, e escrever com elas o nome do namorado.

114 - Depois de haver lavado o rosto na água, bem de manhã, fazer com o cipó-de-são-joão uma coroa para cada pessoa. À hora que o sol sair, guardá-las. A coroa servirá para livrar a pessoa contra os males. Nos dias de chuva deve ser colocada no quintal, para evitar tempestades.

115 - Dizem que São João não podendo estar na terra na noite de seu dia, fez nascer a flor-de-são-joão, da cor de fogo, para representá-lo.

116 - A pessoa que colher flor-de-são-joão, à meia-noite, em ponto, do dia 23 de junho, ficará rica.

117 - Flor de cipó-de-são-joão colhida na noite de São João e guardada na carteira, servirá para chamar dinheiro.

118 - O remédio caseiro feito com o cipó-de-são-joão, no dia 24 de junho, servirá para curar tosse e bronquite.

119 - No dia de São João enrolar três flores-de-são-joão numa nota de dinheiro de pequeno valor e pregá-la atrás da porta de entrada da casa. Nunca faltará dinheiro à família.

120 - No dia de São João colher nove flores-de-são-joão e carregá-las dentro da carteira de dinheiro. Não faltará dinheiro à pessoa.

121 - Ao amanhecer do dia 24 de junho, aos primeiros raios de sol, tomar um banho com cipó-de-são-joão, pois esta planta tem o poder de afastar os malefícios.

122 - À meia noite do dia de São João, surram-se as laranjeiras (ou videiras) para dar frutos dobrados, dizendo: Laranjeira, laranjeira, /Essas varadas / São para que no próximo ano / Dê laranjas dobradas.

(Se for uma videira, dizer videira em lugar de laranjeira).

123 - Na noite de São João, corta-se a casca de mangueira para que na próxima carga dê frutos dobrados.

124 - As árvores frutíferas que não produzem, no alvorecer do dia de São João, se forem surradas com uma vara, passam a produzir logo.

125 - Árvores de mau crescimento ou de tronco muito fino, poderão desenvolver-se, se na véspera de São João forem rasgadas suas cascas.

126 - Para que uma laranjeira produza frutos virtuosos, com propriedades de curar problemas ligados ao estômago ou pulmões na noite de São João, fazer no seu tronco uma cruz com pregos enferrujados ou arrancados de uma tábua de igreja velha.

127 - No dia de São João, surrar o tronco de uma roseira ou qualquer árvore frutífera, com uma varinha. A produção do ano seguinte será abundante.

128 - Quem, no escuro, na noite de São João, tirar uma pimenta verde de uma pimenteira, casar-se-á com moço. Se for encarnada, com velho.

129 - A samambaia produz flores somente à meia-noite do dia 23 de junho. Estas flores são muito perfumadas e não têm vida além de alguns minutos. Quem vir uma flor de samambaia será feliz para sempre.

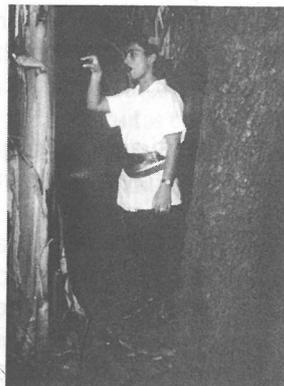
130 - Escrever o nome de todas as frutas em pedaços de papel. Dobrar os papéis. Fazer um pedido a São João e sortear um deles. A fruta sorteada não deverá ser comida até o ano seguinte, no dia de São João. Cumprindo a promessa, o Santo atenderá ao pedido.

131 - Na noite de São João, à meia-noite, enfiar uma faca numa bananeira. Ela verterá uma pequena quantidade de água. Essa água, se for passada na cabeça de alguém, evitará o embran-

quecimento dos cabelos.

132 - No dia de São João, à meia-noite, pega-se uma faca virgem e, sem conversar com ninguém, finca-a numa bananeira. No outro dia, antes do sol sair, tira-se a faca da bananeira e nela verá as iniciais do nome da pessoa com quem irá casar-se.

133 - Para saber com quem vai casar-se, à meia-noite, na passagem de São João, enfiar uma faca na bananeira. No outro dia, antes do sol nascer, retirar a faca do tronco e nela sairão as iniciais do nome da pessoa com quem se casará.



134 - A zero hora do dia de São João, a pessoa que estiver à procura de um casamento deverá enfiar uma faca numa bananeira e retirá-la logo depois. Na lâmina da faca aparecerá, em letras visíveis, o nome da pessoa com quem o agente se casará.

135 - No dia de São João, à meia-noite, enfiar-se uma faca em uma bananeira e sai correndo, sem olhar para trás. No outro dia, ao se levantar, retirar a faca e nela estará escrito o nome da pessoa com quem irá casar-se.

136 - Enfiar uma faca, ainda não usada, à meia-noite, em uma bananeira. Ela formará, no tronco da bananeira, as iniciais do nome da pessoa com quem o agente se casará.

137 - Deixar uma faca virgem pousar, na noite de São João, no tronco de uma bananeira nova. Retirá-la, de manhã, antes que raie o sol. As iniciais do futuro noivo (ou noiva) aparecerão na lâmina da faca.

138 - À meia-noite, na passagem da noite de São João, enfiar três facas virgens numa bananeira. Ir para casa dormir, sem conversar com ninguém, até o sol nascer. Retirar as facas. Uma delas trará o nome do rapaz (ou moça) com quem se casará.

139 - Na noite de São João, a pessoa que quiser ter o cabelo enrolado, basta lavar a cabeça em um rio. Depois cortar as pontas do cabelo e enterrá-las em uma bananeira. No dia seguinte, o cabelo ficará enrolado como o de São João.

140 - Dizem que é bom cortar uma mecha de cabelo e enterrá-lo ao pé do mastro, para o cabelo crescer.

141 - Quem quiser que os cabelos cresçam lisos e depressa, cortar, na noite de São João, uma mecha e enterrá-la dentro do tronco de uma bananeira.

142 - As pessoas que quiserem que seus cabelos fiquem ondulados, é só cortá-los na noite de São João.

143 - As pessoas que tenham cabelo liso, se cortá-lo, à meia-noite (noite de São João) por uma mulher de cor negra e de nome Maria, daquele dia em diante o cabelo nascerá crespo.

144 - Para ter-se o cabelo enrolado igual ao de São João, é preciso ir de madrugada a um pasto e molhar bem o cabelo com as gotas de orvalho. Assim que o cabelo estiver seco, ele ficará enrolado.

145 - É bom cortar o cabelo de criança no dia de São João, para ficar enrolado.

146 - As moças que quiserem ter cabelos longos e bonitos, no amanhecer do dia de São João, cortam-se-lhes as pontas.

147 - Depois de erguido o mastro de São João, bater sete vezes num pilão ao seu redor, para que encontre logo a pessoa com quem se casará.

148 - Após o terço em homenagem a um dos três santos, suspender o mastro, pegar vela acesa e tentar colá-la no pau do mastro. Se a vela colar, a pessoa se casará e, em caso contrário, morrerá solteirona.

149 - Colocar no mastro dos santos caipiras, logo abaixo das estampas, uma espiga de milho, uma penca de laranjas ou de outras frutas ou cereais, em saquitéis. É muito bom para haver fartura de alimentos na casa da pessoa que glorifica os santos.

150 - Das espigas de milho que foram amarradas no mastro, uma deve ser retirada três dias depois, debulhada e misturada às sementes que vão ser plantadas. O lavrador colherá um milharal sadio, livre de pragas.

151 - Sete grãos de milho, tirados da espiga que se colocará no mastro, se postos debaixo do travesseiro, na noite de São João, a pessoa verá, em sonho, o futuro marido.

152 - Subir no mastro de São João e colocar um balãozinho em sua parte superior, tornará a vida bastante longa.

153 - A bandeira do santo permanecerá no mastro de um São João a outro. Depois será retirada e queimada. As cinzas serão enterradas ao lado do mastro ou atiradas em água correntes, no dia de São João.

154 - Uma pessoa pequena, cujo crescimento se tenha retardado, depois de acesa uma fogueira, correrá em torno de uma casa, acossado por uma mulher portadora de chicote. O crescimento é certo e rápido.

155 - Cortar uma vara verde e passá-la nas cinzas de uma fogueira de São João. Logo após dar uma surra (leve) em pessoa de raro crescimento, ela se desenvolverá.

156 - Uma pessoa de ruim crescimento, no dia de São João, ao levantar-se, deverá cortar uma bananeira. Quando a bananeira crescer novamente, a pessoa também crescerá.

157 - Uma pessoa de ruim crescimento deverá pegar um prato de sal e, à meia-noite, correr três vezes em volta da casa, dando chicotadas no chão. A pessoa verá a mula-sem-cabeça e crescerá, de tanto susto.

158 - Ao meio-dia em ponto do dia de São João, coloca-se uma bacia d'água no sol e joga-se dentro dela uma clara de ovo. Se a pessoa que o fizer for se casar, aparecerá o retrato do noivo.

159 - Se quiser saber se vai casar ou morrer naquele ano, à meia-noite da véspera de São João, pegar um ovo e pô-lo em um copo com um pouco de água, e colocá-lo no sereno. No outro dia antes do sol nascer, olhar o copo. Se a clara estiver separada da gema, naquele ano o agente se casará; se estiver junto com a gema, morrerá.

160 - Na véspera de São João, colocar um copo de água até ao meio com uma clara de ovo. Tampá-lo com um lenço e colocá-lo perto da fogueira. Dar três voltas em roda desta, rezando um Pai-nosso e Ave-maria. Depois descobrir o copo. O desenho que se formar com a clara é o que acontecerá com a pessoa durante o ano.

161 - Antes de dormir, partir ao meio um ovo cozido. Tirar-lhe a gema e comer a clara com sal. A pessoa dormirá com sede. O moço (ou moça) com quem deverá casar-se, virá à noite, em sonho, dar água à pessoa.

162 - Na noite de São João colocar num prato novo, cheio de água, duas agulhas novas. Se as agulhas se juntarem, a pessoa se casará naquele ano.

163 - Apanhar duas agulhas, à meia-noite, e colocá-las em um prato d'água, uma de cada lado. Se elas se unirem, o agente casará. Em caso contrário, morrerá solteiro.

164 - No dia de São João um casal de namorados colocará agulhas em um prato de água, ao sol do meio dia. Se as agulhas se unirem - casamento, se afastarem - rompimento do namoro.

165 - Num copo d'água, colocar um fio de cabelo da moça

e uma aliança benta. Segura-se a aliança pelo fio de cabelo. Quantas vezes a aliança bater na beirada do copo, representa quantos anos a pessoa vai demorar para casar-se.



166 - Na noite de São João passa-se sobre a fogueira um copo d'água. Coloca-se no copo, sem que atinja a água, uma aliança presa por um fio. Tantas são as pancadas dadas pelo anel nas paredes do copo, quantos os anos que a pessoa terá que esperar pelo casamento.

167 - Colocar em um copo d'água, à meia-noite precisamente, uma aliança amarrada por um fio de linha. A aliança baterá no copo diversas vezes. O agente, através das batidas da aliança, saberá com quantos anos irá se casar. Se a pessoa não for destinada ao casamento, ficará sabendo com quantos anos irá morrer.

168 - As pessoas que têm verrugas poderão curá-las se passarem sobre elas folhas do primeiro ramo que encontrarem no dia de São João.

169 - No dia de São João, pegar um mosquito e tirar-lhe a cabeça. Pôr o corpo num pedaço de papel e amassá-lo. Formará, no papel, a inicial do nome do moço com quem se casará.

170 - O devoto de São João fará promessa para ser cumprida em um ano, como por exemplo: A pessoa escreverá num papelzinho os nomes das coisas que mais gosta (doces, frutas, etc.). Reza-se a São João e faz o sorteio. Se, por acaso, for sorteado doce de leite, a pessoa ficará um ano sem comê-lo (de um São João ao outro). Quem assim agir, basta fazer um pedido qualquer que São João atenderá.

171 - Trancar-se, sozinho, num quarto. Instalar uma mesa aparelhada para refeição a duas pessoas. A roupa da cama e a da pessoa serão totalmente brancas. Uma vela acesa permanecerá à cabeceira da cama. À meia-noite, o agente levanta-se e vai tomar assento à mesa. Aparecerá, a essa hora, a imagem da pessoa sorteada para o casamento.

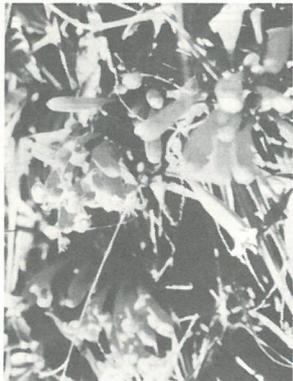
172 - Em noite de São João o experimentador, tendo jejuado durante o dia, escolherá bocados de cada prato das refeições, para guardá-los. À noite, prepara-se uma mesa no quarto de dormir e guarnece-a com os bocados, como se esperasse algum conviva. Dormindo, em sonho, a pessoa verá o noivo (ou noiva) sentar-se à mesa.

173 - Para saber se uma pessoa morrerá antes do próximo São João, reúne-se o pessoal, em pé, em torno de uma mesa da sala ou da cozinha. A dona da casa, colocará num prato uma colher de açúcar e um pouco de álcool (ou aguardente) e deitará fogo. Apagam-se as luzes e vai mexendo com o garfo a mistura do prato. Cada pessoa vai ganhando uma coloração amarelada ou roxa. Quem conseguir a coloração mais roxa no rosto, não conseguirá assistir à outra festa de São João.

NO CIPÓ-DE SÃO JOÃO, A FLOR DO SANTO

O cipó-de-são-joão ou flor-de-são-joão (*pyrostegia venusta*) é trepadeira de folhagem permanente, não muito densa, que

crece no máximo até cinco metros. Suas folhas se dividem em três folíolos, sendo que o terminal geralmente se transforma em gavinha com a qual a planta se prende ao suporte. As flores tubulares, com base amarela e extremidade vermelha, surgem em grande quantidade em meados de junho. Guardam em si um suave mel, muito procurado pelas crianças. Os caules formam raízes quando alcançam o solo, dando origem a novas plantas. Essa é a forma mais fácil de multiplicar a *Pyrostegia*, uma vez que suas sementes são de curta durabilidade.



Esta planta, além de se prestar à fabricação de chazinhos e xaropes contra algumas doenças, à aplicação em simpatias e benzimentos para cortar o medo infantil de andar, à atração de dinheiro ao seu portador, serve, ainda, para a confecção de cestos. Os cestos de cipó-de-são-joão, em nossa cidade, são feitos pelo senhor Otávio da Costa, de 47 anos, olimpiense, mestre de uma secção de artesanato das Oficinas Artesanais da Casa do Menor "Recanto Tia Nastácia", sob a presidência da Sra. Zuleica C. Zangirolami, 1ª. dama do Município.



Artesão Otávio

Os cestos de cipó-de-são-joão são utilitários. Servem para verduras, ovos, pães, quitandas, doces, frutas, etc. Com arranjo de flores artificiais, tornam-se peças ornamentais da casa. Segundo as criadoras de galinhas, os ninhos para as chocas devem ser feitos nos cestos de cipó-de-são-joão, para que não gora nenhum ovo.

CULTO A SÃO JOÃO EM TERREIRO DE UMBANDA

Templo, tenda ou terreiro são sinônimos na Umbanda. Umbanda é palavra de origem oriental e se compõe dos elementos: **Um** (Deus) e **banda** (agrupamento, legião). Pode ser considerada uma religião genuinamente brasileira. Nasceu com os santos católicos que, posteriormente, sincretizaram-se com divindades africanas. É muito rica em rituais, em virtude da presença do elemento africano, desde seu início. Não tem ainda uma codificação, porém, possui um rito e um ritmo que lhe são peculiares e que sofrem pequenas alterações de um para outro terreiro. É

religião espírita, ritmada, ritualizada, de origem euro-afro-brasileira.

O sincretismo católico atingiu tal ponto que é comum cultuar uma mesma entidade de modo indiferente, com nome de santo ou orixá africano, não se podendo, muitas vezes, diferenciar onde terminará um e começa outro. O sentido ecumenista e a divergência de liturgia tendem a se acentuar pela grande disseminação da Umbanda no Brasil e seu respectivo relacionamento com o altar e práticas católicas.

Num terreiro, o mais alto grau hierárquico é o de diretor espiritual, que também é chamado babalaô, pai-de-santo ou pai espiritual. Em se tratando de mulher: ialorixá, mãe-de-santo ou ainda mãe espiritual.

Os orixás (santos) da Umbanda entrelaçam-se na linha de cultuação que apresentam muitas controvérsias em suas denominações e divisões, abrangendo reinos e falanges, de tal modo que não há uma unidade de entendimento, sendo geralmente distribuídos em 7 linhas.

A Umbanda, por ter influído na cultura de ponderável parcela da nossa população, é considerada sob um aspecto folclórico. Nesta perspectiva, ela tem ido até aos palcos de teatro.

Em Olímpia há 12 Terreiros de Umbanda, legalmente autorizados para o exercício da religião. E todos esses terreiros realizam a festa do precursor de Cristo - São João Batista - o padroeiro da boa colheita.

Na Umbanda, São João Batista é considerado patrono dos escritores, livreiros, médicos, cientistas, militares e agricultores. É linha que comanda a cura.

A festa de São João Batista que descreveremos foi pesquisada na Tenda de Umbanda "Caboclo Caramã e Pai Cesário", da mãe-de-santo D. Jesuína de Sousa Silva, em 1970, localizada na Rua Vitória Cisoto, n.º 70, Jardim Cisoto, em Olímpia.

Na Tenda de Umbanda de D. Jesuína, carinhosamente tratada de madrinha pelos adeptos da religião, São João Batista é chamado de **Xangô Agodô**, nome que se estende a São Jerônimo e a São Pedro na hagiologia católica. Seu "trabalho" ocorre às quartas-feiras, das 20 as 22 horas. Porém, a festa especial em louvor ao santo tem início à meia-noite, na passagem de 23 para 24 de junho.

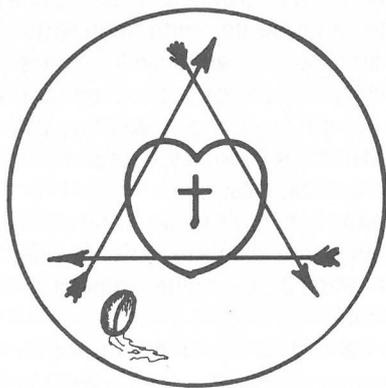
Das 7 linhas de Umbanda diz D. Jesuína, a 5ª. representada por São João Batista é caracterizada pela cor lilás. É linha constituída pela força da justiça. Seu orixá correspondente é Xangô e significa a força que resolve as pendências, dando a quem é devido o que lhe é de direito. É sempre representado como o homem no apogeu do seu desenvolvimento físico e mental, o homem maduro.

A incorporação não se faz propriamente com São João, mas sim com sua falange (de médicos, cientistas e caboclos), que se identifica com o santo.

A Tenda de Umbanda "Caboclo Caramã e Pai Cesário" está toda enfeitada com bandeirinhas juninas, de papel de seda, nas cores branca e lilás. O altar (congá) está preparado. A imagem de Oxalá (Jesus Cristo) em primeiro destaque, vindo em seguida a de Xangô Agodô (São João). As flores artificiais, de papel crepom, brancas e lilás, dão um colorido especial e muita serenidade ao ambiente.

As velas, também de cor branca e lilás, no altar e em alguns pontos de engira, depois de acesas, atuam como agentes focalizadores da mente e auxiliam na concentração ou mentalização.

O terreiro está firmado e a mãe-de-santo, trajada com o uniforme do ritual, entra antes que os médiuns e faz toda a preparação correspondente a defumadores, que visam a purificar esses médiuns, os assistentes e o próprio terreiro. Acende as velas e faz a meditação. Com pomba (giz especial) de cor lilás risca o ponto (símbolo, brasão) dos trabalhos da falange de Xangô Agodô.



(Este ponto riscado é constituído por 3 setas, coração, cruz e círculo - que representam a caridade, e um coité derramando água - simbolizando a cerimônia de batismo).

O nome João é de grande misticismo, pois em sua origem hebraica quer dizer "cheio de graça" e Batista "o que batiza".

Em seguida, entram os médiuns, passam pelo congá (altar) "batem cabeça" e pedem proteção a Oxalá e aos demais orixás da Umbanda e vão para o vestiário trajarem-se com o vestuário apropriado.

A vestimenta para o ritual é totalmente branca com uma fita lilás atravessada ao peito. Usam tênis branco com meias brancas ou ficam descalços, para adentrarem o recinto do templo. Os médiuns, mensageiros de Xangô portam colares (guias) de contas brancas e lilás.

Cada colar (ou colares) tem 150 contas, alternadas: 3 brancas e 3 lilás. A guia é um objeto sagrado, um galardão que indica o grau de filho de fé (médium ou cambono) e serve para neutralizar ou enfraquecer os fluídos menos apreciáveis.

Depois de trajados, os médiuns voltam para seus lugares, na corrente da engira, ali permanecendo até o início do trabalho. Abrem-se as cortinas do altar e da engira.

A mãe-de-santo dá por iniciados os trabalhos, saudando todos os orixás.

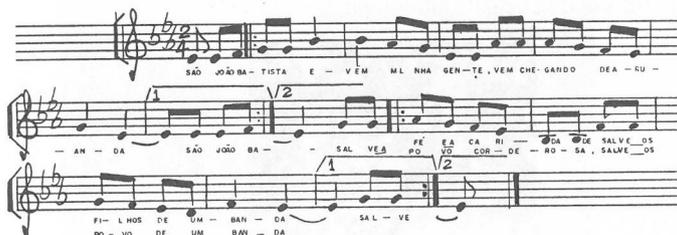
Na saudação a Xangô, a mãe-de-santo diz: Saravá Xangô de Agodô!, colocando a mão direita sobre a esquerda, depois a mão esquerda sobre a direita, voltando a colocar a mão direita sobre a esquerda. Os médiuns respondem: Agodô, eh meu pai!, colocando a mão direita na testa e a esquerda na nuca, depois a esquerda na testa e a direita na nuca, voltando a colocar a mão direita na testa e a esquerda na nuca.



Antes dos guias espirituais incorporaram-se são cantados pontos para que os orixás se aproximem do terreiro para a vibração dos médiuns. A primeira a incorporar-se é a mãe de santo. A seguir, o cambono (auxiliar do médium em transe) oferece o charuto, a bebida e a pomba (se houver necessidade, para corrigir o ponto riscado).

Os trabalhos são acompanhados de cânticos chamados pontos cantados. Então, a curumbeira (puxadora dos pontos) "tira" os pontos saudando alguns orixás, cantados com ritmo marcado por atabaques, tocados pelos ogãs.

Por se tratar de uma sessão especial em homenagem a São João Batista, são cantados mais pontos de sua falange.



São João Batista avém, minha gente, bis
 Vem chegando de Aruanda.
 Salve a fé e a caridade
 Salve os filhos de Umbanda.
 Salve o povo cor-de-rosa,
 Salve o povo de Umbanda.

(Povo cor-de-rosa: crianças)

E o terreiro continua cantando:



Xangô quando entra no reino
 Como é que ele gira com fé
 É Xangô Agodô
 É Xangô Agodô
 É mais um que ele cura
 É mais um que ele salva
 É o rei de Ogum de Cambuí
 Ele é o rei de Ogum de Cambuí. bis

Depois de todos os guias espirituais incorporados o cambono cuida de oferecer-lhes a comida invariável e indispensável à ortodoxia da festa do santo: quibebe de abóbora madura ou doce de abóbora, e como bebida, chocolate.

Em seguida são convidadas as pessoas presentes à festa para a caridade: consultas, tratamento (receituário de banhos são joaneiros), passes mediúnicos, desobsessões, curas, operação espiritual, etc. Primeiramente são chamadas as crianças, depois os adultos. Todos entrarão descalços na engira. Os médiuns dividem a comida de santo aos consulentes.

Após ter dado assistência aos médiuns, os guias sobem. A mãe-de-santo é a última a desincorporar-se, pois a ela cabe dar assistência aos médiuns que necessitarem. São cantados outros

pontos do ritual.



Uma vez desincorporados, passam rapidamente defronte o congá, batem a cabeça, pedem proteção a Oxalá e agradecem os guias espirituais que vieram servir ao trabalho. Saúdam, por último, o terreiro e cantam o ponto de despedida dos filhos de fé.

Após o cântico desses pontos fazem a saudação a Xangô Agodô, cantando outro ponto em seu louvor.

Finalizando, a mãe-de-santo diz: Que Xangô Agodô nos inspire, nos ajude. Que nunca falte o alimento para o estômago da sobrevivência.

E convida a todos a permanecerem em seus lugares para a participação da 2a. parte da festa, uma recepção. Fecham-se as cortinas do altar e da engira.

Servem bolo de farinha de arroz, bolo de fubá, de milho branco, doce de abóbora em pedaços e chocolate quente.

Acendem uma pequena fogueira, soltam foguetes e está encerrada a festa do senhor Xangô Agodô.

JOÃO BATISTA SEGUNDO A DOUTRINA ESPÍRITA

Embora o assunto não se relacione com o folclore, incluímos neste trabalho, **São João e o Espiritismo**, colaboração da olimpiense Profa. Fernanda Paiva Cilurzo Dopp. Nossa intenção é apenas registrar o pensamento deste ou daquele olimpiense para, a final, sabermos o que pensa a coletividade olimpiense sobre o santo padroeiro da cidade.

"Jesus disse: - "Se vós quereis bem compreender, João Batista é o Elias, que há de vir". (Mateus 11, 14 - 15).

Em raras passagens do Evangelho, a lei reencarnacionista permanece tão clara quanto aqui em que o ensino do Mestre se reporta à reencarnação do espírito de Elias em João Batista. Como entender estas palavras?

A teoria da reencarnação ou a pluralidade das existências é a maior prova da justiça de Deus que deixa sempre aberta a seus filhos uma nova oportunidade de resgatar erros. O conceito de Jesus de "cada um colhe o que semeia" em equivalência com outras máximas "a cada um segundo as suas obras" ou ainda "pagará até o último ceutil" evidenciam a presença de um processo legislativo de **causa e efeito** que decorre da própria Lei Única de **ação e reação**. Ninguém é castigado porque peca, assim como ninguém é premiado porque é virtuoso. A Lei do **Karma** é originária do sânscrito, antigo idioma hindu, consagrado nos templos iniciativos ela procede da raiz **Kar** (fazer ou agir) e do sufixo **ma** (o efeito e ação). Assim, o Karma significa a lei em que toda causa gera efeito semelhante, que abrange o próprio destino dos homens, quando todos os atos e todas as causas vividas pelos espíritos em existências físicas anteriores, ficam posterior e hermeticamente vinculados aos seus efeitos semelhantes no futuro.

O próprio espírito, na erraticidade, antes de começar nova existência corporal escolhe o gênero de provas que há de passar e nisso consiste o livre arbítrio. A idéia de que João Batista era o espírito de Elias reencarnado não admite dúvida se lembrarmos a ação exercida por Elias contra os profetas de Baal.

No primeiro livro de Reis 18, 40, encontramos: "E Elias lhe disse: Apanhai os profetas de Baal, e não escape deles nem um só. E tendo-os o povo agarrado, Elias os levou à torrente de Cison, e ali os matou. Desencarnado, Elias se submeteu a uma prova tão rude de, como João Batista, ser também degolado como o foram os profetas de Baal pela mão do próprio Elias. E, se formos mais além nos estudos e pesquisas, podemos fazer alusão a outro nome: Kardec (Léon Hippolite Denizart Rivail).

João é o maior expoente da Profecia, porque profetizou a vinda e a missão do maior dos Enviados. Na Antiga Dispensação, Elias é o mais poderoso dos profetas. Na Nova Dispensação, João Batista, como já foi dito, é o maior. E na Novíssima, Allan Kardec é o elevado bom senso e a sublimação da Profecia. O fato de Allan Kardec ser mais uma reencarnação de Elias implica muita coisa mais que a simples ocorrência reencarnatória. Ele também restaura o Cristianismo, sendo o codificador do Consolador prometido.

Na realidade eis rápidas considerações sobre um profundo assunto que sempre mereceu a atenção dos pesquisadores de textos evangélicos à luz do Espiritismo e sua teoria da reencarnação.

Já dizia Platão: "aprender é recordar. . ."

FESTAS JUNINAS EM QUARTEIRÕES

Já se tornou tradição em Olímpia a realização de festas juninas em quarteirões, no centro e bairros da cidade. E, como não poderia ser diferente, os moradores querem festejar o padroeiro São João.

Reúnem-se as famílias e escolhem um casal, do quarteirão, para coordenar as atividades da festa. Fecham-se as duas entradas do quarteirão, com bambus e arame, reservando-se um espaço, numa delas, para a entrada e saída das pessoas.

No leito da rua e nas calçadas colocam-se mesas e cadeiras. São distribuídos convites aos amigos dos quarteirões adjacentes para participarem do evento. A fim de garantir a segurança e tranquilidade, somente pessoas convidadas terão entrada ao recinto da festa. O controle é feito por um porteiro, designado pelos festeiros. Dispensa-se o convite aos moradores do quarteirão, que se identificam através de crachás.

É um momento belíssimo de confraternização vicinal e nesse encontro ocorrem todos os costumes da festa joanina. Toda a vizinhança contribui, entusiasticamente, para o brilhantismo da reunião.

Há lugar para a prática religiosa, farta alimentação, bebidas tradicionais, mastro, fogueira, fogos artificiais, casamento caipira, cantoria e danças. Cores, luzes e muita alegria completam o ambiente do espetáculo bem brasileiro, onde se fala das nossas esperanças e de coisas bonitas. Tudo para homenagear São João.

FESTAS PARAFOLCLÓRICAS

As festas juninas, na cidade, nem sempre são uma manifestação puramente folclórica. Muitas vezes são projeções dessas festas (parafolclore). E nessa situação realizam-se festas escolares, de creches, de asilos e clubes sociais.

O desejo de divertir-se, comemorando ou festejando um feito qualquer, parece ter nascido com o próprio homem. A alegria é um fenômeno do espírito humano, externada em ocasiões nas quais ele se realiza.

Se a alegria é inerente ao homem, existe também, por con-

seguinte, a alegria coletiva: grupos de pessoas costumam lembrar datas e acontecimentos, surgindo daí as festas populares.

Temendo que São João perca suas peculiaridades, as entidades organizam suas festas, que podem recair em qualquer dia do mês de junho, durante o dia ou à noite. Nessas festas, se misturam, a perder de vista e de memória as brincadeiras do povo, as credices e a religião. Procuram manter a tradição.

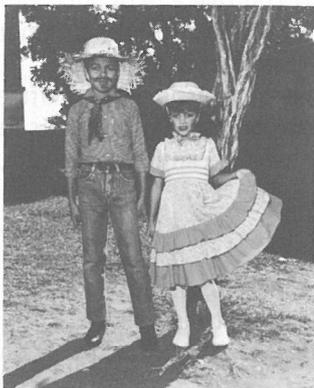
Mas alguma coisa parece estar um pouco distante da realidade, a começar pela expedição de convites que são grafados em linguagem caipira, porém, excessiva em erros que o homem simples não cometeria em sua fala.

Também o casamento caipira, que é muito engraçado, exagera, ao máximo, as cerimônias civil e religiosa. Verdadeira comédia. Tudo se converte em contra-senso: o papel dos padrinhos, pais, juiz de paz, padre e dos estrambóticos noivos, num verdadeiro espetáculo engraçado.



Por outro lado, louva-se o corso, de carrinhos e carroças enfeitados, puxados a cavalos pelas principais ruas, transportando os noivos e convidados ao local da festa, seguido de um grande séquito de pessoas a pé, espoucando foguetes.

Também merecem críticas os trajes usados pelas pessoas no dia da festa. Exageram nos remendos da roupa masculina, excedem na pintura dos rostos masculinos e femininos. Pintam alguns dentes dianteiros, dando-nos a impressão de banguelas. Ironia insuportável dirigida ao homem do campo, quando na realidade este se veste da melhor maneira nos dias de comemorações festivas.



ROGÉRIO E ANALI
(E.E.P.G. "DONA ANITA COSTA")

Mas algumas instituições projetam, com muito respeito e sem excessos, as festividades do mês de junho.

Quanto aos outros aspectos, a festa se processa num ambiente de aproveitamento folclórico. Em algumas instituições a festa é gratuita, em outras cobram-se o ingresso e vendem guloseimas, cuja renda se reverte aos trabalhos sociais.

As Escolas e clubes se enfeitam tipicamente. Há foguetório, comezainas, músicas, danças e muita alegria reinante. Nos recitativos há mensagens de louvor ao santo e de com-

bate aos incêndios, como a que retrata esta poesia.

Vou à festa do Tião,
É noite de São João,
Eu vou soltar rojão,
Só não vou soltar balão.

Eu vou pular a fogueira
Eu vou provar o quentão,
Me divirto a noite inteira
Mas não vou soltar balão.

Vou soltar o busca-pé
Bem no meio do salão,
Pra assustar Rita e Mané,
Mas não vou soltar balão.

Eu risco fósforo de cor
Danço quadrilha, pois não,
Solto estrelinha de cor
E o balão, não solto não.

Esta estrofe é sempre repetida, principalmente quando se ouve o estouro de um foguete:

Viva Santo Antônio,
Viva São João
E viva São Pedro
Com veneração.



E.E.P.G. "SILVA MELO" - 1984

ARTE POPULAR EM TORNO DE SÃO JOÃO

O garoto João Batista Moreira Júnior, nascido em Olímpia, às 11 horas do dia 24 de junho de 1974, é filho de João Batista Moreira, nascido no dia 24 de junho de 1954 e de Zelinda Stefanini Moreira.

Fato curioso: pai e filho, nasceram precisamente no dia de São João Batista e receberam, em homenagem ao santo do calendário, o nome de João Batista. O pai vinte anos mais velho que o filho.

Desde pequenino, aos 7 anos, antes do ingresso na vida escolar, tomou gosto pela arte de desenhar a lápis (grafite) lápis de cor e caneta hidrocor, encontrando na paisagem e no gênero figurativo sua forma de expressão e um ponto de partida em busca de suas aspirações.

Até hoje nunca freqüentou um curso específico na área do desenho. Não teve mestres nem guias. É um autodidata.

Aos 11 anos iniciou a leitura bíblica e, talvez por influência do nome voltou-se ao estudo da vida de São João, no Evangelho de São Lucas. Em consequência, idealizou e organizou uma coleção de estampas de São João, servindo-a com dedicação e todo desvelo de sua arte. Apoiou-se em quadros de artistas famosos, de renome mundial.

João Batista merece aplausos e a publicação de seu trabalho servirá de estímulo para o aperfeiçoamento de sua arte.



João desenhando e algumas de suas obras



O pequeno desenhista João Batista reside no Sítio São Pedro, em Olímpia. Estuda na 6a. série "A" (1987) na E.E.P.G. "Silva Melo", de Olímpia. É estudante talentoso e futuramente poderá matricular-se numa Faculdade de Educação Artística e Plástica e passar de desenhista popular a clássico. Basta querer.

PROGRAMA OFICIAL DO MUNICÍPIO NO DIA DO PADROEIRO

Embora a data de fundação da cidade de Olímpia seja o dia 2 de março, conforme escritura pública lavrada em 1903, em Barretos, o feriado municipal oficializado por lei federal é o de 24 de junho – Dia do Padroeiro.

A Prefeitura elabora uma programação para a data. As festividades têm início com a missa de ação de graças, celebrada na Igreja Matriz de São João Batista. Durante o período da manhã, geralmente, há a inauguração de algumas obras públicas, seguidas de recepção aos participantes. À tarde cumpre-se um programa de atividades esportivas: ciclismo, corrida de pedestre, partida futebolística, etc.

À noite, após a missa de São João, na Praça Rui Barbosa,

ou mais precisamente, no adro da Igreja Matriz, às 20 horas, tem-se início um espetáculo de músicas caipiras, organizado pela Comissão Municipal de Músicas Caipiras, quando se apresentam cantores, duplas, trios locais e da capital, além de alguns grupos de danças folclóricas e parafolclóricas da cidade.

Ao término do espetáculo musical, ouve-se o discurso do senhor prefeito municipal discorrendo sobre a data. Fecham-se as festividades, enfeitando-se os céus olímpenses com muitas luzes, cores e zumbidos, que têm a duração de vinte minutos. É o espetáculo pirotécnico em homenagem ao Padroeiro.

MISSA A SÃO JOÃO NA IGREJA MATRIZ DE SÃO JOÃO BATISTA DE OLÍMPIA

Nos últimos anos, ou seja, desde 1977, no dia 24 de junho, na igreja Matriz de São João Batista, tem sido celebrada uma missa a São João, no horário das 19 horas, com a participação da União de Violeiros da Paróquia de São João Batista de Olímpia. É espetáculo religioso de rara beleza. Com a participação de oitenta pessoas, as violas, violões, cavaquinhos, banjos, pandeiros, afoxês, chocalhos e agogôs, alcançam-nos o íntimo da alma, num místico de dor e saudade; saudade do Jordão Celeste; dor de angústia pelos que padecem toda a sorte de tristezas.

Os violeiros acompanham toda a liturgia-catequética adaptada aos gêneros musicais: batuque, corrido, cururu, moda de viola, samba rural, toada e valseado. São lições de nacionalidade e estímulos em torno das causas religiosas.

Os sons delicados dos instrumentos nos lembram a harpa de que nos fala a Bíblia Sagrada, em torno de um só Deus, sem o qual periclitariam a ordem, a pátria e o lar que são as nossas grandes auras, neste misterioso planeta, onde expiamos, resignados, as nossas falhas.

O primeiro celebrante da Missa dos Violeiros em Olímpia foi o monsenhor Antônio Sant' Clements e o coordenador das atividades musicais do grupo, desde o início, é o Sr. João Gianoto, cujo trabalho nos faz cada vez mais unidos pela mesma fé e pelos mesmos ideais de patriotismo.



Essa promoção da Igreja invade a alma do povo brasileiro, e como parte dos ritos finais da missa, os violeiros interpretam a música quadricentenária **Viva João Batista**, do cancionário folclórico católico, pois São João é o padroeiro da cidade de Olímpia.

- 1 - Um dia na Galiléia
Um homem chamado João
Falava com ternura
De amor aos seus irmãos. bis

Refrão

Viva João Batista
Viva o precursor,
Porque João Batista
Anunciava o Salvador. bis

- 2 - Seu rosto resplandecia
A paz que ele trazia,
Fazei penitência
Sempre, sempre, João dizia. bis

- 3 - Às margens do Jordão,
João batizava o povo,
Dizendo que Deus viria
Instaurar o reino novo. bis

- 4 - Às vezes João se zangava
Com os duros de coração,
Dizendo que já estava
Muito perto a salvação. bis

EVANGÉLICOS

Em Olímpia, as igrejas evangélicas Adventista do Sétimo Dia e Metodista, no dia de São João, reúnem-se ao pé de uma pequena fogueira, assam batata-doce, comem pipoca, doces típicos e tocam violão. Esse procedimento evangélico tem por finalidade celebrar a data folclórica, mas sem nenhum sentido religioso. Às vezes, a Sociedade Metodista de Jovens organiza uma festa típica joanina com a finalidade de angariar fundos financeiros aos serviços da Igreja.

MAÇONARIA

Apesar de a Maçonaria dedicar duas festas a São João (São João Batista e São João Evangelista), São João Batista, a 24 de junho, é festa do solstício de inverno e está mais presente no simbolismo. São João Batista é mestre e protetor da Maçonaria.

No seu dia, há sessão branca, à qual é convidado especialista para palestra sobre a data.

A outra, a 27 de dezembro, do solstício de verão, dedicada a São João Evangelista, é a festa do filosofismo.

Outros estudiosos acreditam que o verdadeiro patrono da Maçonaria é São João Esmoler, filho do rei do Chipre, que ao

tempo das Cruzadas, abandonou sua pátria, renunciou ao direito de ocupar o trono e foi para Jerusalém, para prestar socorros aos peregrinos e cavaleiros.

Entre controvérsias e divergências o dia de São João Batista é comemorado pela Maçonaria como seu protetor.

PÁSSARO DE SÃO JOÃO

Bentererê é o nome de um pássaro que mede mais de 15 cm e possui cauda e bico longos.

A voz parece dizer tenenê, joão-teneném, por essa razão é conhecido por estes e muitos outros nomes.

Mora nas matas e capoeiras, e constrói enormes ninhos em árvores pequenas e de pouca altura do solo.

Trabalha o dia inteiro, sem parar, para a construção de seu "HABITAT".

Seu ninho é exclusivamente feito de gravetos e se assemelha a uma fogueira de São João, em miniatura. Chega a passar dos 60 cm de altura por 50 cm de largura, pesando até 15 quilogramas. Por parecer seu castelo a uma fogueira de São João, diz o povo que este pássaro é protegido por aquele santo, não podendo, portanto, ser destruído pelo homem.

CONCLUSÃO

Servi-me para fazer este trabalho, em longo prazo, do auxílio de amigos caros: Prof. Rothschild Mathias Netto que escreveu a parte histórica "O Cruzeiro da Fazenda", Prof. Jônatas Manzolli (responsável pela organografia musical). Inspirei-me na leitura da Bíblia e outros tratados sobre religião. Colhi os depoimentos de Aparecida Santos, Alzira Ondeí, Alzira Santana de Oliveira, Augusta Aparecida dos Santos, Elídia Pereira, Felicidade Munhoz Gil, Francisco Batista de Carvalho, Jesus Francisco de Miranda, José Ferreira Macedo, Maria Cândida de Jesus Santana, Nair Lanzoni Hial, Sebastiana de Miranda Batista, Sebastiana Narciso e muitos outros informantes.

Assisti a diversas festas de São João em Olímpia: Bairro de São José, Jardim Santa Ifigênia, Jardim Miessa, Jardim Cisoto, Vila Garcez, Vila Mouco, Avenida Brasil, e nas fazendas de: Família Gil, Dr. José Carlos Seno, Válder Galeti, Joaquim Ribeiro de Sá, e no distrito de Ribeiro dos Santos.

Por isso, não pretendo uma autoria exclusiva. Elementos folques de Olímpia, por meu intermédio, trazem aos leitores um pouco do muito que sabem. Servi-me ainda quanto e como pude da contribuição de jovens estudantes das Escolas "Capitão Narciso Bertolino" e "Silva Melo", de nossa cidade, na seleção do capítulo Crenças e Superstições. Há informantes de todos os cantos da cidade e, para justificar-me, acrescento apenas ser meu único mérito haver escolhido o assunto e enfeixados capítulos do folclore de São João, em Olímpia.

O FORNO DO PÃO NOSSO DE CADA DIA

Iseh Bueno de Camargo

Departamento de Folclore — Olímpia

O ser humano sempre sentiu a necessidade de progredir, e crescer, de facilitar o seu trabalho a fim de saborear com mais prazer a sua vitória. Imaginamos, sempre, a radiosa e terrível fagulha de tempo que marcou a descoberta do fogo como meio de

sobrevivência, como fonte de energia, calor e coadjuvante do agradável trabalho de comer. Não mais frutos, raízes cruas, peixes, aves e animais sangrando mas, espetados em varas, transformados em alimento que o paladar do homem das cavernas pedia. A

utilização do fogo revolucionou a história primeva — deu armas ao homem, desenvolveu o poder do raciocínio, levou-o, conseqüentemente, ao progresso. O homem não mais se ocultava em cavernas, passou a unir-se em grupos de caça, passou a plantar, a produzir. Novas necessidades surgiram, o barro passou a ser utilizado na confecção de objetos apropriados para cozinhar os alimentos. Partiam-se facilmente. Houve, é claro, um gênio qualquer que descobriu um jeito de tornar esses vasilhames mais duradouros, mais fortes, usando o fogo. Daí o forno, foi um passo — isto é, um passo geológico, que pode ter durado alguns milhões de anos. O forno, aquecido a uma certa temperatura guardava as panelas, os jarros e, vedada a entrada, a horda podia sair para suas caçadas, para suas lutas, para suas descobertas no vasto mundo que a cercava e ao voltar, excelentes peças para o cozimento de iguarias primitivas estavam prontas.

Como a história não registrou o aparecimento do primeiro forno e como ninguém dele tirou patente, permito-me pensar que foi assim que ele surgiu. Agora, o nosso forno caipira, o forno que é estudado por pesquisadores do artesanato funcional, é diferente desse, pouco diferente, convenhamos. Nos achados arqueológicos, esse avô do forno século XX era de forma abobadada, igualzinho ao que conhecemos nos anos de nossa infância e juventude.

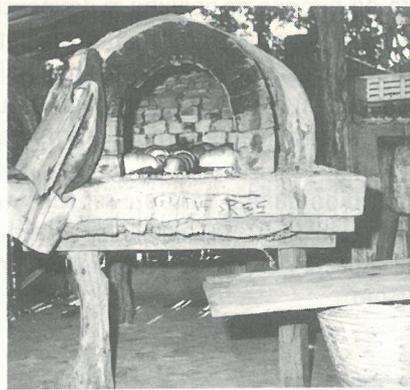
As sutis modificações sofridas pelo forno foram mais de ordem estética e higiênica que funcionais. Deixaram de ser feitos — não é regra geral, no solo, diretamente no chão, para ficarem alojados em suportes constituídos por quatro pés fortes, de boa madeira, uma base de tijolos, às vezes recoberta de algum tipo de massa, barro e cinzas, cimento mais proximamente, puro barro a mais das vezes.

Antes de construirmos o nosso forno, falemos da sua milenar serventia. O forno era tão indispensável em uma casa — casinha de gente pobre, casarões de grandes senhores, palacetes nas vilas e cidades como o próprio fogão a lenha, carvão, aparas de madeira, gás, fogão elétrico. Não havia casa que não o possuísse e, quando isso acontecia, o forno da comadre ou da vizinha era usado alternadamente. O pão, de boa farinha, era assado no forno rústico do quintal. As belas rosas doces, as broas de fubá, bolos de fubá ou de farinha de trigo, biscoitos de polvilho — doce ou azedo, frangos, leitões, cabritos, carneiros, todo tipo de carne de caça e a têmpera, ou seja, a graduação do necessário calor para cada quitute dependia muito da sabedoria da dona da casa ou das cozinheiras.

Falemos do forno tal como o conhecemos, tal como ainda subsiste em muitas casas de Olímpia e região, em casas de quase todo o país. Já disse: quatro pés de madeira forte e grossa, cerca de um metro acima do solo, um pouco menos sob a terra bem socada e batida.

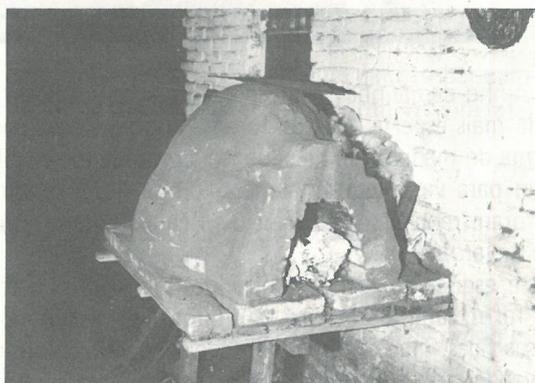


Uma base sobre traves de madeira firme — assoalho e, numa forma quase circular, os tijolos vão formando espécie de caverna.



v e

Para sustentá-los ou ao barro, faziam-se armações que podiam ser de bambu, mais maleáveis, ou de madeira verde, flexível. Sobre a armação, pacientemente, colocava-se o barro, alisado a mão, raramente com artefatos de pedreiro ou os tijolos, esperando-se secar uma parte, para dar continuidade ao trabalho.



Deixava-se um retângulo de cerca de meio metro de altura por uns quarenta centímetros de largura — a porta e atrás, pequena abertura para a saída da fumaça. Pronto o forno, era preciso cuidado de não usá-lo antes de “queimado”, a fim de não se partir, nem sofrer rachaduras, nem ficar “destemperado”.



Bem seco, queimado, aprovado, botava-se uma porta que, na maior parte das vezes era simples lata de óleo de dez litros, aberta e com as bordas rebatidas, fácil de ser manuseada quando se via o ponto do assado. E nela se queimavam as mãos. Para ver a temperatura ideal para os assados, após a queima total da lenha que lá se colocara horas antes, após a remoção das brasas e a varredura das cinzas e carvão, após um rápido aspergir de água limpa, colocavam-se folhas de bananeira ou palha de milho, esta primeiro. A palha úmida, se ficasse torrada, forno quente demais. Se desse uma encolhida e ficasse dourada, botavam-se folhas de bananeira e, sobre elas, as assadeiras. Porta bem fechada, tempo certo para cada iguaria; o cheiro delicioso do leitão espalhando-se pelo ar, o bom aroma do frangão caipira

recheado, o cheiro do biscoito de polvilho se desmanchando pelos arredores, um banquete estava pronto. Bastava botar na mesa. O pão ia direto para as folhas de bananeira e dali saía, estalando, perfumando o mundo, na extremidade de uma espécie de remo achatado, dito "pá de forno", pronto para ser degustado.

Quando o forno do quintal passou a ser substituído pelo do fogão de lenha, com forno de metal, foi virando estorvo, peça que ocupava espaço. As donas de casa descobriram várias funções para o mesmo:



viraram ninho de galinhas, maternidade de gatas, até de alguma cadelinha mais esperta. Outros foram "enriquecidos" com uma plataforma de madeira ou de cimento, continuando a velha base e serviam para vasos de samambaias ou de flores ornamentais. Outros foram recobertos de azulejo e ficaram como fontes secas no meio de jardins.

Esse esquecido forno, conhecido hoje como "o forno da vovó", "forno caipira" retornou a muitos lares, a algumas chácaras e casas ricas, magnificamente modelados, raras peças decorativas havendo, até, firma que os entrega pré-fabricados, a "Forno Caipira e Cia". É de concreto refratário, modulado e vendido em "kit", cada um monta-o como quiser e onde couber. São instalados em escolas de Culinária e todos os velhos segredinhos são ensinados aos alunos. As "aparas" ou suportes antigos são substituídos por pedras trabalhadas, tijolo especial, concreto aparente e a antiga base que sustinha o forno propriamente dito é feita com uma tampa de poço ou cisterna. Escolhe-se a lenha a ser utilizada: pinho ou eucalipto. Do autêntico forno que conhecemos, restam apenas a função: assar e o formato: quase circular. É objeto de luxo, é objeto de decoração, peça requintada, de confecção cara e exótica. Não mais construído à porta da cozinha, em qualquer recanto do amplo quintal, não mais moldado com carinho de quem pretende usá-lo por anos sem conta.

Ao ler essa novidade em Folhetim do "Estado de São Paulo", Suplemento Feminino, datado de 19/09/1985, lembrei-me de que os "nossos fornos", muitos deles, possuíam cobertura, algo que ficará no olvido. Coberturas de sapé, de telhas, de zinco. Quanto susto levaram as antigas cozinheiras quando fagulhas ameaçavam o teto de sapé. O calor que sentiam sob a cobertura de zinco! O desespero quando a chuva vinha acompanhada de vento e atrapalhava todo o trabalho! Por esses esquecimentos naturais e pela saudade dos quitutes e quitandas que o velho forno nos oferecia, precisamos preservar sua memória, escrevendo sobre ele, já que construí-lo não é fácil. . .

É estranha a história do forno. Quando julgamos saber tudo sobre ele, quando o vemos sepultado na memória dos idosos, eis que temos surpresas. Neste ano, durante o Carnaval, no Norte de Goiás, o forno reviveu, retornou ao meu dia-a-dia pois lá, em Gurupi, em Dueré e no Formoso do Araguaia, na região rural, ele respondeu "presente". O mais interessante deles, foi o forno natural. Um alto e sólido cupinzeiro que, à noite nos en-

cantou por estar todo iluminado, cintilando na escuridão como rica árvore de natal foi, de dia, transformado em forno. Expulsos os diligentes cupins, com machado e facões, abriu-se uma brecha lateral, foi toda ajeitada, aquecido com pouca lenha, lavado por dentro — "barrido", como me disseram e provou ser eficiente. Os pães saíram torrinhos, o biscoito de polvilho muito bom. E existem por todo recanto goiano, não exige nada para ser construído, apenas a portinhola de qualquer lata usada. Pronto!



Outro, este na fazenda de Nego Felipe, alegre proprietário de vasta gleba rural, próxima de Dueré, uma das mais velhas cidades da região, chamou a atenção pela originalidade e funcionalidade. De tijolos e barro branco, quatro metros de comprimento, quase dois de largura, vasta abertura ao rés do chão que o atravessa de lado a lado e onde se coloca a lenha, longos troncos selecionados. Possui três buracos circulares onde se colocam três tachos de cobre para o fabrico de açúcar ou rapadura para fritar toucinho que, sob o nome de manteiga, será vendido na feira dominical de Gurupi ou, no caso, vedados com latões de óleo, a fim de permitir-se assar cerca de quarenta a cinquenta enormes pães, deliciosos, macios e escurinhos. Um estranho forno esse, usado por toda a família desde tempos imemoriais, comum a todos que possuem plantação de cana ou criação de porcos para comercialização rápida. Um peão da fazenda Soledade, de Nelmo Serrato, apelidado Mineirinho, explicou-me que, antigo construtor de fornos, dá-lhes o ponto com "bassoradas" bem molhadas, isso para que não rachem e para aquecê-los quando se descobre que são "reimosos" e não assam como o esperado. As cinzas que restam do braseiro são chamadas por ele e outros da fazenda, de barrela. Assim aparecem as palavras gostosamente deturpadas, pelo povo: bassora (por vassoura), bassorada (por vassouradas ou varridas) e barrela (cinzas e resíduos de madeira queimada).

Forno, forno maravilhoso que não morrerá jamais e que nos surpreende a todo instante. E como é usado nas pequenas cidades do norte goiano! Além do pão, assam-se biscoitos, sequilhos, doces caseiros, mandioca, batata doce, milho verde, frango, leitão, pernil de carne suína, carne de sol — uma espécie de churrasco "à moda da casa" e muito mais coisas. Seu uso é impressionante.

Em Olímpia o forno ainda está em voga. Quero que vocês conheçam alguns fornos caseiros, que, intrepidamente, semântem de pé, em uso, se não diário, pelo menos semanal. E conheçam essas raras peças, hoje enriquecendo o nosso estudo folclórico, empobrecendo nossas aconchegantes casas de ontem.

Hoje o forno ainda subsiste em muitas casas olímpenses, em maior quantidade em sítios e fazendas, desaparecendo pouco a pouco, recoberto de cipós e trepadeiras, ninho de galinhas, de pombos, esconderijo de cobras e aranhas, reduto de lagartixas. Mas é uma delícia ver a dona de uma dessas abençoadas casas abrir a portinhola do seu forno e de lá extrair, na ponta da pá,



corado e gordo "pão feito em casa" — sem brometos, nem bromatos, sem ornatos, nem aparatos. O bolo de fubá, feito em um desses fornos, tem outro sabor! É bolo de fubá mesmo. Leitão pururuca, um pernil bem temperado, um frango, mesmo de granja, tudo sai dali com gosto de bons tempos, de tempos sem pressa, de tempos sem "stress", sem analistas ou psicanalistas. Tempo de eternidade!

Explicando as fotos:

1a. coluna (de cima para baixo):

- Forno em "repouso", servindo a diversos fins.
- Dona Rosa Sarri enforando o pão.
- A lenha arde, o forno chega ao ponto.
- O Sr. Ângelo Sarri verifica o calor do forno.

2a. coluna (de cima para baixo):

- Preparando o forno para aquecimento.
- Dona Isabel Cúrtulo pronta para acabar com o fogaréu.
- Aquecendo-se ao calor do forno, o "vira-lata" descansa.

3a. coluna (de cima para baixo):

- Frágil chama dá início à queima da lenha.
- Fogo aceso, forno aquecido.
- Dona Isabel varre o forno com vassoura de guanxuma.
- Portas fechadas aguardando o término do serviço.

A ilustração deste trabalho, executada pelo Prof. José Sant'anna e sua equipe de fotógrafos trouxe novas contribuições ao estudo do forno caipira. Sant'anna descobriu maravilhas enquanto pesquisava e filmava, entusiasmou-se de tal modo que quer um forno desses, funcionando para valer, na Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami". E por que não?

RANCHINHO ABANDONADO

Música, Solidão e Saudade
Inezita Barroso
Departamento de Folclore — Olímpia

Há em nosso cancionário folclórico páginas maravilhosas, repletas de mensagens do mais puro sentimento nacional. Abordam o viver do campo e da cidade, em verdadeira expressão cultural da coletividade brasileira. E uma homenagem à natureza, à vida, às pessoas simples e ao amor. É grito do coração, suspiro da alma. São criações espontâneas do povo para registrar seja um fato, um estado de espírito, uma disposição psicológica ou um anseio.

Em Olímpia há um número considerável de cantadores, bons instrumentistas: violeiros, violonistas e tocadores de acordeão. É assaz agradável passar horas ao lado desses bons mensageiros, ouvindo-os e trocando idéias a respeito do nosso cancionário.

Em 1970, conheci uma dupla de rapazes: Luís de Miranda (Luisinho) e Antônio Aparecido de Miranda (Toninho), ambos excelentes cantadores e instrumentistas.



Gravaram em 1980 um compacto-duplo: Pelos Caminhos do Sertão, na UNI-SOM de São Paulo sob os pseudônimos Vândir e Valdilei. Trabalho perfeito. Desse disco distinguiremos a

toada folclórica: Ranchinho Abandonado, recolhida em 1957, em Olímpia, pelo folclorista José Sant'anna. Na gravação desta música foram utilizados violão amplificado, acordeão e flauta transversal. O arranjo é simples, mas explora, com muita sensibilidade, o potencial dos instrumentos. Para quebrar a monotonia, criaram-se variações sobre a chamada do tema. Destaca-se o emprego da flauta que faz belíssimas modulações para imitar as vozes dos passarinhos.

É sobre esta música que faremos alguns comentários.

RANCHINHO ABANDONADO

(toada de autor desconhecido, recolhida por José Sant'anna, 1957, em Olímpia)

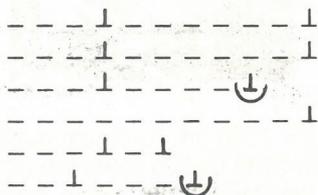
A - BAN - DO - NEI LA NA RO - ÇA MEU RA - CHINHO
 E HO - JE VI - VO NESTE MUN - DO TÃO SO - ZINHO
 MINHA CA - BO - CLA NEA - BAN - DO - NOU PAR TIU UM
 DI - A ME DI SSE A - TÉ LO - DO E ME DEI - XU CHO - RAN DO E A - TÉ HOJE NÃO VOL - TOU

- 1 - Abandonei, lá na roça, meu ranchinho
 E hoje vivo, neste mundo, tão sozinho.
 Minha cabocla me abandonou,
 Partiu um dia, me disse até logo
 E me deixou chorando
 E até hoje não voltou.
- 2 - E hoje moro, no retiro da saudade
 Muito tristonho, bem distante, na cidade.
 Quando levanto, vejo partir,
 São os gaúchos que vão pelos campos
 Com suas lindas laçadas
 E a garoa a cair.
- 3 - Quando me lembro, fico triste a soluçar
 E os passarinhos, no arvoredo, a cantar.
 Quando me deito, sonho a sorrir,
 São lindos sonhos com a linda cabocla
 Muito alegre, cantando,
 Em meus braços vem cair.
- 4 - Adeus ranchinho, que deixei lá no sertão
 Adeus mulher, que feriu meu coração.
 Só peço à Lua, me acompanhar,
 Quem eu amava, partiu e foi-se embora
 E a malvada saudade
 Comigo quis ficar.

Expressão e conteúdo

O poema-canção "Ranchinho Abandonado", toada muito cantada na região de Olímpia, realiza-se conforme uma estrutura muito convencional e fixa: a estrutura da modinha popular.

Esse poema-canção é formado de quatro estrofes e um total de vinte e quatro versos, conforme exemplificamos pela 1a. estrofe:



A estrutura da primeira estrofe serve de modelo para as outras três, evidenciando um caráter quase isométrico entre elas. Não faremos os demais gráficos restantes por causa da aparente isometria dos mesmos, mas demonstraremos o número de sílabas das quatro estrofes de seis versos (sextilhas), nas quais rimam o 1.o com o 2.o verso e o 3.o com o 6.o

VERSOS	ESTROFES			
	1ª	2ª	3ª	4ª
1º	11	12	12	12
2º	12	12	12	11
3º	9	9	9	9
4º	11	10	11	11
5º	6	6	6	6
6º	7	7	7	6

Assim, aparecem na toada: 6 versos dodecassílabos, 5 versos hendecassílabos, 1 verso decassílabo, 4 versos eneassílabos, 3 versos heptassílabos ou redondilhas maiores e 5 versos hexassílabos.

Quanto ao ritmo, a 1a. estrofe forma um eixo bem regular com cesuras em 4a. e 11a. sílabas; 4a. e 9a.; 4a. e 6a. e 3a. e 7a. sílabas. A contraposição é sempre par/ímpar, havendo uma ruptura no último verso ímpar/ímpar.

Quanto à rima, elas se realizam segundo os fones seguintes:

/iNu/ - inho
 /INu/ - inho
 /ow/ - ou
 /ogu/ - ogo
 /ãdu/ - ando
 /ow/ - ou

/adi/ - ade
 /adi/ - ade
 /ir/ - ir
 /ãpus/ - ampos.
 /adas/ - adas
 /ir/ - ir

/ar/ - ar
 /ar/ - ar
 /ir/ - ir
 /okla/ - ocla
 /ãdu/ - ando
 /ir/ - ir

/ãu/ - ão
 /ãu/ - ão
 /ar/ - ar
 /ora/ - ora
 /adi/ - ade
 /ar/ - ar

Como percebemos, as rimas vão tornando o eixo **rímico** (de rima) também isométrico.

Quanto ao conteúdo podemos dizer que de certa forma ele está motivado semanticamente pela forma ou expressão.

Vejamos: nos dois primeiros versos em que o poeta simplesmente descreve a conseqüência de sua solidão, os versos permanecem estáticos e da mesma medida; nos versos subseqüentes

existe certa dinâmica e os versos mudam de medida, quando o poeta nos fala da causa dessa solidão: o objeto amado o abandonou, não voltando até o momento de sua enunciação.

Isto se repete na segunda estrofe: a consequência do abandono fez com que o poeta veio a morar na cidade, que por tudo que presença fica sendo a causa de seus sofrimentos.

A terceira estrofe continua com a oposição dinâmico/estático e já agora no plano do sonho, o poeta evoca os momentos de recordação de um passado outrora feliz.

A última estrofe sintetiza as anteriores e de certa forma retoma a primeira: ainda no plano da recordação, o poeta se despede de um momento feliz, tendo como causa de seus sofrimentos o objeto amado. E, para ele, a tônica continua a mesma: solidão.

Uma última palavra: as palavras também estão semanticamente motivadas: abandono – solidão – chorar – não voltar – retiro – saudade – partir – garoa – tristeza – solucionar – sonhar – adeus – ferir – coração.

Creemos ter feito uma análise do poema-canção em questão, no mais cairíamos numa paráfrase.

Análise musical

Trata-se de uma melodia folclórica dentro dos mais característicos motivos melódicos consagrados pelo povo: a toada (canção lamentosa que sempre enfoca uma temática relacionada com alguma saudade, ou bem-querer perdido). Vamos analisá-la sob três aspectos musicais: melodia, ritmo e harmonia.

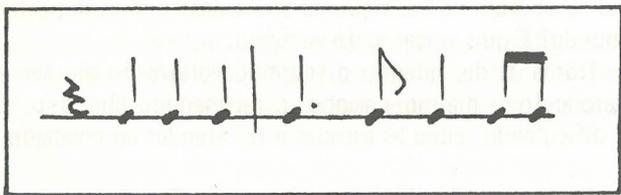
MELODIA: Percebe-se claramente que a melodia se divide em duas partes, que chamaremos de parte A e de parte B.

A primeira (parte A) inicia-se por um salto de quarta, descrevendo depois uma curva melódica descendente que acentua o caráter de abandono descrito pela letra (Abandonei, lá na roça, o meu ranchinho).

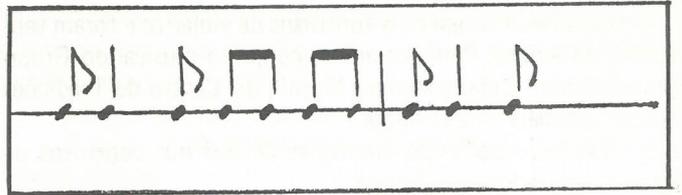
A segunda (parte B) inicia-se pela repetição da nota FÁ sustenido, caminha num salto de terça menor, e grau conjunto em torno desta nota, até atingir por um expressivo salto de sexta maior, o ponto culminante da melodia, e de LA retorna numa curva melódica descendente como na parte A.

Esquemáticamente a melodia poderia ser expressa assim: AAB, o que significa que a primeira parte se repete duas vezes.

RITMO: A característica marcante do desenho rítmico quaternário desta música está na supressão do primeiro tempo do primeiro compasso, tanto da parte A quanto da parte B. A este desenho rítmico acéfalo segue-se uma estrutura rítmica bem definida:



Esta monotonia rítmica que dá o caráter dolente da melodia, só é quebrada no final da parte B, quando o aparecimento de uma síncope e uma seqüência de colcheias, dão uma terminação mais movida à música.



HARMONIA: A parte A tem a seguinte estrutura harmônica funcional, dentro do arranjo mencionado na discografia: Tônica (RÉ maior) – Dominante (LÁ maior) – Subdominante (SOL maior) – Dominante (LA sétima) – Tônica (RE maior), sendo que cada hífen vale por um compasso.

A parte B foi cuidada de maneira mais rica, sem fugir das características da música folclórica: Tônica (RÉ maior) – Relativa da Subdominante (MI menor) – Dominante (LÁ sétima) – Relativa da tônica (SI menor) – Relativa da tônica – Relativa da subdominante (MI menor), Dominante (LÁ sétima) – Tônica (RE maior); Dominante individual (SI sétima) – Relativa da subdominante, dominante (LÁ sétima) Tônica (RE maior).

Há de se ressaltar a cadência de engano que existe no quarto compasso da parte B.

Escorço Biográfico da Dupla

Luís de Miranda nasceu no distrito de Ribeiro dos Santos, Município de Olímpia, no dia 3 de outubro de 1950. Filho de Jesus Francisco de Miranda e de Narcisa Batista de Miranda. Concluiu o curso primário antigo. Casou-se, em 1973, com Fátima Aparecida Provásio de Miranda. E pai de dois belos garotos: Luiciano e Luís Henrique.

Antônio Aparecido de Miranda também nasceu no distrito de Ribeiro dos Santos, no dia 10 de novembro de 1952. Filho de José Augusto de Miranda e de Emília Mázer de Miranda. Também concluiu o curso primário antigo. Casou-se, em 1985, com Sônia Maria Oliveira de Miranda.

Luisinho e Toninho são primos. São simpáticos e inteligentes. Luisinho aos 7 e Toninho aos 8 anos aprenderam, sozinhos, a tocar cavaquinho. Depois dedilhavam a viola e o vilão. São extraordinários instrumentistas. Nunca tiveram mestres. São, portanto, autodidatas. Desde crianças tomaram parte nos grupos de Folia de Reis, Folia de São Sebastião, Folia do Divino e Folia de São João, mantidos até hoje pela família. São também integrantes do Esquadrão de Catira e Dança-de-São-Gonçalo da família, Família Miranda.

Nos anos de 1969 e 1970 participaram na gravação dos compactos-duplos da Chantecler "Olímpia e Seu Folclore Musical", temas coletados por José Sant'anna. Desde 1977 são membros da União de Violeiros da Paróquia de São João Batista de Olímpia. Fizeram parte do filme Mágua de Boiadeiro, de Reis, em 1978, cantando na Folia do Divino Espírito Santo, cuja consultoria folclórica esteve sob a responsabilidade do Prof. José Sant'anna.

Em 1980, como já disse, lançaram o compato duplo "Pelos Caminhos do Sertão" na UNI-SOM de São Paulo, em cuja face A, música n.º 1, está a toada Ranchinho Abandonado (USCD-0501), promoção de José Sant'anna, vice-presidente do Conselho Municipal de Cultura, da P.M. de Olímpia. Escolheram os pseudônimos Vândir e Valdilei.

Gravaram, em 1983, um elepê (RDG-LP-31.003), produzido e distribuído pelas Edições Musicais e Gravações Indústria e Comércio Ltda. de São Paulo, com 12 músicas, desta feita com os nomes artísticos de Castilho e Cardeal. O acompanhamento musical é de viola e violão, destacando-se a música "O Carango Pois É", que dá nome ao disco.

Inscreveram-se em dois concursos de violeiros e foram vencedores de ambos. Pertenceram ao conjunto musical do Grupo Parafolclórico "Cidade Menina-Moça", do Centro de Tradições "Noiva Sertaneja", de Olímpia.

Têm feito parte das comissões de júri nos concursos de violeiros realizados em Olímpia.

Compuseram, em parceria, algumas toadas que fizeram

sucesso. Não vivem da arte de cantar, são amadores. Profissionalmente, Luís é pintor de paredes e Antônio trabalha na fabricação de calçados. Residem em Olímpia.

Agradecimento

Para a execução deste trabalho contei com a colaboração do Prof. José Sant'anna (folclorista), Prof. Jônatas Manzolli (musicista) e Prof. Maurício César A. Pereira (lingüista), estudiosos da Cultura Brasileira.

SETE CONTOS DE REIS

José Sant'anna

Departamento de Folclore - Olímpia

Olímpia das tradições,
Cheia de encanto e bondade
Por ela sinto emoções
E trabalho com vontade. J.S.

O tempo é um dos principais inimigos da memória. Por esse motivo sempre houve uma aparente preocupação entre os pesquisadores da ciência folclórica em perpetuar a memória de elementos tidos como importantes. Os contos têm grande importância e dificilmente há pessoas que se aproximam dos contadores e lhes peçam que os contem. A memória do ouvinte parece funcionar como uma oficina de artesanato, onde se confrontam os significantes e os significados em desencontro cultural, perto e distante da efervescente indústria da cultura.

Saber contá-los é um dom, saber ouvi-los é uma arte.

Graças aos esforços e dedicação de folcloristas, parte do conhecimento de contos desaparecidos está sendo resgatada, ficando para as gerações futuras o perfil da vida do passado.

Nossa intenção por detrás destes registros não é apenas o ato de registrar. Pretendemos preservar a literatura oral, mantendo a continuidade de nosso patrimônio ético-cultural para que gerações em futuro longínquo conheçam o Acervo Olimpiense dos Contos Folclóricos.

Com esse trabalho buscamos desafiar a erosão do tempo quanto ao registro do que é considerado como importante, empolgante e até mesmo fantástico. Assim, passamos a respeitar nossas origens, perpetuando nossa identidade cultural, preservando as coisas simples nas quais floresce muita riqueza cultural.

Olímpia não é uma cidade sem memória, sem tradição. Mas grande parte dessa memória ainda continua oral e está viva na boca de muitos viventes à espera de quem a documente.

As estórias foram gravadas e depois transcritas exatamente como foram contadas. A seguir, fizemos sua datilografia em fichas para classificação, a fim de facilitar as análises. Muito importante é o depoimento do Prof. Luís Roberto Alves (1983): "Ouvir, catalogar e estudar as narrativas populares é uma operação de resgate, tanto pela inflexibilidade do envelhecimento e morte, morte dos contadores, como pela diminuição do hábito de contar, ou pela deformação das formas narrativas, que tendem a bastar-se na matéria publicada pela televisão ou inserta nos materiais escolares.

Logo, a comunidade deve abrir-se à produção popular e que as pesquisas não podem limitar-se à coleta e guarda dos documentos, como se estivéssemos cultuando um passado sem vida e sem dinamismo."

Publicando os contos, não só estamos preservando, mas também resgatando elementos em via de extinção.

A figura do rei, nos contos, é sempre a de um autoritário, de um monarca. Há reis maus, vingativos, que nunca admitem a derrota. Mas há reis caridosos, praticantes do bem.

Os contos que envolvem o rei são do agrado de todos os ouvintes, seja um rei desumano ou benevolente.

As crianças e os juvenis preferem contos sobre reis: gostam de ouvir e também de contá-los. Relacionam-se a episódios históricos, religiosos.

Escolhemos, para publicação, estes sete contos de reis, de nossas coletas, que há algum tempo repousam, silenciosos, em fitas magnéticas.

I - PAI JOÃO

"Era uma vez um velhinho muito pobre, crente fervoroso em Deus, que morava juntamente com sua velha, num casebre em ruínas.

Apesar da pobreza, ele se sentia feliz.

Todos os dias, quando se dirigia, pela manhã, ao trabalho, passava, obrigatoriamente, diante do palácio do rei. Mas sempre andava cantando: "Não há nada como Deus. É Deus só. É Deus mesmo".

Um dia o rei, de tanto ouvir esse corinho, ficou muito nervoso. Pensou consigo: Quem é esse Deus de que tanto esse velho idiota fala? Não sabe ele que eu sou a pessoa mais importante do mundo? E quis vingar-se do velhinho.

Numa tarde, quando o velhinho voltava do seu serviço, cantarolando o mesmo corinho, o rei mandou chamá-lo. Ele, com dificuldade, subiu as escadas e foi atender ao chamado do rei.

O rei disse-lhe: Toma aqui este anel. É o único existente no mundo. Não há nem um outro igual a este. Você vai levá-lo para casa e daqui a uma semana você vai trazê-lo de volta. Se você não trouxer, vai morrer queimado numa grande fogueira.

O velhinho muito entristecido apanhou o anel. Chegando em casa contou à esposa o acontecimento e pediu-lhe que o

guardasse muito bem.

A velhinha guardou-o no fundo de um baú, que era o lugar mais seguro que possuía.

No dia seguinte, enquanto o velho estava no seu trabalho de sempre, o rei enviou três criados à sua choupana, para trazer, fosse de maneira que fosse, o precioso anel.

Ao chegarem na choupana viram a velhinha realizando alguns trabalhos domésticos e falaram com ela a respeito do anel.

Ela lhes disse: Eu não posso fazer negócio nenhum com o anel, porque se o meu marido não devolvê-lo ao rei, ele morrerá queimado.

Mas os criados muito insistiram e fizeram a proposta de trocá-lo por três anéis muito parecidos. E, no caso um seria devolvido ao rei e os dois outros poderiam render-lhe um bom dinheiro.

A velhinha, já iludida, acabou por realizar o negócio. Deu-lhes o anel legítimo em troca dos três outros anéis.

Os criados, vitoriosos, levaram o anel ao rei.

O rei, num contentamento desmedido, atirou-o ao fundo do mar.

O bom velhinho, ao retornar do trabalho, toma conhecimento do fato, fica muito triste, mas diz para a companheira: Eu sei que vou morrer, mas Deus não me abandonará.

No outro dia continuou indo ao trabalho, passando pelo mesmo caminho e cantando: Não há nada como Deus. É Deus só. É Deus mesmo.

Quando faltava apenas um dia para Pai João ir devolver o anel ao rei, ele disse para sua mulher: Eu gosto muito de peixe e antes que eu morra queimado, gostaria de comer peixe assado.

Arrumou a trabalha de pesca e bem cedinho partiu para o mar.

Na primeira fígada veio um enorme peixe.

Satisfeito, bradou: Este dá para matar a vontade.

Ao chegar em casa entregou o peixe para a mulher prepará-lo.

Qual não foi o espanto dela ao abrir o peixe e encontrar em sua barriga, o anel do rei.

Pai João pulou de alegria e juntos deram graças a Deus.

Comeram, felizes, aquele delicioso peixe.

Depois do divinal banquete, Pai João vestiu a melhor roupa, pôs o anel no bolso e calmamente dirigiu-se para o palácio.

No pátio da casa do rei estava armada uma enorme fogueira para queimar Pai João.

A multidão se aproxima, gritando: Olha Pai João que vai morrer queimado!

À hora certa, o velhinho subiu, devagarinho, a escadaria do palácio, curvou-se diante do rei e humildemente, com a mão direita, entregou-lhe o anel.

O rei ficou abismado. Quis que o velho lhe revelasse o milagre. O Pai João contou-lhe tudo.

Maravilhado, Sua Majestade jurou: A partir de hoje, eu e toda a minha família, confiaremos no mesmo Deus de Pai João.

Acabou a história

Que ouvi contar,

Quem quiser outra

É só falar".

Narrado por Néelson Joaquim de Sant'Anna, casado, curso primário antigo, 39 anos (1970), Rua Bernardino de Campos, n.º 900 - Olímpia. Aprendeu-o aos seis anos de idade, ensinado por sua mãe.

2 - A PERERECA ENCANTADA

"Era um homem que tinha três filhos. Certo dia o homem disse pr'os filhos:

— Meus filhos, vocês precisam casar.

Aí saíram os três moços, cada um para um lado.

João, que era um moço meio bobo, saiu em direção de um rio. Já era noite quando ele chegou na margem do rio. Lá ele escutou uma perereca cantando. Ficou tão encantado com a cantiga da perereca que até sentou em cima de uma tora para ficar escutando.

Quando deu meia-noite, sem que ele esperasse, apareceu ali uma linda moça. Era a perereca que estava cantando que se transformou naquela maravilhosa mulher. E ela, com muita simpatia, perguntou:

— João, o que você está fazendo aqui a esta hora?

— O rapaz, meio assustado e com um pouco de vergonha, respondeu pra ela:

— Vim por estas bandas à procura de uma namorada, mas escutei uma cantiga muito bonita de uma perereca e parei aqui para escutar.

— A moça, com muita alegria, disse para João:

— Eu sou a perereca, mas se você quiser casar comigo eu te ensino como você deve fazer para me desencantar.

Mais que depressa João aceitou a proposta da moça (perereca).

João apesar de estar procurando casamento, não estava prevenido para se casar. Não tinha roupas para o casório e nem casa pra morar. Mas a moça tinha dito para ele que não se esquentasse com nada. A roupa do casamento seria a mais bonita do que a de qualquer outro noivo. E disse também que na véspera do casamento ela iria formar um monte grande de espuma. Era só ele pular sobre o monte de espuma que o monte se transforma no mais belo palácio. E também iria dar um lenço pra ele levar no bolso do paletó, na hora do casamento. Naquele lenço estava o maior mistério.

Depois disse pra ele que podia voltar para casa. Quando ele chegou em casa os dois outros irmãos chegaram também e falaram para o pai que tinham arrumado namorada. Falaram o nome das moças e onde elas moravam. O pai disse que os três iriam se casar no mesmo dia, na mesma hora e na mesma igreja.

Depois os irmãos perguntaram pr'o João se ele também tinha arranjado namorada. João disse que sim e que era uma moça muito bonita.

Perguntaram o nome dela e onde morava.

João simplesmente respondeu:

— Não sei!

Então os dois irmãos disseram pra ele:

— Você não arrumou namorada coisa nenhuma, seu bobo e seu mentiroso!

João nem deu resposta, mas ia todas as noites ver a perereca lá na beira do rio. E batia um bom papo com ela.

Quando foi na véspera do casamento dos três, a perereca disse pr'o João:

— Os seus irmãos vão zombar muito de você, porque o casamento está chegando e ninguém ainda sabe quem é a noiva. Mas você não liga pra nada que eles falarem. Agora você leva o seu terno de noivo, os sapatos e tudo do mais e esconde. Não deixe ninguém ver. Só na hora de vestir é que você vai abrir os pacotes.

No dia do casamento, os irmãos dele, logo de manhã foram se aprontar e disseram pr'o João:

— João, você é bobo mesmo, heim? Cadê a sua roupa? Vai casar sem noiva e ainda com roupa velha.

João não dava a menor bola pr'os irmãos.

Na hora de ir pra igreja, os irmãos dele foram bem apressados e João chegou por último, vestido num traje que causava inveja a todos.

Quando as noivas dos dois irmãos iam entrando na igreja todos os convidados ficaram surpresos, porque a noiva de João ainda não tinha chegado.

João, com paciência, esperou as duas noivas, futuras cunhadas, chegaram no altar.

Aí, então, ele tirou o lenço do bolso e jogou de lado. No lugar onde o lenço caiu apareceu a noiva mais linda que podia existir no mundo. Casaram.

Terminado o casamento eles voltaram para casa do pai. Houve uma grande festa. À noite, depois da festa, João saiu para pular o monte de espuma. O povo olhou para o lado do rio e viu um palácio maravilhoso, todo iluminado. O povo ficou admirado, porque nunca tinha visto aquele palácio tão bonito ali, na beira do rio.

Aí João voltou e disse a todos:

— Ali é a minha casa. E eu sou um rei.

O rei João e sua mulher foram morar no palácio, enquanto seus irmãos, que eram ativos e fazedores de pouco caso, foram morar em casas simples, em choupanas. João, que era bobo, foi reinar naquele palácio.

E assim acabou a história de João Bobo com a perereca".

Narrado por Odécima Aparecida Batista de Carvalho, solteira, pouca instrução, 49 anos (1983), residente na Avenida Eugênio Storto, n.o 1 — Vila Mouco — Olímpia. Não sabe quem lhe contou a estória.

3 - A BANHA DO PORCO-ESPINHO

"Era uma vez um rei cego que tinha três filhos: José, Pedro e João. O maior desejo do homem era ter novamente as vistas. E ele ficou sabendo que só a banha de porco-espinho é que podia curar ele. Prometeu dar grande parte da riqueza a quem encontrasse essa banha poderosa. José, o filho mais velho, resolveu sair de casa pra procurar essa banha pra curar a cegueira. Arreou seu cavalo e o pai perguntou pra ele:

— O que você quer: bastante benção ou bastante dinheiro?

José respondeu:

— Eu quero bastante dinheiro e pouca benção.

Pegou o dinheiro e seguiu viagem. Depois de ter viajado bastante chegou numa cidade, encontrou uma linda festa onde havia gente e mulheres muito bonitas. Ele gostou da festa e resolveu ficar na cidade. Não foi mais atrás do remédio.

Passado muitos dias, José não voltava. Então, Pedro resolveu ir à procura dessa banha pr'as vistas do pai.

O pai, então, fez a mesma pergunta:

— Você quer bastante dinheiro ou bastante benção?

Pedro respondeu:

— Quero bastante dinheiro e pouca benção.

Pegou o dinheiro, montou no cavalo e rompeu viagem.

Viajou, viajou e acabou chegando na mesma cidade onde tava o irmão.

O irmão perguntou pra ele:

— Você trouxe bastante dinheiro?

— Trouxe.

— Então aqui tá bom pra nós. Vamo ficar, porque não existe lugar melhor pra nós.

E Pedro também ficou.

O tempo foi passando e nenhum dos dois irmãos voltou.

Então o mais novo, o João, resolveu sair à procura da banha do porco-espinho pr'o pai.

Aí, o velho, perguntou:

— Você quer muito dinheiro ou muita benção?

João respondeu pr'o pai:

— Eu quero mais benção e pouco dinheiro.

Montou a cavalo e saiu.

Viajando ele chegou na mesma cidade onde estava os irmãos, José e Pedro.

Os irmãos perguntaram pra ele:

— Você trouxe bastante dinheiro?

Ele respondeu que não, que tinha trazido só benção.

E pra zombar de João, eles disseram:

— Você é bobo mesmo.

João não quis ficar na companhia dos irmãos e seguiu viagem pra conseguir o remédio.

Já bem a tarde, quase na boca da noite, ele encontrou, perto da estrada, uma casinha onde morava um casal de velhos com uma única filha que era encantada.

Chegou na casa e perguntou se por ali era possível encontrar a banha de porco-espinho.

O velho respondeu:

— É muito fácil, mas você tem que pousar aqui em casa e amanhã bem cedo, eu te ensino aonde você deve ir buscar essa banha.

No outro dia, bem de manhã, o velho mandou ele ir na beira de um rio que lá encontrava o porco-espinho. Foi depressa. Achou o bicho, tirou a banha, pôs numa garrafa e voltou pra casa dos velhos.

O velho disse pra ele:

— Hoje você vai pousar outra vez aqui e amanhã vai levar essa banha pr'o seu pai.

Quando foi à noite, o velho pediu pra filha pra ir trocar a garrafa de banha por uma garrafa de água. E guardou a garrafa de banha.

No dia seguinte João levantou, pegou a garrafa pensando que fosse a de banha, arreou o cavalo e seguiu contente, pra casa dele.

Passando pela cidade onde estavam os dois irmãos, João disse que havia encontrado o remédio pr'o pai.

Daí, os irmãos decidiram ir com ele pra casa. No caminho, os dois irmãos mais velhos, com inveja do mais novo, resolveram matar ele pra poder eles receber recompensa do pai.

Matar João, picaram ele em pedacinho, colocaram os pedaços dentro de dois sacos bem amarrado e colocaram eles sobre o cavalo e soltaram, sem destino.

E os dois seguiram pra casa. Quando chegaram já foram dizendo pr'o pai:

— Encontramos a banha.

Mas à medida que iam colocando ela nas vistas do pai as vistas iam ficando mais arruinadas.

O cavalo que levava os pedaços do rapaz que eles mataram, voltou pela mesma estrada de onde veio e à meia-noite chegou na porteira da casa dos velhos, de onde tinha saído.

O velho ouviu o barulho na porteira e disse pra filha:

— Minha filha, vai ver quem está batendo na porteira.

Ela abriu a janela e falou pr'o pai:

— Papai, é o cavalo daquele moço que veio aqui à procura da banha do porco-espinho.

E o velho, então, disse pra ela:

— Filha, vai lá, traga o cavalo e veja o que que é.

A moça foi buscar o cavalo e viu que dentro dos dois sacos estava o rapaz picadinho em pedaços.

Imediatamente eles arranjaram uma mesa, estenderam uma toalha branca, bem limpinha, e ajeitaram os pedacinhos até formar o corpo do rapaz.

Aí o velho disse pra filha:

— Agora você busca a banha do porco-espinho e passa no corpo dele pra ele ressuscitar. Depois colocamos o corpo dele numa cama.

Quando foi mais tarde o velho mandou a moça ir ver se o moço já estava respirando. No amanhecer do dia, a moça foi ver novamente o rapaz e encontrou ele já sentado na cama.

Depois foram pra mesa tomar café e o velho explicou pra ele que aquilo que ele tinha levado era água. Mas agora você vai levar o próprio remédio que vai curar o teu pai. Poder ir embora.

Aí, ele arreou o cavalo e seguiu viagem pra casa. Chegando em casa, os irmãos deles ficaram muito assustados com o aparecimento do irmão que eles tinham matado.

João desceu, foi até a cadeira do pai e percebeu que os olhos dele estavam mais zangados ainda.

Passou a banha do porco-espinho nas vistas do pai e na mesma hora ele passou a enxergar.

João contou tintim por tintim o que os irmãos tinha feito. E o velho rei, com muita raiva, perguntou:

— O que você quer que faça com eles?

João respondeu:

— Eu quero que o senhor mata eles, pica em pedaços, coloque dentro de um saco, jogue em cima dum cavalo bem brabo e solta. Quero que o senhor faça com eles o que eles fizeram comigo.

Aí terminou a história. O velho ficou curado e João recebeu a recompensa, ficando como o único herdeiro da coroa”.

Narrado por Benedito Batista de Carvalho, solteiro, pouca instrução, 37 anos (1983), residente na Avenida Eugênio Storto, n.º 1 — Vila Mouco — Olímpia. Não se lembra quem lhe ensinou o conto.

4 - NO TEMPO DOS ESCRAVOS

“Havia um rei muito orgulhoso que tinha muitos escravos. Tudo que os escravos fazia, tinha que fazê direitinho, senão o rei mandava judiá deles. E no meio de tantos escravos havia uma preta, uma negra que trabalhava como cozinheira do palácio. Num dia, essa cozinheira teve uma criancinha, um menino. E no mesmo dia e horário, a mulher do rei, a rainha, também ganhou uma criancinha, uma menina. Pra escrava nasceu um menino e, pra rainha, uma menina.

Dali uns dias passou no palácio uma cigana, olhando sorte. Então o rei pediu à cigana que olhasse a sorte das duas crianças, porque elas nasceram as duas no mesmo dia e no mesmo horário. E o rei queria saber o que isto queria dizer.

A cigana, então, olhò a sorte das criança e disse que quando elas crescesse, os dois teria que casá.

O rei ficò muito afrito e começò a pensá. Pensò, pensò, pensò no que ele devia fazê para que o casamento não acontecesse depois que eles crescesse.

Daí, então, o rei descobriu o que devia fazê e disse: Deus fez, mas eu vô desmanchá.

Fabricò um caxãozinho muito bem preparado e escreveu em volta dele: Deus fez e eu desmanchei.

Dentro do caxãozinho ele colocò uma mamadeira pr’o nenezinho i mamano durante algumas horas. Fechò o caxãozinho e colocò uma vela acesa em cima dele. E pediu pr’os escravos dele sortá o caxãozinho rio abaxo.

E, numa otra cidade, muito longe, bem distante, um fazendero, à noite, viu aquela luzinha que vinha rio abaxo. Então ele mandò os escravos dele i vê do que se tratava.

Os escravos obedeceram às ordens, pegaro aquele caxãozinho e muito espantado, levaro para o fazendero, preocupado com aquela escrita: Deus fez e eu desmanchei. O fazendero logo abriu aquele caxãozinho e encontrò um nenezinho, um pretinho muito bonitinho, bem arrumadinho. Prometeu cuidar daquela criança. Quando o menino cresceu, matriculò ele na escola. O fazendero tinha um xodó por aquele filho adotivo. Era muito estudioso e acabò se formando pra médico.

Também a princesa que tinha nascido no mesmo dia e hora que ele, lá na cidade dela, se formò. Era uma moça miuito bonita e muito estudiosa.

Passado um tempo essa moça ficò muito doente. Não havia remédio no mundo pra curá a doença dela. O rei ficò tão preocupado com a saúde da moça que mandò espaiá boletim pra tudo quanto é lugá do mundo, dizendo que se houvesse um médico que curasse a filha dele, ele prometia o seguinte: Se fosse soltero, casava com a filha dele, fosse rico ou pobre, preto ou branco. E se fosse casado, ele repartia a riqueza que ele possuía.

A notícia acabò chegando na cidade do médico preto, o menino que foi encontrado num caxãozinho por um fazendero.

Daí o médico pegò o boletim e chegando em casa disse pr’o pai de criação:

— Meu pai, peguei este boletim na rua e ele diz que tem uma moça numa cidade muito distante daqui e ela tá muito ruim de saúde. Não acharo um médico ainda que conseguisse tratá dela. Eu acho que eu vô lá pra vê se consigo sarvá ela.

Então o pai respondeu:

— Vai sim, meu filho. Quem sabe Deus ajuda que você consegue dá vida pra esta coitada.

Então o médico preto foi. Viajò pr’aquela cidade e como no boletim tinha o nome e o endereço tudo certinho, ele acabò chegando no palácio da princesa tão adoentada.

Bateu palma, o rei atendeu.

O médico então falò:

— Eu vim aqui, porque eu sô médico e lendo este boletim me interessei pelo caso da sua filha. Quem sabe Deus ajuda que eu consigo tratar dela e ela se recupera.

O rei respondeu:

— É isto que eu quero. Pode entrá. Só que o problema da minha filha é muito difíce. Os médicos daqui já tentaro de tudo, mas não conseguiro dá volta na doença dela. Pelejaro, pelejaro, mas minha filha tá cada vez mais ruim.

O médico entrò pra dentro. Consultò a moça e ficò uns dias ali tratando, cuidando dela. Dava remédio direitinho nas horas certa, tratava dela com muito cuidado. E foi indo que a moça sarò. A moça sarò e o rei perguntò pr’o médico quanto que era o trabalho dele pelo tratamento da filha.

O médico, então, falò:

— O senhor não escreveu no boletim que se algum médico conseguisse curá sua filha, fosse rico ou pobre, preto ou branco, feio ou bonito, o senhor oferecia ela em casamento. E se fosse casado, o senhor repartiria a sua fortuna? Eu sô soltero.

O rei, muito aborrecido, disse:

— Não, mas minha filha não vai casá com preto.

O médico, calmo, respondeu:

— Palavra de rei não vorta atrás. A sua vai vortá?

Respondeu o rei:

— Nesse caso é preciso sabê se minha filha aceita casá com você. Se ela quisé, tudo bem. Mas se ela não quisé, este casamento num vai saí.

O rei falò co’a filha e mais que depressa ela aceitò, dizem:

— Eu quero sim. Pois ele deu vida para mim. Eu tava morta no fundo de uma cama. Quero casá com ele sim.

Nas quatro paredes da sala de jantar do palácio, estava escrito aquilo que o rei mandò escrevê no caxãozinho que ele soltò rio abaxo: Deus fez e eu desmanchei.

O médico lia, todos os dias, aquelas palavra na hora que ia comê, mas nunca comentò nada com ninguém.

Trataro o casamento, marcaro o dia do noivado. Casaro.

No dia do casamento, na hora do jantar, ele perguntò pr’o rei:

— Que vem a sê esse negócio que o senhor escreveu nas parede desta sala: Deus fez e eu desmanchei?

O rei foi e respondeu pra ele:

— Isto aí, quando esta menina que tá casano com você hoje, nasceu, nasceu também um menino pretinho, filho da cozinheira que ainda trabalha aqui.

Eu mandei olhá a sorte e deu que eles ia se casá, depois que ficasse moço. Então eu pus o menininho num caxãozinho, preparei muito bem preparado, pus uma mamadeira para a criança, coloquei uma vela acesa em cima do caxão, escrevi nele Deus fez e eu desmanchei, e mandei meus escravo sortá pelo rio abaxo.

Nunca mais sube notícia da criança.

Daí, o médico que tava se casando, já conhecia a sua história, contada pelo pai adotivo, falò pr’o rei:

— Então o senhor me faz o favor de chamá a preta cozi-

nhera pra mim. Eu quero falá com ela.

O rei atendeu o pedido dele e mandô chamá a cozinhera.

Quando ela apareceu na sala de jantar, o noivo disse:

— Olha, a senhora é a minha mãe!

Pediu a benção, abraçô ela chorano e repetino:

— A senhora é a minha mãe! A senhora é a minha mãe!

O rei ficô nervoso e gritava:

— Não! Ela não é sua mãe! De manera nenhuma ela é sua mãe!

O médico também gritava com o rei, seu sogro:

— Ela é minha mãe! É minha mãe legítima! Se o senhor quiser a prova, vamos até à cidade onde moro com meu pai adotivo e lá o senhor vai ver o caxãozinho que até hoje tá lá guardado. E estas palavra que tão nas parede desta sala também tão escrita no caxãozinho que os meus pais adotivo guardô pra prová como foi que eles me encontraro.

Depois da fala do noivo, o sogro não teve otro jeito senão acreditá na história e achá que o que Deus faz ninguém consegue desmanchá.

Terminada a festa, o médico preto com sua noiva princesa foro morá junto com os pais adotivo dele e levaro também a preta cozinhera.

Dizem que tão vivendo bem até hoje, muito feliz e esperando a morte do rei pra recebê a herança.

Acabô a história”.

Narrado por Odécima Batista de Carvalho, 41 anos (1976), residente na Rua Eugênio Storto, n.o 1, Vila Mouco — Olímpia. Não se lembra com quem aprendeu o conto.

5 - OS TRÊS CAVALOS ENCANTADOS

“Era uma vez um home que tinha três filho. O mais véio chamava Pedro, o otro João e o mais novo Tonho.

Eles todo vivia do trabalho de uma horta.

Então o pai dividiu os serviço da horta pr’os filho tomá conta.

Quando chegô a vez do Pedro i vendê verdura numa carrocinha, encontrô uma velhinha que perguntô: O que é isso que ocê tá vendendo, meu filho?

Ele respondeu com macriação: É estrume.

Mas ele num sabia que a velhinha era Nossa Senhora. E ela respondeu: Estrume será!

Então as verdura viraro tudo estrume.

No otro dia foi a vez do João saí vendeno.

João encontrô a mesma velhinha que perguntô o que era aquilo e ele falô do mesmo jeito que Pedro. As verdura, na hora, viraro estrume.

Quando chegô a vez de Tonho, aparece a mesma velhinha pra perguntá o que ele tava vendeno. Ele, com educação, falô: É verdura. Tem armerão, arface, cove, chicória, cebolinha. Então a velhinha abençoô e elevendeu tudo, levando bastante dinheiro pra casa.

No otro dia o pai falô: Os bicho tão estragano muito a horta e ocês vão vigiá ela durante a noite. Fica três dia pra cada um.

Lá foi o Pedro nos três primero dia.

Quando deu meia-noite apareceu um cavalo preto e perguntô pr’o Pedro se ele podia pastá um pouquinho das verdura que ele tava com muita fome.

Pedro desceu o cacete no cavalo e ele saiu fungano.

Na segunda noite, na mesma hora, apareceu um cavalo castanho pra pedi verdura e levô a mesma sova.

Na terceira noite, à meia-noite, apareceu um cavalo branco. Depois que pediu orde pra comê verdura, levô a mesma lição.

A horta tava ficano muito feinha.

João quando foi vigiá a horta de noite aconteceu tudo do

mesmo jeito com ele. E ele fez a mesma coisa que seu irmão mais velho. Espancô os três cavalo que aparecero.

Chegando a vez de Tonho, ele até levô uma rede e armô numas arve pra podê descansá um pouquinho de noite.

Quando o relógio marcô meia-noite, apareceu o cavalo preto e pediu licença pra podê comê. Tonho falô pra ele: Pode comê à vontade. As verduras já tão feia mesmo.

O cavalo preto comeu bastante e na hora de i-s-embora agradeceu e falô pr’o Tonho:

Em quarqué situação difice ocê pode contá comigo. É só fala: Valei-me, ó rei dos cavalos! E eu valo.

No otro dia a horta amanheceu uma beleza. Muitas verdura viçosa.

E assim aconteceu com os dois otro cavalo: o castanho e o branco. Tonho deu orde pra eles comê. Comero bastante. Falaro que Tonho podia contá co’eles.

E a horta tava ficano cada vez mais bonita.

Depois de tudo isso os três moço resorvero saí da companhia do pai pra defendê a vida deles em otro lugá.

O filho mais velho — Pedro — e o segundo — João — quando despediro do pai, quisero mais dinheiro e poca benção.

Já Tonho, o mais novo, foi diferente, pediu mais benção e poco dinheiro.

Os dois irmão mais velho partiro antes de casa e Tonho foi o úrtimo a saí.

Quando Tonho ia à procura de uma cidade pra morá, ele passô perto de um riozinho e viu uma porção de formiguinhas querendo atravessá do otro lado e não conseguia. Tonho ajudô elas estendendo uma vara comprida sobre o rio, servino de ponte, e elas atravessaro sossegada. Então uma formiguinha, muito agradecida, falô pra ele: Tonho quando ocê precisá de mim é só falá: Valei-me, ó rei das formigas! E eu valo.

Foi andano, andano e na bera dum rio viu um lambarizinho pulano, quase morto. Então Tonho pegô o lambari e jogô na água.

O lambarizinho vortô e disse: Quando ocê precisá de mim é só falá. Valei-me, ó rei dos lambari! E eu valo.

Continuô a andá e encontrô uma garça c’a asa quebrada, morreno de sede. Aí ele deu água pra garça e ela falô pra ele: Quando ocê precisá de mim é só falá: Valei-me, ó rei das garça! E eu valo.

Tonho, dispois de muito andá chegô numa cidade e lá tava morano os irmão dele. Então os irmão mais velho viro ele e levaro pra casa para sê cozinheiro.

Naqueles dia tinha uma grande festa, na casa do rei. O moço que conseguisse, de cavalo, colocá a aliança no dedo da princesa, que tava debruçada numa janela arta do palácio, se casava co’ela.

Os irmão de Tonho foro assisti à festa.

Quando chegaro em casa falaro pr’o Tonho que a festa foi muito bonita, mas que ninguém tinha conseguido colocá a aliança no dedo da princesa.

Então Tonho falô pra eles: Por que ocês num me leva na festa. Eu também queria vê.

Eles respondero: Ocê não. Ocê vai ficá tomano conta da casa e cuidano da cozinha.

No otro dia, na hora da festa, Tonho se lembrô do cavalo preto e falô: Valei-me ó rei dos cavalo. Imediatamente apareceu um cavalo preto muito sadio, já arreado e que trouxe uma ropa de prínspe pr’o Tonho. Mas o cavalo falô pr’o Tonho: Eu e o cavalo castanho não vamo conseguí fazê com que ocê coloque a aliança na princesa, mas a tua sorte será montado no cavalo branco.

Quando Tonho chegô no jardim do palácio, o cavalo preto deu um enorme pulo, mas ele só conseguiu encostá a mão dele na mão da princesa.

O povo bateu muitas parma.

Os irmão de Tonho chegava em casa e dexava ele com água na boca. E ele fingia tá ainda com vontade de i vê.

No dia seguinte, Tonho chamô pelo rei do cavalo castanho. Ele veio com um arreio todo enfeitado e trouxe uma ropa de prinspe, mais bonita ainda.

Tonho foi pr'o palácio e dessa vez conseguiu encostá a aliança no dedo dela. Os irmãos de Tonho e todo o povo bateu parma e dero|viva.

Vortaro pra casa os irmãos de Tonho pra fazê invejinha pra ele. E ele dava demonstração de muita tristeza, porque num podia i.

No terceiro dia, dispois que os irmãos saíro pra festa, Tonho chamô o cavalo branco e num minuto chegô. Chegô com arreata mais bonita ainda. Tinha estrivo de oro. E a ropa de prinspe, nem se fala. Era a mais bonita do mundo.

Quando Tonho passou na janela, o cavalo deu um sarto muito arto e demorado e, então, ele consegue colocá direitinho a aliança no dedo da princesa.

O povo apraudio demais e o rei ficô na maió alegria.

Mas nisso, os dois irmão descobre que é Tonho o cavaleiro vitorioso e, por mardade, resorvero vingá dele.

Foro até o rei e falaro pr'ele que Tonho era capaz de separá cem saco de arroz, cem saco de açucra e cem saco de feijão, tudo misturado. Que ele gastava uma só noite e ainda podia dormi um sono.

Tonho pensô co'ele mesmo. Agora eu tô perdido! Deitô, muito aborrecido, numa cama pra pensá o que devia fazê. Nisso lembrô da formiguinha e disse: Valei-me, ó rei das formiga! Acabô de falá e viu a formiga perto dele e ele contô pra ela o acontecido.

A formiga respondeu: Ocê pode dormi tranqüilo que nós vamos separá.

Então ele começô a dormi, mas logo acordô e só viu umas trinta formiga pra fazê todo aquele serviço. Ainda falô outra vez: Tô perdido mesmo, num vai dá tempo. E dormiu um otro sono.

Quando ele acordô, de manhã, já tava tudo pronto.

O rei gostô muito. Mas os irmão dele viero c'otra. Falaro pr'o rei que Tonho conseguia i buscá o anel da princesa que tava no fundo do mar.

Tonho falô: Meu Deus, agora tô perdido mesmo. Mas logo ele se lembrô do lambari e falô: Valei-me, ó rei dos lambari. O lambari sabe|de tudo e respondeu assim: Nós tava brincano com essa aliança ainda agorinha. Espero que eu vô buscá. E troxe a aliança pra ele.

O rei ficô mais maravilhado ainda.

E os dois irmão mais velho, por inveja, falaro pr'o rei que Tonho conseguia buscá um copo d'água no Mar Vermelho, em menos de uma hora.

Tonho suspirô fundo e disse: Desta vez não escapo. Tô perdido mesmo.

Lembrô do rei das garça e chamô por ela: Valei-me, ó rei das garça! Ela veio, ficô sabeno da proposta e respondeu pr'o Tonho: Põe esse copo no meu bico que logo eu trago essa água.

Bateu asa, avoô e Tonho ficô em pé vendo ela desaparece-no.

Num demorô nem meia hora e a garça já tava de vorta c'o copo d'agua.

O rei ficô admirado e gostô muito.

Então, antes que seus irmãos inventasse otra coisa pra falá pr'o rei, Tonho disse: Eu vô inventá uma dos meus irmão senão eles me acaba matano. E falô pr'o rei: Meus irmãos são capaz de pô duzentos carro de lenha seca, umedecê com querosena, botá fogo e apagá|tudo num sopro só.

O rei, então, ordenô que eles fizesse isso.

Sopraro, sopraro, sopraro e não conseguiro apagá nada.

Então, por castigo, o rei mandô eles pra forca e Tonho ca-

sô co'a princesa.

E tá viveno feliz co'ela até hoje.

A vaca marela pulô a janela.

Quem quisé que conte outra,

Mas que seja mais bela".

Narrada por Fátima Provásio de Miranda, de 29 anos (1983). Conhece a estória desde a idade de 8 anos, ensinada por sua irmã Iracema.

6 - JUVENAL E O DRAGÃO

"Havia em certo lugar um senhor muito pobre que tinha um só filho, chamado Juvenal. Então o pai falou:

— Juvenal, meu filho, não temos nada o que comer em nossa casa. Só nos resta esta vaquinha. Amanhã, pela manhã, você vai levá-la ao mercado para vendê-la. Assim que você vendê-la compre tudo o que for de necessidade para casa.

No outro dia, de manhã, Juvenal pegou a vaquinha, despediu-se do pai e saiu para vendê-la. No caminho encontrou-se com um varão que vinha trazendo três cachorros. O varão lhe disse:

— Aonde você vai com esta vaquinha?

Ele respondeu:

— Vou ao mercado para vendê-la.

— Quer trocá-la por estes três cachorros?

— Não posso, estes três cachorros comem e aumentam as despesas. E nós somos muito pobres. Por isso mesmo que vou vender esta vaquinha. Nós estamos precisando de mantimentos.

O varão respondeu:

— Mas estes cachorros não precisam de trato. Eles mesmos pegam sua caça. E disse:

— Rompe-ferro, vai buscar uma caça. Imediatamente o cachorro saiu e trouxe-lhe uma caça.

O varão, então, disse:

— Viu? Não precisa você se preocupar com comida para eles.

Juvenal respondeu:

— Faço o negócio. Ficarei com os três cachorros: Rompe-ferro, Ferrabrás e Corta-vento.

Quando Juvenal voltou para casa, o pai lhe perguntou:

— Já voltou? Cadê os mantimentos?

— Papai, fiz um negócio. Troquei a vaquinha por estes três cachorros. E já deu ordem aos cachorros pra irem buscar caça.

Quando os cachorros voltaram, Juvenal disse ao pai:

— Viu, meu pai, com estes três cachorros nós viveremos muito bem.

Passado algum tempo, Juvenal conseguiu armazenar muitas mercadorias para o pai, que davam para muitos anos de vida.

Daí, ele disse:

— Papai, vou partir com estes três cachorros por este mundo a fora em busca de novas venturas. Com o tempo, voltarei.

Viajou muito. Passando certa ocasião por um reinado ficou sabendo que o rei andava muito preocupado com o seu povo, pois havia ali por certo um dragão enorme a quem o rei era obrigado a oferecer, todo mês, uma jovem para ser devorada. Se o rei falhasse um mês, o dragão desceria ao povoado e devoraria todo o povo.

Cansado de oferecer as moças para o dragão devorar, o povo reclamou que o rei não oferecia a filha dele.

O rei se aborreceu tanto com a conversa do povo, que resolveu oferecer sua filha para ser devorada pelo dragão.

No dia seguinte, bem cedo, o rei mandou preparar sua caruagem e ordenou a um escravo preto para ir levar a princesa na gruta onde estava o dragão.

Chegando perto da gruta, o escravo disse para a princesa:

— Agora você apeia e vai a pé para o dragão lhe devorar, porque agora é a sua vez.

A moça desceu chorando da carruagem e Juvenal, cheio de coragem, ia passando e lhe perguntou.

— Aonde você vai chorando?

— Há numa gruta ali um dragão feroz e meu pai é obrigado a dar-lhe uma jovem por mês para ele devorar. Agora sou eu que vou ser devorada.

Juvenal disse-lhe:

— Isto não pode acontecer. Volte para trás, que eu vou tentar lutar com este dragão até dar fim nele.

A princesa, então respondeu:

— O dragão é terrível e você não poderá vencê-lo.

Juvenal, cheio de confiança, respondeu:

— Deixe comigo. Eu irei. Estes três cachorros que me acompanham me darão a vitória. Com eles eu já venci várias batalhas. E coitado deste perigoso dragão!

Juvenal junto com os três cachorros partiu ao encontro do temido dragão. O dragão dava cada urro forte que fazia até os cachorros se estremecerem. Juvenal deu início à luta e os cachorros agrediam como um inferno. Foi uma luta terrível. Por muito tempo lutaram sem nenhuma esperança. Juvenal percebeu que o fraco do dragão era debaixo do braço. Então, com muito jeito e esperteza, cravou a espada no sovaco do dragão que depois de um horroroso gemido, caiu morto.

A princesa quando viu o horroroso dragão morrer, gritou:

— Graças a Deus e a você, Juvenal, com os seus cachorros estou com vida. Deus que o proteja pra sempre. Quero dar-lhe uma recompensa pela sua atitude.

Juvenal não demorou em perguntar-lhe:

— Você, princesa, se casaria comigo?

E a princesa, sem nada pensar, respondeu:

— É claro. Você é bom, valente e será o meu esposo.

Então Juvenal disse para a princesa salva do bucho do dragão:

— Daqui a dois anos eu voltarei para tratar do nosso casamento, porque eu tenho que correr mundo. Preciso ir ver o meu pai como ele está. Daí, então, eu voltarei e nós casaremos.

Como prova de que tinha sido ele o homem que deu sumiço no dragão, tirou do bicho um dente, colocou-o na carteira e foi-se embora com os três cachorros.

O cocheiro da carruagem, um escravo covarde demais, via tudo o que se passava.

Assim que Juvenal partiu, ele apanhou uma faca e chegando perto do dragão morto cortou-lhe a língua e levou para carruagem.

A princesa perguntou ao escravo:

— O que você vai fazer com essa língua?

Ele respondeu:

— Esta língua é a prova de que fui eu que matei o dragão.

Aquele moço que lutou com o dragão é um andarilho. Nunca mais ele aparecerá por aqui. Por isso, você vai dizer a seu pai que fui eu que a salvei. E eu provo com a língua que estou levando. Daí, então, como recompensa, ele me oferecerá você em casamento. E eu quero me casar com você.

A princesa, com voz agressiva, respondeu:

— Não está certo! Por você eu já estaria no bucho do dragão. Eu não gosto de mentiras. Vou contar ao meu pai o que realmente aconteceu.

O negro escravo falou:

— Se você não se casar comigo eu a jogarei naquele abismo perto da ponte que temos de atravessar e ninguém ficará sabendo que eu fiz isso, porque você veio para morrer no bucho do dragão. Então você vai dizer a seu pai que quem matou o dragão fui eu.

A princesa com medo de ser jogada no abismo, não teve

outra escolha a não ser a de aceitar a proposta do escravo.

Chegando no palácio, o rei falou:

— Minha filha, você não pode voltar para casa, porque se não o dragão vem e nos devorará tudo.

Foi aí que o negro tomou frente e perguntou:

— De quem é esta língua, meu rei? Por ventura não é a do dragão?

O rei, assustado, quis saber o fundamento de tudo aquilo.

O escravo, muito convencido, falou:

— Majestade, eu não aceitei que o dragão devorasse a princesa e acabei lutando com ele até dar-lhe fim. Aqui está a prova disto, a língua dele.

O rei, muito contente, fez uma festa e ofereceu a filha em casamento ao escravo corajoso.

Na corte havia um médico para cuidar da saúde da família real. A jovem princesa contou tudo o que tinha acontecido para esse médico e pediu que ele guardasse segredo. E pediu para ele dizer ao rei que ela estava muito doente.

O médico foi à sala do rei e disse-lhe:

— Majestade, durante dois anos sua filha não poderá se casar. Ela está muito doente e um pequeno descuido a levará à morte.

A moça trancou-se num quarto e ninguém a podia ver a não ser o médico.

Foi por muito tempo essa vida até que o rei se aborreceu e disse para o escravo negro:

— Já faz dois anos que a minha filha leva esta vida de moça enferma. Então eu quero fazer o casamento de vocês e você daqui pra frente cuidará dela.

Nessa altura Juvenal estava aparecendo no reinado, porque já se completava o prazo dos dois anos que ele havia dado à princesa para o casamento.

Quando Juvenal entrou na cidade foi o maior reboliço, porque os soldados do rei investiram nele, porque ele dizia ter sido o matador do dragão. Se não fossem os três cachorros, Juvenal teria padecido muito. Mas com a ajuda deles ele saiu sem nenhum arranhão.

Nisto da janela do quarto a princesa reconheceu que era Juvenal que estava indo para o palácio e desceu para ir recebê-lo.

O rei, surpreso, perguntou:

— Quem é esse moço?

A princesa respondeu:

— Este é Juvenal, quem matou o dragão.

Foi aí que o rei ficou mais encabulado, porque já não sabia a história verdadeira. O preto tinha a língua, e Juvenal o dente.

Foi aí, então, que o médico falou:

— Ó meu rei, sua filha nunca esteve doente. Nesses dois anos que eu tratei dela, ela nunca esteve doente. Foi tudo uma mentira, porque a princesa esperava por Juvenal, o moço que verdadeiramente matou o dragão.

Ela me contou que dentro de dois anos ele viria para se casar com ela e hoje faz dois anos que ele fez este trato. Outra grande prova são os três cachorros que o acompanham e que o auxiliaram a lutar contra os soldados do rei.

Aí o rei disse:

— Na verdade fui tapeado por este negro!

E mandou cortar-lhe o pescoço.

O rei chamou Juvenal e fez o casamento dele com a princesa. Foi a maior festa que houve no palácio.

Antes que terminasse a festa, Juvenal disse para todos os convidados:

— Querem ver quem são estes três cachorros?

Os três cachorros se aproximaram dele e se despediram dele. Depois transformaram-se em três lindos anjos. Os anjos despediram-se de Juvenal e da princesa e voaram para o céu.

E aí saí depressa de lá, porque os anjos queriam me levar junto com eles”.

Narrado por José Rágio Zimbra, 45 anos (1983), casado, curso primário antigo, Avenida Pio XII, n.º 178, Bairro de São José, Olímpia. Não sabe quem lhe ensinou a estória.

7 - O PRÍNCIPE TATU

“Era uma vez uma senhora viúva, muito pobre, mãe de um príncipe chamado Príncipe Tatu. De dia ele era urubu e de noite ele se transformava num tatu. Este príncipe encafifô de pedi casamento pra filha mais velha daquela senhora pobre, que morava em frente do seu palácio.

— Mamãe a senhora vai na casa dessa viúva e diga pra ela que eu quero me casá com a filha dela, a mais velha.

A rainha foi na casa da senhora pobre, bateu palma e ela saiu pra atendê.

— Entra, majestade.

— Não, eu só vim pra fazê um pedido pra senhora.

— Pode pedi, majestade.

— O meu filho mandô perguntá se a senhora deixa ele se casá com a sua filha mais velha.

— Espera um pouco, vou chamá ela.

A moça veio e a mãe disse:

— Olha, minha filha, você qué se casá com o príncipe Tatu?

— A senhora que sabe, mamãe. Se fô do gosto da senhora, eu posso casá.

— Ó minha filha, mas é você que decide.

E a viúva pobre, então, perguntô:

— A senhora rainha, como mãe dele aceita minha filha, que é pobre, casá com o seu filho, que é príncipe?

— É de gosto dele, minha filha. Eu não vou desgostá o meu filho. Então o casamento vai sê feito.

Preparo o casamento. Casaro.

Depois do casamento no cartório, a noiva foi pra sua casa e o noivo, que era um urubu, ficô em cima de um toco, na frente do palácio. Escureceu, e este urubu nada de vortá pra casa. Então ela foi dormi, mas deixô a porta apenas encostada.

Tarde da noite ela tava deitada, mas não conseguia dormi, esperando o seu esposo urubu vir pra cama. Depois ela ouvia alguém empurrando a porta, entrô, foi pr’o quarto e começou a subi na cama: fuque-fuque, fuque-fuque. . .

Logo percebeu que era o fungado de um tatu. Ele subiu na cama, mas a coitada da noiva de tanto susto, deu um soco nele e derrubô ele da cama. Ele se apoderô de uma faquinha e enfiô no coração da moça e matô ela. E deitô.

No otro dia, de manhã, a mãe da noiva olhava para o lado do palácio e não via a filha, mas via aquele urubu em cima daquele toco. A porta do palácio também se abria. Então ela disse:

— Vê vê porque minha filha não se levantô ainda. Já é tarde.

Foi lá, bateu na porta: tum! tum! tum!

Então ela empurrô a porta e viu que ela tava encostada, protegida apenas por uma cadeira.

A mãe entrô no quarto e viu a filha morta, ensangüentada, deitada na cama. Essa pobre mãe ficô desesperada, c’as unhas na cabeça.

— Gente, venha vê o que aconteceu c’a minha filha. Morta. E o meu genro lá no toco!

Fizero o enterro dessa filha. Quando foi no otro dia, o urubu falô:

— Mamãe, vai lá e fala pr’aquela senhora viúva que eu quero casá co’a filha dela, a do meio.

— Ah! meu filho, eu não vô não. Essa mãe não vai querê agora deixá você casá co’a otra filha, porque a filha dela que se casô com você, apareceu morta, sangrada, na cama. Agora essa

mãe, com medo, não dexa você casá co’a otra.

— Vai lá e fala pra ela, que se ela não dexá eu casá co’a otra, eu mando uma marvaria pra ela.

A rainha saiu e foi otra vez na casa da viúva vizinha. Chegando lá, disse:

— Boa tarde, minha senhora.

— A senhora deseja alguma coisa?

— O meu filho mandô falá se a senhora dexa ele casá com sua filha, a do meio.

— Ah! minha senhora, eu não vô dexá e nem ela vai querê, porque ela viu a irmã morta e ensangüentada. Fizemo o enterro. Agora o seu filho qué casá co’a otra? Eu tinha só três filha, a mais velha já foi. E se casá essa do meio e aparecê morta também?

— Sim, minha senhora, a senhora tem razão, a senhora é mãe. Eu vô vortá e falá co’ele.

Chegando lá, disse:

— Meu filho, ela não vai dexá você casá com a filha, porque a mais velha apareceu morta. Por isso ela tá com muito medo, porque se esta morrê ela vai ficá só co’a caçulinha.

— Mamãe, diga para essa senhora que vai sê pió pra ela se ela não permiti o casamento.

A rainha vortô e disse pra viúva:

— O meu filho insiste casá co’a sua filha do meio e se a senhora não dexá, ele vai fazê uma marvaria pra ela.

A mãe, então, chamô a filha.

— Minha filha, o príncipe Tatu mandô dizê que se você não casá com ele, ele manda fazê uma judiação com você.

— Se é assim, mamãe, vô arriscá minha vida e o medo que eu tenho de algum bandido vir de noite, igual matô a minha irmã. Mas vô arriscá assim mesmo.

Ajeitaro o casamento, mandaro o convite pr’o povo, e ela casô co’aquela urubu.

Quando foi à noite, a noiva encostô a porta e foi pr’o quarto, no palácio. Escureceu e ela já ficô com medo, porque aquele urubu não saía lá do toco pra vir ficá com ela. Ela ficô cismada, deitô mas não havia meio de dormir. Tarde da noite, ela escutô um barulho na porta e ficô com mais medo, porque pensô que era o bandido que vinha pra matá ela. Mas logo ela viu entrá no quarto um bicho escuro fungando: fuque-fuque, fuque-fuque. . . Era um tatu. E ela ficô esperando a hora que ele subisse na cama dela. Nem quis acendê a lamparina. Quando ele foi subindo na cama, ela pensô:

— Eu casei com urubu, como vem um tatu aqui pr’o quarto?

E deu um soco tão grande que o coitado do tatu caiu feio da cama. O tatu arrancô de uma faquinha e sangrô essa noiva também.

O dia amanheceu, a mãe dela ficô olhando, com cuidado, pr’o palácio e pr’o toco aonde tava o urubu.

Vendo que a moça não abria a porta, foi pra lá vê o que aconteceu.

Chegô, chamô a filha e ela não respondeu. Então ela empurrô a porta, entrô e encontrô a filha morta, ensangüentada, deitada na cama.

A mãe saiu desesperada, chorando, e dizendo:

— Esta minha filha também morreu matada. Coitada! Será que esse príncipe Tatu vai querê inventá de levá a minha caçulinha também?

No meio daquela tristeza foi feito o sepultamento da moça assassinada.

Quando menos se espera, olha a rainha otra vez na porta. Chamô. A pobre mãe, desesperada, atendeu. E a rainha disse:

— O meu filho mandô perguntá se a senhora dexa ele casá agora c’a sua filha caçula.

— Pelo amor de Deus! Eu não vô dexá, porque casô a mais velha e morreu matada, casô a do meio e morreu matada

também. E eu só tenho agora essa caçulinha. Se ela morrer eu fico sozinha. Eu sou pobre, já estou velha. Então sou eu que não vou dexar, mesmo que ela queira, porque eu não vou ficar sem nenhuma filha.

A rainha vortô e contou tudo ao filho.

E o príncipe mandou dizer pra viúva que se ela não permitisse o casamento dele com a caçulinha dela, ele mandaria uma marvia dobrada pra moça.

A rainha foi, novamente, na casa da viúva pra tentar convencê-la a dexar a filha se casar com o seu filho urubu.

— Dona, o meu filho mandou falar que se a senhora não dexar ele se casar com a sua filha mais novinha, ele vai mandar uma marvia dobrada. Eu achava bom, minha senhora, dexar ela se casar com ele.

Quem sabe essa caçulinha não vai aparecer mortal

Avisa ela pra trancar a porta e não dexar encostada com a cadeira.

Aí a viúva resorveu chamar a mocinha e falar pra ela:

— Como é, minha filha, você não tem medo de amanhecer morta igual as tuas irmãs? O príncipe mandou falar que se você não casar com ele, ele vai te castigar dobrado.

— Vou me casar, mamãe. Eu não tenho medo.

— Quem sabe isto não acontece. Ah! mamãe é bom eu fechar a porta, né? Quem sabe se as minhas irmãs não fecharam?

— Reza, minha filha. Pede pra Deus. Eu também vou pedir.

— E vai lá na casa da madrinha, pede a benção e um conselho. Pede também pra ela rezar pra não entrar em casa nenhum bandido.

— Tá bem, mamãe, eu vou falar com a madrinha.

E daí ela deu a resposta pra rainha:

— Eu vou me casar com o filho da senhora. Mas eu peço prazo de três dias, porque antes eu vou falar com a minha madrinha.

Então a rainha se despediu e foi levar a notícia pra o filho.

— Meu filho a viúva consentiu e a moça também aceitou o casamento, mas pediu o prazo de três dias.

Respondeu o príncipe:

— Então tá tudo certo.

A moça foi na casa da madrinha, pediu benção e começou falar:

— Sabe madrinha, a minha irmã mais velha casou com o Príncipe Tatu, que era um urubu, e amanheceu morta. Depois ele quis casar com a minha irmã do meio, e ela amanheceu morta também. Agora ele quer que eu case com ele. E disse que se minha mãe não dexar ele manda uma marvia pra mim. E eu sei lá o que pode ser. Tenho medo que seja uma paralisia, uma cegueira e eu ficar impetrada numa cama. O que a senhora acha, madrinha?

A madrinha falou:

— Olha minha filha, você vai casar, mas esse mistério dessas duas irmãs amanhecê esfaqueada, morta, como pode ser? Casar com um urubu. Amanhece o dia tá no toco, ninguém conhece o mistério, mas minha filha, esse urubu é encantado. Então você vai levar este rosário, uma vela e uma caixa de fósforo. Quando você chegar, pergunta pra ele que se você casar com ele não vai acontecer o mesmo que aconteceu com suas irmãs. Você tem coragem de perguntar pra ele? Ele é urubu, não fala, mas você vai perguntar isso pra ele.

— Ah! madrinha, então vai dar certo o casamento?

— Vai. Mas você não seja boba. Se você perceber de noite que uma pessoa ou mesmo um bicho vai subindo na cama, então você risca o fósforo, acende a vela e alumia pra ver o que é. Por que um urubu casar com uma moça? De dia tá no toco, de noite quem é que sabe?

Às vezes ele não foi lá dormir com as tuas irmãs e veio bandido ou ladrão e matou elas.

— Então, madrinha, eu vou falar com ele. Será que dá certo?

— Dá certo sim, mas você vai levar essas coisas.

— Toma! Quê apuro que você passa pega nesse rosário, acende a vela e tudo dá certo:

— Tá bem madrinha, já vou. Benção.

— Deus te abençoe, Deus que te ajuda, nada de mal vai te acontecer. Nunca você vai esquecer da madrinha e do que eu te ensinei.

A moça saiu dali e foi direto falar com o urubu, no toco, disse pra o urubu:

— Eu vou me casar com você. Será que eu não vou amanhecer morta igual minhas irmãs?

O urubu falou pra ela.

— Não vai acontecer nada. Nós vamos casar, mas não leva nada da casa da tua mãe e nem da tua madrinha.

Ela disse:

— Não, eu não levo nada a não ser minha roupa.

Saiu dali e foi pra casa se preparar. Depois foi pra cidade se casar. Casou. Depois o urubu vortô lá pra o toco, novamente. E ela ficou conversando com as colegas, na festa do casamento.

Quando escutou, a mãe dela disse:

— Eu vou te acompanhar até o quarto, vou revistar todo o lugar pra ver se não tem nada pra te prejudicar lá dentro. Revistô tudo e não achô nada.

— Agora, minha filha, você fecha a porta ou deixa a porta encostada e vai deitar.

— Ah! mamãe, eu vou dexar a porta só encostada, porque mais tarde o meu marido urubu pode entrar pra dormir.

— Deixa encostada, minha filha, não tem perigo. É só fazer o que a sua madrinha ensinô.

A moça botou o rosário, a vela e a caixa de fósforo debaixo do travesseiro e deitou.

Tarde da noite ela ouviu o barulho de alguém empurrando a porta. Esperou em silêncio. Era um bicho que fazia fuque-fuque e que foi direto para a cama. Logo ela percebeu que era um tatu.

Quando o tatu começou a roncar, ela pensou:

— Eu vou acender a vela.

Sentou na cama, acendeu a vela e alumiu na cara dele. Aí ela teve uma surpresa mais encantadora. Era um príncipe, um moço muito bonito que estava deitado ali, todo vestido num traje maravilhoso.

E em silêncio, ela pensava:

— De dia ele é urubu, depois entrou fungando no quarto. Já era tatu. E agora ele é um príncipe mais maravilhoso do mundo. Meus Deus!, eu casei com um príncipe! E no meio daquele pensamento, de tanto entusiasmo, ela deixou um borrão quente na vela cair no rosto dele. Ele acordou assustado e com aqueles olhos lindos olhando nela.

Depois sentou na cama e disse:

— Você quebrou o meu encanto. Não posso mais viver aqui. Só indo embora pra outro país.

— Por que você fez isto? Eu pedi pra você que não trouxesse nada aqui nesta casa.

E ela, então, respondeu:

— É, mas a minha irmã mais velha e a minha irmã do meio se casaram com você e morreram assassinadas. A mamãe não queria deixar eu casar com você, porque de dia você é um urubu que fica no toco. Eu me casei com você e você subiu na cama fungando, era um tatu. Foi por isso que eu acendi a vela pra ver quem era que estava dormindo comigo. Eu queria ver. Acendi a vela e fiquei muito contente olhando no teu rosto, admirando a tua beleza. E muito feliz por ter casado com você. Você era urubu, virô tatu e agora é o príncipe mais lindo do mundo. Você não pode viver comigo?

— Agora não posso mais viver com você. Vou embora agora!

Ela começou a chorar, reclamando:

— Eu estô muito feliz de sê sua mulher e de mais a mais você é príncipe.

Ele disse pra ela:

— Você quebrô meu encanto. Não posso mais virá urubu e nem tatu. Olha, não chora. Tenha fé em Deus. Eu vô parti agora.

Então a moça disse:

— Espera o dia amanhecê e me leva junto para esse país pra onde você vai.

— Não! Você vai ficá sozinha. Se você quisé me vê, você vai em Vias-verde, que é lá que eu vô ficá. É um país diferente e desconhecido. Aqui não fico mais, porque você quebrô o meu encanto.

Ela falô então:

— Eu não sabia, você podia me perdoá.

— Não posso perdoá, porque você quebrou o meu encanto. Não posso mais virá urubu. Eu era encantado de nascença. Fica com Deus e eu também vou com Deus. O dia que você senti saudade, você pode i em Vias-verde, eu estô lá.

Ela se conformô, porque já estava com idéia de i a Vias-verde.

O príncipe abraçô ela, mandô fechá a porta e i dormi. E desapareceu.

A infeliz da noiva chorando, fechô a porta e foi deitá.

No otro dia cedo ela foi contá pra mãe que o urubu era o príncipe mais lindo, mas ela fez o que a madrinha mandô e o príncipe perdeu o encanto e acabô fugindo pra Vias-verde, um outro país. E disse que se um dia eu quisesse ir vê ele, eu podia i até lá.

A mãe disse pra ela:

— Ainda bem, minha filha, nada de mal te aconteceu. Agora você fica comigo.

— O dia que você senti saudade dele você vai em Vias-verde.

E ela ficô ali morando com a mãe até que um dia a saudade apertô tanto que ela decidiu i em Vias-verde. Aí ela falô pra mãe:

— Ô mãe, eu estô com muita saudade do Príncipe e eu vô até Vias-verde.

— O dia que eu estiver com saudade da senhora eu venho aqui vê a senhora.

A mãe respondeu:

— Está certo minha filha, mas antes de você saí vai despedi da sua madrinha.

Ao chegá na casa da madrinha e contá tudo pra ela, a madrinha ainda deu mais uns conselho e disse:

— Vai com Deus, minha afilhada, e leva este casal de patos de prata, este casal de marrecos de ouro e este casal de gansos de brilhante.

Leva também este punhado de agulhas, este punhado de cinzas e este punhado de sal que te servirão nos perigo.

Ela agradeceu muito a madrinha, beijô, pediu a bença e foi pra casa da mãe.

Na casa da mãe ela ajeitô uma mala com a roupa e os presente que a madrinha deu.

O rosário ela também levô, mas a vela e o fósforo que desencatara o príncipe, ela deixô pra mãe. Despediu-se da mãe e foi embora.

A primeira casa que ela chegô era a casa da Lua. Bateu palmas. Saiu uma velhinha.

— Bom dia, minha senhora. Eu sô uma peregrina. Eu quero i a Vias-verde e eu não sei i, porque é um país muito distante. Então eu vim pedi um socorro e um prato de comida, porque eu estô com fome.

A velhinha deu de comê pra ela e disse:

— Minha filha, eu sô a mãe da Lua. Esconda atrás da porta, porque ela vai chegá clareando o mundo inteiro, cansada e

nervosa.

— Mas eu pergunto pra ela, se ela conhece Vias-verde. Ela clareia o mundo inteiro e deve conhecê esse país.

A moça, imediatamente, se escondeu atrás da porta, mas com muita fé no rosário que a madrinha tinha dado.

A Lua chegou naquele nervosismo, clareando o mundo intero. Quando ela entrou dentro da casa, clareando tudo, disse:

— Mamãe, aqui está me cherando carne humana.

— Não, minha filha, é porque você está cansada, nervosa. Eu vô fazê um mingauzinho pra você, porque você deve está com muita fome.

A Lua começou a comê e perguntou pra a mãe:

— Mamãe, o que a senhora pôs neste mingau que parece que está cheio de ciscos?

— Não é nada, minha filha. Você anda cansada e seus olhos estão embaraçados. Coma. Minha filha, se aparecesse uma pobrezinha aqui pedindo socorro pra i em Vias-verde, porque ela quer ir atrás do marido dela, você ensinaria. Você conhece Vias-verde?

— Eu conheço, mamãe, Mas eu não posso i até lá. Traga esta senhora e eu levarei ela na casa do Sol, porque só o Sol poderá levá ela até Vias-verde.

Depois que a Lua comeu o mingauzinho, ela se acalmô e disse:

— Chama esta pobrezinha, mamãe.

A pobrezinha saiu de detrás da porta com a malinha na mão.

A Lua pôs uma caderinha no meio da casa e falô:

— Senta nesta cadeirinha que eu vô te amarrá. Fecha os olhos e não abra, porque se abri os olhos é perigoso, porque nós vamo vœ. Mamãe me dá uma corda pra amarrá esta senhora, na cadera.

Ela foi amarrada na caderinha junto com a mala debaixo do braço. Despediro da velhinha e desaparecero.

Quando chegô perto da casa do Sol, a Lua disse pra ela:

— Pode abri os olhos.

Ela abriu.

— A casa do Sol é ali, mas não conte pra ele que eu trouxe a senhora até aqui. E peça socorro pra ele i te levá em Vias-verde.

A coitadinha da mulher foi na casa do Sol e bateu palma.

A mãe do Sol saiu pra atendê. E a mulher disse pra ela:

— Sô uma pobrezinha, casei com um moço encantado, quebrei o encanto dele inocentemente e ele foi embora pra Vias-verde. E eu não sei i lá.

— Eu vim pedi pra senhora me dá um pouco de comida e uma ajuda pra mim i até lá.

A velhinha preparou um prato de comida pra peregrina e depois disse:

— Minha filha, eu sô a mãe do Sol. Ele vem quemando o mundo intero, e entra abrasando a casa. Então você esconda atrás da porta, porque ele chega muito nervoso, queimando todas as coisas.

Não demorô nadá, o Sol chegou iluminando toda a casa e dizendo:

— Mamãe, aqui me chera carne humana.

— Não, meu filho, você está muito cansado e com fome. A mamãe fez um mingauzinho pra você comê e depois você vai descansá.

O Sol foi comê o mingau e perguntô pra mãe:

— Mamãe, o que a senhora pôs neste mingau que parece está cheio de cisco?

— Não, meu filho, você está enxergando demais. É você que está muito cansado, as vistas embaraçadas de vivê clareando o mundo inteiro. Mas escuta, meu filho: Se chegasse uma pobrezinha, peregrina, aqui em casa e pedisse um favor pra vo-

cê, você fazia?

— O que é, mamãe?

— Aqui está uma mulher à procura do marido que passou a morá em Vias-verde, porque ele foi desencantado. Ela está com muita saudade dele, mas não sabe chegar até naquele país. Por isso ela qué a sua ajuda.

— Chama esta senhora, mamãe.

E o Sol perguntou pra ela:

— Então você quer i em Vias-verde?

— Se o senhor pudesse fazer uma caridade me levando até lá, eu agradeceria muito. Eu não sei onde fica esse país.

— Eu vou te levá não em Vias-verde. Eu conheço Vias-verde, porque eu clareio o mundo inteiro, mas não posso te levá dentro dela. Daqui eu vô te levá na casa do Vento. É o Vento quem vai te resolvê o problema, te deixando em Vias-verde.

Aí o Sol colocô uma caderinha no meio da sala, pediu que ela sentasse e amarrô com uma cordinha. Ela sentô com a malinha no braço, foi amarrada e o Sol levô ela até perto da casa do Vento e pediu pra não contá que foi ele que tinha levado ela até lá.

Chegando na casa do Vento, uma velhinha veio atendê.

Ela cumprimentô e já foi explicando a situação.

— Sabe, minha senhora, eu sô uma peregrina que estô viajando à procura do meu marido que foi para Vias-verde. Estô cansada, com muita fome e o pió é que não sei onde fica Vias-verde. Por isso eu vim até aqui pedi proteção ao Vento, porque eu estô com muita saudade dele. Ele é um príncipe.

A boa velhinha deu de comê a ela e pediu:

— Agora, minha senhora, esconda atrás da porta, porque está na hora do meu filho chegá. Ele chega nervoso, derrubando árvore e fazendo danura.

Não demorô muito o Vento entrô e já foi dizendo:

— Mamãe, aqui me chera carne humana.

— Não, meu filho, é porque você chegou muito nervoso, cansado. Vou fazer um mingauzinho pra você.

Quando o Vento começô a comer, ele falô:

— Ih! mamãe, este mingauzinho parece que está sujo, cheio de cisco.

— Não meu filho, é porque você está muito cansado, as vistas embaralhada. Pode comê. O mingauzinho está muito limpo. Meu filho, se aparecesse uma peregrina aqui e pedisse por caridade pra você levá ela até Vias-verde, você atendia?

— Cadê ela, mamãe?

A velhinha foi chamá a peregrina e contô a história para o Vento.

Ó Vento disse:

— Eu te levo até Vias-verde. Colocô uma cadeirinha no meio da sala e amarrô ela e a malinha com uma corda e pediu para ela fechá os olhos e não abri enquanto ele não mandasse.

Quando estava perto de Vias-verde, o Vento disse para a mulher:

— Abre os olhos, porque você vai descê aqui. Não vai contá ao Príncipe Tatu que fui eu que te trouxe aqui. Se ele perguntá, fala que você veio viajando por terra, pedindo um prato de comida e água aqui e ali. Não conte pra ele que fui eu que te ajudei, porque eu sou muito amigo do Príncipe Tatu. Eu sou o Vento, percorro o mundo todo, conheço todos os países e também todos os príncipes. Ela respondeu:

— Não tem perigo. Eu saberei guardá o segredo.

Aí a mulher pediu a proteção do Vento para as horas difíceis, agradeceu e despediu.

Em Vias-verde ela foi direto para o palácio onde se encontrava o Príncipe Tatu. Bateu palma e foi recebida por uma mulher preta. Cumprimentaram. Aí a peregrina disse:

— Eu estou procurando serviço. Será que a rainha qué me dá emprego?

A preta respondeu:

— Espere um pouco que eu vô falá com a rainha, porque já tem muitas empregada neste palácio.

Entrô e perguntô:

— Sinhá rainha, chegô aqui uma peregrina, com uma malinha na mão, perguntando se a senhora qué ajustá ela pra trabalhá. Ela é sozinha.

Naquele palácio estava morando o Príncipe Tatu, mas comprometido em casamento com a princesa, filha da rainha.

O Príncipe Tatu já tinha se esquecido de sua esposa Aligramá, que tinha desencantado ele e já estava noivo de uma linda princesa.

A rainha disse pra preta:

— Chama essa peregrina. Se ela estivé com fome vô tratá dela. E se eu fô com a cara dela eu dô emprego. Deixa eu vê direitinho o rosto dessa moça.

A moça entrô, a rainha olhô bem para ela e disse:

— Se você quisé trabalhá aqui, tem que dormi lá no galinheiro. Varre bem varridinho. Eu te dô dois saco de estopa, você enche de palha de milho para servi de colchão. Seu serviço não é aqui dentro da casa, seu serviço é lá fora, no terrero: tratá dos porcos, das galinhas. Cuidá do galinheiro e do chiquero.

— Está bem, rainha, eu aceito. Eu sô muito pobre.

A moça foi para o galinheiro e ajeitô ele da melhor maneira pra ela ficá morando nele.

No outro dia, de manhã, Aligramá soltô o casal de patos de prata.

Aquela preta que recebeu ela no palácio desceu lá no quintal pra vê o que Aligramá estava fazendo. Quando ela bateu os olhos naquele casal de patos de prata, voltô depressa para o palácio e disse para a patroa:

— Sinhá rainha, Aligramá é uma peregrina, mas ela tem um casal de patos de prata que nenhuma pessoa rica da redondeza tem igual.

— Ah! é? E são bonito?

— São sim. É a coisa mais linda.

— Então vai lá e pergunta se ela vende eles pra mim.

A preta voltô depressa e perguntô pra Aligramá se ela queria vendê os pato para a rainha.

— Fala para ela que eu não vô vendê. Eu dô de presente para ela, se ela deixá eu dormi esta noite no quarto do Príncipe Tatu.

A preta voltô correndo:

— Sinhá rainha, Aligramá mandou dizê que não vende os pato de prata. Mas ela dará de presente se a senhora deixá ela dormir esta noite no quarto do Príncipe Tatu.

— Éh! Eu já não tô gostando dessa tal de Aligramá. Mas vai buscá o casal de patos pra vê se eu gosto.

A preta tornô a descê, pegô os pato e levô para a rainha vê.

A rainha quando viu os pato, já foi dizendo:

— Que beleza! Pode falá pra Aligramá que ela pode pou-sá hoje no quarto do Príncipe Tatu.

Naquela noite, Aligramá ajuntô o colchão e foi pr'o quarto do príncipe. Quando ela entrô, o príncipe já estava dormindo. Ela deitô pertinho dele. Tarde da noite, ela sentô na beirada da cama dele e disse:

— Príncipe Tatu, você se lembra que falô para mim que se eu quisesse te vê que viesse em Vias-verde? Agora eu estô aqui.

O príncipe nem se acordô. Continuô dormindo. E antes que o dia amanhecesse, ela ajuntô o colchãozinho e voltô lá pr'o galinheiro.

Quando o sol nasceu, ela soltô o casalzinho de marreco de ouro, que andava requebrando, todo brilhando no sol.

A preta curiosa quando viu os marrequinho solto no terreiro foi depressa avisá a rainha.

A rainha mandô a preta perguntá pra Aligramá se ela vendia os marreco. E a resposta foi esta:

— Eu não vendo os marrequinhos de ouro. E dô de presente para a rainha se ela deixá eu dormi ainda esta noite no quarto do Príncipe Tatu.

A preta foi falá com a rainha:

— Sinhá rainha, Aligramá não qué vendê os marreco, mas ela dá de presente se a senhora deixá ela dormi ainda hoje no quarto do Príncipe Tatu.

— Outra vez? Essa mulherzinha está inventando muita coisa. Eu já não estô gostando não. Mas fala pra ela me mandá os marreco que eu quero vê.

A preta buscô os marreco e mostrô para a patroa. Ela disse:

— Ah! que coisa mais linda do mundo. Eu vô querê sim. Fale pra ela que ela pode dormi no quarto do príncipe. Mas só mais esta noite.

De noite, Aligramá entrô com o colchãozinho no quarto do Príncipe Tatu. Ele já estava dormindo, como da primeira vez. Ela deitô no cochãozinho e, tarde da noite, ela sentô na beirada da cama do príncipe e falô:

— Príncipe Tatu, você não me disse que se eu sentisse saudade de você que viesse em Vias-verde para te vê. Eu estô aqui.

O príncipe ameaçou acordar, mas virô pr'ô canto e continuô dormindo.

Antes do dia amanhecê, ela apanhô o colchãozinho de palha dela e foi para o galinheiro. Bem de manhã ainda, ela soltô o casalzinho de gansos de brilhante, coisa muito linda pra se vê.

Vai a preta no quintal e fica admirada ao vê os ganso tão lindo, passando pelo terrero.

A preta, com muita inveja de Aligramá, pensava consigo:

— Como pode uma pessoa pobre comprá uns animais tão caros? Nisto tem algum mistério.

E mais que depressa foi avisá a patroa:

— Sinhá rainha, a senhora precisa vê o casal de ganso de brilhante que Aligramá soltô no quintal. É coisa do outro mundo.

— Mas ela tem isto também? Meu Deus do céu! Vai buscá que eu quero ver.

A preta voltô e foi falá com Aligramá:

— A patroa qué sabê se a senhora vende os ganso pra ela. Ela qué comprá.

Aligramá respondeu:

— Leve os ganso pra ela vê. Não vai custá nada se ela deixá eu dormi mais esta noite no quarto do Príncipe Tatu. Este é o último casal de aves que eu tenho.

A preta pegô os ganso e levô para a patroa.

— Sinhá rainha, este é o último casal de aves que Aligramá tem. Ela não vai cobrá nada da senhora, mas qué que a senhora deixa ela dormi mais esta noite no quarto do Príncipe Tatu.

Que mulherzinha teimosa! Não tô gostando nada desse pedido idiota que ela faz. Mas como eu gostei muito dos ganso de brilhante, diga para ela que ela pode pousá mais esta noite. É a última. Que ela não invente mais nada.

De noite ela pegô o colchãozinho e foi para o quarto do Príncipe Tatu. Quando Aligramá entrô, ele já estava roncando. Então ela sentô na berada da cama e disse:

— Príncipe Tatu, você não se lembra que me falô que quando eu tivesse saudade de você, era só vim até Vias-verde? Pois então, aqui estô.

O Príncipe Tatu acordô e virô pr'ô lado dela e quis reconhecer ela, mas perguntô:

— Quem é você?

— Eu sô sua esposa. Você me disse que quando eu sentisse saudade era pra vim. Então eu vim.

— Quem foi que trouxe?

— Vim andando por terra, viajando, pedindo pouso, comida e água até que cheguei aqui.

— Olha Aligramá, já vô te falá a verdade: estô noivo e eu vô me casá com a princesa, filha do rei deste palácio.

Ela respondeu:

— Se você vai se casá, então me leva pra sê pelo menos sua empregada. Como você se esqueceu assim de mim?

O Príncipe Tatu respondeu:

— Faz tanto tempo e eu nem me lembrava mais de você. Durante o tempo que conversaro, o guarda-noturno do palácio ouviu mais ou menos o assunto que eles discutiro.

De manhãzinha, Aligramá ajuntô o colchãozinho dela e foi para o galinheiro, muito tristinha.

Aquele criado, o guarda, chamô o rei e a rainha e falô para eles:

— Abra os olhos com essa peregrina que chegô aqui. Eu escutei a conversa dela com o príncipe, no quarto. Só que eu não entendi muito bem a conversa deles. Mas é sobre casamento.

O rei e a rainha dissero:

— Então vamos cuidá de dá fim nela. Lá no campo tem uns bois brabo, aqueles boi que nunca viero comê sal no cocho.

— Vamos pegá com laço três bois baguá. Vamos mandá fazê um vestido vermelho pra ela, porque boi baguá não gosta dessa cor. Vamos convidá todo o povo da redondeza para vim assisti a morte dessa peregrina atrevida. Chegô aqui mendigando para enganá todos nós e fez de tudo para i pousá no quarto do príncipe. E ele é noivo de nossa filha e falta só três dias para o casamento.

Compraro um pano vermelho e fizeram um vestido para Aligramá. Convidaro outros reis, rainhas, príncipes, princesas e outras pessoas importante para assistir aquela cena mais triste do mundo.

Quando estava tudo preparado, a rainha chamô a criada preta e disse:

— Leva este vestido pr'aquela peregrina e fala pra ela vim assisti a festa que estamos fazendo.

Aligramá, já meio desconfiada, vestiu o vestido vermelho, mas não se esqueceu de um lençinho branco que a sua madrinha tinha dado para ela. Dobrô o lençinho e pôs por dentro do vestido.

Quando ela chegô, o rei pediu pra ela ficá perto do morão do manguerão.

Pusero um toco e ela sentô-se em cima dele.

Os três marrucos brabo estavam fechado numa repartição do curral, como fica nas tourada para ser solto, um de cada vez.

O povo estava todo curioso no palácio, para vê a destruição daquela pobrezinha.

Quando soltô o primeiro boi, ele saiu nervoso, bufando, chifrando o barranco, escavando o chão, mas quando se aproximô dela, ela cantô assim:



— Afasta, afasta, meu boizinho,
Não se esqueça do andá,
Não vai fazê que nem o Joãozinho
Que esqueceu da Aligramá.

Aquele boi voltô urrando de fasto e não teve coragem de dá nem uma chifrada na pobre da peregrina.

A rainha, nervosa, gritava:

— Este boi não presta. Solta outro boi mais brabo. O po-

vo está aqui pra assistir a morte dessa fingida. Solta o boi pintado, aquele que tem o chifre maior.

O boi saiu feito um demônio. Urrava, chifrava as tábuas do curral, fungava que dava arrepio de medo. Mas quando faltava uns dois metros pra chegá na Aligramá, ela cantô:

— Afasta, afasta, meu boizinho,
Não se esqueça do andá,
Não vai fazê que nem o Joãozinho
Que esqueceu da Aligramá.

O príncipe, no meio da multidão, no alto do palácio, começou a lembrá que ele tinha se casado com aquela moça, em outro país.

Aquele boi também se afastô, pulô o curral para o meio do pasto e não fez nada para machucá a moça.

O rei começou a se desesperá e gritava:

— Eu pensava que esses marruco fosse perigoso, mas pelo que está vendo são água benta.

— Solta, então, este boi preto, é o último. Vamos vê se ele vale alguma coisa. É impossível que este não acabe com essa intrometida. Vamos povo, atíça. Joga pedra nele, pra vê se ele fica baguá, pra liquidá com esta mulherzinha, agora.

O boi saiu como um relâmpago, escavô o chão, pulava de bravo, dava cabeçada pra todo lado. Aligramá chegou a ficá amarela de medo. Então ela retirô o lençinho branco que estava no seio, acenô pra esquerda e pra direita, cantando:

— Afasta, afasta, meu boizinho,
Não se esqueça do andá,
Não vai fazê que nem Joãozinho
Que esqueceu da Aligramá.

O príncipe então, começou a senti mal no meio da multidão.

O boi também não quis atacá a pobrezinha e se afastô como os outros, pulando a cerca do curral. E a multidão, então assistiu o fim daquele teatro. Os três bois saíro feroz, urrando, como se estivesse com remorso, desaparecendo no meio da invernada.

O rei, vencido e desapontado, bradô:

— Não tem jeito mesmo! O que eu tenho que fazê é mandá esta mulherzinha i embora daqui. Hoje já é noite e não dá pra ela saí, mas amanhã, de manhã, ela tem que desocupá minha propriedade.

— Parece até um mistério: com uma cantiga e com um lençinho branco, ela deixô os bois manso, que não fizeram nada pra ela.

— O povo convidado pra assisti à morte da peregrina, também ficô surpreso, porque os bois baguá não tivero atitude de maldade contra ela. Parecia que ela tinha proteção do alto.

O Príncipe Tatu quando foi deitá começou a recordá a caçulinha da viúva que morava em frente do palácio da mãe dele, do casamento que fez com as duas irmãs que ele mesmo matô e, por fim, o casamento com ela, que quebrô o encanto dele. E falô pra ele mesmo:

— Eu não vô me casá com a princesa daqui. Esta é a moça com quem eu me casei e eu vô morá com ela, porque ela me ama de verdade. Eu deixei o meu país, a minha mãe e a minha fortuna. Ela deixô o país dela, e veio à minha procura. Nesta noite eu vô dá um jeito e resolvê o problema.

Enquanto o príncipe pensava, Aligramá estava deitada, tristinha, na caminha dela, também pensando:

— Meu Deus, fiz tanto esforço pra chegá até aqui. Precisei da ajuda da Lua, do Sol e do Vento. Mas o meu sacrifício de nada valeu. Não consegui vivê com o meu esposo.

Nisto, alguém bate na porta do galinheiro onde ela dormia: tum, tum, tum, tum!

Ela perguntô:

— Quem é?

— É o Príncipe Tatu. É o teu esposo. Vamos fugi daqui, vamos embora, vamos vivê noutra lugá. Lembrei que você é a minha legítima esposa. Só que para o país onde casamos eu não posso mais voltá. Pegue as tuas coisas, saia, vamos fugi.

Ela abriu a porta, estava muito contente. Eles se abraçaro. Pegô a malinha dela e ele pegô as malas dele e dero no pé. O casamento dele com a princesa era no dia seguinte.

O dia clareô. A criada do palácio preparô a mesa do café para o rei, a rainha, a princesa e o príncipe Joãozinho, pois era este o nome com que era conhecido naquele reinado. Todos já estava sentado e o Príncipe Tatu não dava a cara.

O rei ficô indignado e disse:

— Uail por que será que o Príncipe não veio até agora para tomá o café?

Mandô uns criado i chamá ele no quarto e disse:

— Se ele não respondê, faça um buraco na porta pra vê se ele está dormindo ou se está morto.

Os capangas batero forte na porta. A porta estava trancada, mas o príncipe não respondia. Então fizeram como o rei mandô. E viro que o quarto estava vazio. A porta estava trancada, mas ele tinha levado a chave. Enquanto eles procurava o príncipe no quarto, a empregada preta foi no galinheiro onde dormia a peregrina e encontrô o quarto vazio. Nem peregrina, nem mala, nem nada. Foro ao rei e dissero:

— Nem o príncipe Joãozinho e nem peregrina não estão mais aqui. Eles deve ter fugido.

A rainha e a princesa noiva quase se enlouquecero. Chegaro até a arrancá os cabelos, de nervoso. Então o rei teve uma decisão: mandô os jagunço atrás dos fujão, porque já estava chegando os convidado pra festa do casamento, que era no dia seguinte.

E os convidado curioso desejava sabê o que estava acontecendo. A rainha, muito envergonhada, contava a todos a triste história.

O rei mandô jagunços saí numa carruagem, puxada por muitos cavalo, e se puseram na estrada pra vê se alcançava o príncipe e a peregrina.

Andaro, andaro, andaro e quando estava chegando perto deles, a peregrina jogô aquele punhado de agulhas que a madrinha tinha dado. Num átimo tudo virô um espinheiro danado. Enquanto os perseguidor se defendia, o casal andô e ganhô muito mais campo. Depois de muito tempo lá vem a carruagem. A peregrina, então, jogô aquele punhado de cinzas e de repente a estrada se transformô num nevoeiro e eles ficaro muitas hora sem enxergá nada. Enquanto isto, o príncipe e a peregrina andaro muito mais.

Depois que a estrada clareô um pouco, a carruagem seguiu desesperada pra prendê o casal. Quando estava pega não pega, a peregrina jogô o punhado de sal que a madrinha havia dado. Então o lugar por onde os jagunços vinham, transformô-se num mar tão grande que ninguém podia atravessá. Foi um grande milagre de Deus. Aí os jagunços dissero:

— Não tem mais jeito. Vamos voltá e dizê ao rei.

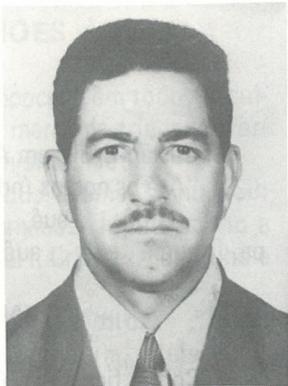
Voltaro e explicaro tudo. A princesa quando viu a carruagem chegá no palácio, sem o seu príncipe noivo, ficou enlouquecida. Vestiu o vestido de noiva, subiu, subiu, subiu até o último andar do palácio e de lá se pinchô e caiu despedaçando-se numa pedra.

O príncipe Tatu e a princesa Aligramá foro para um lugar desconhecido e até hoje estão morando juntos e vivendo muito bem”.

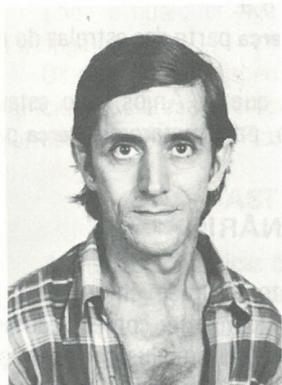
Narrado por Rosa Pereira dos Santos, casada, pouca instrução, 70 anos (1983), residente na Avenida do Folclore, n.º 566, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia. Aprendeu-o quando contava sete anos de idade, com uma moça de dezessete anos, chama-

NARRADORES DOS CONTOS

NELSON JOAQUIM DE SANT' ANNA - filho de João Joaquim de Sant'Anna e Hipólita T. da Silveira Sant' Anna, nascido em Olímpia, no dia 15 de abril de 1931. Concluiu o curso primário antigo. Casou-se com Afonsina Roxo Sant' Anna. Pai de dois filhos: Rita de Cássia e Antônio Maria. Violonista, violonista e cantador de músicas caipiras. Pecuárta. (Faleceu na Beneficência Portuguesa de Rio Preto, no dia 21 de dezembro de 1979. Foi sepultado em Severínia - SP).



FÁTIMA APARECIDA PROVÁSIO DE MIRANDA - Filha de Sílvio Provásio e de Etelvina Aniceto, nasceu em Olímpia no dia 26 de fevereiro de 1954. Casada com Luís de Miranda. Mãe de dois filhos: Luciano e Luís Henrique. Estudou até o 3.º ano do primeiro grau. É católica. Doméstica. Gosta de contar estórias e narra-as muito bem.



BENEDITO BATISTA DE CARVALHO (Ditinho) - filho de Francisco Batista de Carvalho e de Sebastiana Narciso, nasceu em Olímpia no dia 5 de maio de 1946. Solteiro, Católico. Frequentou até o 2.º ano do curso primário antigo. Hortelão. É folião de Santos Reis. Fabrica máscaras, facões e instrumentos para a Folia de Reis. É pandeirista, bumbeiro, caixista e flautista. É paraplégico. Conhece muitos contos e gosta de contá-los.



JOSÉ RÁGIO ZIMBRA (Zequinha) - filho de João Rágio Zimbra e de Joana da Cruz Prates, nasceu em Olímpia no dia 11 de abril de 1935. Casado com Rosa Maria Zimbra, é pai de 8 filhos: Maria Aparecida, Carlos Roberto, Vera Lúcia, Marta, Abrão, Samuel, Rosa e Raquel. Completou o curso primário antigo. Pedreiro, pintor e encanador. Membro da Igreja Congregação Cristã no Brasil. Sabe muitos contos e é um grande narrador.

ODÉCIMA APARECIDA BATISTA DE CARVALHO (Dacinha) - irmã de Benedito Batista de Carvalho e também de Marica, Zé e Tonica. Nasceu em Olímpia no dia 31 de agosto de 1934. Solteira. Católica. Gosta de rezar terços. cursou até o 3.º ano do curso primário. Costureira, florista e abrolheira. Faz pinturas nos instrumentos da Folia de Reis. É paraplégica. Excelente memória. Exímia narradora de contos. (Faleceu no dia 6 de julho de 1983. Foi sepultada no cemitério de São João Batista, de Olímpia).



ROSA PEREIRA DOS SANTOS (Rosinha) - Filha de Bento José dos Santos e de Maria Prudência, nasceu no dia 2 de agosto de 1913, em Monte Azul Paulista. Casada com Jaime Pereira dos Santos, não tem filhos. Não frequentou escola, mas sabe ler e escrever por dedicação própria. É católica e espírita. Benzedeira, bordadeira, crocheteira e abrolheira. Cuida do jardim e das hortaliças no quintal de sua casa. Reside em Olímpia há mais de 60 anos. Conhece mais de uma centena de contos.



O MÁGICO TRÊS

José Carlos Rossato
Departamento de Folclore — Olímpia

A Folclorística expressa o estudo do folclore, da sabedoria popular, da cultura espontânea do povo. O folclore não é constituído de saudosismo, de música caipira ou de qualquer conceitualização errônea ditada pelo prisma da desinformação. Folclore será o amanhã. O folclore não está desaparecendo, como alguns dizem. Enquanto existir qualquer grupo humano, o folclore existirá. O que poderá, provavelmente ocorrer é o eclipsamento de alguns grupos folclóricos ou de certas manifestações.

Como dizia Saint-Exupéry, "eu corro o risco de ficar como as pessoas grandes, que só se interessam por números" (1972, página 21). Também é do famoso autor d'O Pequeno Príncipe: "as crianças devem ser muito indulgentes com as pessoas grandes" (1972, página 20).

No relacionamento do cotidiano, os numerais e até os ordinais marcam presença. Entretanto, alguns mais que outros. Há uma tríade muito lembrada. Desse tríduo chegou a vez do **três**. Agora completamos o triângulo, a figura geométrica mais simples. Fechamos com o **três** o tripé, cujos números anteriores foram o treze e o sete, já publicados neste Anuário, nas duas últimas edições, já plenamente esgotadas.

INFLUÊNCIA

A influência do **três** vem dos mais remotos tempos, em todos os povos e em todo o ecúmeno. Conseguimos detectar o princípio dessa importante ação participativa. Tanto é verdade que o Universo foi criado à imagem de Deus, ou seja, tríplice em suas manifestações, compreendendo os princípios do Pai, da Mãe e do Filho. O **três** é o número da Trindade. Esta é a lei universal da existência. Nasceu da união da unidade com a dualidade. Daí, prender-se à idéia da Divindade.

O **três** é o número da forma. Não existe corpo sem as **três** dimensões: comprimento, largura e altura. É impossível existir ação sem **três** condições: sujeito que age, objeto que reflete a ação, e o agir.

O algarismo arábico **três**, cuja origem sagrada vem do hieróglifo, representa o órgão genital masculino, tendo a forma de um **três**.

O **três** é destacado pelo povo como possuidor de poderes misteriosos. A nossa gente possui decidida predileção, pelas formas tríplices. É notável a predominância desse número mágico, simétrico, envolvente e notadamente místico.

E por mencionar o Pequeno Príncipe, no planeta que ele morava havia **três** vulcões. Naquela obra, lê-se: "dar-lhe a volta" (1972, página 53).

Não é só. Inúmeros outros escritores utilizaram o **três**, na literatura.

O Padre Antônio Vieira, consagrado orador sacro, deixou em Sermões (1928, volume XII, página 232):

"**Três** portas para o Oriente, **três** para o Ocidente, **três** para o Setentrião, **três** para o Meio-Dia, e sempre **três**, somente **três** para todas as partes onde se descobre o céu; por quê? Porque no número **três** estava significando o mistério da Trindade sem o qual não se entra no Céu".

Gastão Cruis, em A Amazônia Misteriosa, afirmou:

"Até os nossos índios adotavam o ritmo ternário:

— Auê. . . auê. . . auê. . . pa. . . auê. . . auê. . . auê. . .
pa. . . auê. . . auê. . . auê. . . pa. . ." (1953, página 40).

O INVERSO DE TRÊS

Como ficou explícito o **três** é o símbolo da Divindade. Contudo, os numerologistas admitem que a fração um **terço**, ou seja, o inverso do algarismo estudado, representa a negação de Deus. Em outras palavras o número 1/3 simboliza o pecado. Este número fracionário, no Apocalipse, lembra aspectos negativos. Eis **três**, dos vários exemplos:

"E a **terça** parte das criaturas, que viviam no mar, morreu e a **terça** parte dos mares pereceu". 8,9.

"E a cauda dele arrastava a **terça** parte das estrelas do céu, e a fez cair sobre a Terra". 12,4.

"Logo foram destacados os quatro Anjos, que estavam prestes para a hora, dia, mês e ano, para matarem a **terça** parte dos homens". 9,18.

CICLO TERNÁRIO

Os fenômenos, indistintamente, resumem em um ciclo ternário. Assim, podem repetir indefinidamente: começo, duração e fim; introdução, desenvolvimento e conclusão; inspiração, retenção e expiração; nascimento, vida e morte. Informante: Geny Alberini, em 1972.

O mesmo se dá com as filosofias ternárias: liberdade, igualdade e fraternidade; passado, presente e futuro; sabedoria, força e beleza.

Informante: Francisco Gabriel Junqueira Machione, o popular Bié, integrante do Departamento de Folclore de Olímpia, em 1986.

Também diversos conjuntos são tríplices, isto é, formados por **três** partes:

Universo: Céu, Terra e Inferno. Outras pessoas o dividem em **três** mundos: espiritual, material e psíquico.

Reinos da Natureza, Animal, Vegetal e Mineral.

Dimensões do espaço físico: comprimento, largura e altura.

BÍBLIA

Nas Santas Escrituras, a persistência do **três** pode ser notada. Aliás são centenas de citações bíblicas com o **três**:

Abrão é abordado por **três** anjos. Gênesis 18,2. Moisés é escolhido durante **três** meses. Êxodo 2,2. **Três** amigos conversam com Jó. Jó, 2,11. Posso destruir o templo de Deus e reedificá-lo em **três** dias, Mateus 26,6. **Três** filhos de Adão: Abel, Caim e Sete. **Três** filhos de Noé: Jafé, Cem e Cam.

CRISTIANISMO

É enorme a presença desse número no Cristianismo. Fica-

remos com os exemplos:

A inscrição colocada na cruz de Jesus foi escrita em **três** idiomas: grego, hebraico e latim.

Cristo construiu o templo em **três** dias, ressuscitando no **terceiro** após a morte.

Jesus no berço recebe a visita dos **três** magos (Gaspar, Baltazar e Belquior) que ofereceram **três** presentes: ouro (para o rei), mirra (para o homem) e incenso (para Deus).

OUTRAS RELIGIÕES

Em todas as nações, em todas as épocas e em todos os cultos, encontramos a presença do **três**, a marca da trindade. Portanto, é comum a tríade atuando em conjunto. Note:

Paganismo: Sol, Lua e Terra. Hindus: Brama, Visnu e Siha. Egípcios: Osíris, Ísis e Hórus. Romanos: Júpiter, Juno e Vulcano. Caldeus: Baal, Astarte e Melkart. Cristãos: Pai, Filho e Espírito Santo.

Os marçons usam **três** pontos, assim dispostos . . . , como triângulo equilátero. É uma forma de abreviatura. Defendem o lema: liberdade, dever e poder.

MATEMÁTICA

Na Matemática tudo que cresce, desenvolve e finda forma uma curva que pode ser representada por uma equação **três**, também conhecida como de **terceiro** grau.

Toda e qualquer figura geométrica pode ser subdividida em triângulos.

Os requisitos indispensáveis para um bom gráfico são **três**: simplicidade, clareza e veracidade.

Informante: Luís Carlos Rossato, em 1980.

ASTRONOMIA

As leis astronômicas de Kleper são **três** e a **Terceira** move-se, ao mesmo tempo, em **três** direções diferentes.

As **Três**-marias são estrelas da constelação Orion. São também conhecidas como os **Três** reis magos.

Informante: Gercino Davanço, em 1987.

BOTÂNICA

Muitas das denominações populares dos vegetais tomaram o número emprestado. É o caso de:

Três novidades, variedade de uva. **Três**-folhas-brancas: quinta-falsa. **Três**-marias: primavera.

ZOOLOGIA

O **tres** aparece também no reino animal. Exemplificamos com:

Três-portas, abelha. **Três**-potes, Saracura. **Três**-cocos, passarinho.

HOMEM

O ser humano é formado de espírito, alma e corpo. Isto corresponde anatomicamente à cabeça, tronco e abdômen. Na evolução humana, **três** estágios: teológico (infância), metafísico (juventude) e positivo (maturidade).

TOPÔNIMOS

Na distribuição espacial dos topônimos, encontramos considerável participação do algarismo estudado.

Três orelhas - morro que divide São Bento do Sapucaí (SP)

de Paraisópolis (MG). **Três** Fronteiras - Município do Noroeste paulista. **Três** Ilhas - sistema potamográfico regional do rio Parará, no Município de Presidente Epitácio (SP).

HISTÓRIA

Na História é enorme a presença do **três**, não só na numeração dos reis, dos Papas, dos Antipapas (não canonicamente eleitos e com pretensão de verdadeiros e legítimos) e datas famosas.

Nabocodonosor lançou **três** homens à fornalha. Sansão enganou Dalila **três** vezes. No Reinado de Davi, a fome durou **três** anos.

Informante: Elci Paracatu Ferreira, em 1979.

POLÍTICA

Em nosso País são **três** os poderes constituídos: legislativo, executivo e judiciário.

O **Terceiro** Mundo é um sério problema para a atualidade e o futuro que se avizinha. O **Terceiro** milênio amedronta-nos antes de chegar.

Informante: Milton César de Brito, em 1985.

ARTE MUSICAL

Também na arte musical deparamos com a influência do **três**.

Há diversas músicas onde aparece o algarismo em estudo, quer no interior da letra, quer no próprio título.

Terça maior e **terça** menor (certos intervalos entre dois **terços**). As principais partes da música são: harmonia, melodia e ritmo.

Eis alguns títulos musicais caipiras que trazem o **três**:

As **Três** Lágrimas, de Campos Negreiros e Serrinha. **Três** Boiadeiros, de Anacleto Rosas Júnior. **Três** Canções, de Armando Albuquerque.

Informante: Valdemar Balbo, presidente da Comissão de Música Caipira, da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 1987.

O povo gosta de cantar. Escreve algumas palavras rimadas e adapta-as a uma música popular e passa a entoar. Isto é muito comum, mais como forma de protesto. É tão simples que, em poucos instantes, atinge a todos. É uma massa popular que canta com muita alegria e entusiasmo.

Durante o último movimento paralista do professorado paulista, em 1986, defronte à Secretaria de Estado da Educação do Governo de São Paulo, na Praça da República, ouvimos e aprendemos:

1, 2, 3. . . Montoro no xadrez. 1, 2, 3 mil, Maluf nos roubou, Montoro nos traiu. 1, 2, 3 mil, o Governo que prometeu e traiu vá a puta que pariu.

Com esta pincelada geral, entramos nos diversos aspectos do folclore propriamente dito.

CRENDICES E SUPERSTIÇÕES

Muito embora seja usual que as superstições apareçam, desde os clássicos trabalhos, juntamente, há diferença entre ambas. Isto, os folcloristas, mesmo conhecendo bem, não evidenciam, Talvez por sentirem desnecessário.

Tanto as crendices como as superstições são crenças encontradas no ser humano. Até aqui tudo igual. Todavia, eis a diferença. O povo não tem medo das crendices, mas teme as superstições.

Quando **três** irmãos estão juntos, o Diabo não entra. Se chamar **três** vezes o Saci, à noite, ele aparecerá. Quando **três**

peças acenderem cigarros com a mesma chama antes de completar um ano, uma morrerá. Jogar **três** punhadinhos de terra à hora do sepultamento significa paz ao defunto. **Três** dias antes de São José (19 de março) é bom plantar alho para ter paz no lar. Indivíduo casado que passar a **terceira** cidade pode ser infiel que não será descoberto. Se **três** pessoas pentearem, ao mesmo tempo, num único espelho, uma morrerá logo. O naufrago que afundou pela terceira vez, não retornará a tona, morrerá. Os **três** nós existentes nos cordões dos frades representam para o povo castidade, obediência e pobreza. Ter **três** noites seguidas o mesmo sonho é certeza que vai acontecer o fato. A Saracura que, para nós é azar, é o contrário no Norte, anuncia chuva, ao cantar: **três** potes! . . . **três** potes! . . . **três** potes! . . . Os **três** beijinhos dados ao cumprimentar ou ao se despedir de alguém é o desejo de felicidade. Bater **três** vezes na madeira que está próxima, evita o azar. Espirrar **três** vezes seguidas é sinal de sorte. Ao entrar numa igreja, pela primeira vez, deve pedir **três** graças. Usar muitas reticências. . . denota instabilidade emocional.

CONTOS FOLCLÓRICOS

Mais do que qualquer outro, o **três** desempenha relevante papel nos contos do povo. Em muitas estórias, as personagens são três. Isto sem contar o freqüente aparecimento nos títulos. É só consultar Lindolfo Gomes, "Contos Populares Brasileiros" ou outro congênere para constatar.

Recordamos que Mário Souto Maior, no Nordeste, foi responsável pelo surgimento da obra intitulada **Três** Estórias de Deus Quando Fez o Mundo.

Rapa de Tacho **3**, de Apparício Silva Rillo, onde arrola uma infinidade de "causos".

Lembramos, ainda, da obra **Três** Lendas Paulistas, de Nicanor Miranda.

Eis uma modalidade de conto, recolhida às margens do rio Turvo, no Município de Olímpia (SP).

Lenda: **O Cão Manco**

Há muitos e muitos anos havia um rei que tinha **três** filhas. Eram todas lindas. Entretanto não eram iguais no modo de pensar. As mais velhas eram soberbas, enquanto que a caçula era bondosa e popular. Assim, sobrepujava as irmãs.

Certo dia, as **três** estavam no jardim. Conversavam a respeito de casamento. Em determinado momento disse a mais velha:

— Só me casarei com quem tenha barba e cabelos de ouro.

A segunda asseverou:

— O meu deverá ter cabelos e barba de prata.

A caçula nada acrescentou. Surpresa, uma das irmãs, perguntou:

— Por que nada disse? Não tem pretensões?

Depois de uma pequena pausa, a mais nova respondeu:

— Se Deus me der um marido, aceitarei mesmo que for um cão manco.

As duas mais idosas riram muito. Ambas afirmaram que a irmã, por ser muito jovem, certamente mudaria de idéia.

Não demorou muito para que as duas conseguissem o que pretendiam. A mais moça querendo sustentar o que falara, mas arrependida, pediu auxílio a Deus, pois o rei queria que todas casassem num mesmo dia.

O tempo ia passando. Não querendo quebrar a palavra empenhada acabou aceitando o cão manco que a procurara.

Sete meses após ocorreu a grande festa que durou **três** dias. Enquanto todos se divertiam e dançavam, a mais jovem das irmãs, num canto chorava.

Após o término da festa, os nubentes deveriam ir para seus respectivos castelos. As duas mais velhas, com grandes acompanhamentos, saíram em belíssimas carruagens. Para a tristeza do

peçoal, a mais nova, teve que caminhar, porque o marido, sendo cão, não possuía carruagem, cocheiro e nem cavalos. Andaram muito. Entraram numa floresta. O cachorro ia à frente mancando e a princesa, logo atrás, chorando. Quando o cansaço tomou conta da jovem, apareceu como por milagre, um belíssimo castelo rodeado de floridos jardins. A jovem exausta parou e perguntou ao cão:

— De quem pode ser esta maravilha!

O animal manquitolando respondeu:

— É nosso! É aqui que vamos morar. . .

Ainda com os olhos de lágrimas, a princesa sorriu. Não cansava de admirar tanta beleza, jamais vista. Nem queria acreditar e admirando exclamou:

— Será?! . . . Não mereço tanto.

O cão manco retrucou:

— É aqui mesmo. . . Só peço que não me recuse e que não olhe fixamente para mim tentando descobrir o que não existe.

A princesa prometeu obediência e com alegria chegou ao castelo. Se por fora era lindo, internamente nem tinha o que falar. Ouro, prata e outras riquezas não faltavam. Era um esplendor.

Muito curiosa ela andava de um aposento a outro. Ficou deslumbrada. Com a chegada da noite o casal foi deitar. O cachorro espichou-se no leito e transformou-se num rapaz. A esposa, lembrando da promessa não disse nada.

O casal vivia às mil maravilhas. Existia de tudo que pode pensar no castelo. Parecia até que os pensamentos dela eram adivinhados. Era só pensar, logo aparecia.

Todos os dias, ao amanhecer, o rapaz transformava-se em cão e desaparecia. Só voltava à noite. Sempre gentil, muito amável e insubstituível como marido. A esposa amava-o como ninguém e até se esqueceu que casara com um cão manco.

O tempo passava e teve a idéia de visitar as irmãs. O cachorro concordou e acompanhou-a até sair da floresta.

Foi enorme a alegria das **três** quando sentiram-se juntas. Conversaram a respeito de tudo, menos dos casamentos. De repente, a mais idosa disse:

— Fui uma imbecil ao escolher um homem com cabelos e barbas douradas. Nunca tive um só dia de felicidade.

A segunda interrompendo-a acrescentou:

— Eu também estou arrependida. O meu marido com cabelos e barba prateados não presta. É ruim. É maldoso. Não sou nada feliz.

Mais tímida, a caçula disse:

— Ao contrário de vocês, o meu é o melhor do mundo. É muito gentil e amável. É a bondade em pessoa. Deus me atendeu.

As irmãs mais velhas, muito curiosas, fizeram diversas perguntas. Obtiveram todas as respostas. Quando souberam que a mana vivia num castelo enorme e riquíssimo, sentiram-se diminuídas e corroídas pela inveja. A mais velha indagou se não existia nenhuma reclamação, por menor que fosse.

— Não, nada tenho. Sou muito feliz. Só devo elogiar meu marido.

Elas continuaram insistindo até que a irmã deixou escapar:

— Só me falta uma pequena coisa para eu ser plenamente feliz. . . À noite, quando meu marido vai deitar, transforma-se em homem. Sinto não poder vê-lo como realmente é.

Ambas concordaram. Insinuaram que o cão escondia algo. A irmã mais nova acabou iludindo-se com a conversa e teve a curiosidade despertada. Lembrou-se da proibição do marido e perguntou às irmãs o que deveria fazer.

Uma delas respondeu:

— Leve esta pequena vela de sebo de carneiro. Esconde-a muito bem. Quando ele estiver dormindo, acende-a. Assim, poderá vê-lo, tal qual ele é.

Ela acatou o conselho e escondeu a vela entre os seios.

Conversaram um pouco mais. Despediram-se e a jovem pegou o rumo do castelo. Chegou ao anoitecer. Naquela noite, estando muito cansada não teve condições de agir, pois dormiu até o dia raiar. Mas na noite seguinte, mal conseguiu esperar que o marido pegasse no sono. Cuidadosamente levantou-se e acendeu a pequena vela. Aproximou-se do rosto dele. Ficou admirada. Quanto mais fitava a face, mais belo lhe parecia. Passou a noite toda admirando o marido. As horas passaram e ela extasiada esqueceu-se de tudo. Chega a aurora. O jovem acorda. Assustada, a esposa apaga a vela. Deitou-se. Fingiu que estava dormindo. O marido não quis acordá-la. Levantou-se em silêncio, revestiu-se da forma de cão e saiu.

O dia esteve calmo. Com a chegada da noite, tudo voltou a repetir. Cansado o cachorro voltou da floresta. Logo deitou-se. A esposa não se conteve. Pouco depois ela levantou-se. Acendeu a vela e passou a fitá-lo. Ele parecia mais bonito, que na noite anterior. Quanto mais ela olhava, mais encantada, ficava. Não se conteve de tanta emoção. Chorava e ria, alternadamente. Assim passou mais uma noite. Ao amanhecer o marido acorda. Novamente ela apaga a lâmpada e deita-se. Certo de que ela dormia, o homem, silenciosamente transformou-se em cão e saiu. Voltou, como sempre, à noite.

A curiosidade da jovem esposa não acabava. Não via a hora que a noite chegasse para contemplar novamente o marido. Pela terceira noite consecutiva, mal ele pega no sono, ela acende a vela. Cada vez mais entusiasmada ficou a noite inteira admirando-o. Ao amanhecer, quando percebeu que o esposo acorda, ela apagou a vela. Mas a mão tremeu e uma gota de sebo quente caiu no rosto do marido. Descobrimo o que a mulher fizera, levantou-se. Inquieto, transformou-se, de imediato, em cão manco e saiu para a floresta, sem nada dizer. Desesperada e sentindo o problema criado saiu no encalço. Chorava, gritava e pedia perdão. Contudo, ele sumiu sem deixar qualquer vestígio.

Desatinada ela adentrou na floresta. Por mais que procurasse não encontra o esposo. Resolveu voltar para o castelo. Mas não encontra o caminho. Ficou só. Perdida entre as árvores. Sozinha, só restava chorar. Nisto um gato aparece e pergunta:

— Por que está chorando?

Ela contou o sucedido. Com dó ele propôs ajudá-la, por simples, mais fiel amizade.

A jovem respondeu:

— Não. Fui fiel apenas ao meu cão manco. Sem ele quero morrer.

Caminhando e chorando encontrou um leão que estava com as patas traseiras acorrentadas. Este quis saber o porquê do desespero. Ela contou e lhe pediu auxílio. Ele aceitou desde que ela desatasse os nós da corrente e desse fiel amizade. A jovem não aceitou. Continuou choramingando.

Horas após, um urubu vendo-a enraivecida perguntou-lhe o que era. Ela respondeu. O animal disse-lhe:

— Formosa donzela, obedeça ao leão. Retire-lhe a corrente, porém, não darei amizade fiel. Só fui fiel ao meu cão manco e a mais ninguém.

Ao desatar a corrente, aconteceu o inesperado milagre. O leão transformou-se num jovem príncipe. A mulher, fitando-o, reconheceu nele o amado que desaparecera. Ajoelhou-se e abraçou-o. Pediu para não abandoná-la mais. O jovem príncipe erguendo-a, deixou-a tranqüila ao afirmar:

— Viveremos sempre juntos para sempre. Nunca mais nos separaremos.

Em seguida, o casal uniu-se pelas mãos e rumou-se para o castelo, onde tornaram-se rei e rainha.

Informante: José Primo Teixeira, em 1987).

VOCÁBULOS E EXPRESSÕES

Na comunicação do cotidiano deparamos com diversos

vocábulos e expressões referindo ao numeral ou ao ordinal em estudo.

Café **três** efes — café fraco, frio e fedido. Dar tudo e **três** vinténs — muito condescendente. Dois ou **três** — ação sem importância. Estar nos **três** — indivíduo nervoso, irritado e capaz de explodir com facilidade, tal qual, segundo a crença popular, ocorre com a mulher menstruada, durante **três** dias do mês. Fome de **três** dias — apetite exagerado. Melhor-de-**três** — expressão utilizada pelos esportistas para designar a melhor equipe em **três** partidas disputadas. É a negra, a **terceira** porfia. Oito vezes **três** — pederasta. Pão **terçado** — fabricado com **três** farinhas: trigo, milho e mandioca. Muitas vezes, a de soja substitui uma delas, geralmente a de mandioca. **Terça** — medida de capacidade equivalente à **terça** parte. Peça de madeira que dá apoio aos caibros, nos telhados. Forma reduzida de **terça**-feira, o **terceiro** dia da semana. **Terçado** — grande facão. **Terceira** — alcoviteira. **Terço** — **terça** parte do rosário. **Terno** — alusão a **três** acertos na Loto, a loteria de números. Como vestuário significa o conjunto de calça, colete e paletó. Corresponde também aos integrantes de determinados grupos folclóricos: Moçambique, Folias de Reis, Congadas, etc. Tirar os **três** — deflorar. **Três** com goma — aguardente adoçada com groselha. **Três** dedos — altura da pinga — ou outra bebida forte no copo. **Três** efes — tradicional marca de pólvora. **Três** em dois — forma de propaganda comercial pela qual o comprador paga apenas duas unidades, mas leva **três**. **Três** em um — usual expressão que indica a existência de **três** aparelhos de som: rádio, gravador e vitrola, em um só, formando um conjunto. Serve também para designar **três** variedades de doces, numa mesma embalagem. **Três** em **três** — expressão comercial que designa três ofertas durante igual número de dias da semana. **Três** instantes — imediatamente. **Três** oitão — revólver de calibre 38, utilizado pela Polícia Militar. **Três** oito — ver o verbete anterior. **Três** ou quatro — pequeno número, porém, indeterminado, que não chega a cinco. **Três** pedaços — denominação do Bumba-meu-Boi, no litoral alagoano. **Três** por dois — de qualquer maneira, de qualquer forma. Propaganda comercial onde o freguês leva **três** unidades de um produto e paga apenas duas. **Três** por quatro — tradicional dimensão de fotografia utilizada para documentos pessoais. Expressão utilizada para indicar uso freqüente. **Três** quentes e dois fervendo — ato de expulsão. **Três** quentes e quatro fervendo — equivalente à expressão anterior. **Três** quinas — pênis volumoso. **Três** tempos — imediatamente. **Três** vezes oito — homossexual. **Três** vezes sete — roubo, furto. **Três** vinténs — virgindade. Um, **três** — eufemismo ao referir ao azar ou à sorte, dependendo do modo de pensar do indivíduo. É evidente que é uma alusão ao treze.

A SORTE ATRAVÉS DE DADOS

Sebastião de Oliveira, velho morador da área rural da região de Votuporanga (SP) para proporcionar entretenimento aos moços e às donzelas da colônia, onde reside, lê a sorte pelo jogo de dados.

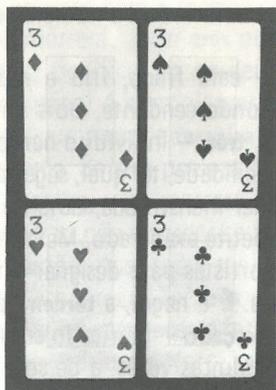
Com a mão esquerda, a pessoa interessada sacode bem um dado, num velho copo de ouro e joga-o sobre a mesa. Conta o número de pontos. O ancião dá, de imediato, o significado correspondente.

É óbvio, que anotamos apenas a respeito do **três**, que nos interessa, neste momento presente. Significa muita sorte, felicidade e amor.

BARALHO

No carteadado, **terno** designa a carta **três**. Assim, temos: **terno** de ouro, **terno** de espadas, **terno** de copas e **terno** de paus.

Há **três** jogos de baralho em que está presente o número



em evidência. São: **Três** cartas, **Três** sete e **Vinte-e-um** (3 x 7). Isto sem contar outro jogos em que os diversos ternos fazem presença.

CARTOMANTES

As cartomantes utilizam o baralho para "tirar a sorte", isto é, prever o futuro, das pessoas que as procuram. O baralho deve ser cortado **três** vezes e sempre com a mão esquerda. Fazer **três** montes. O da esquerda representa o passado, o do meio, o presente e o da direita, o futuro.

O trabalho da cartomante tem início no maço da esquerda, seguindo a ordem estabelecida.

É natural que transcrevamos apenas os valores conceituais das cartas **três**. Assim é que:

Três-de-paus — possibilidade de mais de uma união conjugal. **Três-de-ouros** — desavenças, brigas e desentendimentos domésticos. **Três-de-copas** — imprudência promoverá incidente. **Três-de-espadas** — viagem inesperada.

Na outra vez que aparecer, elas terão os seguintes valores:

Três-de-copas — novidade no lar. **Três-de-ouros** — discórdia doméstica com posterior reconciliação. **Três-de-espadas** — vitória esperada com obtenção de tudo que deseja. **Três-de-paus** — muito dinheiro através de herança, jogos de azar e loterias.

Na **terceira**, os significados são:

Três-de-copas — aparecerá um (a) rival destemido (a). **Três-de-espadas** — amigo íntimo afasta infortúnio na família. **Três-de-ouros** — cuidado com falsidade. **Três-de-paus** — bom negócio que tratá muitas felicidades.

Essas informações foram prestadas pela votoporanguense, cognominada de Madame Zulu, que não permitiu mais detalhes por fazer da Cartomancia um meio ilegal de vida.

A carta **três**, do famoso Tarô, o mais tradicional baralho do mundo, significa ação, iniciativa e vitalidade. Este baralho é utilizado pela Madame Zulu, em Cedral (SP), com muito sucesso.

DOMINÓ

É generalizado entre as pessoas mais idosas e experientes das áreas rural e suburbanas de Olímpia (SP) a leitura da sorte através do dominó.

As informações que seguem foram prestadas por Célio José Franzin, residente na área urbana deste Município.

Depois de misturar bem as pedras do dominó, de face para baixo, o interessado retira uma. É feita a leitura. Mistura-se novamente. Retira-se outra. Proceda-se à leitura. Se for retirada a mesma pedra pela segunda vez, a resposta é reforçada. Todavia, neste caso, apenas a primeira é lida. O que vale dizer que a

operação deve ser repetida. Se porventura ocorrer uma **terceira** vez, procede-se da mesma maneira. No entanto, segundo a crença, é certeza que ocorrerá e brevemente o resultado da leitura da pedra.

Esta forma de lazer e de entretenimento prossegue, uma a uma, até atingir a sétima pedra. Entretanto, cumpre ressaltar que esta leitura através do dominó só deve ser realizada em dias ímpares: terças, quintas e sábados, somente à noite, depois das dezoito horas.

Obviamente anotamos apenas as que têm o **três** inserido. Eis os respectivos significados:

Seis-três — felicidade no amor. Riqueza. Perigo de morte prematura. Se vencer este obstáculo chegará à velhice e passará dos oitenta anos.

Cinco-três — riqueza com ganho em loterias. Neutro no amor.

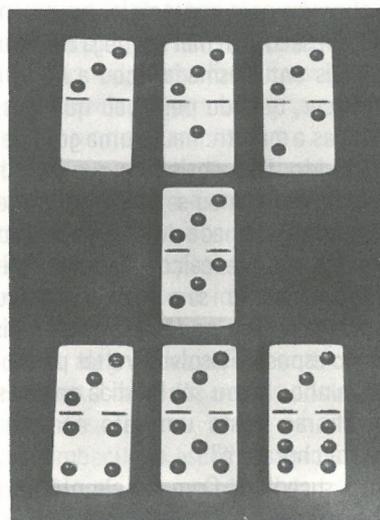
Quatro-três — vida remediada. Morte em família. Maus presságios.

Três-três — dinheiro farto. Herança.

Dois-três — recebimento de dívida ou recuperação de objeto perdido.

Um-três — prejuízos. Cuidado com calúnias e difamações.

Zero-três — convite para festas. Falsidades.



ADIVINHAS E ENIGMAS

Nestes exercícios mentais denominados adivinhações, o raciocínio é dinamizado. Daí a utilidade: ensinam a pensar. Como praticamente foi banido das unidades escolares, de nossos dias, meios eficazes que proporcionam o desenvolvimento do raciocínio, as adivinhas devem ser respeitadas e utilizadas, notadamente pela simplicidade que possuem no afã de proporcionar progressos intelectuais. Nelas o **três** não ficou ausente. Exemplificamos com:

1 - Quanto é metade de dois somado com dois?

Três.

Registrada em Valentim Gentil (SP), em 1979.

2 - Quem de dois tira um quantos ficam?

Três, pois de um casal nasce um filho.

Anotada em Tanabi (SP), em 1981.

3 - Num deserto havia dez camelos. Morreram **três**. Quantos ficaram?

Três, apenas os que morreram.

Recolhida em Olímpia (SP) por José Sant'anna, em 1986.

Existem pesquisadores de Folclorística que determinam uma pequena diferença entre adivinhas e enigmas. É muito sutil.

Os enigmas possuem soluções mais complexas. O que vale dizer que o enigma é uma adivinha de difícil resposta. Como o adjetivo é, via de regra, subjetivo, muitos não consideram os enigmas. Note isto através dos exemplos que propomos:

- 1 - **Três** caçadores foram à caça e mataram igual número de pombas. Cada qual matou uma. Quantas ficaram? Ficou apenas uma, porque o caçador atendia por Cada Qual.
- 2 - Eram **três** homens e **três** frutas. Cada um chupou uma. Quantas sobram? Apenas duas, porque Cada Um é o nome de uma das pessoas.
- 3 - Duas mães e duas filhas, cada uma com um véu, vão à missa. Como foi possível se existiam apenas **três** véus? Eram só **três** pessoas: avó, filha e neta.

LEILÕES

Como o Brasil foi colonizado por europeus, herdou deles, dentre tantos atributos, a religião. Sendo um país religioso, todas as cidades têm uma data que é consagrada ao padroeiro ou padroeira do Município. Assim, os santos canonizados pela Igreja Católica entram no calendário das festas. São fixas. Assim, por exemplo, Olímpia comemora São João Batista, em 24 de junho. É evidente que outros municípios possuem o mesmo padroeiro. É o caso, por exemplo, de Bebedouro e Ariranha, aqui na região.

Na época da festa do padroeiro ocorrem leilões de prendas oferecidas pelos devotos do santo e pela população em geral, inclusive vivas. Neste caso, o leilão de animais ocorre em horário e local adequado.

A figura do leiloeiro centraliza as atenções da população porque é o animador da festa. É o responsável pelo sucesso financeiro da quermesse que visa as obras da Igreja. É ele o responsável direto pela arrematação das prendas, muitas vezes, por elevado valor. É o leiloeiro que arma artificialmente o clima de disputa entre famílias tradicionais e opulentas. É o leiloeiro o grande líder da quermesse. É ele que diz, por exemplo, de modo hilariante, no decorrer da festa:

— Por vinte “pau”, o João de tal, fica com a leitoa! . . . Por vinte e um, é o Vardo que come! . . .

Assim prossegue a disputa, muitas vezes, entrando um **terceiro** elemento. O leiloeiro procura afrontar e mexer com os brios vaidosos daqueles que têm condições econômicas e gostam da atividade até chegar ao ápice. No auge sobra um com a oferta máxima. Chega a hora do clássico epílogo, por parte do leiloeiro:

— Ninguém dá mais! . . . Então, fulano leva. . . Dou-lhe uma, dou-lhe duas e dou-lhe. . . **três!** . . .

Ao pronunciar o **três** bate com o martelo de madeira sobre uma superfície qualquer e entrega a prenda para o indivíduo que prontificou a pagar o maior lance.

Há clássicos leiloeiros na cidade menina-moça.

No desenrolar dessas quermesses beneficentes ocorrem outras manifestações folclóricas envolvendo o **três**. As mais visíveis são as quadras anônimas que são escritas nos correios elegantes. Estes constituem um elo para eventual ligação amorosa entre um jovem e uma donzela, nada mais são que um retângulo de cartolina de aproximadamente dez por sete centímetros. São vendidos por bonitas jovens, como mais uma fonte de renda para a quermesse. Neles está impressa a expressão correio elegante. Via de regra, a mesma jovem que o vendeu, é responsável pela entrega à pessoa escolhida pelo adquirente. Minutos após, retor-

na a resposta. É assaz interessante presenciar esta ação perfumada pela flor da juventude que sonha com os olhos abertos.

Popularmente as quadras são chamadas pelo povo de verso. Contudo, em verdade, são constituídos por quatro versos. Transmitem uma mensagem, com rimas, o que facilita a memorização.

QUADRAS DO POVO

O eminente folclorólogo José Sant’anna, cedeu-nos da sua fundamental obra, ainda inédita, mas já no prelo, batizada de Quadras Anônimas, **três** dessas jóias, que transmitem mensagens completas utilizando rimas. Essas quadras são edificadas pelo povo. São espontâneas e tradicionais.

Faz **três** dias que eu não como,
Faz quatro que eu não almoço,
Por falta dos teus carinhos
Quero comer, mas não posso.

Lá no céu tem **três** pedras
Mas poderia ter seis.
Um amor que já foi meu,
Pode ser meu outra vez.

Sete e sete são catorze,
Três vezes sete, vinte e um;
Tenho sete amor no mundo,
Mas não quero bem nenhum.

Recolhemos no Distrito de Símonsén, Município de Votuporanga (SP), em 1980, esta:

Lá no céu tem **três** estrelas,
Todas as **três** são de prata
Aqui neste meu bairro
Tem um rapaz que me mata.

No mesmo Município, todavia, no Distrito de Parísi, no ano seguinte, registramos esta:

No céu tem muitas estrelas
São **três** numa só linha
Corre beijos e beijos
Da tua boca na minha.

Em 1983, coletamos na cidade de Votuporanga (SP), a que segue:

Atrás de minha casa
Tem **três** pés de abacaxi
Se minha mãe não olhá
Esta noite vou fugi.

CORRENTES

A corrente é uma manifestação folclórica de fundo religioso, onde extravasa uma crença exagerada advinda de profunda superstição. Esta tipologia folclórica é dedicada a um (a) determinado (a) santo (a) da Igreja Católica.

São enviadas cópias, via de regra, pelo correio a pessoas do círculo de amizade e parentes. Outras vezes são colocadas, às escondidas, sob as portas ou em jardins de residências. Nelas consta um prazo determinado para remeter um número determinado de cópias para diferentes pessoas. Nem sempre são acompanhadas de valor pecuniário. Em caso positivo deverá servir como doativo ou esmola.

O **três** aparece com frequência nesta modalidade, quer seja no número de cópias, quer no prazo para expedi-las, quer como alerta das conseqüências aos que não as atenderem.

Eis cópia de um exemplar que recebemos em 1984.

Corrente de São José

Faça **três** cópias iguais a esta. Envie ou entregue a **três** pessoas que queiram bem, dentro de sete dias. Peça **três** graças. Guarde esta cópia e reze **três** orações, diariamente, durante sete dias, para São José.

Se por qualquer motivo não atender esta corrente será castigado por São José dentro de poucas semanas, no máximo sete.

REZAS

Nas súplicas religiosas deparamos com facilidade com o número que é objeto deste estudo. Nem tanto no texto propriamente dito, mas na quantidade de prece que se deve operar. Exemplificamos com:

“Ao redor da minha casa estão os **três** cristos: São Paulo, São Pedro e São João Batista que me protegem”.

Rezar **três** Pai-nossos e **três** Ave-marias, **três** vezes ao dia. Informante: Célia Teresinha Figueiredo, em 1984.

“São Jorge estava lavando no rio de Jordão. Chegou Jesus Cristo e disse:

– Sai daí João que seus inimigos já vêm.

– Deixa vim Senhor. Se tiverem olhos, não enxergarão. Se tiverem boca não falarão. Se tiverem braços não me amarrarão. Se tiverem pernas não avançarão.

– Assim, como Jesus Cristo foi tampado com a capa de Adão, eu serei protegido com as palavras da razão”.

Rezar **três** vezes, às quartas e sextas-feiras, às 18 horas. Informante: Luzia Pereira da Silva, em 1985.

MEDICINA FOLCLÓRICA

O **três** é excessivamente empregado em simpatias, orações e no preparo de remédios da medicina do povo. Os curandeiros determinam que os remédios sejam utilizados **três** vezes ao dia e de preferência nas horas mágicas: 6, 12 e 18 horas.

SIMPATIAS

Quem está com dor de dente deve escrever no chão, **três** vezes, a palavra fim e reze **três** orações.

Numa sexta-feira, à meia-noite, queimar numa encruzilhada, **três** penas de galinha preta, dizendo o nome da pessoa que pretende aproximação.

Três pedrinhas de sal, no bolso, do lado oposto à língua, esta desaparecerá.

O alcoólatra poderá perder o vício de tomar, sem saber, durante **três** dias, uma garrafa de cachaça com **três** pingos de sangue de galinha preta.

Batendo **três** vezes com colher de pau na garganta, cura-se a gagueira.

Para achar objetos perdidos é só dizer Santo Antônio procure o que perdi (**três** vezes).

Pessoa engasgada ficará livre do incômodo se fizer **três** cruces na garganta, pedindo a proteção de São Brás.

Contra quebranto, a pessoa deve carregar atrás da orelha esquerda, uma folha de arruda ou guiné. Trocar de **três** em três dias.

Para dor d'olhos (expressão do povo) deve-se deixar dentro de um copo, no sereno, **três** folhas de arruda para lavar os olhos. Essa operação é feita nas horas mágicas durante três

dias.

ORAÇÕES

Nas diversas orações contra os mais diferentes males, geralmente, pede-se, no final, que acrescente **três** rezas. Exemplificando:

CONTRA MAU-OLHADO

O curandeiro com **três** folhas de arruda, em mãos, profere:

(Nome), Deus te fez, Deus que criou, Deus tire este mau olhado. Que este quebranto seja atirado ao mar. Assim, (Nome) ficará salvo com os poderes de Deus.

Rezar **três** Ave-marias e atirar a arruda em água corrente.

CONTRA AZIA

O benzedor diz:

– Santa Iria tem **três** filhas. Uma fia, outra cose e outra cura de azia.

CONTRA CAXUMBA

A benzedeira diz, com uma faca na mão, próximo de uma árvore:

– O que é que corto?

O paciente responde:

– Caxumba.

Isto é feito **três** vezes, enquanto a faca bate na madeira. É repetida durante **três** dias seguidos.

PARA TIRAR CISCO DOS OLHOS

Esfregando as pálpebras, o benzedor diz **três** vezes:

– Santa Luzia passou por aqui, com seu cavalinho comendo capim.

CONTRA UNHEIRO

Apertando o dedo afetado na parede, o benzedor diz, três vezes:

– Nunca vi unheiro verde em parede.

Repetindo durante **três** dias, a enfermidade desaparecerá. Para tirar cisco dos olhos:

O benzedor esfrega **três** vezes as pálpebras da pessoa, dizendo:

– Vá embora cisco, por ordem de São Francisco.

Há benzeções realizadas **três** vezes, em **três** sextas-feiras. Portanto é a presença marcante do **três**.

REMÉDIOS

A maioria dos remédios folclóricos exige, muitas vezes, a presença do **três**.

Para combater amebas tomar, em jejum, um copo de leite com **três** gotas de creolina, durante **três** dias.

Contra bronquite amassar **três** dentes de alho, misturar com **três** colheres (de sopa) de mel e tomar **três** vezes ao dia. Fazer isto durante **três** dias.

Para acabar com calos, passar **três** vezes ao dia, óleo de castanha de caju no local afetado.

Usando a infusão de Sete-sangrias, **três** xícaras (chá) por dia, durante **três** semanas, funciona como depurativo do sangue.

Contra diabete, usar durante **três** semanas seguidas, chá de folhas de abacateiro, sem adoçar, **três** vezes ao dia, depois das

refeições.

A diarreia pode ser debelada, tomando **três** vezes, em meia hora, água com leite, em proporções iguais.

Tomar **três** vezes ao dia, durante **três** meses, suco de limão, de cenoura e chá-de-bugre.

A tão conhecida dieta do limão, segundo o povo, serve para regenerar o organismo. Combate qualquer doença, preventivamente. Para isto basta tomar o suco de **três** limões diariamente, em jejum, durante o dia e antes de dormir.

Existe ainda o tratamento sistemático contra centenas e centenas de moléstias. É uma verdadeira panacéia.

A pessoa toma o suco de um limão, preferencialmente o galego, em jejum. No segundo dia, dois. No terceiro, **três**. Continuar aumentando um todo dia, até o décimo. A partir daí até o vigésimo diminuir um por dia.

Provavelmente aparecerá leve urticária resultante da expulsão das toxinas que estavam envenenando o organismo.

Depois de **três** meses, repetir a segunda dose, com o dobro. Inicia com dois, para quatro, no segundo dia e chega a vinte, no décimo. Daí em diante, diminui, no mesmo ritmo.

Passados mais **três** meses, tem início a última fase. Nesta **terceira**, inicia-se com suco de **três** limões e cresce nessa proporção para diminuir, no mesmo índice. Assim, no vigésimo dia, ocupará **três**.

Como o volume da **terceira** é grande, deve ser dividido em **três**: jejum, tarde e ao dormir.

O indivíduo que fizer este tratamento todo ano estará dando condições de equilíbrio ao organismo, fortificando-o e defendendo-o contra diversas doenças e atacando-as.

Ficou claro que a magia curativa está embasada no **três**. Os remédios preparados com os conhecimentos da medicina folclórica, em sua grande maioria, utilizam o **três**.

LÚDICA INFANTIL

Nos brinquedos de roda, onde a petizada diverte-se cantando melodias singelas, mas aconchegantes, notamos a presença do **três**.

Observe a letra da conhecidíssima cantiga, anotada em Votuporanga (SP), porém, encontrada nos mais diferentes pontos do território nacional, com pequenas variantes. É a chamada Teresinha de Jesus.

Teresinha de Jesus
De uma queda foi ao chão,
Acudiram **três** cavaleiros,
Todos de chapéu na mão.

O primeiro foi seu pai,
O segundo, seu irmão.
O **terceiro** foi aquele
Que Teresa deu a mão.

Teresinha de Jesus
De repente foi ao chão
E sorrindo disse ao noivo
Não te dou meu coração.

A garotada ao brincar de pique ou outra modalidade de brinquedo usa números. São formas estereotipadas. Isto sem contar as fórmulas de escolha para iniciar uma brincadeira. Nestes casos o **três** é muito utilizado. :

PIQUE

É um dos mais tradicionais. A criançada, independente da quantidade de diferentes locais, gosta desta simples e interes-

sante atividade.

Depois de reunidas, uma fecha os olhos, encostando numa parede, árvore ou outro obstáculo. Este é o pique. A criançada vai esconder-se. Antes, porém, é dado o aviso:

— Vou começar a contar. . . 1. . . 2. . . e. . . 3! . . . Lá vou! . . .

O obstáculo marcado, onde ela estava é o pique. É naquele lugar que as demais deverão bater, isto é, chegar e gritar a palavra que denomina esta forma de diversão.

A guardiã do pique terá que procurar também os colegas que estão escondidos nas imediações.

Termina a rodada da brincadeira quando todas forem agarradas pelo defensor do pique ou baterem no local pré-determinado. Isto posto, tem início nova fase, com troca do guardião, do defensor do pique. Assim continuam até cansarem, quando mudam para outra forma de diversão.

Esta salutar atividade de lazer, não obstante, ter sido observada em Cosmorama (SP), está disseminada pelos mais recônditos rincões do nosso Brasil, inclusive na área rural.

FÓRMULAS DE ESCOLHA

Nas fórmulas de escolha, tão comum no reinado da petizada, para eleger quem inicia uma atividade lúdica, registramos os exemplos:

A galinha do vizinho
Bota ovo amarelinho.
Bota 1, bota 2, bota **3!**

Fui na lata de biscoito
Tirei 1, tirei 2, tirei **3!**

1. . . 2. . . 3. . . este é o freguês (apontando uma das crianças).

PARAMIOLOGIA

Encontramos considerável volume de ditados fortemente enraizados no povo, exprimido o **três**.

Poderá notar que o antagonismo, por vezes, está presente em alguns desses anexins.

A sebe dura **três** anos; o chão, **três** sebes; o cavalo, **três** cães; o homem, **três** cavalos; o corvo, **três** homens; e, o elefante, **três** corvos.

Mulher, bebida e jogo são **três** males.
O homem ao casar, deve pensar **três** vezes.

O que é ruim acontece **três** vezes.
Quando Deus fecha uma porta, abre **três**.

Segredo entre **três**, só matando dois.
Segredo de **três** o Diabo fez.

Três coisas dão medo: mulher velha, noite escura a cachorro no quintal. **Três** coisas fazem a pessoa se perder: falar sem saber, gastar sem ter e ser o que não pode. **Três** coisas mudam o homem: vinho, estudo e mulher. **Três** é a conta que Deus fez. **Três** é a conta que o Diabo fez. **Três** foi a conta que o Diabo fez. **Três** Deus fez. **Três** irmãos, **três** fortalezas. **Três** lâmpadas ardendo põe uma casa a perder. **Três** mulheres e um pato fazem a festa. **Três** mulheres e um padre fazem a feira. **Três** o Diabo fez. **Três** o Diabo os fez. **Três** pês atrapalham a vida: padre, parente e pobre. Um azar atrai **três** outros. Um é pouco, dois é bom e **três** é demais. Um desapontamento é seguido de **três** outros. Um pode errar, dois é difícil e **três** é impossível. Uma desgraça chama mais **três**. Um é pouco, mas **três** é demais.

ANEDOTAS

Muitos consideram as anedotas como sendo equivalentes

às piadas. No entanto, na nossa ótica, há diferença, tal qual entre erotismo — a atração física — e a pornografia, representada pela depravação.

Tanto as piadas como as anodotas relatam fato jocoso com desfecho inesperado. Ambas possuem o aspecto cômico, humorístico e são sintéticas. Todavia, as anedotas são dotadas de enredo bem estruturado e mais complexo.

Nas anedotas é comum o surgimento do numeral ou do ordinal, em estudo. É fácil encontrar, por exemplo, tanto no início, como no decorrer, expressões como: **três** homens, **terceira** vez, **três** dias, etc.

CONCLUSÃO

Vimos que desde os primórdios da civilização, o **três** representa muito para o povo. Simboliza a perfeição, o triângulo e a união corpo-mente-espírito. Aparece, com frequência, no dia-a-dia. Ficou explícito que o poderoso **três** é místico, sagrado

e significa magia, mistério e domínio. A ele é atribuído valor folclórico. É figurante das superstições, muito embora esteja a sorte concentrada nos pequenos números ímpares, notadamente no **três**. Contudo, foi na Era Cristã que ele obteve o lado indesejável do azar. Foi a partir do momento em que São Pedro renegou Jesus **três** vezes.

Pelo fato de não ser tão negativo quanto os outros, também essencialmente folclóricos, o **três** não chega a ser temido pelo povo.

Não devemos nos esquecer que até os paraquedistas usam, ao pular do avião, o clássico 1...2...3!...Outros acrescentam aos números o vocábulo mil.

Sem enumerar o vasto volume de almanaques, pasquins, jornais, sobretudo os alternativos, recebemos informações preciosas de diversos elementos. Alguns já mencionamos. Os demais foram: Arcídia da Silva Brito, Edson Adalberto Real, Geni Prandini Ferrarezi, Mehde Meidão Slaiman Kanso, Paulo César Rodolfo e Tadeu Gustavo Rosa.

NOTICIÁRIO

MEDALHA AO PROFESSOR SANT'ANNA

Antônio Clemêncio da Silva
Departamento de Folclore — Olímpia

No dia 16 de agosto de 1986, na Casa da Cultura "Dr. Antônio Sylvio Cunha Bueno", de Olímpia, às 14 horas, depois de encerradas as discussões e os debates do I Simpósio Nacional Sobre Folclore de Olímpia, porém, antes da elaboração do documento final, reunidos alguns folcloristas brasileiros e muitos convidados, o senhor Professor Veríssimo de Melo, escritor e folclorista, diretor do Museu "Câmara Cascudo" e presidente do Conselho Estadual de Cultura da Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Rio Grande do Norte, na oportunidade membro debatedor do referido Simpósio, por delegação do excelentíssimo senhor, Dr. Radir Pereira, digníssimo governador do Estado do Rio Grande do Norte, fez a entrega da Medalha Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros e respectivo diploma ao olimpense, Prof. José Sant'anna.

Ouvindo a fita magnética sobre o evento, transcrevi o que estava na gravação.

Assim se expressou o ilustre Prof. Veríssimo:

Professor José Sant'anna, digníssimo presidente da Comissão de Folclore do Conselho Municipal de Cultura, da Prefeitura Municipal de Olímpia;

Professor Ático Vilas-Boas, preclaro presidente deste Simpósio;

Professora Laura Della Mônica, grande secretária-executiva e coordenadora do Simpósio Folclórico de Olímpia;

Professor Saul Martins, velho e querido companheiro de grandes jornadas;

Profa. Ruth Guimarães, digníssima escritora, que tive a honra e felicidade de conhecer durante este Simpósio;

Prof. José Carlos Rossato, novo e querido amigo;

Prof. Américo Pellegrini, que até a uma hora dessa ainda está propondo coisas;

Prof. Luís Eduardo Jorge, jovem antropólogo;

Profa. Cásia Frade, ilustre diretora da Divisão de Folclore do Departamento de Folclore do Estado do Rio de Janeiro;

Prof. Dante de Laytano; ilustre folclorista, historiador, um dos mestres do folclore brasileiro aqui representando o Rio Grande do Sul.

Ilustre Profa. Iseh Bueno de Camargo, da Comissão de Folclore de Olímpia;

Prof. Hélio Damante, respeitável folclorista de São Paulo;

Prof. José Nilton da Silva, folclorista representante do Estado da Paraíba;

Demais ilustres amigos aqui presentes e

Senhores e senhoras:



Na condição de presidente do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte e por delegação do excelentíssimo governador daquele Estado, Radir Pereira, eu tenho a honra de proceder a entrega da Medalha José Augusto Bezerra de Medeiros ao Professor José Sant'anna pelos relevantes serviços prestados ao Movimento Folclórico do Brasil, através dos 22 festivais que ele realizou em Olímpia na sua atuação, na liderança do seu trabalho, do seu esforço gigantesco que merece ser compensado através de uma lembrança singela, mas muito expressiva.

A Medalha José Augusto Bezerra de Medeiros foi instituída pelo Governador do Rio Grande do Norte através do Decreto n.º 8893, de 12 de março de 1984.

O governador norte-riograndense instituiu a referida medalha para assinalar a passagem do Centenário de Nascimento do Ilustre norte-riograndense. Este gesto pretende valorizar, perpetuar e divulgar a figura de um dos mais ilustres norte-riograndenses deste século.

No meu livro Patronos e Acadêmicos em que reúne cento e muitas biografias dos patronos da Academia Norte-Riograndense de Letras e dos acadêmicos e sucessores, eu incluí uma nota biográfica naturalmente sobre José Augusto Bezerra de Medeiros. Eu quero ler apenas alguns dados relacionados com a vida, biografia e bibliografia de José Augusto Bezerra de Medeiros que é para os ilustres professores aqui presentes terem uma idéia de quem foi esse ilustre imortal e porque se justifica a medalha no centenário de seu nascimento.

José Augusto Bezerra de Medeiros nasceu a 22 de setembro de 1884, em Caicó — RN, sendo seus pais o Prof. Manuel Augusto Bezerra de Araújo e Dona Cândida Olindina de Medeiros.

Estudou em Caicó, Acari e Natal, concluindo o Ateneu em 1900. A 1.º de dezembro de 1905 terminava o curso jurídico no Recife, sendo orador da turma que foi paraninfada pelo Prof. Clóvis Beviláqua. Estudando Direito, já era procurador da República do Estado. Após a formatura, professor de História Geral e do Brasil no Ateneu Norte-Riograndense.

Em 1907 está no Rio, sendo fiscal do governo federal junto ao Colégio Abílio. Regressando ao Estado, ocupa a cadeira de Geografia no Ateneu e, em seguida, a direção do tradicional estabelecimento de ensino natalense. Juiz de Direito de Caicó, em 1911, assumiu a Chefia de Polícia um ano depois. Em 1913, inicia sua carreira política, elegendo-se deputado estadual e escolhido Líder da maioria. No governo Ferreira Chaves, serve como secretário geral do Estado, voltando depois à Assembléia Estadual. De 1915 a 1923, em três legislaturas, ocupa uma cadeira de Deputado Federal, sendo vice-presidente e primeiro secretário da Câmara, além de exercer outras Comissões. Casa-se no Rio de Janeiro, em 1917, com D. Alice Godói Bezerra de Medeiros tendo o casal 4 filhos: Cândido, Manuel, Marina e José.

De 1.º de janeiro de 1924 a 31 de dezembro de 1927, foi governador do Estado do Rio Grande do Norte. Foram anos difíceis, mas José Augusto com seu otimismo inato soube atravessá-los pacificamente. De 1928 a 1929, elege-se para o Senado, completando o mandato de Juvenal Lamartine, que tinha sido eleito governador do Estado. Reelege-se para o Senado em 1930, mas com a Revolução, foi o Congresso dissolvido. De 1935 a 1937 volta à Câmara Federal, sendo escolhido sublíder da oposição. Após a redemocratização, é constituinte em 1946, exercendo as comissões de sublíder da União Democrática Nacional, de 1948 a 1950. Reeleito deputado federal em 1951, serve até 1954.

Impossível seria enumerar os projetos de interesse do Estado, pareceres e discursos que José Augusto pronunciou nesse período largo de sua vida. Estudioso e conhecedor dos problemas sociais e econômicos do Rio Grande do Norte, ele nos deu contribuição das mais importantes. Pertencia a inúmeras instituições culturais no Estado e no País, tendo participado de conferências e congressos nacionais e internacionais. Colaborou nos jornais A República, A Razão, Tribuna do Norte, em Natal, além dos jornais do Rio como Diário de Notícias, O Jornal e A Manhã, dirigindo as revistas A Educação e Revista Brasileira de Educação. Publicou entre livros e ensaios: Pela Educação Nacional (1918), Eduquemo-nos (1922), A Representação Profissional nas Democracias, O Anteprojeto da Constituição em Face da Democracia, Por que Sou Parlamentarista (Rio - 1916), Famílias Seridoenses (1940), O Sal e o Algodão na Economia Potiguar (1946), Aos Homens de Bem (Natal - 1926), Seridó (Rio-1954), O Rio Grande do Norte no Senado da República, (1.º volume -

Natal - 1968).

Não falamos aqui, naturalmente, nas centenas de artigos e conferências que pronunciou em todo o Brasil durante a sua longa trajetória de parlamentar.

Ele faleceu a 28 de maio de 1971, no Rio de Janeiro.

Eu conheci pessoalmente o Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros. Era uma figura fascinante. Era um populista antigo, um líder político, um chefe político.

Conhecia todo mundo em Natal. Abraçava todo mundo. Perguntava a todo mundo pela família. Não se conformava apenas em abraçar uma pessoa e se dirigia a ela: Como vai você, meu filho? Como vai seu pai? Como vai sua mãe?

E, uma das vezes, um dos presentes, disse: Dr. José Augusto, meu pai morreu. Ele respondeu: Morreu para você, mas não morreu para os amigos.

Deixou um anedotário imenso e uma das boas anedotas dele, divulgadas lá em Natal, é que ele a todos atendia. Por isso é que ele recebeu o nome de José Promessa — prometia tudo. Fazer, às vezes não podia fazer.

Mas um jovem recém-formado chegou em palácio, ele era governador: Dr. José Augusto, acabo de formar-me em Direito pela Faculdade de Direito do Recife e vim aqui pedir um emprego ao senhor para trabalhar no Ateneu. Quero ser professor no Ateneu.

— Meu filho, o problema é que não tem vaga.

Está todo ocupado o Ateneu.

— Mas se o senhor quiser, o senhor poderá abrir uma vaga.

— Como o senhor está dizendo isto, eu vou abrir essa vaga. Mas você vai ensinar Grego.

— Governador, eu não sei nada de Grego.

— Não se preocupe com isso não, porque ninguém vai inscrever-se. Quem é que vai estudar Grego aqui no Rio Grande do Norte, em 1930? Não se amedronte com isso não. E nomeou-o.

No dia seguinte saiu a nomeação: professor de Grego no Ateneu — uma nova cadeira.

E o professor Dr. José Augusto convidou três estudantes e disse-lhes: inscrevam-se também para as aulas de Grego.

No dia seguinte os rapazes fizeram a inscrição. Quando o candidato interessado nas aulas soube, correu, apavorado, ao palácio e disse ao governador: Dr. José Augusto, inscreveram-se mais três interessados. Eu não agüento uma coisa dessas.

Respondeu o governador Não se preocupe com isto, eu vou arranjar-lhe uma cadeira. E nomeou-o professor de Português.

Dr. José Augusto era uma figura interessantíssima. Já no fim da vida, contava-se uma anedota em Natal de que ele nunca dizia não a ninguém.

E já bem velhinho, as vistas ruins, ia um dia pela rua e pá!, bateu num poste. E ele logo foi dizendo: Meu filho, já estou estudando o seu caso, pode ficar tranquilo.

Bem, isto é um Anedotário e vocês sabem como é importante a anedota como documentário para a História.

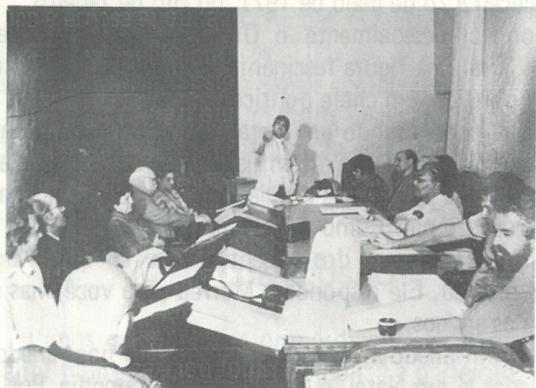
O lado da atividade real dele foi muito importante, relevante, tanto como político e como educador. Como jornalista, ele comparecia diariamente à Redação da República; como governador, ele andava a pé.

Ao lado de tudo isto há uma parte pitoresca que acompanha o homem. Todos nós temos isto, sobretudo os grandes homens.

De maneira que eu me sinto profundamente feliz e honrado em fazer a entrega desta medalha, em nome do excelentíssimo senhor governador, Radir Pereira, processo esse que foi oriundo do nosso Conselho de Cultura e enviado ao governador e este imediatamente, mandou entregar o diploma, assinado por ele e pelo Secretário da Educação e Cultura, Dr. Hélio Vasconcelos.

E aqui está a Medalha que vai ficar nas mãos de José Sant'anna, um trabalhador intelectual, um líder da comunidade

olimpiense para que a memória do Dr. J. A. B. de Medeiros continue dentro das lembranças, do esforço e do trabalho que ele realiza na Capital do Folclore, gigantescamente, e para bem de todos nós que trabalhamos com o Folclore no Brasil.



Passo a ler o Diploma do Mérito: Governo do Estado do Rio Grande do Norte. O Governador do Estado do Rio Grande do Norte, no uso das suas atribuições constitucionais, resolve conferir, de acordo com o Decreto 8893, de 12 de março de 1984 ao **Professor José Sant'anna**, de Olímpia — SP, a medalha comemorativa do primeiro centenário do nascimento do Doutor José Augusto Bezerra de Medeiros. a) Radir Pereira (Governador do Estado). a) Hélio Vasconcelos (secretário da Educação e Cultura).

Em seguida, o Professor Sant'anna agradeceu:

É sempre bom repetir para não esquecer nunca:

Excelentíssimo senhor Prof. Dr. Ático Vilas-Boas da Mota, bom baiano residente em Goiás, respaldo cultural do I Simpósio Nacional Sobre Folclore de Olímpia, e seu presidente.

Profa. Amália Lucy Geisel, diretora do Instituto Nacional do Folclore do Rio de Janeiro, pessoa que desejávamos conhecer e que, graças a Deus, está conosco.

Prof. Saul Alves Martins, de Belo Horizonte — MG, amigo fiel, colaborador constante nos trabalhos que se realizam em Olímpia, cuja presença nos honra e alegra.

Profa. Ruth Guimarães, paulistana, folclorista gigantesca pela imensa sabedoria.

Prof. José Carlos Rossato, paulista de Votuporanga — SP, companheiro firme nas pesquisas folclóricas.

Prof. José Néilton da Silva, de João Pessoa — PB, folclorista que já nos era conhecido pela letra e pela voz, presente de corpo e alma;

Prof. Hélio Damante, da capital paulista, velho amigo, protótipo de dedicação e honestidade;

Prof. Américo Pellegrini Filho, de São Paulo, paradigma de coragem e inteligência;

Profa. Cáscia Frade, do Rio de Janeiro, grande representante do folclore pátrio;

Prof. Dante de Laytano, modelo de cultura, voz radiofônica do folclore gaúcho;

Profa. Iseh Bueno de Camargo, colaboradora eficiente nas lides folclóricas de Olímpia, que ora representa Sua Excelência, o pujante prefeito Sr. Wilson Zangirolami;

Profa. Laura Della Mônica, de São Paulo, nossa irmã por lei, nossa irmã de ideal e eficientíssima coordenadora do I Simpósio do Folclore;

Prof. Veríssimo de Melo, de Natal — RN, bom amigo, mais que amigo, amicíssimo;

Senhoras, senhores e jovens:

A presença de folcloristas brasileiros neste pedaço de chão paulista que é Olímpia, sobre ser uma honra que nos desvanece, é uma oportunidade feliz para que sejam conhecidos, ao mesmo tempo, os folguedos e danças folclóricas locais que se juntam às manifestações folclóricas de outras localidades brasileiras e que

o progresso ainda não conseguiu desmoronar.

Lamento que os folcloristas Profa. Núbia Marques, de Aracaju — SE; Prof. José Maria Tenório Rocha, de Maceió — AL; Prof. Arthur Napoleão Figueiredo, de Belém — PA e Prof. Wilson de Lima Bastos, de Juiz de Fora — MG, participantes do I Simpósio Nacional do Folclore, de Olímpia, por motivos justificados, não puderam permanecer nesta sessão.

Há nesta terra feracíssima e promissora, desajudada dos recursos que o governo paulista nos poderia proporcionar em proveito da coletividade folque, para mais de 30 folias de Reis, 3 folias de São João, 2 folias de São Benedito, 2 folias do Divino Espírito Santo (1 que anda a pé e outra sobre cavalos), 1 folia de São Sebastião, 2 ternos de Moçambique, 1 terno de Congada, 1 grupo de Jongo, 3 esquadrões de Catira e 3 grupos de dança de São Gonçalo (um bem diferente do outro). Há 29 anos comecei a amparar nossos grupos folclóricos. A princípio tudo foi muito modesto. Muito trabalho, muitas dificuldades, mas sem nenhum esmorecimento. Hoje Olímpia é conhecida em todo o território como a Capital Nacional do Folclore.

Amigos! Os amigos de Olímpia querem expressar neste ato de convivência pessoal e especial, a estima que têm para com os bondosos folcloristas brasileiros. Melhor forma não escolheriam para colimar este intuito do que o I Simpósio Nacional Sobre Folclore, juntamente com o 22.º Festival do Folclore. Não só do território paulista mas também de outros Estados deste ingente Brasil, folcloristas acudiram tantos, ao clangor da trombeta, na ordem de reunir. Rasgam-se, a partir de agora, novas perspectivas e novas esperanças para nossa cidade.

Sempre estive cheio de confiança no meu trabalho relativo ao folclore e por isso mereci a confiança dos olimpienses.

Assim como fui firme, constante, minha luta se transformou em triunfo. Poucas são as pessoas que não souberam apreciar com acerto. Mas em épocas de crítica trabalhei com maior afinco, porque o trabalho foi mais necessário.

Foi demasiada a coragem e grande é a recompensa do sacrifício próprio, embora nunca estivesse sozinho nessa peleja.

Do Rio Grande do Norte já vieram a Olímpia dois grupos folclóricos de Natal: Chegança e o Mamulengo "João Redondo". Nessa época eu contava apenas com dois amigos em Natal: um, o emérito Prof. Câmara Cascudo, de saudosa memória, e o outro, o Prof. Veríssimo de Melo, querido amigo aqui presente. Com a vinda dos referidos grupos folclóricos ao nosso Festival, meus amigos norte-riograndenses se multiplicaram.

Mas a amizade de Veríssimo de Melo foi a mais atuante. Conservarei para sempre essa amizade, pois ela não se há de separar, ligados como se acham em meu pensamento e em meu coração o seu nome e os seus atos. A influência nobilitante de sua amizade através dos muitos anos que correspondemos, recebendo sempre o influxo vivificador da sua bondade, dos ensinamentos, dos estímulos de sua palavra generosa e do seu espírito iluminado, não poderá jamais desfazer-se.

Por esse motivo Prof. Veríssimo e senhores folcloristas, eu me sinto verdadeiramente sensibilizado pelo prêmio que solenemente acabo de receber nesta sessão, a Medalha Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, sobre quem aprendi muito, instituída pelo Governo do Rio Grande do Norte. Recebo-a com carinho e orgulho, sabendo que a iniciativa da outorga é do bondoso Veríssimo, no exercício de sua alta administração frente ao Conselho de Cultura do Estado potiguar.

Ela será guardada com muito cuidado, lembrando a todos que dela tomarem conhecimento, que nem todo o bem feito na terra cai no ouvido e morre no esquecimento dos que ficam como semente, sobre a dureza da rocha escalada pelo sol e lavada pela torrente das águas revoltas da tempestade.

Assim, Prof. Veríssimo, na qualidade de delegado do governo norte-riogrande para a outorga de tão apreciável medalha, gostaria que o senhor fosse o portador de uma carta àquele in-

signe governador e dissesse a Sua Excelência sobre o grande efeito da alegria que a homenagem me proporcionou, quando estamos realizando o 22.º Festival do Folclore juntamente com o I Simpósio Nacional Sobre Folclore, no Ano Internacional da Paz, paz que tanto almejamos e a temos alcançado.

A medalha é muito significativa para mim e ficará sob minha custódia enquanto vida tiver. Porém, eu quero agora, simbolicamente, pluripartí-la e doar um pedacinho a todas as pessoas, que ao longo de todo esse tempo, auxiliando-me de uma maneira ou de outra, gente daqui e gente de fora, porque o festival cresceu tanto, que não será possível, nunca mais, eu realizá-lo somente pelas minhas mãos.

Prof. Veríssimo, abnegado autor da proposição, muito obrigado! Que Deus o proteja e o ampare sempre. Seja, por gentileza, o meu porta-voz desta simples mensagem ao governador, Dr. Radir Pereira.

Olímpia, 16 de agosto de 1986.

Excelentíssimo senhor
DOUTOR RADIR PEREIRA
Digníssimo Governador do Estado do
RIO GRANDE DO NORTE - RN

Verdadeiramente sensibilizado, não poderia, nesta oportunidade, deixar de me dirigir a Vossa Excelência, para externar meu reconhecimento ante a homenagem recebida e representada pela medalha José Augusto Bezerra de Medeiros, ordem honorífica instituída por esse pujante Estado e que passa a ser um dos motivos de maior glória e satisfação, tanto para mim como para

a minha terra, com a qual compartilho a homenagem recebida. Fez-me a entrega, por delegação de Vossa Excelência, aqui em Olímpia, o ilustre e culto professor Veríssimo de Melo, durante o I Simpósio Nacional Sobre o Folclore, na data de 16 de agosto próximo passado. Se já era grande minha alegria pelo evento cultural que estamos promovendo, tornou-se maior ainda ante à lembrança e a deferência do Excelentíssimo Governador do Rio Grande do Norte.

O honroso título é, por mim, sem falsa modéstia, creditado mais à vitalidade de quantos se preocupam e se batem pela preservação dos caracteres principais de nossa brasilidade, e onde pontifica o Governo de Vossa Excelência, e a cuja luta também orgulhosamente me integro, do que propriamente a méritos individuais.

Confesso que tomou-me a emoção, quando do recebimento da Medalha, e mais precisamente quando a senti junto ao meu corpo. Foi o sentimento de que naquele momento eu recebia o abraço de todo o povo riograndense do norte, um abraço forte, caloroso, ao qual retribuo através destas linhas, e que passo a ostentar como uma das minhas riquezas mais preciosas.

Reiterando meus agradecimentos, e o agradecimento da minha terra, com a qual compartilho a Medalha José Augusto Bezerra de Medeiros, deixo consignados meus protestos de estima e consideração.

Com gratidão perene,

OSÉ SANT'ANNA
Homenageado

RESPEITO PELO FOLCLORE, TEU NOME É OLÍMPIA!

José Maria Tenório Rocha
Maceió - Alagoas

Há anos escutava o Prof. Pedro Teixeira de Vascondelos discorrer sobre uma cidade mágica onde se apresentara com seus grupos folclóricos. O homem falava tão maravilhado que me fez sentir inveja e desejar fortemente ir para esse mundo fantástico do folclore.

O tempo passou. Outras idas do professor àquela cidade. Novos comentários. Novos desejos eram acesos. Quando iremos lá?

Eis que de repente, como diria o poeta, surgiu em minha sala de trabalho o mago dessa cidade fantástica. Veio, falou, foi embora. Novo encontro com esse mago, na cidade sergipana de Laranjeiras. Presente dos "Anuários", marcados por uma emoção desmedida pelas coisas representativas do povo. Aumento do desejo de ida. Quando chegaremos lá?

A hora chegou! E chegou em dia certo, através do gentil convite da querida folclorista paulista Laura Della Mônica. E que seria realizado em agosto de 1986, durante o "22.º Festival de Folclore", o "I Simpósio Nacional Sobre Folclore", com a temática central "Conceituação do Folclore". O coração bateu forte e começou a esperar ofegante a hora da partida.

Chegada a São Paulo. Encontro com José Nilton, da Paraí-

ba, o grande gaúcho Dante de Laytano, Prof. Botelho, Ruth Guimarães e a sempre lúcida Amália Lucy. Sete horas de viagem de ônibus. Entrada a noitinha na cidade mágica. Reencontro com amigos folcloristas de outros Estados — Veríssimo, Cáscia, Napoleão Figueiredo, Saul Martins e Ático Vilas-Boas da Mota. Rumo ao RECINTO.

Menino, nunca pensei encontrar no Brasil tamanha organização e bom gosto! Foi um anfiteatro tão gigantesco e tão bem articulado (embora o Prof. Sant'anna lembrasse sempre que ainda não estava pronto!) que começamos imediatamente a refletir sobre a realidade folclórica das Alagoas.

Fiquei boquiaberto em saber que quarenta grupos folclóricos de todo o Brasil ali seriam apresentados. Parece mentira deslavada! Mas era a pura e cristalina verdade. Vez por outra a chuva castigava, mas os intrépidos folguedos e danças — os grupos de Alagoas também, sim senhor — estavam ali empertigados e gritando forte, como fizeram os de Alagoas, cantando exultantes:

"Ô minha gente
Dinheiro só de papé,

Carinho só de mulé,
Capitá só Maceió"

À noite o **Recinto**, de dia o Simpósio.

O desejo de reunir especialistas de todos os quadrantes do Brasil, cada um com uma realidade diferente, para juntos discutirem questões tão controvertidas quanto à conceituação do folclore foi recompensada. Durante três dias, obedecendo a um rígido horário inglês (aliás, olimpiense!) e a batuta percuciente de Ático Vilas-Boas da Mota, o Simpósio, tão bem liderado pela graça e eficiência de Laura, transcorreu a contento. Discussões acirradas, brigas para defesas de pontos de vista e felizmente nenhum consenso, pois seria impossível um conceito único de folclore brasileiro. O que se pode fazer são análises dos inúmeros e controvertidos conceitos correntes, velhos ou novos e, optar por este ou aquele conceito na hora de se estabelecer uma metodologia de trabalho ou pesquisa.

As experiências diversas foram excelentes e somativas. De Napoleão Figueiredo (do Pará) a Dante de Laytano (do Rio Grande do Sul) passando por Núbia Marques (a querida Núbia) tudo foi deveras importante. Os encontros extra-simpósios, a troca de figurinhas, serviram para o reatamento das ligações com os companheiros que, embora residindo distante, sabem que a distância entre nós é de apenas um selo de correio!

Outra surpresa agradável foi, logo de chegada verificar o excelente cartaz que estampava a figura da rainha do Guerreiro de Chã Preta. Nesse momento o amor pelo Estado permite rasgos de um bairrismo desmedido.

Coisa séria e motivo de mais surpresa é o "Anuário", que também contém em sua capa, a reprodução do cartaz da figura do guerreiro. O Anuário é um exemplo de como, com bom gosto e muita seriedade, se pode fazer uma publicação definitiva, que não serve apenas para marcar a passagem de um evento, mas um documento que serve para estudantes e estudiosos, nas suas buscas de saber sempre mais sobre a vida e ação do homem do povo.

E basta, professor Sant'anna. As saudades e o desejo de voltar com mais calma já começam a se fazer sentir e eu lembro da mestra Teresinha das Baianas, quando canta em tom de lamento:

"Quando eu ouço
A corneta tocando
E o povo delirando
Alegre de viver,
Pode compreender
Com muita alegria,
ATÉ OUTRO DIA
SE NÓS NÃO MORRER!"

CÂMARA CASCUDO, UM IMORTAL

José Carlos Rossato
Departamento de Folclore — Olímpia

Luís da Câmara Cascudo, o Papa do Folclore Brasileiro, veio ao mundo a 30/12/1892, em Natal (RN). Filho único do casal Coronel Francisco Justino de Oliveira Cascudo — Ana da Câmara Cascudo, figuras proeminentes do universo político e econômico-social da capital potiguar. Seus ascendentes originaram-se do norte de Portugal e dos Açores.

Coincidentemente, no ano em que nascia a mais valiosa figura da pesquisa folclórica brasileira, João Ribeiro, tomava posse na Academia Brasileira de Letras; Mário de Andrade estava com cinco anos; e, um dos livros mais lidos, na capital norte-riograndense, era Lendas e Canções Populares, de Juvenal Galeno. Quantas coincidências fabulosas!

INFÂNCIA

Dada a ótima situação econômico-financeira da família é de se supor que a infância do mestre Cascudo desenvolveu em castelo ou palácio. Engano. Desde cedo, em convívio com as criadas, ouvia fatos, lendas e contos que o impressionavam. Esta situação propiciou condições para familiarizar-se com as pessoas simples. Além do mais, sendo o Coronel Cascudo comerciante, o pequeno Luís entrou logo em contato com os sertanejos.

JUVENTUDE

O talentoso pesquisador foi precoce em quase tudo. Aos dezesseis anos iniciou-se no jornalismo, consoante Gumercindo Saraiva. Principiou com uma coluna no jornal A IMPRENSA.

Este órgão informativo serviu-lhe de berço literário. Descobriu a vocação. Passou a escrever em outro, fundado em fins do século passado, denominado A REPÚBLICA, onde registrava os acontecimentos diários. Mais de mil crônicas atestam o valor do jornalismo naquela época. Escreveu para outros jornais.

Em Cantadores e Vaqueiros (Editora Livraria Globo, 1939) encontram-se estas palavras do próprio, referindo aos princípios deste século:

"Vivi no sertão típico, agora desaparecido. A luz elétrica não aparecerá".

ESTUDANTE

Freqüentou o Ateneu Norte-Riograndense, estudando Humanidades. Posteriormente cursou Medicina na Bahia, até o terceiro ano. Foi para o Rio de Janeiro. No quarto ano desistiu de ser médico. Ingressou na Faculdade de Direito de Recife. Formou-se em 1928.

Como nada é perdido na vida, os estudos em Medicina, foram úteis para ele interessar-se pela Etnografia e até pelo Folclore.

POLÍTICA

Passou rapidamente pela política, elegendo-se deputado em 1930. Como a Câmara foi dissolvida, em consequência da situação política de então, não teve ação. Mais tarde foi convidado por Getúlio Vargas para disputar uma vaga no Senado. En-

tretanto, não aceitou. Para o bem da pesquisa e da cultura, abandonou a política.

INTELLECTUAL

Viajou muito visando pesquisas e estudos. Conheceu a Europa, a Ásia, a África e parte da América do Sul. Com exceção do norte amazônico, conheceu, e bem, o Brasil. Mesmo assim manteve fidelidade à capital natalina.

Esta figura jovial, certa vez, disse:

"A Província não mata os talentos"

Ao ser inquirido por que guardava tanta fidelidade à terra, respondeu:

"Não me arrependi, nem condeno os que saíram de Natal".

Logo após prosseguiu:

"O homem é a cidade em que vive".

Escritor, ilustre professor, grande historiador, bom etnólogo, ótimo etnógrafo, excelente musicólogo e incomparável folclorólogo teve seu nome aclamado tantas vezes, não só no Brasil, como nos maiores centros culturais do mundo habitado.

Lia sete idiomas, inclusive o latim e o grego antigo, línguas consideradas mortas. Produziu muito.

PROFISSIONALISMO

Foi advogado e professor. Lecionou no Ateneu Norte-Rio-grandense, na Escola Normal, no Instituto de Música e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sem deixar o jornalismo. Na Universidade lecionou Direito Internacional Público. Nos outros educandários ministrou aulas de História, Geografia Humana, Etnografia e Folclore. Foi ainda Secretário do Tribunal de Justiça e Consultor Jurídico do Estado. O interessante é que estas múltiplas atividades não prejudicaram o que era mais importante na vida do mestre: as pesquisas em História, Etnografia, Etnologia e Folclore.

ESCRITOR

Expressando em inconfundível estilo, tinha um impecável vernáculo. Escreveu muito. Produziu mais de três mil artigos, muitos publicados além fronteiras. A maioria foi dedicada à cultura popular. Escreveu ensaios e livros, sem contar traduções, edições anotadas, prefácios, conferências e esparços. Era o vigor do intelecto. Peregrinou no campo da Literatura, da Sociologia, da História e do Direito. No entanto, conseguiu notoriedade no âmbito das ciências antropológicas.

FOLCLORE

Cascudo começou a se interessar pelas manifestações da cultura popular no fim da década de trinta.

No terreno da pesquisa folclórica e adjacentes: Antropologia, Etnologia e Etnografia não encontrou concorrente e dificilmente o terá.

Até o momento desconhecemos alguém que tenha pesquisado o nosso folclore tão profundamente quanto este vulto.

PRODUÇÃO

Deixou entre livros e monografias publicados 160 títulos. É uma das mais expressivas autoridades em bibliografias folclóricas. Não precisaria dizer que é vastíssima a bibliografia que ele nos legou. Não pretendemos relacionar tudo que o mestre escreveu em virtude da fecundidade de produção.

Eis o que conseguimos levantar, em ordem cronológica, tomando por base dados do Instituto Histórico e Geográfico do

Rio Grande do Norte e outras conceituadas fontes. Evidentemente prendemos à data da primeira edição. Diversas foram reeditadas.

Alma Patrícia, 1921; Histórias que o Tempo Leva, 1924; Joio, 1927; Lopez do Paraguai, 1927; Intencionalidade no Descobrimento do Brasil, 1933; O Homem Americano e Seus Iemas, 1933; O Conde D'Eu, 1933; Viajando o Sertão, 1934; Em Memória de Stradelli, 1936; O Marquês de Olinda e Seu Tempo, 1938; O Doutor Barata, 1938; Vaqueiros e Cantadores, 1939; Governo do Rio Grande do Norte, 1939; Montaigne e o Índio Brasileiro, 1940; Informações da História e Etnografia, 1940; Lendas Brasileiras, 1943; Antologia do Folclore Brasileiro, 1944; Os Melhores Contos Populares de Portugal, 1945; Contos Tradicionais do Brasil, 1946; Festas e Tradições Populares do Brasil, 1946; História da Cidade do Natal, 1947; Geografia dos Mitos Brasileiros, 1947; Holandeses no Rio Grande do Norte, 1951; Maleagro, 1951; Anubis e Outros Ensaio, 1951; Literatura Oral, 1952; História da Imperatriz Porcina, 1952; Em Sergipe Del Rey, 1953; Cinco Livros do Povo, 1953; Dicionário do Folclore Brasileiro, 1954; Histórias de Um Homem, 1954; Antologia de Pedro Velho, 1954; A Família do Padre Miguelinho em Mossoró, 1954; História do Rio Grande do Norte, 1955; Notas e Documentário Para A História Do Município de Mossoró, 1955; Informação Histórica do Município de Santana do Matos, 1955; Trinta Histórias Brasileiras, 1955; Geografia do Brasil Holandês, 1956; Vida de Pedro Velho, 1959; Jangadeiro, 1956; Tradições Populares da Pecuária Nordestina, 1956; Jangada, 1957; Superstições e Costumes, 1958; Rede de Dormir, 1959; Grande Fabulário de Portugal e Brasil, 1960; Canto de Muro, 1960; Vida Breve de Aute de Sousa, 1961; Dante Alighieri e a Tradição Popular no Brasil, 1963; Nosso Amigo Castriciano, 1965; Made in África, 1965; Dois Ensaio de História, 1965; História da República no Rio Grande do Norte, 1965; Flor dos Romances Trágicos, 1966; A Voz de Nessus, 1966; Jerônimo Rosado, 1967; Prelúdio da Cachaça, 1968; História da Alimentação, 1968; O Tempo e Eu, 1968; Nomes da Terra, 1968; Coisas que o Povo Diz, 1968; Pequeno Manual do Doente Aprendiz, 1969; Ensaio de Etnografia Brasileira, 1969; Prelúdio e Fuga do Real, 1969; Locuções Tradicionais no Brasil, 1969; Olhando o Inglês, 1969; A Vaquejada Nordestina e Sua Origem, 1969; Gente Viva, 1970; Sociologia do Açúcar, 1971; Tradição, Ciência do Povo, 1971; Seleta, 1973; Civilização e Cultura, 1983; Superstições no Brasil, 1985; e tantas outras.

Dentre os vários ensaios divulgados em revistas e jornais inclusive no exterior, mencionamos:

Uma Interpretação da Couvade, 1936; Os Índios Conheciam a Propriedade Privada? 1936; O Nome "Potiguar", 1940; O Povo do Rio Grande do Norte, 1940; As Lendas de Extremoz, 1940; Fanáticos da Serra de João do Vale, 1941; Seis Mitos Gaúchos, 1942; Lição Etnográfica nas "Cartas Chilenas", 1943; Simultaneidade de Ciclos Afro-Índigena-Brasileiros, 1948; O Folclore nos Autos Camonianos, 1950; Os Velhos Entremezes Circences, 1951; Atirei um Limão Verde; A Origem da Vaquejada do Nordeste Brasileiro, 1953; Alguns Jogos Infantis no Brasil, 1953; Comendo Formigas, Pereira da Costa, Folclorista, 1954; Compadre e Comadre, 1956; Temais de Mireio no Folclore de Portugal e Brasil, 1960; Conceito Sociológico do Vizinho, 1960; Motivos da Literatura Oral da França no Brasil - Recife, 1960; Cozinha Africana no Brasil-Luanda, 1964; e diversos outros.

Convém deixar explícito que, às vezes, não há unanimidade em relação às datas.

CONDECORAÇÕES

Foi distinguido por inúmeras condecorações nacionais e estrangeiras. Recebeu várias medalhas culturais. Recebeu em 1977, o Prêmio Juca Pato, pela publicação O Príncipe Maximi-

liano no Brasil. Assim, o Intelectual do Ano, o Concurso da União Brasileira de Escritores, consagrou o norte-riograndense.

OPINIÕES (CRÍTICA)

Vários estudiosos mencionaram Cascudo em suas obras. Talvez, o autor de Ideologia da Cultura Brasileira, Carlos Guilherme (Editora Ática, 1977), dedicando um capítulo ao mestre potiguar, tenha sido um dos mais preciosos.

O septuagenário Rossini Tavares de Lima afirmou:

"Cascudo não foi um pesquisador de campo, mas dominou a bibliografia folclórica brasileira".

Ao nosso ver, o folclorista paulistano equivocou-se. Câmara Cascudo foi um dos bons pesquisadores de campo. Para constatar isto é só verificar o que ele produziu. Tenha certeza de que nenhum estudioso dos nossos mitos, costumes e tradições foi tão obstinadamente pesquisador quanto ele. Claro está também que Cascudo foi, sem dúvida, um pesquisador bibliográfico sem precedentes.

Certa vez afirmou quando visitado por um intelectual:

"Vi amanhecer o dia, muitas e muitas vezes, nesta escrivaninha, escrevendo e pesquisando noite adentro".

Cascudo não se conformava com o simples registro em pesquisa de campo. Diferiu até de Leonardo Mota, seu conterrâneo, que se satisfazia com a documentação. O grande mestre ia além. Buscava o universalismo no regional, tanto é que, na apresentação do livro Anúbis e Outros Ensaios, escreveu:

"De surpresa em surpresa, constatamos a proximidade com os povos longínquos e o fidelismo aos costumes centenários".

O Prof. José Sant'anna, opinou: Cascudo foi proclamado

e reconhecido como um dos oito maiores pesquisadores da cultura popular em todo o ecúmeno.

FALECIMENTO

Na mesma cidade onde nasceu e viveu quase toda a vida, em 30/07/1986, faleceu. O Brasil e o mundo perderam um emérito pesquisador. Foi pena, mas descansou quem estava doente, surdo e cego desde o final da década de setenta. Infelizmente, não completou o livro de memórias Antes da Noite.

Cascudo partiu convencido de que não viveu inutilmente.

A pesquisa folclórica perdeu muito com sua morte. Ficamos com as obras. Assim é a vida do intelectual: morre, mas não desaparece.

EPIÍLOGO

Câmara Cascudo pernonificava e traduzia a própria alma brasileira. Era uma enciclopédia de cultura erudita e popular a se balançar na rede ou na cadeira centenária, no dizer de Caio Porfírio Carneiro. Foi um analista da alma da nossa gente documentando nossos hábitos, costumes, estórias e tradições. Amou o cotidiano e não o excepcional.

Como a maioria das pessoas inteligentes e cultas, Cascudo era de extrema simplicidade. Depois do aconchego do lar, seu maior prazer era conversar com o povo de Natal.

Fazemos uso das palavras de Nilo Pereira, como sendo nossas: "Cascudo, sozinho, é uma Universidade. Ele antecedeu à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com ele vieram os métodos científicos de pesquisa, a investigação sistemática, o saber desinteressado".

FOLCLORE,

NOSSA TRADIÇÃO, NOSSAS LIÇÕES

Alcy Gigliotti
Catanduva — SP

Dia 22 de agosto é o Dia do Folclore. A minha inesquecível e querida Olímpia — terra natal, onde ainda se encontram meu pai e meus familiares, é quem o cultua. Essa excelente e bem organizada Semana do Folclore que já está no 22.º Festival é internacionalmente conhecida e levou o nome da querida Olímpia aos mais distantes rincões da Pátria, e também, a qualquer lugar onde haja lembranças e tradições.

O que é Folclore? Vamos ao Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa: "Folclore, s.m., Conjunto de costumes, crenças, superstições, literatura oral, danças, festas e outras manifestações culturais de um povo conservados pela tradição: parte da Antropologia Cultural que estuda essas manifestações. (Do ingl.: folklore)". É tudo isso mesmo. E o povo jamais se esquece de suas tradições e de suas lições. Transmitidas de pais para filhos, não conseguem ser esquecidas. Agora, principalmente, há quase que uma febre de publicações envolvendo manifestações de vários tipos, tais como simpatias, chás, magia, vida enfim, baseadas nas lições seculares dos antepassados e até mesmo nas superstições, dúvidas e invenções de todo um povo. Em Olímpia folclo-

re é quase atividade maior. Sob a batuta do Professor José Sant'anna, que fez o primeiro Festival e ainda se encontra na "Cidade Menina-Moça" aplicando a sua inestimável competência e experiência, há ali Museu, Grupos, estudos, atos e fatos envolvendo o Folclore Brasileiro. Atuantes, os olimpienses esparramaram pelo Estado os seus Grupos e dão oportunidade a Grupos de outras localidades, autênticos, para as suas exposições periódicas e altamente caprichadas. Lá em Olímpia vive-se, ama-se e divulga-se o Folclore. E a Biblioteca ali existente a respeito já vai ganhando foros de insuperável no País.

Desculpem o orgulho, mas de fato Olímpia manda no Folclore do Brasil. E ajuda o país a cultuá-lo e a conservar essa vontade de aprender cada vez mais sobre tradição e lições de Vida. Saravá, "Menina-Moça", bonita e amada!

(Alcy Gigliotti, olimpiense, juiz de direito aposentado. Artigo transcrito do "Jornal Opinião" — Catanduva, 17 de agosto de 1986).

UM IDEALISTA QUE PRECISA

SER MAIS CONHECIDO

José Carlos Rossato
Departamento de Folclore – Olímpia

Nos meados da década de cinqüenta, Olímpia, a então Cidade Menina-Moça, ganhou uma dádiva do Criador. Naquela época um moço inteligente, culto, dedicado e idealista, sob o signo da Providência Divina, passou a desenvolver o potencial que existe dentro de si. Entrou com corpo e alma, com fé e coragem no estudo do folclore. Incrementou a pesquisa, inicialmente bibliográfica e logo a seguir, a de campo. Era um baluarte, como aliás continua. Era um obstinado, relutante, pertinaz, perseguindo as manifestações folclóricas para protegê-las da deteriorização. Uns viam esta tenacidade que caracteriza este Homem com bons olhos. No entanto, outros calçados no indesejável pessimismo, taxavam-no de teimoso e até de louco. O pior é que até os incrédulos estavam certos. Realmente ele é um insistente contumaz: não desanima diante dos maiores obstáculos. Pelo contrário, quanto maior é a problemática, mais forças ele consegue com o Senhor. É um líder. Não aceita apenas vencer. Só fica satisfeito quando vence com todos os louvores. Só fica alegre quando vence convencendo a todos e a si próprio. Talvez por isto, aqueles que o imaginaram louco, estavam certos, sobretudo não esquecendo de que os tempos eram outros. Não só em termos educacionais, onde a maioria da subdesenvolvida Nação era iletrada. Não só porque a economia era essencialmente agrária. Não só porque os meios de comunicações eram insuficientes. Não só porque as cinzas da última conflagração mundial ainda estavam no ar. Não só por outros motivos. Mas muito mais.

Em 1957 – há trinta anos – aquele jovem professor, ini-

ciou efetivamente as pesquisas folclóricas "in loco". Com elas nasceram os minifestivais internos no extinto Colégio Olímpia, com exposições e apresentação de grupos folclóricos locais. Essas mostras foram o embrião para em 1965 surgir o Primeiro Festival do Folclore, que ganhou as ruas. O evento evoluiu e quatro anos depois, era outorgado a Olímpia, o epíteto Capital do Folclore.

O Pai de todas estas façanhas continua sendo o Coordenador dos 22 Festivais de Folclore já realizados. Mas não é só. Sob a sua direção foram editados revistas, jornais, livros, folhetos e discos. O nome dele todos conhecem. E impossível dissociá-lo dos estudos do folclore brasileiro. Trata-se de José Sant'anna.

Nós, folcloristas e folclorólogos, para comemorarmos as três décadas de pesquisas do emérito mestre, pretendemos lançar, neste 87, a valiosa obra *Quadras Anônimas*. Nada mais justo. Aliás, ele merece muito mais. Como bem mais também merecem os afixionados do folclore.

As pesquisas que deram origem ao livro *Quadras Anônimas* tiveram início em 1956, quando o respeitabilíssimo pesquisador ainda não sonhava em ser um folclorólogo. Nem sequer pensava em se tornar um folclorista.

Parabéns, Mestre. Estamos no aguardo não só da monumental *Quadras Anônimas*, mas também de outros livros, esculpidos pela sua notável inteligência, que num futuro não distante os estudiosos da Folclorística deverão conhecer.

NOTICIÁRIO DE ISEH BUENO DE CAMARGO

UM GÊNIO? UM VISIONÁRIO?

Durante o 21.º Festival do Folclore, 1985, realizado no Ginásio de Esportes, Wilson Zangirolami, o prefeito de Olímpia e José Sant'anna, coordenador dos festivais, chegaram à conclusão de que o vasto recinto tornara-se pequeno para a realização de tais eventos. Um sonho brotou, um sonho utópico, à primeira vista: construir um recinto exclusivo para os Festivais do Folclore.

Do sonho, passou-se ao estudo das probabilidades de viabilizar os anseios dos dois amigos que juntos sofriam as agruras acarretadas pelas contínuas mudanças de local para as apresentações, pela falta de alojamento aos grupos folclóricos, dificulda-

des de traslado de um local para outro, mil outras dificuldades.

Nos primeiros meses do ano de 1986, ainda em litígio o terreno em que o governador Montoro colocara a pedra fundamental do futuro recinto, somente limoeiros, cafeeiros e capinzal marcavam o local dos futuros festivais. Sem saber de onde surgiria o dinheiro para a construção desse recinto, o prefeito convocou engenheiros e arquitetos, reuniu membros da Comissão do Folclore, expôs, em linhas gerais, quais eram seus planos. Megalíticos, de dimensões faraônicas, assustaram aos próprios engenheiros e integrantes da reunião. Após delongas e estudos, as maquetes foram apresentadas, sofreram alterações, obra gi-

gantesca no papel.

Mês de maio, nada no local, promessas de verbas, inicia-se o desmatamento, destocamento e nivelamento do terreno. Todos eram unânimes em afirmar que não haveria tempo para nada. O prefeito, ouvidos surdos aos pessimistas, começou a despejar caminhões de pedras e cimento, máquinas trabalhando noite e dia, um verdadeiro formigueiro de homens labutando em todos os recantos, muitas vezes ele, Wilson, o prefeito, agarrando o enxadão, a enxada, a pá, a picareta, mostrava aos operários como fazer, como fazer mais rápido e certo para correr contra o tempo. Começou a surgir daquele emaranhado de troncos e terra vermelha algo indefinível, que colocava riso no rosto dos cétricos, palavras de zombaria na boca dos desconfiados olimpienses. Nos últimos dias de julho, a mostra era menos deprimente, mas tudo levava a crer que haveria a possibilidade de o milagre acontecer. À hora programada para a abertura do 22.o Festival do Folclore, ali estava a maravilha que a milhares de pessoas encantou: um autêntico monumento à cultura popular brasileira, um monumento que fala da audácia, da coragem, do dinamismo de Wilson Zangirolami, que tem o sangue e o suor de centenas de mãos de anônimos trabalhadores que ali moujearam dias sem conta, horas a fio. Ali estão os murmúrios das preces de centenas de estudiosos que oravam pelo seu sucesso. O recinto estava pronto, uma obra que enaltece a quem a idealizou, aos que a ela dedicaram seus dias de trabalho, belas avenidas arborizadas conduzindo ao local dos festivais, gigantescas escadarias de cimento cercando imenso palanque móvel, barracas de área fabulosa como a da APAE, de áreas menos amplas, cerca de dez, piso de cimento, ruas asfaltadas ou cobertas de pedriscos, grama plantada por todos os lados, sanitários vastos para homens e mulheres, sala para recepção, local para hasteamento das bandeiras, forte alambrado cercando os pouco mais de quatro alqueires de área construída, estacionamento para cerca de dois mil carros, iluminação condigna, água potável, locais para ambulantes e suas quinquilharias, dois parques infantis completos. Enfim, um mundo criado em poucos meses, um mundo que surgiu do nada e foi um esplendor em 1986, inacabado, incompleto embora, que será a maior obra jamais realizada por uma Prefeitura nos moldes da de Olímpia. É impossível entender o que é o recinto do Festival do Folclore sem vê-lo, sem ter visto o que era aquele local há poucos meses, sem compreender como é que, sem dinheiro, sem verbas, alguém tenha ousado implantar, em terra sáfara, obra digna das "mil e uma noites". Parabéns Wilson Zangirolami, parabéns pelo presente ofertado ao Sant'anna. Seus sonhos são realidade. Parabéns, olimpienses, já temos as nossas "pirâmides" nesta cidade que, segundo Ático Vilas-Boas, é uma ilha cercada de laranjeiras por todos os lados. Parabéns, homens que fazem a história olimpiense.

HOMENAGEM AOS TRABALHADORES BRAÇAIS Homens que levantaram a Praça do Folclore

Manhãs despontando, a relva úmida do orvalho noturno, céu pintalgado de rosa, silêncio macio, um distante mugir de gado, o chilrear alegre de um pássaro madrugador, um esquecido galo em vibrante clarinada, Olímpia desperta para o dia que principia. Porém, na Praça, no recinto que abrigará o 22.o Festival do Folclore, já um burburinho de homens, de enxadas, de enxadões, pás, martelos, caixotes de ferragens, de reboco, pedras, tijolos, madeira, água, lama, terra, máquinas, movimentando-se, um novo dia de trabalho começa.

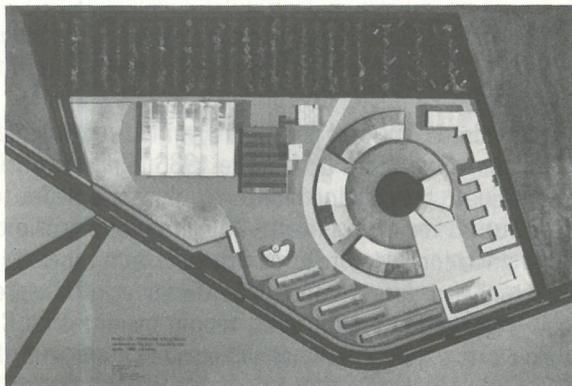
São trabalhadores anônimos, homens que, madrugando, deixam seus lares levando, em marmitas, sua alimentação de um dia, de uma noite. . . São incontáveis os trabalhadores no desempenho de suas atividades. Homens que, inconscientemente, contribuem para que Olímpia, pequena ainda, se torne grande e conhecida por todo o país, ultrapassando as fronteiras, caminhando a passos largos para um futuro de esplendor. São trabalhadores braçais que, atendendo ao apelo do prefeito Wilson, acorreram ao recinto para, como num passe de mágica, transformá-lo em recanto acolhedor para grupos folclóricos, para visitantes, para todos que querem viver dias de deslumbramento, em ritmo de festa nacional.

Nós lhes prestamos, trabalhadores da Praça das Atividades Folclóricas, nossas humildes homenagens. Rogamos ao Senhor, que abençoe o trabalho de todos, que lhes pague em glórias eternas o que fizeram por Olímpia. São pobres nossas palavras, mas ricas nossas emoções, nossa gratidão.

O Prof. Sant'anna sonhou com esse recinto. Lutou por ele. Ganhou a causa. Wilson, o prefeito, esse dinâmico trabalhador, trabalhador braçal nas horas de descanso, após luta, após luta insana premiou, não só o professor como todo o povo olimpiense com esta obra megalítica. E vocês, trabalhadores, com suas calejadas mãos, foram responsáveis diretos pela glória de nos darem, em tempo hábil, esse verdadeiro paraíso de beleza e grandiosidade.

Parabéns, trabalhadores, olimpienses ou não, idealistas ou necessitados de salário, parabéns a todos vocês. Nós, olimpienses, no momento de iniciarmos o 22.o Festival do Folclore, arrematamos: Deus lhes pague, Deus os recompense pela obra, pelo pronto atendimento aos pedidos da Prefeitura. Deus esteja em seus lares, acompanhando seus passos pela vida afora.

Parabéns, amigos, parabéns homens que ergueram esse novo monumento olimpiense. Parabéns.



Maquete da Praça do Folclore



O RECINTO DO FOLCLORE

Já é do conhecimento de todos que, no ano de 1986, Wilson Zangirolami, prefeito de Olímpia, conseguiu realizar um feito épico: construir em pouco mais de quatro meses o recinto em que se realizariam, daí em diante, as efemérides relativas ao Folclore. Através do Decreto n.º 1869, de 22 de agosto de 1986, o recinto passou a denominar-se Praça das Atividades Folclóricas, cabendo à Prefeitura a confecção da placa nominativa.

José Sant'anna ainda não estava realizado. Como membro da Câmara Municipal apresentou, em 14 de novembro de 1986 o Projeto de Lei n.º 2150/86, complementando o Decreto do prefeito. Deu a denominação de Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami" ao recinto em questão. O projeto foi aprovado de imediato, aprovado pela Câmara Municipal de Olímpia e registrado às fls. 26 do livro 7, a 2 de dezembro de 1986. O recinto recebeu seu nome definitivo, foi batizado. É um sonho concreto — de muito concreto, de muita tenacidade, de muito suor, um sonho de amor dos olimpienses que lançam seus olhos para o futuro de nossas tradições, de nossa cultura, de nossa gente.

Com o Projeto de Lei, o hábil vereador Sant'anna, enviou ao prefeito ofício que merecia ser transcrito na íntegra, tal a riqueza espiritual que contém. Eis um trecho do mesmo: Senhor Wilson Zangirolami, excelentíssimo prefeito municipal de Olímpia:

É a essa chama bendita do ideal, mais que a qualquer outra fonte de energia mental ou emocional, que deveis a glória do vosso nome, uma conquista do vosso esforço, dos vossos sonhos, das esperanças de vencer com garbo e altanaria.

É ainda a esse ideal que vos tem guiado entre os cardos da íngreme e pedregosa vereda da vida, que deveis a estima, o respeito, o devotamento do meio social em que tendes vivido e, em conseqüência, as alegrias desta hora em que a Câmara Municipal de Olímpia promove esta homenagem extensiva a vossa devotada esposa e aos vossos queridos filhos. Finalizando, pedimos a Deus as bênçãos do céu sobre vosso lar, que é o ambiente feliz onde se retemperam as vossas forças na peleja de todos os dias.

Câmara Municipal de Olímpia, 14 de novembro de 1986.

a) JOSÉ SANT'ANNA
— Vereador —

O criador e coordenador dos Festivais do Folclore de Olímpia, autor do Projeto de Lei que dá ao ambicionado recinto o nome atual discorre, ainda, com invulgar brilhantismo, sobre a personalidade de Wilson Zangirolami, justificando, assim, o porquê da escolha do seu nome. Nascido em Olímpia a 28 de agosto de 1934, filho de Augusto Zangirolami e Romilda Minari Zangirolami, casou-se em 1963 com Zuleica Carneiro. Pai de três filhos: Zilá Teresinha, José Augusto e Wilson Roberto. Comenta: Wilson é um ser forrado de sensibilidade. Deus está sempre presente às suas produções. Não despreza os semelhantes. É muito espontâneo e correto sempre. Comunicativo e acessível. A tenacidade, o senso das minúcias, o método e a probidade fazem dele um prefeito benemérito. É exigente, cuida muito dos detalhes e é metucioso na maneira de agir, com sinceridade e lealdade. É muito gentil com todos os empregados. Contudo sabe ser agradável sem nenhuma adulação. Cavalheiro também com os adversários, jamais vexou os contendores, nunca soube odiar. Fala da sua pessoa sem se engrandecer nem diminuir.

Prometeu-nos um local próprio para a realização das atividades folclóricas em Olímpia, analisando, pormenorizadamente, todos os nossos problemas e sofrimentos, após os 21 anos do tradicional Festival do Folclore. Prometeu e com sacrifício até,

cumpriu sua promessa, trabalhando, inclusive à noite, como chefe de obra na construção de prédios do recinto, sem comprometer as finanças do Município. Fez surgir uma praça moderna e eficiente. Em suma, fez uma obra não somente para nós, mas para os vindouros, para ser usada por muitos séculos, transformando um campo rural num maravilhoso ambiente, aliás o único do mundo, destinado aos negócios da cultura sócio-antropológica — o folclore. Por esta razão é que desejamos homenagear, em vida, o excelentíssimo senhor prefeito municipal de Olímpia — numa prova de reconhecimento e de admiração não só ao prefeito dinâmico, ao administrador de reconhecida capacidade, mas também ao espírito brilhante que se tem revelado no amor pelas coisas do folclore brasileiro. Por isto mesmo que denominamos o recinto de **Praça das Atividades Folclóricas — "Prefeito Wilson Zangirolami"**.

Numa placa colocada em lugar de destaque, à entrada da Praça, ao lado da herma do ilustre homenageado, por esta brilhante vitória de Olímpia, una, forte, renascida, para a glória da cultura folclórica, gostaríamos de ver impressas, em bronze, as palavras que selam o final de uma obra magistral:

"Quanto maior for a luta e o esforço, tanto maior o sacrifício e o trabalho.

Quanto maior a preocupação, maior será o sucesso e mais brilhante a vitória. O nosso sacrifício, o nosso esforço, a nossa luta e, inclusive, o nosso sofrimento, deram à vitória final mais brilho, maior alegria e verdadeira felicidade.

Aqui é o local definitivo do Festival do Folclore. Obrigado, Wilson Zangirolami".

JOSE SANT'ANNA
— folclorista —
Em nome dos Olimpienses

* * *

CÂMARA MUNICIPAL DE OLÍMPIA REQUERIMENTO Nº 300/86

Senhor Presidente:

Considerando o êxito alcançado em seu novo recinto pelo 22.º Festival do Folclore;

REQUEREMOS, na forma regimental, que seja inserido na ata dos trabalhos, o voto de congratulações da Edilidade olimpiense para todos os que estiveram à frente desse importante evento, dando-se, desta aprovação, conhecimento ao Senhor Prefeito Wilson Zangirolami, ao Prof. José Sant'anna e à Comissão Organizadora.

Sala das Sessões Professora Dona Oscarlina de Toledo Bonilha, em 29 de agosto de 1986.

a) ALCINDO FOSSALUSSA
Vereador

* * *

OLÍMPIA, CANTADA EM PROSA E VERSO

Quintino e Quirino, cantores de música sertaneja, caipira, música do povo, gravaram, em disco Chantecler Ltda - SP, volume 5, lado 2, música 2, cururu, LP 2.11.405.322, prensado em 1980, de autoria de Joaquim Moreira da Silva residindo, atualmente, em São José do Rio Preto. O disco chegou às mãos de José Sant'anna em 1981, ofertado pelo autor da música, LP es-

SAUDAÇÃO À CAPITAL DO FOLCLORE (CIDADE DE OLÍMPIA)

Em nome dos três santos
Eles visitaram Belém
A cidade de Olímpia, ai, ai,
Aceite meus parabéns,
Aceite meus parabéns, ai, ai.

Os foliões de Santos Reis
Hoje são seus visitantes
Da bandeira dos três reis, ai, ai,
Nós somos representantes,
Nós somos representantes, ai, ai.

A cidade de Olímpia,
Progressista e altaneira
É Capital do Folclore, ai, ai,
Desta terra brasileira,
Desta terra brasileira, ai, ai.

O ilustre professor,
Também formado em Direito
Do folclore é o presidente, ai, ai
Merece nosso respeito,
Merece nosso respeito, ai, ai.

José é pai de Jesus,
Sant'Ana mãe de Maria,
O nome do professor, ai, ai,
Vem da Sagrada Família,
Vem da Sagrada Família, ai, ai.

Professor José Sant'anna
Este vamos conhecer
Os três reis lhe dê saúde, ai, ai,
Pra enfeitar o seu viver,
Pra enfeitar o seu viver, ai, ai.

Olímpia não esquece jamais aqueles que a enaltecem e, por isso, a Joaquim Moreira da Silva e aos cantores Quintino e Quirino, nossos perenes agradecimentos.

* * *

CURUPIRA PASSOU A SER O SÍMBOLO DA PROTEÇÃO FLORESTAL

"Curupira", anãozinho entrocando e forte, cabelos vermelho-fogo, feioso, pés para trás para despistar os caçadores, passou a ser o símbolo da guarda das florestas paulistas e teve sua pública apresentação nas comemorações do "Dia da Árvore", a 21 deste mês (1982). A Assembléia Legislativa aprovou lei que recupera a lenda indígena e eleva o duendesilvícola à dignidade de símbolo do guardião da floresta e da fauna no Estado.

Nas comemorações deste ano, além da promulgação da lei, foi inaugurada a réplica daquele monumento no Horto Florestal do Tremembé, que é a sede do Instituto Florestal da Secretaria da Agricultura. O Curupira paulista foi doação do Prefeito de Ribeirão Preto, Sr. Antônio Duarte Nogueira.



Como mais um dos eventos do 22.º Festival do Folclore, realizou-se, na Casa da Cultura "Dr. Antônio Sylvio Cunha Bueno", em Olímpia, sob a coordenação da Professora Laura Della Mônica, o I Simpósio Nacional Sobre Folclore, de 14 a 17 de agosto de 1986. Marcaram sua presença os simposistas: Amália Lucy Geisel - RJ, Américo Pellegrini Filho - SP, Arthur Napoleão Figueiredo - PA, Ático Frota Vilas-Boas da Mota - GO, Dante de Laytano - RS, Francisco Gabriel Junqueira Machione - Barretos - SP, Hélio Damante - SP, José Carlos Rossato - Votuporanga - SP, José Maria Tenório Rocha - AL, José Nilton da Silva - PB, Maria de Cásia Nascimento Frade - RJ, Núbia do Nascimento Marques - SE, Ruth Guimarães Botelho - SP, Saul Alves Martins - MG, Veríssimo de Melo - RN, Dr. Virgílio Noya Pinto - Jundiá - SP, Wilson de Lima Bastos - Juiz de Fora - MG; representando Olímpia, José Sant'anna e Iseh Bueno de Camargo. Foi um importante encontro de folcloristas e idéias que caracterizam Norte, Sul, Sudeste, Nordeste, Leste, Oeste foram apresentadas, discutidas, dando-se maior destaque à Conceituação de Folclore. Os debates chegaram a ser acirrados em alguns momentos, mas todos foram concordes em reconhecer que a Carta Magna do Folclore, de 1951, precisava ser revista e que novas orientações metodológicas se faziam prementes. Dos comunicados e debates deve ser feita uma Carta Prévia, em tempo limitado, como base para futuras discussões e execução de uma obra definitiva. Foi importante o trabalho de Laura Della Mônica como coordenadora, bem como o de Ático Frota Vilas-Boas da Mota na presidência da mesa, José Carlos Rossato como Relator e Ruth Guimarães como Secretária. Uma súmula de todos os trabalhos apresentados: comunicados, moções, debates deu origem aos Anais do referido Simpósio, já organizados e prontos para impressão. Em tempo hábil, ainda em 1987, serão os mesmos publicados e oferecidos aos estudiosos para apreciações e discussões. Teremos, assim, mais uma fonte para estudos do folclore nacional e saberemos o que pensam importantes folcloristas sobre o assunto: Folclore.

* * *

NOSSO FOLCLORE CHEGA À INGLATERRA



Zilá Terezinha Zangirolami, em curso de extensão cultu-

ral, matriculou-se na Internacional School Worthing, Sussex, Inglaterra. Lá se encontra desde janeiro, hóspede da família Osmond cujo chefe da casa é ortodontista e a esposa, enfermeira. Além do agrado com que entra em contato com jovens de diferentes regiões do mundo nessa grande Universidade Inglesa, Zilá teve o privilégio de ser escolhida para, em entrevista com famoso professor londrino, discorrer sobre o Folclore Brasileiro. Como boa olimpiense, a filha do prefeito Wilson brilhou, expondo seus vastos conhecimentos folclóricos, recebendo pela entrevista, nota máxima. Temos certeza de que, até o final do curso, nossa cara olimpiense colocará o folclore olimpiense em maior destaque, assessorada que está, à distância, pelo Prof. Sant'anna. Isso, Zilá! continue brilhando na Inglaterra, amplie seus conhecimentos e leve o nome da nossa terra a muitos rincões do mundo. Parabéns pelo seu sucesso.

* * *

SIMPOSISTA HOMENAGEIA JOSÉ SANT'ANNA

O emérito folclorólogo de Natal, Rio Grande do Norte, Veríssimo de Melo, autor de várias obras publicadas sobre Folclore, presente ao I Simpósio Nacional Sobre Folclore, realizado em Olímpia, de 14 a 17 de agosto de 1986, prestou significativa homenagem ao Professor José Sant'anna, criador e coordenador dos Festivais do Folclore nesta cidade. Além das bem buriladas palavras com que saudou o mestre olimpiense, concedeu-lhe Diploma de Honra ao Mérito, entregou-lhe, em nome das autoridades do seu Estado, a Medalha Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, pelo Rio Grande do Norte considerada a mais importante delas, por tratar-se de eminente e insubstituível nome nos meios folclóricos do país. Foi lida a biografia do Dr. José Augusto e, sob intensa emoção do homenageado e simposistas presentes, foi entregue ao criador dos festivais a sugestiva Comenda. Agradecemos pela honra com que esse grande estudioso riograndense houve por bem encarecer os méritos de quem coordena condignamente os festivais do folclore desde seu início até a presente data. Olímpia e olimpienses sentem-se gratos ao Governador, Dr. Radir Pereira, a Veríssimo de Melo e ao Rio Grande do Norte.

* * *

PROJETO "REDESCOBRINDO O INTERIOR"

De 15 a 22 de julho de 1986, crianças de São Bernardo do Campo, dando prosseguimento aos Convênios Governo do Estado e Municípios, estiveram em Olímpia. Sob a direção dos professores Francisco Eugênio Ferranti, Neusa Aparecida Pereira dos Santos e Rosângela Soares de Magalhães, passaram dias de verdadeira descoberta das riquezas regionais, constando da vasta programação: visitas à Usina Hidrelétrica do Maribondo, à Granja Sertaneja (Guapiaçu), Indústria de Sorvetes Olímpia, Fazenda Nata, Museu do Folclore, Casa da Cultura, Fazenda Córrego do Capim, Museu do Automóvel (Bebedouro), Fazenda Santo Agostinho e residência do prefeito, Wilson Zangirolami com banhos de piscina. Assistiram a apresentações de grupos folclóricos: Moçambique, Folia de Reis, Congada, a peça teatral "Chapeuzinho Vermelho", crianças da Escola Maternal "Moranguinho", a uma corrida de cavalos, a danças parafolclóricas do grupo de Tradições Nordestinas "Asa-Branca", plantaram uma árvore no E.E.P.G. "Dona Anita Costa" na presença de grande número de autoridades. Foi uma rica e bem planejada programação, pelo que merecem nossos parabéns os organizadores, as autoridades escolares e municipais envolvidas, bem como todos aqueles que abriram suas portas para acolher, com carinho, as crianças de São Bernardo do Campo - SP, que, certamente,

"redescobriram o interior".

* * *

A PRIMEIRA DAMA PAULISTA EM OLÍMPIA

Aconteceu no dia 25 de setembro de 1986 a visita de Dona Lucy Montoro a Olímpia. Foi recebida no campo de pouso local por grande comitiva de olimpienses, liderada por Zuleica Zangirolami que contou com o apoio da presença do Vice-Prefeito, do Presidente da Câmara, vereadores, jornalistas, radialistas, professores, povo em geral. Na Casa da Cultura "Dr. Antônio Sylvio Cunha Bueno", Dona Lucy foi saudada pelos representantes da cidade, após o que expôs, entre outros assuntos de interesse municipal, seu plano de descentralização da Promoção Social no governo Montoro. Depois, em autêntica maratona, fez-se presente às seguintes inaugurações: Lançamento da pedra fundamental da Creche da COHAB; quatro salas de aula na EEPG. "Professora Dalva Vieira Itavo", Oficinas Artesanais da Casa do Menor "Recanto Tia Nastácia", na Creche do Pedregal e Lavanderia do Pedregal. Essas obras têm o apoio coligado da Prefeitura de Olímpia e Governo Montoro e nelas está o magnífico trabalho de Zuleica Zangirolami que não se poupa no desempenho de ajudar os menos favorecidos da cidade. A visita terminou com um almoço oferecido às autoridades presentes, especialmente às primeiras damas da região e aconteceu no Clube de Campo "Álvaro Brito", com apresentação de belos números de danças executadas pelas crianças que compõem o Grupo Parafolclórico "Asa-Branca", cuja dinâmica orientadora é a Professora Liedna Nogueira de Oliveira. Parabéns pelos eventos.

* * *

UM RECANTO QUE É UM ENCANTO



Graças aos esforços ingentes de duas grandes primeiras damas - Lucy Montoro e Zuleica Zangirolami - pôde Olímpia, com orgulho e grandes esperanças inaugurar, no dia 25/09/1986, o Recanto da Tia Nastácia".



Assegurada a sua permanência e abastecimento pelo Fundo Social de Solidariedade e Prefeitura Municipal de Olímpia, o

Recanto trouxe, além de muita felicidade à Zuleica, a oportunidade de aprendizagem diversificada a grande número de crianças, crianças carentes em sua maioria, filhos de pais que trabalham fora da casa o dia todo, pessoas de baixa renda. A essas crianças um futuro promissor se descortina, aprendendo, no Recanto, a arte da cerâmica com mestre Wanderley, a arte dos balaios e cestos com o mestre Otávio, trabalhos com garrafas e marcenaria com Luís dos Santos, costura de calçados com Maria Gertrudes, encadernação e restauração de livros com Durvalina, e um mundo encantado de retalhos, fitas, rendas transformados em bonecas, tapetes e cobertas com Zenir.



Que o sucesso do Recanto da Tia Nastácia seja mais um motivo de alegria para a benemérita primeira dama olímpense, Zuleica Zangirolami. Que Deus esteja presente em todas as suas obras, fazemos fotos.

* * *

ACORDA, POVO!

Durante a realização do I Simpósio Nacional Sobre Folclore, realizado na Casa da Cultura "Dr. Antônio Sylvio Cunha Bueno", Olímpia, como evento do 22.º Festival do Folclore, a Professora Laura Della Mônica teve oportunidade de lançar seu livro "Acorda, Povo!", livro que contém respeitável acervo de conceituações sobre folclore. Foi esse o tema central do Simpósio e, coordenando os trabalhos, Laura recebeu inúmeros votos de louvor por sua pesquisa minuciosa e feliz, pesquisa que trouxe à luz conceitos de cem anos de obras sobre folclore. O livro foi estudado pelos jovens que participavam do IV Ciclo de Palestras Sobre Folclorística, foi examinado pelos simposistas, debatido e plenamente aceito. Essa obra deve fazer parte de toda Biblioteca escolar, pois será firme roteiro para estudo do folclore brasileiro. Está de parabéns Laura Della Della Mônica, pela feliz idéia, assim como o Professor José Sant'anna que, no livro, é homenageado pela folcloróloga com a dedicatória: "Ao José Sant'anna, professor, amigo leal, correto, honesto e grande pesquisador da Folclorística Nacional". Olímpia apresenta-lhe

seus agradecimentos pelo lançamento da obra ser nesta cidade, durante o seu 22.º FEFOL. Parabéns, Laura, cidadã olímpense!

* * *

4.º CICLO DE PALESTRAS SOBRE FOLCLORÍSTICA

DE 11 a 15/8/1986.

DURAÇÃO: 35 HORAS

O 4.º Ciclo de Palestras Sobre Folclorística, realizado durante o 22.º Festival do Folclore de Olímpia, foi um dos importantes acontecimentos que marcaram profundamente, a todos que dele participaram. Foi um verdadeiro curso sobre folclore, curso teórico e prático, num feliz entrosamento de alunos do Magistério e universitários com grupos parafolclóricos de Olímpia, do Rio Grande do Sul, de Alagoas, do Ceará e do Pará. Esse conagração estendeu-se aos que ministraram as aulas, teóricas e práticas, levando a um aproveitamento sem precedentes em qualquer curso já efetuado.

Trabalhamos arduamente, mas foi gratificante o resultado final, quer para os docentes, quer para os discentes. Nas exposições teóricas trabalharam Iseh e Ineh Bueno de Camargo, Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Ivo Cambuí, Domingos Sávio. Na parte prática as três professoras já mencionadas, além de Jane e Jônatas Manzolli, Liedna Nogueira de Oliveira, bem como os dirigentes dos grupos de tradições do Pará, do Ceará, do Rio Grande do Sul e Alagoas.

Os participantes desse ciclo de palestras receberam noções gerais sobre conceituação de folclore e suas mais legítimas manifestações: trava-línguas, parlendas, música, dança, folguedos, adivinhações, frases de para-choques de caminhões, lendas, superstições, credences, culinária, artesanato, brinquedos tradicionais infantis, contos folclóricos, devoções, festas religiosas e profanas, usos e costumes de todo o país é muito mais. Aprenderam a forma correta de utilizar o rico manancial que o folclore brasileiro oferece na escola de 1.º grau, levando a criança a cantar, dançar, brincar, desenvolver o seu vocabulário e o raciocínio, de uma forma descontraída e divertida, aprendendo, assim, a cultivar a herança cultural dos seus ancestrais, amando, portanto, a terra e o povo que é o seu.

Assistiram a um número muito grande de danças do Nordeste, do Sul, do Norte do país, principalmente danças paulistas, com precisas explicações sobre as diferenças existentes em cada região, as principais causas dessas diferenças e as naturais modificações que danças e folguedos sofrem através dos tempos sem, no entanto, perderem suas características.

Aprenderam danças com Cidinha e Jane Manzolli, com Liedna Nogueira, com os gaúchos que, sob sol ardente, paramentados como pede o frio dos pampas, dedicaram várias horas do seu dia explicando a importância de peças do vestuário e o significado de cada dança.

Conheceram, embora rapidamente, os grandes folclorólogos que estavam em Olímpia para o I Simpósio Nacional Sobre Folclore demonstrando, muitos, o seu pesar por não ser possível participar de dois eventos no mesmo tempo.

Acreditamos que esse grupo saberá, doravante, explicar o que é Folclore, o que caracteriza o fato folclórico, quais as principais manifestações e seu aproveitamento na escola. Saberá distinguir entre folclore e Folclore, explicar o que é Folclorística, Folclorista, Folclorólogo. Fará a distinção correta entre dança folclórica e parafolclórica e, o que mais nos enche de júbilo, saberá gostar do que é seu e valorizar suas origens, amando cada vez mais seu torrão natal.

2º MINIFESTIVAL DO FOLCLORE

DE 11 a 14 DE AGOSTO DE 1986

O 2.o Minifestival do Folclore contou, no 22.o Festival do Folclore de Olímpia, com a presença marcante de professores e alunos de todas as creches locais.

As crianças assistiram, verdadeiramente encantadas, às danças apresentadas no palanque oficial, pelos alunos de Maria Aparecida Manzolli e seu grupo de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça", às danças de Liedna Nogueira de Oliveira e seu grupo de Tradições Nordestinas "Asa-Branca", às danças do Ceará, do Rio Grande do Sul, Alagoas e Pará.

Participaram de danças e brincadeiras infantis, aprendendo, acreditamos, um pouquinho sobre o nosso folclore, apreciando o que ele pode oferecer a todos, de qualquer idade, em termos de alegres tradições, de jogos que se perpetuam, de música pura e encantadora. Alguns alunos de escola estadual, sob orientação do Prof. Manoel Orlandi Gonçalves (Puca), participaram de um Concurso sobre desenho, cujo tema, livre, seria extraído do folclore brasileiro. Os trabalhos foram muito bons, com destaque para três alunos que ultrapassaram tudo o que se espera de meninos de 6a. e 7a. séries desenhando e colorindo. Esses trabalhos estão expostos na Casa da Cultura "Dr. Antônio Sylvio Cunha Bueno", de nossa cidade.

Maria Jesus de Miranda conseguiu sete brindes de casas comerciais e Iseh Bueno de Camargo ofereceu brindes aos desenhistas, brindes que foram entregues na Praça Rui Barbosa, por ocasião das solenidades da Semana da Pátria e às crianças das creches ofereceu balas e brinquedos.

Esperamos que, havendo um recinto coberto, no 23.o FEFOL o Minifestival possa atrair todas as crianças olímpenses e que mais pessoas trabalhem para o brilhantismo desse evento.

* * *

PESSOAS ILUSTRES NO 22º FESTIVAL DO FOLCLORE



Nunca, como este ano de 1986, tantas pessoas ilustres se fizeram presentes ao FEFOL. Destacamos, com carinho, a presença dos folclorólogos Américo Pellegrini Filho, Arthur Napoleão Figueiredo, Ático F. Vilas-Boas, Dante de Laytano, Hélio Damante, José Maria Tenório da Rocha, José Nilton da Silva, Laura Della Mônica, Maria de Cáscia Nascimento Frade, Núbia do Nascimento Marques, Ruth Guimarães Botelho, Saul Alves Martins, Veríssimo de Melo, Virgílio Noya Pinto, Wilson de Lima Bastos, Amália Lucy Geisel. Presença marcante no Recinto do Folclore a do Ministro do Trabalho, Almir Pazianoto que assistiu, no dia 16 de agosto, durante a tarde, às festividades folclóricas, sob chuva e sobre barro, sem arredar o pé. Durante o desfile, fez-se presente o Vice-Governador do Estado, Orestes Quércia, acompanhado de vários deputados federais e estaduais. Aqui estiveram muitos deputados, impossível nomeá-los para não pecarmos esquecendo algum, um considerável número

de prefeitos da região e de cidades muito distantes, inclusive de outros Estados, vereadores, presidentes de Câmara dos Vereadores de várias localidades, um inusitado número de visitantes importantes cuja visita muito nos honra. Apresentando escusas por não podermos nomear a todos, agradecemos, em nome do Prefeito, Wilson Zangirolami, em nome da Câmara Municipal, em nome de Olímpia e seu povo a todos, aguardando-os no 23.o Festival do Folclore, em agosto de 1987. Nossos cumprimentos aos ilustres visitantes, a todos que aqui estiveram.

* * *

ARTE E CIÊNCIAS

De 22 a 24 de outubro de 1986, na Casa da Cultura "Dr. Antônio Sylvio Cunha Bueno", patrocínio da Delegacia de Ensino de Olímpia, delegada Bäder Abinagem Serrano e coordenação da professora Antônia Maria de Camargo, realizou-se a 2a. Mostra de Arte e Ciências, que congregou, em Olímpia, todas as escolas estaduais jurisdicionadas à Delegacia de Ensino local. Foi autêntico sucesso, as escolas, alunos e professores trabalharam arduamente para que tudo corresse a contento, ultrapassando todas as expectativas. Dentre centenas de enfoques interessantes, destacamos, por seu caráter científico-folclórico, a mostra da E.E.P.S.G. "Profa. Elmira Goulart Pereira", de Cajobi, que, além de distribuir livretos com receitas de flores medicinais, trouxe um sem número de licores que foram provados e aprovados por quantos os experimentaram. Flores medicinais, licores e outras delícias, além de muitos projetos científicos fizeram, dessa 2a. Mostra de Arte e Ciências, um autêntico campo de pesquisas dos futuros jovens que elevarão o nível cultural desta rica e próspera região do Estado de São Paulo. Parabéns aos organizadores e a todas as escolas que participaram com tanto brilho.

* * *

OLIMPIENSES HOMENAGEADOS NO SUL

São Gabriel, distante 320 km de Porto Alegre comemora, em setembro, a Revolução Farroupilha e, ponto alto desse evento é a Semana Crioula. De 13 a 21 de setembro de 1986 lá estiveram o Professor José Sant'anna, Antônio Clemêncio da Silva e Jane Manzolli. Foram recebidos pela família do Dr. Francisco de Paula Marques e, após convite do senhor Balthazar Balbo Teixeira, prefeito, foram declarados hóspedes do Município. Receberam, além do honroso título, indumentárias gaúchas, para participação das festividades: concursos de chulas, desafios, baile gaúcho, desfile com mais de três mil cavalos, churrasco, chimarrão. . . Tiveram, Sant'anna e Antônio Clemêncio que desfilar seus trajes gaúchos pela cidade, a pedido do prefeito, o que foi outra festa no meio das festas.



Os olímpenses puderam assistir ao Festival da Canção

Nativa, no Cine Vitória e vibraram com a beleza das músicas e nível das poesias apresentadas.

Os hóspedes de São Gabriel voltaram encantados com a recepção, com as festividades, com a hospitalidade dos brasileiros das fronteiras Brasil - Uruguai e tiveram, especialmente o Professor Sant'anna, oportunidade para pesquisar sobre tradições do Rio Grande do Sul. São Gabriel, cidade que possui aproximadamente oitenta mil habitantes, dista 167 km de Sant'Ana do Livramento, última cidade riograndense, um dos lados da divisa Brasil-Uruguai, Rivera, a cidade uruguaia.

Tendo que enfrentar as lutas fronteiriças, São Gabriel criou seus CTGS (Centros de Tradições Gaúchas) que procuram preservar e divulgar a cultura brasileira, os costumes, a história gaúcha. Há mais de 20 Centros e Piquetes: "Caiboaté", "Orelhano", "Tarumã" já estiveram presentes em nossos festivais.

Por gentileza do Chicão, foram conhecer Rivera, no Uruguai conhecendo, conseqüentemente, Sant'Ana do Livramento, palco de tantos casos dos nossos historiadores, romancistas, poetas e cantores do Rio Grande do Sul.

Cumprimentamos aos três felizardos que foram especialmente convidados pelos amigos de São Gabriel, agradecendo a gentileza das homenagens prestadas ao coordenador e criador dos Festivais do Folclore de Olímpia - Sant'anna.

* * *

"MENINA-MOÇA" CONHECENDO O BRASIL

O Grupo de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça", liderado por Maria Aparecida de Araújo Manzolli, contando em seu meio com crianças bem pequenas, adolescentes e jovens universitários, um grupo que encanta pelo guarda-roupa típico que possui e pela observância fidedigna das danças folclóricas que projeta, tem sido muito requisitado para apresentações fora de Olímpia, seu berço.

No dia 19 de abril de 1986 apresentou-se em Colina - SP, em praça pública, à noite, contando com a presença de Jônatas Manzolli, cantando e discorrendo sobre as danças.

No dia 8 de junho de 1986 apresentou-se em Parnaíba, Mato Grosso do Sul, no Ginásio de Esportes local, para a APAE da cidade, Jônatas Manzolli explicando a origem das danças, os trajes, auxiliando no conjunto orquestral, cantando também.

No dia 14 de junho de 1986 estiveram em Iturama, Minas Gerais, na EEPG. "Santa Rosa", em benefício da APM da Escola, ocasião em que se apresentaram, também, os dançarinos mais velhos, universitários em sua maior parte. |

No dia 22 de agosto de 1986 fizeram-se presentes no Encerramento do Congresso de Urologia, no Clube Médico de São José do Rio Preto, um inegável sucesso.

No dia 24 de agosto de 1986 apresentou-se em Jales - SP, período da tarde, no Clube "Jales", como evento do Festival do Folclore dessa cidade paulista.

No dia 7 de setembro de 1986 apresentou-se em Barretos - SP, às 8 horas, no Ginásio de Esportes, colaborando com as festividades cívicas da Independência do Brasil.

Além disso, conforme será relatado, apresentações em Presidente Venceslau - SP e São João del Rei - MG.

E em muitas outras cidades brasileiras.

Parabéns, Cidinha Manzolli, parabéns integrantes desse grupo, autêntico monumento do amor do olimpiense pelo folclore brasileiro!

* * *

O PARAFOLCLORE DE OLÍMPIA NA TELEVISÃO

Na noite de 24 de julho de 1986 o Grupo de Danças Para-

folclóricas "Cidade Menina-Moça", dirigido por Cidinha Manzolli, apresentou-se em São Paulo na RTC, programa "Viola, Minha Viola", nessa noite liderado por Moraes Sarmiento, pois Inezita Barroso apresentava-se em Portugal. Junto com a professora Cidinha compareceram Jônatas Manzolli que cantou e ajudou no conjunto musical. A direção da RTC permitiu que Olímpia ocupasse cerca de 50% do horário do programa e, a cada dança apresentada, os aplausos do auditório eram prolongados e vigorosos e os pedidos de "bis" eram freqüentes. Foram apresentadas danças de diversas regiões do país com seus trajes regionais, o mais fidedigno possível e a platéia vibrou a cada momento do grupo, no palco dessa emissora amiga que leva sua imagem aos mais recônditos rincões do Brasil e, o que é mais importante, em programa que é líder absoluto de audiência no território nacional. À Rádio e Televisão Cultura, aos seus dirigentes, ao apresentador Moraes Sarmiento, a todos aqueles que colaboraram para o sucesso desse evento, agradecimentos peregrinos de Olímpia, do Professor Sant'anna que falou brilhantemente sobre os Festivais do Folclore e a respeito do senhor Wilson Zangirolami, Prefeito Municipal.

Também, liderados por Cidinha Manzolli, os jovens dançarinos olimpienses compareceram ao programa "Inezita Especial" da SBT, São Paulo, um autêntico espetáculo parafolclórico que, certamente, será reprisado muitas vezes. A gravação das danças foi realizada no dia 21 de abril de 1987 e sua apresentação no ar deu-se no dia 3 de maio deste ano, às onze horas. Infelizmente, como a SBT não chega até nós, só em vídeo-cassete pudemos apreciar o que foi apresentado e o que foi visto em inúmeras cidades brasileiras atingidas por esse canal de televisão. Brilhando sempre a mestra e seus jovens dançarinos. Parabéns.

* * *

OLÍMPIA EM SÃO JOÃO DEL REI - MG

O Professor José Sant'anna foi, por indicação de ex-aluno olimpiense, convidado pela Faculdade Dom Bosco de São João Del Rei, para ali fazer uma palestra sobre Folclore, durante "A Semana da Cultura Brasileira". Não estando em condições de fazer tão longo percurso, indicou a Professora Iseh Bueno de Carmargo para substituí-lo. No dia 7 de outubro de 1986 lá estiveram, além da referida professora, Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Jane Manzolli e Mário Orlando Gonçalves e hospitaleiramente recebidos por Magda Mara de Assis, coordenadora dos eventos, deram o seu recado. A palestra foi muito bem recebida pela grande assistência que lotava o salão de festas da Faculdade, assistência constituída não só de alunos da cidade, como de pessoas da região e cidades próximas. Entremendo-se música (Maria Aparecida Manzolli e seu acordeon) e danças paulistas, nordestinas e riograndenses pelo jovem par - Jane e Mário, o sucesso foi absoluto, excelente o aproveitamento e as críticas de alto nível pedagógico. Após duas horas de explicações, música, canto e danças, dividiram-se os alunos em 15 temas propostos e apresentaram suas experiências sobre o Folclore Brasileiro. Agradecemos a régia acolhida e o tratamento dispensado aos quatro olimpienses que estiveram três dias deslumbrando-se com aquela bela e histórica cidade mineira, agradecimentos à Faculdade Dom Bosco e à Professora Márgda Mara de Assis, em particular.

* * *

OLÍMPIA EM PRESIDENTE VENCESLAU - SP

Por ocasião do sexagésimo aniversário de Presidente Venceslau, agradável cidade paulista que se situa quase às barrancas do Rio Paraná, atendendo a insistentes pedidos do Sr. Edson

Roberto Barbosa, Chefe de Gabinete e Diretor de Administração e Finanças na gestão do atual Prefeito, Tácito Cortes de Carvalho e Silva, o Grupo de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina Moça", dirigido pela Professora Maria Aparecida de Araújo Manzolli fez-se presente, na noite de 7 de setembro de 1986. Durante a tarde alunos e acompanhantes assistiram a apresentações de bandas e fanfarras e à noite, no cinema local, totalmente lotado, apresentaram-se com danças paulistas, nordestinas e rio-grandenses. A parte expositiva sobre Folclore Brasileiro e Festivais do Folclore Olimpense esteve a cargo da Professora Iseh Bueno de Camargo que procurou, nas duas horas que durou a apresentação, mostrar o que significam as danças e a música para a formação cultural e social do educando, ressaltando a importância de ambas para a preservação dos valores populares dentro da história pátria. Foi muito entusiástica a receptividade dos espectadores, os aplausos prolongados e um grande interesse do público pelas explicações, após as danças. Acompanharam Cidinha Manzolli, cantando e tocando instrumentos vários, jovens olímpenses e diversos pais dos dançarinos auxiliaram grandemente, não só durante a acidentada viagem como nos vestiários de ambos os sexos. Nossos agradecimentos à recepção de Presidente Venceslau e ao jovem Edson Roberto que lá plantou uma semente do Folclore olimpense.

* * *

SANT'ANNA EM 'PAU-BRASIL'

A Revista "Pau-Brasil", n.º 11, março/abril de 1986 publicou, na página 93, com o título, "Mito dos Pampas", trecho que fala sobre o Curupira, apresentando-o como o protetor das matas. E continua o autor: "Olímpia, cidade paulista, considerada a Capital do Folclore, por decreto municipal, nomeou o Curupira como patrono do Festival do Folclore, que se realiza, anualmente, em agosto, mês do folclore. É criação do folclorólogo Prof. José Sant'anna, cujo exemplo deve ser imitado pelos folcloristas brasileiros em sua inestimável e imprescindível contribuição à educação, ao civismo e ao desenvolvimento nativista, reafirmando a força de um mito cuja grande luta é a de defender a fauna e a flora - tão sacrificadas pelo homem". Olímpia sente-se envaidecida por saber que a história dos seus festivais está cada vez mais difundida pelo país e orgulhosa por ver que os méritos do criador e coordenador dos mesmos festivais vêm sendo cada vez mais reconhecidos. Agradecimentos à Revista "Pau Brasil" e o convite para que procurem saber sempre o que Olímpia faz pela preservação do folclore brasileiro. Parabéns pela idéia feliz!

* * *

HOMENAGEM A UM HOMENAGEADO

Após receber significativa homenagem do Rio Grande do Norte, através do folclorista Veríssimo de Melo, outorgando a José Sant'anna a Medalha José Augusto Bezerra de Medeiros, o professor, tendo que dar prosseguimento às atividades do 22.º FEFOL foi retido pelo Dr. Ático Vilas-Boas da Mota, presidente do I Simpósio Nacional Sobre Folclore, que lhe dirigiu estas palavras, complementando o que dissera o ilustre norte-riograndense: "pessoa realmente carismática, pessoa dinâmica, pessoa que sabe o que quer, tem a diplomacia, tem o tato, sabe contornar as dificuldades, atravessando oceanos de navalha, de maneira altaneira. Nós precisamos de pessoas como o Prof. Sant'anna, trabalhando nos rincões do País. E chegar ao 22.º Festival do Folclore, depois de atravessar essa floresta de peripécias, é muito difícil. E como estamos na antevéspera do Jubileu de Prata do Festival, eu gostaria que já, a partir deste Encontro, fosse constituída uma

Comissão preparatória, uma comissão de preparação para as festas desse jubileu. O professor Sant'anna vai viver muito, vai continuar sendo a mola, o dínamo, a força viva, o contágio, a força contagiosa no bom sentido, a força magnética de todo esse trabalho que se faz em São Paulo e que verdadeiramente é modelo para todo o Brasil".

Está certo, Dr. Ático, nós o cumprimentamos!

* * *

SANT'ANNA DE VASSOURA EM PUNHO

A Folha da Região, 22/8/87, na sua primeira página teve a felicidade de captar, em foto nítida, a pessoa do criador e coordenador dos festivais do folclore de Olímpia, Prof. José Sant'anna, cabelos e roupas molhados, tirando a água que inundava o palanque do Recinto do Folclore e, ao seu lado, elemento do grupo folclórico que esperava sua vez de apresentar-se ao público molhado, também. O professor varreu o palanque muitas vezes, usou rodinho, esperou a água dos bombeiros para remover a lama perigosa que se acumulava, mas a festa não podia parar. Chuva, lama, folclore 1986. É assim que se faz, mestre, missão cumprida, chova ou faça sol. Parabéns a você, parabéns à Folha da Região pelo momento inusitado. Isso é folclore!

* * *

O 22º FEFOL E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Todos os jornais da região deram destaque aos eventos do 22.º Festival do Folclore de Olímpia, durante semanas inteiras, antes, durante e logo após a sua realização. Também jornais da capital, jornais de grande circulação como "O Estado de São Paulo", "A Folha de São Paulo" e o "Shopping News" destacaram os principais acontecimentos que seriam realizados de 10 a 17 de agosto de 1986.

O "Diário Popular" - SP, no seu Suplemento Semanal de Turismo - DIPO-TOUR n.º 96, de 31/7/86, sob o título "Olímpia, Terra das Folias de Reis" apresenta este trecho: "Existem em Olímpia mais de 30 Folias de Reis, que percorrem a cidade e suas fazendas, louvando o nascimento do Menino Jesus e pedindo esmolas para a realização da Festa de Reis, da noite de 24 de dezembro (à meia-noite) até 6 de janeiro (ao meio-dia). Todos esses grupos participarão, de 10 a 17 de agosto, do 22.º Festival do Folclore dessa cidade do interior paulista, durante o qual poderão exibir suas roupas coloridas, enfeites, instrumentos pintados e cantigas, ajudando a preservar nossas raízes culturais".

Na 1.ª página, sob o título "Olímpia, Capital Nacional do Folclore" resume: "O folclorista José Sant'anna tinha um sonho: transformar Olímpia na Capital Nacional do Folclore. Perseguindo esse objetivo ele realizou, mais de duas décadas atrás, o 1.º Festival do Folclore. Hoje, 22 anos depois, o festival é um sucesso, atraindo milhares de visitantes para aquela pacata cidade do interior do Estado de São Paulo."

O "Jornal Municipalista", de São Paulo, para todos os Municípios paulista, edição de 7 a 13 de agosto de 1986, em grande destaque, aponta a Prefeitura Municipal da cidade promovendo seu 22.º Festival do Folclore, sob o comando do prefeito Wilson Zangirolami e 1.ª dama Zuleica Zangirolami e o trabalho do criador e coordenador dos festivais, Prof. José Sant'anna, além de apresentar a programação completa.

O "Diário da Região" de São José do Rio Preto - SP, edição de 10/08/86 traz, na 1.ª página, sob o título "O Festival do Folclore começa hoje", uma explanação dos objetivos do Festival e programação. Na página 11, totalmente dedicada ao 22.º FEFOL, traz os seguintes tópicos:

a) Está sendo inaugurado em Olímpia o único recinto especialmente construído para festejos folclóricos do mundo.

b) Excelente foto do criador e coordenador dos festivais, José Sant'anna, junto às arquibancadas da arena onde serão realizadas as danças, narrando as lutas que o professor enfrentou em 22 anos de trabalho incansável.

c) Explicações sobre o mito "Curupira", Patrono dos Festivais do Folclore de Olímpia.

d) Realização de um sonho do Prefeito Wilson Zangirolami que, em pouco mais de 60 dias, conseguiu erguer em 4 alqueires de matas e pasto o recinto dos festivais, obra faraônica (desapropria mais 4 alqueires para ampliação necessária).

O "Tablóide da Nova Paulista", edição de 7/8/86, jornal de Olímpia, traz o título "A Capital está pronta para mais um desfilar de beleza folclórica". Do folclorista Ático Vilas-Boas, apresenta artigo que traz o título: "Vinte e dois anos no exercício da esperança". Apresenta como atrações do 22.o FEFOL o IV Ciclo de Palestras Sobre Folclorística. O Tablóide, de propriedade de Nelito Santos, deu ampla cobertura a todo o Festival, nada deixando esquecido.

A "Folha da Região", jornal de Olímpia, direção de Alberto Carlos Lomba, em edição de 9/8/86, traz o título "Recinto do FEFOL Pronto Para o 1.o Teste". Do folclorista Ático Vilas-Boas um artigo do qual extraímos o trecho: "Ver Olímpia no mês de agosto é ter oportunidade de conviver com a beleza sob a forma do Folclore; é estar numa ilha de festa rodeada de laranjeiras por todos os lados". . . Ainda discorre sobre o I Simpósio Nacional Sobre Folclore, sobre o livro "Acorda, Povo!" de Laura Della Mônica, sobre os Grupos Folclóricos, dando destaque às Folias de Reis e aos Ternos de Congada e Moçambique.

As duas emissoras locais, Rádio Menina Ltda e Difusora Olímpia foram incansáveis no trabalho de cobertura de todos os acontecimentos do 22.o Festival, mesmo daqueles que o antecederam, 24 horas diárias à disposição da comissão, do prefeito, dos folcloristas e grupos folclóricos. Da Difusora destacamos o eficiente trabalho dos jovens Ivair Augusto Ribeiro, Elso José Martins, Walter Caruce, Luís Carlos Bernardino, Cláudio Galetti, Manoel Conde Tapia e Aparecido Dozetti de Jesus que, enfrentando sol, calor, chuva e frio, marcaram presença em todos os lugares de concentração de grupos e tarefas folclóricas.

É, portanto, com imensa gratidão que nós, folcloristas e olimpienses em geral agradecemos a esses diversos divulgadores dos nossos festivais, pedindo-lhes sejam abençoados pelo Senhor e que conosco continuem nos próximos anos, com a mesma consideração e delicadeza.

* * *

SENSIBILIZANDO O IBGE

O Anuário dos Festivais do Folclore de Olímpia do ano de 1986, através dos trabalhos do IBGE transforma-se em "história" — faz parte da Biblioteca dessa repartição de grande importância nacional. Ao Professor José Sant'anna, "admirável estudioso do nosso folclore, verdadeiro idealista, conhecedor profundo dos fatos e da cultura local" — palavras textuais, foi enviada a Sinopse Preliminar do Censo Demográfico de 1980, referente ao Estado de São Paulo (próxima edição só em 1990) e, em palavras de rara beleza, enaltece a revista do 22.o FEFOL, para Guilherme da C. Bittencourt, Chefe do SERDIB, "sensibilizadora, emocionante, com seleção esmerada de matérias do gênero". Emocionados ficamos nós, senhores membros do IBGE e gratos pela deferência.

* * *

No ano passado, com a finalidade de propagar o Festival do Folclore de Olímpia, o Banco do Brasil publicou nos extratos de contas, com circulação em todo o território nacional, a seguinte mensagem: "VISITE OLÍMPIA - SP. NO XXII FESTIVAL DO FOLCLORE - DE 10 A 17.08.86". Para os folcloristas olimpienses e Prefeitura Municipal, esse foi um gesto de alta brasilidade, gesto que não poderia passar despercebido. Em nome de todos que se preocupam com os problemas brasileiros, perenes e profundos agradecimentos de Olímpia. Parabéns, Francisco Ruiz Talhari - Gerente e Benedito Geraldo Bignardi - Gerente Adjunto que nos deram conhecimento e divulgação desse nobre acontecimento.

* * *

FOTOGRAFANDO O 22.º FESTIVAL DO FOLCLORE

De Goiânia veio o jovem professor antropólogo e fotógrafo Luís Eduardo Jorge que, além de participar efetivamente do I Simpósio Nacional Sobre Folclore, procurou fotografar os principais acontecimentos dos dias do 22.o FEFOL. Não mediu esforços para conseguir bons ângulos de grupos parafolclóricos dançando, de elementos destacados de grupos folclóricos, enfocando trechos do imenso recinto do festival, barracas e seus ornamentos, artesanato exposto, deixando para Olímpia um verdadeiro arquivo histórico desse festival. Por seu importante trabalho de fotógrafo-pesquisador, Olímpia somente pode deixar a Luís Eduardo os seus mais efusivos agradecimentos.

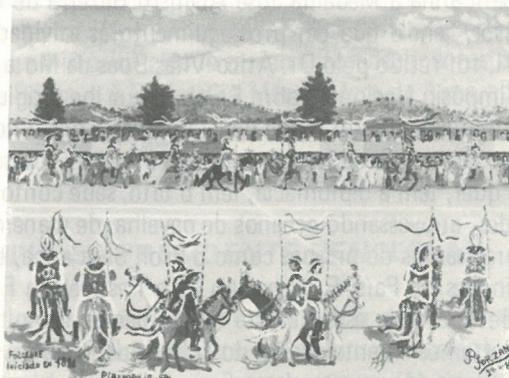
* * *

O 22.º FESTIVAL DO FOLCLORE EM "PANORAMA"

A Rádio e Televisão Cultura - RTC, procurando dar maior enfoque aos festivais de folclore, apresentou, no dia 27 de setembro de 1986, sábado, em seu maravilhoso programa "Panorama", cenas que foram vistas por todo o território nacional. Em destaque muito bem planejado e sob ângulos favoráveis, foram localizadas barracas ornamentadas do Recinto do Folclore, uma visão ampla da enorme obra e à entrada dos prédios que alojaram grupos de todo o país, mostraram grupos folclóricos e parafolclóricos, com rápidas demonstrações de suas danças e folguedos, trajes típicos e como são descontraídos e unidos os elementos que constituem os famosos grupos que a Olímpia acorreram no 22.o Festival do Folclore. À R.T.C., ao apresentar de "Panorama", à equipe de fotógrafos e telejornalistas que mostraram Olímpia ao Brasil, nossos sinceros e eternos agradecimentos.

* * *

CAVALHADA DE PIRENÓPOLIS



Artística tela, executada por Tércio Ribeiro Forzani, irmão de Isalino Forzani, forte adepto da Cavalhada da cidade goiana de Pirenópolis foi ofertada ao Museu de História e Folclore "Dona Maria Olímpia", onde ficará exposta para alegrar os olhos de quantos a virem. Por esse gesto espontâneo e amigo, somente podemos agradecer de coração, desejando sucesso ao artista que pauta seus temas sobre o folclore regional, folclore brasileiro, enfim.

O Sr. Isalino Forzani reside em Palmeiras de Goiás - GO, integra a Cavalhada que lá existe e que todo ano se apresenta por ocasião das Festas do Divino Espírito Santo. Foi por intermédio dele que recebemos a tela de Tércio.

* * *

JOSÉ SANT'ANNA EM "ESCRITORES DO BRASIL"

No livro "Escritores do Brasil" - 1985, página 259, sob o título "Orientação aos Principiantes", referindo-se aos estudos sobre o folclore brasileiro, o autor, José Carlos Rossato cita o Professor Sant'anna, criador e coordenador dos Festivais do Folclore de Olímpia, como modelo a ser seguido por aqueles que queiram aprofundar-se no assunto. Discorre livremente sobre a saga dos festivais, aos quais o professor dedicou sua vida esclarecendo que, no 21.º Festival do Folclore de Olímpia (21.º FEFOL), por uma semana, desfilariam pela cidade grupos folclóricos oriundos dos mais diferentes rincões do Brasil. Considera o Professor José Sant'anna como um dos principais folclorólogos vivos do país e, graças aos seus esforços, Olímpia é conhecida como a "Capital do Folclore". Nossos cumprimentos ao folclorólogo Sant'anna, nossos votos de que continue em sua messe por muitos anos ainda, engrandecendo a cidade onde vive e deixando firmes pegadas na História do Folclore Brasileiro. Agradecimentos ao autor do artigo e à Organização Aparício Fernandes, responsável pelo livro "Escritores do Brasil".

Na mesma série de livros, ano de 1986, Rossato, escrevendo sobre o "Vocabulário do Viciado", pgs. 237 a 242 menciona, no final da página 238 o seguinte: "O Vocabulário do álcool foi inventariado no Município de Votuporanga, no primeiro lustro da década de 70. O das drogas, nos meados daquela década até início da atual, não só no Município citado, como no de Olímpia, no decorrer dos Festivais do Folclore, sob a coordenação do Prof. José Sant'anna, quando grande volume de pessoas concentra-se naquela cidade, para presenciar grupos folclóricos dos mais diferentes pontos do País".

Olímpia sente-se honrada com esses comentários, e somos o porta-voz dos olimpienses agradecidos.

* * *

FESTIVAL UNICAMP

Um caloroso encontro de jovens artistas da UNICAMP alegraram a sala de recepção da Prefeitura em fevereiro de 1987, e mais ainda a nós, que batalhamos pela preservação e divulgação do folclore como meio de cultura popular. Dessa reunião, liderada pelo dinâmico jovem Luiz Otávio Sertore Burnier Pessoa de Melo diretor do grupo de pesquisa, resultou um convite para que o Prof. Sant'anna comparecesse ao "Encontro de Pesquisas da Antropologia Teatral da Cultura Brasileira", através do Laboratório LUMÉ. Em fevereiro deste, o Prof. Sant'anna e os membros da Comissão de Folclore de Olímpia Antônio Clemêncio da Silva e Sérgio Alexandre Di Marco compareceram à reunião programada pela Universidade de Campinas para debater o assunto. O trabalho proposto pelo grupo é extraordinário e Olímpia, pelos seus festivais, foi a cidade escolhida para a realização de um trabalho pioneiro no país. Nossas Congadas,

Folias de Reis, Ternos de Moçambique e outros fornecerão à equipe a base coreográfica necessária para que, através da expressão corporal e mímica, os estudiosos perpetuem as tradições culturais que forjaram o povo brasileiro. Que seus esforços sejam coroados de êxito, artistas e antropólogos da UNICAMP, que os laços culturais que nos unem a Campinas se tornem mais sólidos, são nossos votos.

* * *

DESTAQUE A ALUNOS DA E.E.P.G. "SILVA MELO"

Um grupo de alunos dessa pequena mas respeitada Escola, liderados pelo atuante folclorista José Sant'anna, em encantador e alegre mutirão andaram, quais laboriosas formigas, alegrando o pátio do Museu de História e Folclore "D. Maria Olímpia". Sob comando do Sr. Alceu Clemêncio da Silva, prepararam mais de dois mil invólucros de plástico, com terra adubada, e neles foram plantadas mudas de primavera que irão ornamentar a Praça de Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami". Enquanto trabalhavam, iam aprofundando seus conhecimentos de Português, demonstrando o alto nível de seus estudos. Que beleza esse quadro de ordeiro e produtivo trabalho! Parabéns, jovens, nós nos orgulhamos de vocês. Parabéns, Prof Sant'anna pelo risonho mutirão. Parabéns, Sr. Alceu pela paciência e eficiente trabalho.

Profa. Ivete Fernandes é a diretora e a Profa. Maria Sílvia Correia Fuso, vice-diretora da E.E.P.G. "Silva Melo". São educadoras que muito incentivam a participação do alunado aos movimentos que dignificam as grandes realizações da cidade.

* * *

DECRETOS

Wilson Zangirolami, Prefeito Municipal de Olímpia, no uso de suas atribuições, baixou os seguintes Decretos:

1º) Decreto n.º 1850, de 19 de maio de 1986 - Constituinte a Comissão Executiva do 22.º Festival do Folclore de Olímpia;

2º) Decreto n.º 1862, de 1.º de agosto de 1986 - Dispõe sobre a Comissão Organizadora e o Programa do I Simpósio Nacional Sobre Folclore;

3º) Decreto n.º 1863, de 1.º de agosto de 1986 - Declarando os Simposistas Hóspedes Oficiais do Município;

4º) Decreto n.º 1868, de 22 de agosto de 1986 - Oficializando o I Simpósio Nacional Sobre Folclore, realizado de 14 a 17 de agosto, promoção da Comissão de Folclore e Museu de História e Folclore "D. Maria Olímpia" e

5º) Decreto n.º 1894, de 6 de janeiro de 1987 - Constituinte a Comissão Executiva do 23.º Festival do Folclore de Olímpia.

Cinco Decretos relacionados aos Festivais do Folclore de Olímpia que demonstram claramente, a grande preocupação do prefeito olimpiense com tudo que diz respeito ao nosso povo, à nossa terra. Parabéns, Prefeito Wilson.

* * *

MAIS UM FOLCLORISTA VISITA OLÍMPIA

Nos dias 11 e 12 de maio de 1987, o casal Alceu e Isaura Clemêncio da Silva, gentilmente hospedaram em seu lar o Sr. Prof. Pedro Teixeira de Vasconcelos e senhora. Pedro Teixeira, eminente folclorista nordestino, membro do Conselho Estadual de Cultura de Maceió - AL e sua esposa, Profa. Edite Rodas de

Vasconcelos, da Secretaria da Educação daquela capital, estiveram com o Professor José Sant'anna e Antônio Clemêncio da Silva. Visitaram os pontos de interesse folclórico de Olímpia, encantaram-se com o que viram, partiram saudosos, deixando saudades. Que retornem com mais vagar, em época dos festivais, de preferência, são nossos votos. Merece todo nosso respeito esse emérito folclorista alagoano que, como nós, luta pela preservação dos nossos mais lídimos valores populares. Voltem, amigos.

* * *

"NOSSO FOLCLORE"

Esse é o título do livro lançado por José Carlos Rossato, obra dedicada, entre outros, "a José Sant'anna, monumento vivo do folclore brasileiro". Retrata o Folclore da região de Votuporanga - SP, e faz um estudo rápido sobre manifestações folclóricas. Esse trabalho, enriquece as bibliotecas de todos aqueles que iniciam seus estudos sobre Folclore. Nossos cumprimentos ao jovem escritor e nossos agradecimentos pela doação de alguns exemplares do livro à Biblioteca do Museu de História e Folclore "D. Maria Olímpia".

José Carlos Rossato pertence ao Departamento de Folclore do Museu de História e Folclore é assíduo colaborador no Anuário do Folclore.

* * *

DESFILES DO 22º FESTIVAL DO FOLCLORE

O desfile dos grupos folclóricos, uma tradição dos festivais olímpenses, não é, como pode parecer, mera apresentação de homens e mulheres ataviados para serem vistos e aplaudidos. Os grupos apresentam, durante todo o percurso, suas danças, folguedos e músicas. Explicam tudo sobre instrumentos, repetem os cantos quantas vezes sejam solicitadas, dão, enfim, autênticas aulas de brasilidade, impondo a sua presença de elementos folques no contexto da cultura nacional. Portanto, a importância dos desfiles é imensa, não é meramente decorativa, não é simples exibicionismo de grupos. Há todo um ritual místico e místico-religioso, exigindo-se ordem e seqüência concorde com cada um deles, com a sabedoria milenar que lhes deu origem. Em 1986, 22.º Festival do Folclore, desfilaram os seguintes grupos: Grupo de Tradições Cearenses - de Fortaleza - CE; Folia de Reis "Magos do Oriente"; Folia de "São Benedito"; Terno de Moçambique "São Benedito"; Folia de Reis "Garcia"; Capoeira "Praia das Andorinhas"; Folia de Reis "Lapinha de Belém"; Terno de Congada "Chapéu de Fitas" - de Olímpia; Cordão de Bichos - de Taturí; Fandango de Tamancos - de Capão Bonito - SP; Dança-de-São-Gonçalo, Folia de Reis e Presépio Vivo - de Bebedouro - SP; Reisado Sergipano - de Guarujá - SP; Folia de Reis "Asa-Branca" - de Cosmorama - SP; Catira "Santana" - de Álvares Florence - SP; Dança-de-São-Gonçalo - de Barretos - SP; Samba-Lenço - de Mauá - SP; Terno de Moçambique "São Benedito do Belém" - de Taubaté - SP, Companhia de Reis e Presépio Vivo - de Guaraci - SP; Caiapó - de São José do Rio Pardo - SP; Folia de Reis Baiana - de Votuporanga - SP; Fandango de Chilenas - de Capela do Alto - SP; Catira "25 de Agosto" - de Barretos - SP; Terno de Congo "Irmãos Paiva" - de Santo Antônio da Alegria - SP; Companhia de Reis Mineira "Estrela do Oriente" - de Paulo de Faria - SP; Participação de D. Rosinha Pereira dos Santos; Folia de Reis "Espírito Santo" - de Pinhal - SP; Congada "Marinheiros da Prata" - de Pratápolis - MG; Caiapó - de Campestre - MG; Congada de Franca - SP; Moçambique "Branco" - de Uberlândia - MG; Congada Chambá e Moçambique do Diamante - de São Sebastião do Paraíso - MG; Terno de

Congo "Marinheiros de Itaú" - de Itaú de Minas - MG; Terno de Congada da "Família do Jerônimo" - de Passos - MG; Catupé de Cacunda - de Cumari - GO; Boi-de-Mamão da Sociedade Folclórica "Itacurubi" - de Florianópolis - SC; Núcleo de Tradições Populares "Beatriz de Vasconcelos" - de Chã Preta - AL; Bumba-Meu-Boi - de São Luís - MA; Grupo de Danças Folclóricas "Os Baioaras" - de Belém - PA; Centro de Tradições Gaúchas "Taruã" - de São Gabriel - RS.

Homenageando os Grupos Folclóricos veio, a seguir, o desfile Alegórico, coordenado pela Profa. Edemir Moreira de Oliveira, Dr. Mário Luiz Cosso e Prof. Manuel Orlandi Gonçalves, um desfile de grande beleza e brilho, carros e carretas ricamente ornamentadas, fantasias de invulgar encanto, desfile que traz gente de todos os rincões do país, que é aplaudido sem cessar, filmado, fotografado e, no 22.º FEFOL foi, sem dúvida, deslumbrante. Desfilaram as seguintes alegorias: "Isto é Brasil", da ACIO; "O Curupira", do Clube de Campo Álvaro Brito; "Ano Internacional da Paz", da CIAFUNDI; "Luar de Tupiniquim" das Escolas "Dr. Antônio Augusto Reis Neves" e "Joaquim Miguel dos Santos"; "As Raças", da Sergles Jeans; "O Pau-de-Fita", das Escolas "Capitão Narciso Bertolino", "Silva Melo" e "Francisco Bernardes Ferreira"; "Deusa dos Pinhais", do Bazar das Noivas; "O Leque de Patexulli", das Escolas "Maria Ubaldina de Barros Furquim", "Dalva Vieira Ítavo" e "Bagaçu"; "Saci", das Escolas "Wilquem Manoel Neves" e "Santo Seno"; "Bem-me-quer, Mal-me-quer" da Escola "Dona Anita Costa", todos em ricas carretas, incrivelmente ornamentadas. Em carro, as seguintes alegorias: "Brasil", "O Vaqueiro", "Calunga do Maracatu", "Frevô", "A Senhora do Engenho", "Sinhazinha", "Quilombo dos Palmares", "Baiana", "Candomblé-Oxum", "Iemanjá", "Porta-Bandeira", "A Mulata", "Bandeirantes", "O Café", "Congada", "Samba-Lenço", "Colhedora de Milho", "Cantiga Infantil", "Miss Olímpia 86", "Menina-moça", "Olímpia Futebol Clube", "Índia", "Cantiga de Roda", "Saci", "Jeca", "O Garimpo", "A Linda Rosa Juvenil". Além de todos esses carros e carretas apresentaram-se a Fanfarras Municipais de Severínia, de Guapiaçu, a Banda Zanini, de Sertãozinho; a Banda Musical de Barretos, jovens a cavalo portando bandeiras e alegoria em trole do Lions Clube.

É impossível determinar qual o número de pessoas que participaram de ambos os desfiles e, mais ainda, o número de pessoas que assistiram aos mesmos. Um mar humano se espalhou pelas ruas do desfile, a concentração de pessoas ao lado do palanque era imensa, pessoas importantes no palanque tantas, que o mesmo cedeu, quase causando desastre sério. Curupira, patrono do Festival estava atento e tal não sucedeu. Se fôssemos agradecer a cada olímpense que colaborou para tal efeméride, iríamos longe demais. Por isso, em nome da Prefeitura, em nome da Comissão do Folclore, agradecemos estamos, estejam conosco no próximo FEFOL sob as bênçãos do Senhor.

* * *

ALUNOS À PROCURA DE INFORMAÇÕES

São José do Rio Pardo - SP, cidade que possui o único grupo de Caiapó do Estado, grupo que a duras penas mantém, surpreendeu-nos neste ano. Cerca de 50 cartas foram enviadas por alunos do professor José Roberto Calçoni, da Cadeira de Educação Artística da EEPG. "Dr. Cândido Rodrigues", solicitando material sobre Folclore para a realização de trabalhos. Atendidos foram de pronto e com satisfação, pois vemos que nossos festivais e nossas publicações sobre Folclore percorrem as mais diversas regiões brasileiras, alegrando e instruindo. Agradecemos ao mestre, aos alunos, à escola e à cidade de São José do Rio Pardo.

* * *

PERNAMBUCO QUER SABER SOBRE OS FESTIVAIS

De Correntes, PE, Elizete Freitas Couto, professora do Grupo Escolar "Profa. Clarice Godoy", sabendo ser Olímpia o centro do Folclore brasileiro solicita da Prefeitura local toda e qualquer informação sobre os festivais olímpenses. Prontamente atendida, somos gratos pelas palavras amigas e pelo interesse demonstrado verificando, portanto, como nossos festivais atravessam fronteiras e mexem com todo brasileiro consciente e preocupado com a preservação dos valores culturais brasileiros. Nossa gratidão à professora e a Correntes, cidade pernambucana que pretendemos conhecer um dia.

* * *

Olinda, 19 de maio de 1987.

Caro amigo José Sant'anna

Renovo os parabéns pelo seu magnífico trabalho em prol do folclore que você e seus dedicados auxiliares realizam com o FEFOL, a cada ano mais perfeito e divulgado. Utilizo o seu ANUÁRIO DO FOLCLORE largamente, inclusive na UNICAP e nas minhas conferências sobre Cultura Popular.

Envio alguns exemplares do nosso último trabalho sobre folclore, tratando dos CABOCLOS DE LANÇA. Parece-me que só existem esses Caboclos aqui na região de influência pernambucana (AL, PE e PB). Gostaria de saber sua opinião quanto ao surgimento dessa manifestação por aí. Talvez levados pelos operários e camponeses nordestinos. Ficaria muito grato ao caro amigo e pesquisador, se me desse uma notícia a respeito.

Os exemplares em duplicata peço que os destruibua para a Biblioteca de OLÍMPIA, arquivo do Município e com os seus auxiliares interessados no folclore pernambucano.

Um dia desses chego aí para conversarmos pessoalmente sobre as coisas do povo brasileiro.

Abraços.

OLIMPIO BONALD NETO

* * *

DOIS FELIZES LANÇAMENTOS

Teo Azevedo, alegre contador de casos folclóricos e anedotas envolvendo matutos, é pessoa sempre freqüente nos Festivais do Folclore de Olímpia, alegrando a todos com a malícia singela que o populariza, quer falando, quer cantando. Improvisa, brinca, canta, declama, anima. Agora, juntamente com sua irmã de Montes Claros - Beatriz Azevedo (que canta muito bem) lançou, pela Copacabana, seu 5.o LP, que traz o título "Cantador Violeiro". No mesmo dia 25/5/87, às 19 horas, no Auditório da Biblioteca Mário de Andrade, Consolação, São Paulo, contando com a participação de Rolando Boldrin, lançou seu 8.o livro "Tiofo o Contador de Um Braço Só". Dois agradáveis acontecimentos. Parabéns a Teo Azevedo e gratos pelo convite amigo. Esperamos cumprimentá-lo e à sua irmã oportunamente pelo trabalho de grande importância. Que ambos, disco e livro, tenham grande aceitação, fazemos vo tos.

* * *

MÁSCARAS OLIMPIENSES

No dia 2 de outubro de 1986 no Museu de Arte de São Paulo "Assis Chateaubriand" - MASP foi inaugurada uma Exposição de Máscaras Brasileiras, Projeto Cultural Rhódia, apoio

da Secretaria de Estado da Cultura. Essa exposição, organizada pela Professora Alice Lunardelli, só pelo fato de ter sido apresentada no MASP, dar-no-ia ensejo para cumprimentar a mestra,



pois Máscaras Brasileiras são o retrato belíssimo do modo de ser de nossa gente, gente alegre e que aprecia o mítico, o exótico, o colorido. Porém, mais do que Máscaras Brasileiras, a professora expôs Máscaras das Folias de Reis de Olímpia o que muito nos alegra. Essas máscaras contam a nossa história, narram a saga do folclore olímpense, são caras aos folcloristas regionais, espe-

cialmente a José Sant'anna que não poupa esforços para preservar as Folias. Parabéns, professora, parabéns por levar Olímpia ao Museu de Arte, por mostrar um pouco do nosso folclore. Parabéns pela magistral idéia de utilizar, nos convites, as palavras de Jacob Klintowitz: "A máscaras é a possibilidade de transcendência humana, a capacidade do homem se travestir, se tornar outro. A máscara é a porta do sonho, da alma primitiva, dos desejos da espécie, do temor, do místico, do mítico, da euforia e do êxtase religioso".

Além disso tudo, sob o título "Máscaras Brasileiras", o Projeto Cultural Rhódia imprimiu 4500 cópias de artístico livro que apresenta centenas de máscaras de muitas regiões do Brasil, comentadas por Jacob Klintowitz, do qual recebemos um exemplar. Quinze máscaras de Folias de Reis, de palhaços olímpenses ali estão retratadas, em destaque a cores, o que muito nos envida e foram fotografadas pelo artista Emídio Luisi. Ao Presidente da Rhódia, Edson Vaz Musa, à Professora Alice Lunardelli que expôs no MASP, a todos que nos agradeceram com tal menção honrosa, nossos agradecimentos sinceros.

* * *

PONTO ALTO DO FESTIVAL

Como é usual, o ponto alto dos festivais do folclore olímpense continua a ser o desfile: primeiro o de Grupos Folclóricos, liderado pelo Professor José Sant'anna, auxiliado por Antônio Clemêncio da Silva e Célio José Franzin. O segundo, Alegorias, este ano a cargo da Professora Edemir Moreira de Oliveira. Assistência incontável, tarde ensolarada, após três dias de chuvas constantes. Desfilaram Grupos Folclóricos e Parafolclóricos de quase todos os Estados do Brasil, destacando-se a abertura feita pelos Baioaras, do Pará, o encerramento pelos gaúchos do Rio Grande do Sul - São Gabriel, além dos demais grupos presentes: Tradições Cearenses, Danças Alagoanas, Caiapós, Moçambique, Catira, Congada, Folia de Reis, Cordão de Bichos, Capoeira, Fandango de Tamancos, de Chilenas, Congo e também o Grupo Parafolclórico "Asa-Branca", de crianças olímpenses das creches. As Alegorias foram riquíssimas, de um bom gosto extraordinário, carros carinhosamente decorados por escolas, casas comerciais e indústrias locais. Fantasias dignas de uma passarela, jovens e crianças alegres, sadias, encantadoras. Ineh Bueno de Camargo apresentou, do palanque, o Desfile Folclórico, animando os espectadores e preenchendo os espaços com notas, agradecimentos a Wilson e Zuleica Zangirolami, a Sant'anna e sua obra, a todos que colaboraram para a grandiosidade de tal acontecimento. A todos que participaram dos desfiles, a todos que colaboraram, nossos perenes agradecimentos e votos de que estejam conosco nos próximos anos.

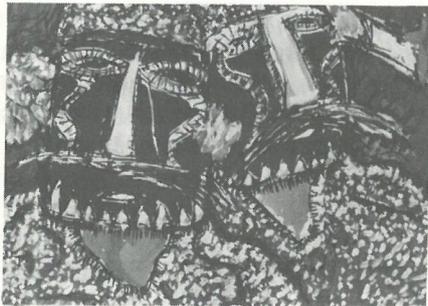
* * *

CARAN, UM BRILHANTE OLIMPIENSE

Carlos Alberto Pires de Andrade - Caran, como assina as suas obras, nasceu em Olímpia a 18 de julho de 1958. É filho de Aparecido Pires de Andrade e Dona Luíza Tozzo de Andrade. Desde tenra idade mostrou pendor para o desenho e para a pintura. Aos dez anos começou a trabalhar em suas telas. Atualmente, com 28 anos, jovem vivo e alegre, Caran possui cerca de 50 quadros a óleo e colagem. Seus quadros são apresentados nas exposições, agradam, como pudemos observar, retratam com amor e fidelidade a natureza que o cerca. Paisagismo é a sua meta. Detalhes merecem-lhe toda a atenção, formando um conjunto pleno de harmonia e beleza. Caran já expôs no Clube da Volkswagen de São Paulo, Santo André, no Salão de Artes da Prefeitura de Santo André levando, para o ABC, não apenas a sua arte, mas o nome da cidade onde nasceu. Durante o 22.º Festival do Folclore de Olímpia apresentou seus quadros no saguão da Casa da Cultura "Dr. Antônio Sylvio Cunha Bueno" e os jornais foram unânimes em elogiar seus trabalhos. Para um jovem que jamais frequentou uma Escola de Artes, Carlos Alberto, um autodidata, merece todo nosso reconhecimento e respeito e, em nome de seus conterrâneos, nós agradecemos a sua presença no FEFOL e fazemos votos para que seus trabalhos levem o seu nome para todos os rincões brasileiros e que sua arte ultrapasse as fronteiras nacionais. Parabéns, Caran!

* * *

KICO TAMBERLINI E AS "FOLIAS DE REIS"



Convivendo com as Folias de Reis desde sua infância, em Olímpia, Cajobi, Jaborandi, impressionado e cativo do rico colorido dos trajes e máscaras dos foliões, Kico dedica-se, desveladamente, a fixar em suas telas o encantamento das Folias. Nasceu para a arte: escreveu poesias, compôs música e letras, fez teatro, desenho. Encontrou seu caminho na Faculdade de Belas Artes—São Paulo, conhecendo a pintura dos mestres, sem seguir-lhes as pegadas, na íntegra. Kico é considerado impressionista quanto à escola que segue, artista sensível aos dramas do ser humano, à dualidade que o persegue: alegria-tristeza, respeito-ironia, malícia-ingenuidade. Prefere as cores fortes, o alegre colorido das vestes dos palhaços das Folias de Reis, acentuando, com perícia, os contrastes entre os tons cinza, preto e azul. Fixando em telas as Folias de Reis, Kico remonta aos despreocupados dias de sua infância, ao apego que sentia aos foliões, especialmente aos palhaços, procura gravar o ritmo melódico da música e da dança das Folias que viu, que acompanhou. Expôs, conforme narra o Jornal da Região de 30/10/86, em São José do Rio Preto. Foi notícia de destaque no Shopping City, agosto de 1986. Expôs, pela primeira vez no Festival do Folclore em Olímpia, com quadros na Casa da Cultura "Dr. Antônio Sylvio Cunha Bueno", encantando a todos quantos suas obras viram e Suas "Folias de Reis" merecem um lugar de destaque nos anais da história olimpiense. Kico é artista, ninguém o duvida e, dedicando-se aos nossos temas folclóricos poderá tornar-se, futu-

ramente, o mestre dos mestres no gênero. Parabéns, Kico, nós nos orgulhamos de você, nós queremos que você prossiga nessa linha de estudos. Olímpia lhe é grata!

* * *

CÂMARA MUNICIPAL DE OLÍMPIA Estado de São Paulo

REQUERIMENTO Nº 90/87

Senhor Presidente:

Considerando que o Professor José Sant'anna, nome de projeção nacional, que também integra a edilidade olimpiense, completa, neste ano, trinta anos de estudos e pesquisas na área da ciência do Folclore Pátrio;

Considerando que do referido folclorista o valor exato se encontra na pureza dos sentimentos, no valor da inteligência e na intensidade do esforço, exteriorizados na conduta;

REQUEREMOS, na forma regimental, que seja inserido na ata dos trabalhos o voto de congratulações da Câmara Municipal de Olímpia, pela complementação de período tão honroso — rútilo clarão de glória — e notável para a cultura nacional e que, conseqüentemente, também enobrece a própria edilidade olimpiense.

Sala das Sessões Professora Dona Oscarlina de Toledo Bonilha, em 13 de março de 1987.

a)WANDERLEY DARIO FORTI
Vereador

Aprovado na Sessão de 16 de março de 1987.

* * *

PERPETUANDO O 22.º FEFOL

Além de todas as recordações que ficam quando um festival termina, além de toda correspondência arquivada, muitos participantes são agraciados com honrarias diferenciadas: diplomas e certificados. Em 1986 foram entregues mil Diplomas de Louvor ao Mérito, trezentos Diplomas de Visitante Ilustre, trinta por Serviços Relevantes, trinta de Hóspede Oficial do Município e pouco mais de duzentos Certificados de Participação do I Simpósio Nacional Sobre Folclore. Outros certificados foram entregues, na seguinte ordem numérica: mil a participantes do 4.º Ciclo de Palestras Sobre Folclorística e 2.º Minefestival de Folclore; quinhentos e catorze a integrantes do 15.º Campeonato de Truco; trezentos aos participantes da 21ª. Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis, quarenta aos competidores do 13.º Campeonato de Malha, um pouco mais de mil a elementos dos grupos folclóricos e cerca de quinhentos aos integrantes de grupo parafolclóricos. São registros de participação efetiva, são registros que amorosamente são confeccionados e distribuídos e, sabemos, perenemente guardados com o carinho que merecem, por grande parte dos que os recebem. Cuidem com amor desses diplomas e certificados, eles atestam nossa gratidão aos que comparecem e atuam. Agradecimentos a todos vocês. Participem também do 23.º FEFOL.

* * *

UM BILHETE

Durante o desfile de encerramento do 22.º FEFOL o

Prof. José Sant'anna recebeu um bilhete, em inglês, do casal Maria Tereza e Theodore, residentes nos Estados Unidos da América do Norte, nos seguintes termos:

17 august 1986

Dr. José Sant'anna

In today's mail my wife and I received a complimentary copy of the magazine commemorating the 22nd Folklore Festival, and a book from the Folklore Historical Museum - D. Maria Olímpia. It is with honor that we accept these gifts, especially in this year dedicating the permanent site at the home of the Folklore Festival, in Olímpia, the Folklore Capital.

We also offer our congratulations to you as we witness the culmination of an important milestone in your efforts to bring the rich and varied past of Brazil to the Brazilians of today. We hope that your continued efforts will prove to be as fruitful as those we are Witnessing during this festival week.

May you have continued success.

Respectfully,

MARIA TEREZA E THEODORE
Eastpines, Maryland - Osheraff

TRADUÇÃO APROXIMADA

Eu e minha esposa recebemos hoje uma cópia da revista comemorando o 22.o festival do folclore e também um livro do Museu Histórico do Folclore D. Maria Olímpia. É com honra que aceitamos estes presentes, especialmente neste ano em que a sede permanente para o festival do folclore foi construída em Olímpia - a Capital do Folclore.

Nós também oferecemos nossos parabéns para o senhor, pois nós estamos presenciando a culminação de um seu importante esforço para trazer a riqueza e a variedade do passado do Brasil aos brasileiros de hoje. Nós esperamos que seus esforços continuem sendo concluídos como esses que nós hoje presenciávamos durante esta semana festiva.

Que o senhor continue com sucessos.

* * *

GENTE QUE TRABALHOU DEMAIS

O 22.o FEFOL foi, realmente, prova de equilíbrio, tenacidade, força, até sanidade mental para muitos, envolvidos nas labutas do seu cotidiano. Assim é que a Comissão Executiva viu-se às voltas com centenas de tarefas, algumas completamente fora de sua alçada, seus membros trabalharam até a exaustão, atendendo às reclamações muitos, às solicitações do Prefeito Wilson, às determinações do Presidente José Rizzatti e aos apelos do Prof. Sant'anna. Foram dignos de todo elogio que se lhes possa fazer, merecem reconhecimento perene de todo folclorista amigo, de todo olimpiense agradecido. Parabéns, membros da Comissão, assim constituída: Aguiamar Alves de Melo, Antônio Clemêncio da Silva, Célio José Franzin, Cláudio Moreda Galleti, Débora Aparecida Vicente, Domingos Sávio, Edemir Moreira de Oliveira, Egidio Caputo, Francisco de Assis Madalena, Gilberto Schalch, João Carlos Clemente, José Carlos Rossato, José Fernando Rizzatti (presidente), Laura Della Mônica, Liedna de Oliveira, Luiz Antônio Cavariani, Luiz Antônio Fonseca, Manoel Orlandi Gonçalves, Marco Antônio Zangirolami, Marco Aurélio M. Pereira, Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Maria Jesus de Miranda, Maria Teresa Vieira Marcondes, Mário Covelo, Mário L. Cosso, Nilma M. Yamato, Orides de Freitas, Ranulfo Mendes, Rubens Ribeiro de Souza, Sérgio Alexandre

Di Marco, Sidney Carlos Schalch, Silvio Luís Bachega, Valdemar Balbo e Zuleica Carneiro Zangirolami (1a. dama), além de muitas outras pessoas dedicadas e decididas, integrantes das subcomissões do Festival.

Ressaltamos, também, o exaustivo e eficiente desempenho da Profa. Ineh Bueno de Camargo, diretora da EEPSC. "Caetano de Campos" - Aclimação - SP, que teve o encargo de apresentar, no palanque da Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami", todos os grupos folclóricos ou para-folclóricos que lá estiveram do primeiro ao último dia, sob sol forte, sob chuva inclemente, sobre muito barro, sob intenso frio. Olímpia não se esquece de deixar perpetuados seus agradecimentos.

* * *

FUNDADORES DE OLÍMPIA

Na agenda - programa do 23.o Festival do Folclore sob a responsabilidade da Comissão de História (Conselho Municipal de Cultura), da Prefeitura Municipal de Olímpia está impressa esta mensagem, de muita importância à História de nossa cidade:

OLÍMPIA: 1903 - 1987
84 anos

Hoje Olímpia é a Capital Nacional do Folclore. Há anos, madeiras de lei, solo rico e fértil cobriam toda a área onde hoje se ergue esta cidade que é daqueles que aqui nascem e dos que vieram para ficar. Como tudo isso começou?

Robert John Reid, engenheiro escocês, convidado para fazer a demarcação das terras, em 1897, vislumbrou as possibilidades da fundação de um povoado que progrediria facilmente. Somente em 21 de junho de 1900, teve lugar "a primeira diligência especial para a instalação dos trabalhos divisórios". Conseguiu influenciar Joaquim Miguel dos Santos, possuidor de terras nas proximidades do córrego Olhos D'Água. Assim, pouco depois, outros condôminos doaram glebas de suas amplas terras. O ideal se concretizou.

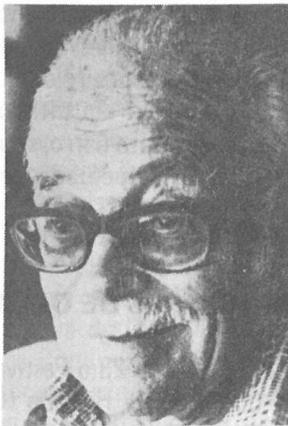
Reid demarcou com desvelo todo o trecho que deu origem ao povoado de São João Batista dos Olhos D'Água, um trabalho extraordinário que se revela até hoje aos olhos dos que conhecem, por expandir-se em área pouco plana.

Foram muitos, todos membros de uma só família, que no alvorecer do século XX, legaram as terras de que hoje nos orgulhamos. Onde estão eles? Partiram e repousam no Senhor, certos de que legaram a todos nós a lição de um belo exemplo, abrindo espaço ao trabalho profícuo, numa terra pródiga e feracíssima. Seus nomes são parte da **História de Olímpia, fundadores do então Patrimônio de São João Batista dos Olhos D'Água**: Robert John Reid (idealizador) e os doadores, conforme consta na escritura pública, lavrada em 2 de março de 1903, na cidade de Barretos: João Francisco dos Reis e sua mulher Inácia Eva de Jesus, Miguel Antônio dos Reis e sua mulher Carolina Luísa de Jesus, Mariana Francisca do Carmo, Mariana Inácia de Jesus, Francisco Miguel dos Santos, Antônio Miguel dos Santos, João Antônio de Campos, João Inácio de Sousa e sua mulher Francisca Flausina de Jesus, João Bonifácio da Freiria, Jerônimo Bonifácio dos Santos, Davi Osório dos Santos, Gabriel Garcia dos Santos, Jerônimo Antônio dos Santos e sua mulher Isabel Maria de Jesus, Miguel Viríssimo dos Santos, Marcolina Frausina da Freiria, Antônio Felisberto dos Santos, Joaquim Miguel dos Santos e sua mulher Querubina Maria de Jesus, Inês Rita de Jesus e Maria Generosa de Jesus.

Conosco convivem seus descendentes, que vêem a pujança atual das rudes terras que generosamente doaram. São doces para eles as lembranças gloriosas de seus antepassados, quando em nossos dias a antiga "Noiva Sertaneja" se transforma num palco

* * *

A MORTE DE UM IMORTAL



O dia 13 de julho de 1986 marca a data do falecimento de um grande expoente das letras brasileiras, Orígenes Lessa. Era membro da Academia Brasileira de Letras e sua cadeira ontem, dia 13 de novembro, foi ocupada por outro grande escritor, Ledo Ivo. Orígenes Lessa, filho de pastor protestante lutou desde a juventude, por sua liberdade religiosa o que, de certa forma, encaminhou-o para o profundo conhecimento que possuía do Brasil e de sua gente. Nascido em Lençóis Paulista, lá repousa, após editar vasto número de livros: 11 livros de contos, 7 romances e novelas, cinco livros-reportagens, 31 obras infanto-juvenis, destacando-se o "Feijão e o Sonho" entre seus contos e "Memórias de um Cabo de Vassoura" entre os livros para jovens e crianças. Escrevia, como ele mesmo afirmou "o que vem de dentro, chamado pela vida em volta". Retratou o brasileiro em sua trajetória sofrida, de modo todo seu como se lê em "O Beco da Fome", em "João Simões Continua" e no livro que escreveu após ser liberto do presídio da Ilha Grande, como soldado paulista da Revolução de 1932, "Não há de ser nada".

A Revista do 18.º Festival do Folclore traz, em Literatura de Cordel n.º 1594, autoria de Rodolfo Coelho Cavalcante - Trovador Brasileiro, na "História da Primeira Jornada da Literatura de Cordel em Campinas - SP", (de 3 a 8 de maio de 1982, 1.ª edição), esta estrofe:

"Depois o conferencista
Da noite, grande escritor
Dr. Orígenes Lessa
Que exaltou o Trovador
Popular, no seu papel
Como Vale do Cordel
O chamado Professor.

Assim era Orígenes Lessa, membro da ABL, louvando o trovador de cordel, indiferente ao "fardão", detentor do prêmio Bienal Nestlé por suas obras infanto-juvenis, um brasileiro do qual nos despedimos com saudade e profundo respeito.

Amigo do Prof. Sant'anna e da Profa. Laura Della Mônica, sempre soube elogiar o trabalho de Olímpia em favor do folclore nacional.

* * *

UMA PERDA IMENSURÁVEL

Aos 87 anos de idade, no dia 30 de julho de 1986, Luís da Câmara Cascudo encerrou sua carreira de brilhante etnólogo, historiador, antropólogo, escritor e, como preferia ser conhecido, professor. Morreu esse grande folclorista que, como bem o disse Carlos Drummond de Andrade "o que esse homem conhece



de gente em usos, costumes, raízes e alma não pode ser avaliado em metro ou peso. . .", homem que amou seu povo e sua gente humilde, escreveu sobre eles, com eles e seus familiares: Dona Dhália, esposa, Fernando Luís e Ana Maria, filhos e netos, viveu, brigou, agradeceu e ensinou. Câmara Cascudo influenciou os estudos sobre o folclore brasileiro, embora não gostasse do vocábulo preferindo cultura

de gente em usos, costumes, raízes e alma não pode ser avaliado em metro ou peso. . .", homem que amou seu povo e sua gente humilde, escreveu sobre eles, com eles e seus familiares: Dona Dhália, esposa, Fernando Luís e Ana Maria, filhos e netos, viveu, brigou, agradeceu e ensinou. Câmara Cascudo influenciou os estudos sobre o folclore brasileiro, embora não gostasse do vocábulo preferindo cultura de gente em usos, costumes, raízes e alma não pode ser avaliado em metro ou peso. . .", homem que amou seu povo e sua gente humilde, escreveu sobre eles, com eles e seus familiares: Dona Dhália, esposa, Fernando Luís e Ana Maria, filhos e netos, viveu, brigou, agradeceu e ensinou. Câmara Cascudo influenciou os estudos sobre o folclore brasileiro, embora não gostasse do vocábulo preferindo cultura

* * *

ADEUS A UM TROVADOR

Rodolfo Coelho Cavalcante, um dos mais profícuos autores da Literatura de Cordel, alagoano de nascimento foi, no dia sete de outubro de 1986, tragicamente morto. Foi atropelado em Salvador, capital que escolheu para sua moradia e onde, por 45 anos, publicou perto de 2000 folhetos de cordel, folhetos que vendia nas feiras e praças da capital baiana.

O Anuário do Folclore, 19.º Festival - 1983, publicou, na íntegra sua "Literatura de Cordel n.º 1594" contando a História da Primeira Jornada da Literatura de Cordel de Campinas - SP, (de 3 a 8 de maio de 1982), da qual retiramos os versos que falam da sua amizade ao Professor José Sant'anna, do conhecimento que possuía de seu trabalho, da sua luta pela preservação do folclore brasileiro:

"Professor José Sant'anna
Que é grande pesquisador
Do Cordel ali estava
No papel Coordenador;
Alma boa, gente fina,
Sua presença ilumina
Seja em qualquer setor.

Ele junto à Della Mônica
Bastantemente ajudava
Com Folcloristas, Poetas,
O Professor dialogava;
Sua comunicação

É de uma forte expressão
Que a turma o elogiava."

Até um dia, grande Luís Beltrão!

* * *

Nossas despedidas saudosas a esse grande poeta do povo que, nas estrelas, escreverá seus versos, seus "causos" de Cordel. Adeus!

LUÍS BELTRÃO DE ANDRADE LIMA

No dia 24 de outubro de 1986 um pernambucano ilustre partiu, deixando uma brecha imensa nas fileiras dos folclorólogos e escritores brasileiros. Esse grande e generoso personagem foi, durante a Primeira Jornada da Literatura de Cordel em Campinas - SP, de 3 a 8 de maio de 1982, homenageado por Rodolfo Coelho Cavalcante, "trovador brasileiro", juntamente com seus amigos José Sant'anna, Laura Della Mônica e muitos outros folcloristas presentes, da seguinte forma:

"Sete de maio falou
O Dr. Luís Beltrão
Dizendo que o Almanaque
É Cultura do sertão,
Também tem o seu papel
Em formato de Cordel
De bastante aceitação.

Ao término o trovador dedica, entre outros, o Folheto ao Dr. Luís Beltrão "personalidade marcante do Folclore Brasileiro", ao Professor José Sant'anna, "homem de percepção admirável e que sabe fazer ambiente".

A Carta do Seminário "Primeira Jornada de Literatura de Cordel", promoção do Instituto de Artes e Comunicações da Pontifícia Universidade Católica de Campinas em convênio com a Secretaria de Estado da Cultura do Governo de São Paulo foi assinada por 12 participantes, entre eles Laura Della Mônica (Presidente do Seminário), José Sant'anna (Coordenador do Seminário) e Luís Beltrão de Andrade Lima (Orador - DF). Luís Beltrão, sociólogo, jornalista, folclorólogo, antropólogo, amigo de Olímpia, admirador dos Festivais do Folclore olimpiense, alegre correspondente de José Sant'anna, com quem falava, feliz e entusiasta, das conquistas que o criador e coordenador desses festivais ia conseguindo, é um nome que merece nosso respeito, é personagem que não poderá ser esquecido por todos aqueles que amam sua terra, sua gente, seus usos e costumes. A revista do 21.º FEFOL traz, logo nas primeiras páginas, sua colaboração: "O novo simbolismo do Curupira", artigo de grande profundidade e sábia beleza onde, com rara sabedoria, explica o porquê do Curupira como Patrono dos Festivais de Folclore de Olímpia. Um brasileiro que parte, um amigo que nos deixa, uma saudade imensa que fica, um nome que a história brasileira perpetuará, uma pessoa que Olímpia reverenciará para sempre.

A MORTE DE UM FOLIÃO

Dia 20 de junho de 1987, plena época das festas juninas. Nesse dia Olímpia perdeu tradicional membro de Folia de Reis, o Sr. José Bento, integrante da Folia de Reis "Magos do Oriente", do gerente Sr. Pacífico Sousa e Silva, do bairro de São José, desta cidade. Sempre participando da Folia, nos últimos anos, cumprindo promessa, vestia-se de palhaço, dançava alegrando a criançada e adultos também. Seu pedido, feito em vida, foi satisfeito: a Folia fardada, portando seus instrumentos, acompanhou o féretro de José Bento até o cemitério local, entoando toadas alusivas ao finado e sua falta no grupo. Saudosos adeuses a um grande elemento de nossa cidade. À beira da sepultura, o Prof. José Sant'anna, em nome dos acompanhantes, fez as despedidas finais, num ritual religioso-folclórico. Adeus, José Bento! Alegre, para sempre, outras plagas do Universo. Olímpia não o esquecerá.

DEPOIMENTO DA ISEH

Depois de dez meses de trabalhos ingentes, conseguimos terminar o Anuário que, esperamos, seja distribuído por ocasião do 23.º Festival do Folclore. Foram meses de esforços desmedidos, foram infindas horas de pesquisas, de seleção de material a ser utilizado, de correrias atrás de fotografos, contadores de casos, músicos, correções e rasuras, um trabalho hercúleo, sem dúvida.

Agradecemos a muitos que colaboraram com denodo, homenageamos a alguns que mereciam mais do que fizemos, procuramos lembrar de tudo o que ocorreu, de todos que ajudaram. Algo sempre é esquecido, infelizmente, e nos escusamos perante pessoas que mereciam destaque na Revista. No entanto, lendo e relendo o que escrevemos, dia a dia, horas sem conta, creio que há necessidade de falar-se um pouco mais de José Sant'anna. Sem ele, o Anuário não teria o conteúdo que possui, a Revista seria pobre, talvez nem houvesse Anuário. É a fibra do Sant'anna que está presente em cada página do mesmo, é o seu jeito de folclorista esforçado e operoso que permite a realização de tanta maravilha, como a que presenciamos nos festivais olimpienses. Não basta criar algo, não basta coordenar um evento miraculoso, é preciso, qual mãe ciosa, embalar, ninar, curar mazelas pequeninas ou feridas profundas. É preciso acompanhar o Festival, seu filho dileto, passo a passo, a fim de que não se desvie do caminho proposto, a fim de que alcance os objetivos sempre mais altos, mais abrangentes. E ele o faz, exaurindo suas forças físicas e espirituais. Está presente em todos os detalhes; eficiente, magoado, feliz, realizado.

Por isso, Sant'anna, parabéns pelos 23 festivais que dirigiu e rogamos ao Senhor, outros 23 o tenham à frente!

CORRESPONDÊNCIA

São Paulo, 1986

Florianópolis, 18 de julho de 1986

Ao José Sant'anna
Pivô do nosso Folclore:

Os gregos antigos gravavam na pedra a sua gratidão para com aqueles que se constituíram em heróis da nacionalidade.

Nós agora costumamos gravar a nossa gratidão para com aqueles que se projetam em nossas vidas, no mais recôndito dos nossos corações.

Eu particularmente, João Pacífico, compositor de música sertaneja, já para mais de 50 anos, considero-me profundamente devedor a todas as emissoras nacionais, imprensa, gravadoras, televisão e casas de discos, pelo muito carinho com que têm dado divulgação a minha música. E, assim, quero, de público, declarar em alto e bom som, minha gratidão e respeito, para com todos que divulgando e prestigiando as minhas modestas composições, contribuíram para a elevação do nível cultural e artístico dos nossos sertanejos.

A você, Sant'anna, idealista, dedicado estudioso das letras de nosso cancionero e apreciador ímpar da nossa música, o obrigado eterno do

JOÃO PACÍFICO

João Pacífico
Rua Jorge Tibiriçá, 614
Vila Mariana
04-126 - São Paulo - SP

* * *

Porto Alegre, 15 de julho de 1986

Exmo. Sr.
Vereador José Sant'anna

Refeito da surpresa e da emoção resultantes do voto de aplauso requerido por V. Exa., prezado amigo, só agora retomo a pulsação normal e tranqüila respiração. Difícil é a retribuição, a expressão de alegria e amizade. Faço-o através das aquarelas de Wendroth descobertas para o grande público e divulgadas quando de minha gestão como Secretário de Cultura deste Estado.

Também estou agradecendo ao Sr. Presidente José Carlos Moreira.

Se não for incômodo, peça à Secretaria da edilidade que me remeta a relação de nomes e endereços dos demais Senhores Vereadores.

Conte sempre com esse confrade,
companheiro na valorização da Cultura brasileira.

BARBOSA LESSA

* * *

Prezado Mestre e Amigo
Prof. José Sant'anna

Com prazer envio-lhe os exemplares do nosso Boletim devidamente autografados, para a entrega aos homenageados, aos respectivos donos.

Publico alguma coisa do importante Festival que anualmente se realiza. Espero que esteja do agrado de vocês, pois o meu objetivo foi, além de divulgar, valorizar a nossa edição. Já confirmei a minha ida no mês de agosto e já está tudo certo para a participação do nosso Boi-de-Mamão.

A sua luta creio tem sido insana, entretanto não deve se descuidar da saúde, que nos é importante para vivermos bem. Abraços e até o Festival.

DORALÉCIO SOARES

* * *

São Paulo, 11 de agosto de 1986

À Comissão Executiva do 22.º Festival do Folclore de Olímpia

Prezados Senhores:

Honrado pelo convite para assistir ao 22.º Festival de Folclore dessa culta cidade de Olímpia, venho pelo presente informá-los de que infelizmente não poderei aí estar no período de 10 a 17 do corrente. O motivo desse meu não comparecimento deve-se ao fato de não conseguir acomodação nos hotéis locais, os quais estão totalmente lotados, segundo informação recebida através de vários telefonemas.

Lamento, outrossim, e na qualidade de folclorista e escritor — não poder assistir, entre outros eventos de suma importância cultural, à Conferência sobre "Conceituação do Folclore", bem como ao lançamento do livro "Acorda, Povo!", de autoria da ilustre folclorista Profa. Laura Della Mônica, minha querida colega e amiga.

Pelo correio estou enviando nesta data ao Museu de História e Folclore "D. Maria Olímpia" um exemplar de meu último livro — "Rapsódia Caipira" — Cornélio Pires, seu mundo e seus seguidores.

Com os meus melhores agradecimentos, formulo votos para o completo êxito do 22.º Festival do Folclore, evento dos mais significativos da Cultura Popular de nosso Estado e País.

Atenciosamente,

ROQUE LUZZI

Residência: Rua Décio, 151 - Saúde - CEP 04.055 - São Paulo - SP

* * *

Tietê, 18 de agosto de 1986

Ao ilustre
Professor José Sant'anna
Olímpia

Minhas efusivas saudações.

Com esta, venho agradecer o minucioso programa das celebradas Festas do Folclore de Olímpia.

Muito obrigado pela distinção.

Por esta venho pedir-lhe que se foi publicado algum folheto descritivo, peço-lhe que me reservem e me mandem um exemplar.

Muito obrigado.

Um cordial abraço do velho amigo,

BENEDITO PIRES DE ALMEIDA

19 580 - Rua Bom Jesus, 469 - Tietê - SP

* * *

Tremembé, 18 de agosto de 1986

Prezados Senhores:

Recebemos, através do Exmo. Sr. Prefeito de nossa cidade, o gentil convite de V. Sas. para o 22.º FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA.

Justificamos nossa ausência, visto estarmos sobrecarregadíssimos de trabalho com a criação da "ASSOCIAÇÃO DE ARTESANATO E ARTE DE TREMEMBÉ", (AAAT), tendo a antiga Estação Ferroviária como espaço permanente para mostra de artesanato, pintura e fotografia.

Temos recebido a visita de todos aqueles que vêm prestigiar a tão famosa Festa do Sr. Bom Jesus de Tremembé, realizada este ano de 12/7 a 17/8, o que muito nos estimula para o desenvolvimento da nova entidade em nosso Município.

Aproveitamos a oportunidade para felicitar V. Sas. pela brilhante realização do Festival, modelo de Brasilidade consagrada em todo país.

Na certeza de termos em comum os mesmos objetivos, ensejamos maior contato, o que muito nos dignificaria.

Atenciosamente,

a) HILÁRIO ROVEDA
— Presidente —

a) JOÃO DOS SANTOS R. FILHO
— Secretário —

* * *

Osasco, 19 de agosto de 1986

AO
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE DO MUSEU DE HISTÓRIA E FOLCLORE "D. MARIA OLÍMPIA"
PATRIMÔNIO DE SÃO JOÃO BATISTA
OLÍMPIA - SÃO PAULO

Venho, pela presente, solicitar de Vossa Senhoria a gentileza de me enviar, se possível for, dois "ANUÁRIOS DO FOLCLORE", referente ao 20.º FESTIVAL DO FOLCLORE, realizado de 12 a 19 de agosto de 1984 (Ano XI - 22 de agosto de 1984 - n.º 14), por tratar-se de um documento profundo so-

bre as raízes históricas do nosso povo.

Caso haja outro documento sobre o assunto, gostaria que Vossa Senhoria me enviasse também, pois servirá para o aprofundamento do conhecimento.

Esperando poder contar com o atendimento de Vossa Senhoria e parabenizando-os pela riqueza das pesquisas, subscrevo-me mui,

Atenciosamente,

a) ROSA LOPES MARTINS - Vereadora

(Av. dos Autonomistas, 2607 - Centro - Osasco - SP - 06 000)

* * *

São José do Rio Preto, 20 de agosto de 1986

Ofício n.º 196/86

Assunto: Agradecimento

Prezados Senhores

Ao brilhantismo da apresentação do Grupo de Danças Parafolclóricas "OS BAIÓARAS", de Belém do Pará, dia 18 último, em São José do Rio Preto, do qual Vossas Senhorias foram testemunhas, acrescente a satisfação geral que se apossou de nossa comunidade, posteriormente.

Essa alegria, trazida a nossa cidade, só foi possível graças ao esforço e delicadeza de Vossas Senhorias que, mesmo após estafante realização do 22.º FEFOL, ainda encontraram forças e tempo para prestigiarem nosso evento.

Agradecendo a atenção e afeto demonstrados, reitero meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

Atenciosamente,

a) SONIA MARIA C. MUNHOZ
Chefe de Seção Técnica

Exmos. Srs.

Professor José Sant'anna e Antônio Clemêncio da Silva
Olímpia

* * *

São Gabriel, 29 de agosto de 1986

Exmo. Senhor:

O Grupo Folclórico de Artes Nativas "Orelhano" vem manifestar-se através deste no sentido de agradecer a calorosa acolhida proporcionada pelos magníficos irmãos que formam a Comunidade Olimpiense.

Tais manifestações calorosas e de forma reiterada nos orgulham e nos lembram que o calor humano, a amizade e a fraternidade se fazem marcantes nos corações dos brasileiros. Indistintamente da formação dos povos, formamos uma só pátria irmados pelas peculiaridades de cada região, compondo este maravilhoso painel que é o Brasil, tão bem sintetizado no Festival do Folclore, promovido nessa cidade.

Bem mais do que as manifestações trouxemos para os nossos pagos a marca indelével da Amizade e da Gratidão. Por isto queremos retribuir estas manifestações, convidando-os para se fazerem presentes na nossa cidade nas comemorações da passagem de uma data que para nós Gaúchos é de grande significação e que nos leva a cultuar aquilo que nossos antepassados nos le-

garam e que hoje orgulhosamente preservamos e projetamos para as gerações futuras, o Amor ao nosso Chão.

Na certeza de poder contar com a honrosa presença de V.Exa., representante da Comunidade Olimpense, em nossos festejos, despedimo-nos apresentando nossos protestos de elevada estima e consideração.

Atenciosamente,

a) FRANCISCO DE PAULA MARQUES

a) GALENO EVANGELHO COSTA

Exmo. Senhor
Wilson Zangirolami
DD. Prefeito Municipal
Olimpia - SP

* * *

Estado do Ceará
Secretaria da Fazenda

Ofício n.o 315/86 Fortaleza, 2 de setembro de 1986

Senhor Prefeito:

Ao acusar o recebimento, das mãos da professora Elzenir Colares, do Diploma de Honra ao Mérito que me foi concedido por esse Executivo, cumpro-me a grata satisfação de manifestar-lhe o meu mais profundo agradecimento, assegurando que tudo farei para continuar digno de tão importante Comenda.

Peço-lhe aceitar e estender aos seus munícipes os meus protestos de estima e consideração.

a) VLADIMIR SPINELLI CHAGAS
Secretário da Fazenda

Exmo. Sr.
Wilson Zangirolami
DD. Prefeito Municipal
Olimpia - SP

* * *

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
MUSEU "CÂMARA CASCUDO"

Natal, 2/9/1986

Ao ilustre e querido amigo
Prof. José Sant'anna - Olímpia - São Paulo

Querido amigo:

Ao regressar a Natal, depois de quase duas semanas no Rio de Janeiro, onde revi amigos e parentes, apresso-me em agradecer-lhe o generoso convite e demais gentilezas que teve para com este seu admirador.

Foram dias agradáveis os que passamos aí, em Olímpia, ao lado de velhos e novos companheiros de ideal.

Não sei o que achou do meu recado. Penso que não decepcionei os numerosos amigos e companheiros. Absteve-me de falar em todos os momentos, pois não sou afeito às polêmicas tribunícias. Apenas quando julguei necessário no caso da Profa. Ruth Guimarães - tive uma intervenção.

De modo geral foi bom o resultado do Simpósio, promo-

vido graças à sua iniciativa com apoio da Prefeitura e amigos como Laura Della Mônica.

Tomei a liberdade de ler a sua carta ao Sr. Governador. Achei-a notável por todos os títulos. Hoje, lerei a mesma para o pessoal do Conselho Estadual de Cultura, a fim de que saibam que me desincumbi da missão. Depois, farei entrega da mesma ao Governador.

No mais, só a saudade dos bons momentos passados aí e no Rio.

Parabéns, mais uma vez, a você por tudo, inclusive pelo seu discurso, que trouxe gravado. Abraço amigo do

a) VERÍSSIMO DE MELO

* * *

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS COMUNITÁRIOS
NÚCLEO DE PESQUISAS E DOCUMENTAÇÃO DA
CULTURA POPULAR-NUPPO

Carta Circular n.o 01/86 João Pessoa, 03 de setembro de 1986

O Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular - NUPPO/PRAC/UFPB, através do seu setor de Arquivo e Documentação, vem desenvolvendo um Plano de Trabalho na Área de Pesquisa Bibliográfica.

O Plano tem como objetivo ampliar o material documental destinado à Pesquisa diária, documentação essa que é utilizada por alunos de 1.o, 2.o e 3.o graus, o que nos leva a solicitar a V.Sa. o envio de publicações sobre Cultura Popular e Folclore, principalmente livros.

Gostaríamos de salientar que é para nós de grande importância o recebimento das publicações, considerando o apoio dado pelo referido setor aos estudantes-pesquisadores.

Caso seja possível o atendimento a esta nossa solicitação, o material deverá ser remetido para o NUPPO, situado à Av. Visconde de Pelotas s/n, nesta cidade.

Atenciosamente,

a) COORDENADOR PRÓ-TEMPORE
DO NUPPO
José Nilton da Silva

* * *

RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
GABINETE DO SECRETÁRIO

Natal, 8/9/1986

Mestre José Sant'anna: meu abraço

Faz dias, escrevi ao amigo agradecendo todas as atenções e gentilezas recebidas aí em Olímpia.

Recebeu minha carta?

Hoje, escrevo-lhe para dizer que entreguei a carta ao Governador, através de sua assessoria. No mesmo dia, saiu no Diário de Natal a carta publicada, para conhecimento geral. Creia que foi muito elogiada. Bela carta, que diz do seu entusiasmo ao receber a distinção do Governo do Rio Grande do Norte.

Mando-lhe também junto ao xerox da carta outras notícias a meu respeito, saídas aqui na imprensa local.

Um abraço de admiração e amizade do

a) VERÍSSIMO DE MELO

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
SECRETARIA DE CULTURA E DESPORTO

Of. n.º 170/86-GS Fortaleza, 10 de setembro de 1986

Exmo. Senhor
Prefeito Wilson Zangirolami
Olímpia - SP

Senhor Prefeito:

Quando o Grupo de Tradições Cearenses retorna dessa hospitaleira cidade, desejo dizer a V.Exa. da excelente impressão que a representação cearense trouxe dessa próspera comuna paulista.

Quero, outrossim, nesta oportunidade, expressar a V.Exa., bem como à primeira dama do Município, D. Zuleica Zangirolami, os melhores agradecimentos pela cativante acolhida e todas as atenções dispensadas ao Grupo que representou este Estado, ao ensejo do XXII Festival de Folclore.

Cordiais saudações,

a) JOAQUIM LOBO DE MACEDO
Secretário de Cultura e Desporto

* * *

BANCO BRASILEIRO DE DESCONTOS S.A.

Cidade de Deus, 11 de setembro de 1986

Exmo. Sr.
José Carlos Moreira
DD. Presidente da Câmara Municipal de
Olímpia - SP

Senhor Presidente

Recebemos seu Ofício 399/86-GP, do dia 4 do corrente, que capeou o requerimento n.º 302/86, de autoria do nobre Vereador Dr. José Sant'anna, que muito nos sensibilizou.

Externamos os nossos agradecimentos pelas amáveis referências formuladas ao nome de nossa Organização, que pedimos sejam estendidas ao Dr. Sant'anna.

Ficamos felizes em ter colaborado com o "Festival do Folclore".

Com elevado apreço e consideração, firmamo-nos,

Cordialmente

BANCO BRASILEIRO DE DESCONTOS S.A.

a) DURVAL SILVÉRIO
a) EDSON FERNANDO ÁVILA

* * *

Estimado colega e amigo Sant'anna

Ainda esmagado pela hospitalidade que me foi proporcionada por você e sua equipe por ocasião do 22.º Festival do Folclore e I Simpósio Nacional sobre Folclore, quero agradecer a você e sua equipe, as atenções que me foram dispensadas por ocasião desses eventos.

Agradecendo sensibilizado sua gentileza, colocando-se a seu inteiro dispor, creia-me o mesmo admirador e amigo que o

abraça cordialmente.

a) NAPOLEÃO FIGUEIREDO

* * *

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
CASA CIVIL

Belém, 12.09.86

Ofício n.º 1305/CCG

Exmo. Senhor
Wilson Zangirolami
DD. Prefeito Municipal
Olímpia - SP

Senhor Prefeito:

Tenho a satisfação de dirigir-me a V.Exa., de ordem do Exmo. Senhor Governador, para acusar o recebimento do Diploma de Louvor ao Mérito, datado de 22 de agosto último, que o Conselho Municipal de Cultura, a Prefeitura Municipal de Olímpia e a Comissão de Folclore outorgaram ao Chefe do Executivo Estadual, por haver participado com o seu trabalho sobre Amor e Perseverança, do 22.º Festival de Folclore, realizado nessa cidade durante o período de 10 a 17 daquele mês.

Incumbindo-me o Mandatário do Estado agradecer a gentileza da remessa do mencionado título honorífico por V.Exa.

Atenciosamente,

a) GILVANDRO JOSÉ FURTADO
Chefe da Casa Civil, em exercício

* * *

Maceió, 13 de setembro de 1986

Ilmo. Senhor
Dr. José Carlos Moreira
DD. Presidente da Câmara Municipal de Olímpia

Senhor Presidente:

Honrado e feliz por ter sido agraciado com o voto de louvor dessa egrégia Casa, rogo ao Senhor, conceda longos anos de vida a essa Edilidade, iluminando-a para que possa produzir trabalhos edificantes em prol desta comunidade maravilhosa, formada por filhos honestos, trabalhadores e honrados.

Atenciosamente e
sempre as ordens,

a) JOSÉ MARIA TENÓRIO ROCHA

* * *

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
MUSEU "CÂMARA CASCUDO"

Natal, 15/09/1986

Excelentíssimo Senhor
Prefeito Wilson Zangirolami

DD. Chefe do Executivo Municipal de Olímpia - São Paulo

Ilustre amigo:

Ao regressar a Natal, após os agradáveis e produtivos dias passados em Olímpia, participando do I Simpósio sobre Folclore, quero externar os meus efusivos agradecimentos pela fidalga acolhida com que nos recebeu em sua bela cidade.

Entendemos que o Simpósio sobre Folclore atingiu os fins colimados, tendo os diversos temas sido repensados e estudados pela equipe de professores e pesquisadores aí reunida, sendo perfeitamente válido o esforço de todos que contribuíram para o êxito do certame.

Solicitamos de V.Exa. externar à Profa. Della Mônica, ao Prof. José Sant'anna os nossos melhores agradecimentos pela iniciativa do Simpósio, que vem tendo repercussão nacional face a presença das figuras ilustres que aí estiveram.

Desejando os melhores resultados para a continuidade de sua administração e com os votos de felicidade pessoal para V. Exa., firma-se atenciosamente,

a) PROF. VERISSIMO DE MELO
Diretor do Museu "Câmara Cascudo"
UFRN - Natal

* * *

ESTADO DE SANTA CATARINA
Palácio Santa Catarina
Gabinete do Governador
Casa Civil

Of. n.o 11250/CC

Exmo. Sr.
Vereador José Carlos Moreira
DD. Presidente da Câmara Municipal
Olímpia - SP

Assunto: Acusa o recebimento do Of. n.o 382/86
Florianópolis (SC), 16 de setembro de 1986.

Senhor Presidente:

Cumprindo determinação do Sr. Governador do Estado, acuso o recebimento do Ofício n.o 382/86, através do qual V.Exa. comunica a aprovação da manifestação de reconhecimento expressa pelo Vereador José Sant'anna, referente ao transporte dos integrantes do grupo folclórico até essa cidade.

Agradecendo a gentileza das palavras constantes de sua mensagem, apresento-lhe nesta oportunidade, expressões de estima e real apreço.

a) CELESTINO ROQUE SECCO
Secretário de Estado para Assuntos da
Casa Civil

* * *

CÂMARA MUNICIPAL DE OLÍMPIA

Em 22 de setembro de 1986

Of. n.o 459/86

Ilustríssimo Senhor:
Wilson de Lima Bastos

Apraz-nos comunicar que a Câmara Municipal de Olímpia, por proposição do Sr. Vereador José Sant'anna, aprovou pela unanimidade do Plenário, em sua sessão ordinária realizada no dia 15 de setembro último, a inserção, na ata de seus trabalhos, de um voto de congratulações pela edição do livro "Arquivos de Folclore" de autoria do ilustre folclorista Wilson de Lima Bastos, de inestimável valor para a Cultura brasileira e cujo lançamento representa um dos fatos mais auspiciosos de nossa atual literatura. Segue, anexa, cópia do Requerimento n.o 348/86 em referência.

A par de nossos cumprimentos pessoais pela merecida homenagem, prevalecemo-nos da oportunidade para consignar nossos protestos de estima e consideração.

Respeitosamente,

a) JOSÉ CARLOS MOREIRA
Presidente

* * *

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPÃO BONITO

Capão Bonito, 25 de setembro de 1986

Of. CG/0209/86

Senhor Presidente:

Acuso o recebimento do Of. n.o 433/86-GP, onde V. Exa. nos envia cópia do Requerimento n.o 321/86, de autoria do Nobre Vereador José Sant'anna.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer ao autor do requerimento e a esta Colenda Casa de Leis pela propositura.

Sem mais para o momento, valho-me do ensejo para reiterar meus protestos de estima e apreço.

Atenciosamente,

a) ROBERTO TAMURA
Chefe de Gabinete

Exmo. Sr.
José Carlos Moreira
DD. Presidente da Câmara Municipal de
Olímpia - SP

* * *

Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1986

Excelentíssimo Senhor
JOSÉ SANT'ANNA
MD. Vereador da Câmara Municipal de Olímpia - SP

Prezado Senhor:

Através da carta-ofício do Sr. José Carlos Moreira, digníssimo Presidente da Câmara Municipal desta cidade, tomei conhecimento da atuação de V.Exa. na sessão do dia 1.o de setembro, propondo que se registrasse em ata, os agradecimentos pela nossa participação no I Simpósio Nacional Sobre Folclore, realizado em agosto do corrente ano.

Apraz-me dizer a V.Exa., que muito me honrou integrar a equipe de especialistas que aí esteve por aquela ocasião, não só pelo alto nível dos debates, mas também pela alegria do doce convívio com a gentil e hospitaleira gente olimpiense. Quero ain-

da cumprimentar a V.Exa. pela grande eficiência demonstrada na organização do referido evento que reuniu estudiosos de vários recantos do Brasil.

Fazendo votos que continue a obter sucesso como este que pude comprovar, envio meus sentimentos de muito apreço e grande consideração.

Atenciosamente,

a) MARIA DE CÁSCIA N. FRADE

* * *

Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1986

Excelentíssimo Senhor
JOSE CARLOS MOREIRA
MD. Presidente da Câmara Municipal
Olímpia - SP

Prezado Senhor:

Recebi a comunicação de V.Exa. dando conta da inserção de meu nome na ata dos trabalhos dessa Câmara no dia 1.º de setembro, em virtude de minha participação no 1.º Simpósio Nacional Sobre Folclore, realizado nesta cidade em agosto do corrente ano.

Apraz-me dizer a V.Exa. que esse gesto muito me sensibilizou, como de resto a grande hospitalidade da gente olímpense que tive a alegria de conhecer. O povo de Olímpia nos cativou a todos, de modo definitivo.

Fazendo votos de muitas realizações em prol desse Município, envio meus sentimentos de respeito e amizade.

Atenciosamente,

a) MARIA DE CÁSCIA N. FRADE

* * *

Ofício n.º 759/86
Ref. FUNDESC/GP Aracaju, 13 de outubro de 1986

Exmo. Sr.
Wilson Zangirolami
DD. Prefeito Municipal de Olímpia
Olímpia - São Paulo

Senhor Prefeito:

Tendo participado do I Simpósio Nacional Sobre Folclore através do honroso convite feito por Vossa Excelência, venho expressar os meus sinceros agradecimentos pela gentil acolhida e atenção que me foram dispensadas quando da minha estada em Olímpia.

Nesta oportunidade, quero parabenizá-lo pelo êxito alcançado na realização do 22.º Festival do Folclore, desejando-lhe o mesmo entusiasmo para realizações futuras, enriquecendo e preservando a nossa cultura popular.

Coloco-me à disposição de Vossa Excelência, ao tempo em que renovo protestos de elevada estima e consideração.

Atenciosamente,

NÚBIA N. MARQUES
Diretor Presidente da Fundesc

* * *

Ofício n.º 760/86
Ref. FUNDESC/GP

Aracaju, 13 de outubro de 1986

Ilmo. Sr.
José Sant'anna
Prefeitura Municipal de Olímpia
Rua Nove de Julho, 1054
Olímpia - São Paulo

Prezado Senhor

Tenho a grata satisfação de dirigir-me a Vossa Senhoria para expressar os meus sinceros agradecimentos pela oportunidade que tive de participar do I Simpósio Nacional do Folclore, no 22.º Festival de Folclore de Olímpia.

Venho, nesta oportunidade, enviar também o meu incentivo para que continue com o mesmo entusiasmo no seu brilhante trabalho de preservação do nosso folclore, desejando-lhe o mesmo sucesso em futuras realizações.

Sensibilizada pela acolhida e pela atenção que me foram dispensadas, coloco-me à sua disposição.

Atenciosamente,

NÚBIA N. MARQUES
Diretor Presidente da Fundesc

* * *

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
"MUSEU CÂMARA CASCUDO"

Natal 15/10/86

Grande Vereador Prof. José Sant'anna: meu abraço.

Recebi os honrosos ofícios da Câmara Municipal de Olímpia com os votos de agradecimento e congratulações pela minha presença no nosso Simpósio e por motivo da publicação do "TANCREDO NA LITERATURA DE CORDEL". Sou gratíssimo ao velho amigo pelas homenagens. Gostaria de receber uma palavra sua a respeito do recorte do jornal de Natal que lhe enviei, transcrevendo sua bela carta ao Governador Radir Pereira, assim como se recebeu minha carta de agradecimento pessoal a você por todas as gentilezas e atenções aí dispensadas.

Enquanto isso, receba aí um abraço cordial do amigo e admirador,

a) VERÍSSIMO DE MELO
C. Postal. 535 - Natal - RN

* * *

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
MUSEU "CÂMARA CASCUDO"

Natal, 15/10/1986

Ao Exmo. Sr. Vereador
JOSE CARLOS MOREIRA
DD. Presidente da Câmara Municipal de Olímpia - São Paulo

Ilustre Senhor:

Tenho a honra de acusar ofícios de V.Exa., nos quais comunica que foi inserido em ata dessa colenda Câmara Municipal de Olímpia voto de agradecimento pela minha participação no Simpósio Nacional Sobre Folclore, aí realizado entre 14 e 17 de

agosto último; e voto de congratulações por motivo da publicação do meu livro "TANCREDO NEVES NA LITERATURA DE CORDEL" - ambos decorrentes de propostas do vereador José Sant'anna.

Sou profundamente grato a V.Exa. e demais membros dessa casa legislativa pelas honrosas homenagens, pedindo a fineza de fazer chegar ao conhecimento de todos o meu reconhecimento mais caloroso.

Com os votos de felicidade pessoal para V.Exa. e cordiais agradecimentos pela honrosa comunicação, firma-se com alto apreço e destacada consideração.

a) PROF. VERISSIMO DE MELO
Diretor do Museu "Câmara Cascudo"
da UFRN - Natal

* * *

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Florianópolis, 20 de outubro de 1986

Exmo. Sr.
Dr. José Carlos Moreira
DD. Presidente da Câmara Municipal de Olímpia
Olímpia - SP

Senhor Presidente:

Tem esta por finalidade, externar a V.Exa. e aos demais membros dessa Câmara de Vereadores, a minha manifestação de agradecimentos pelo ato bondoso do Vereador Prof. Dr. José Sant'anna, em propor a inserção de um voto de congratulação na ata dos seus trabalhos, em louvor a mais uma edição do Boletim da nossa Comissão de Folclore.

O reconhecimento do nosso trabalho pelos legisladores desse importante Município, que se tem projetado no cenário cultural brasileiro, nos anima a dar continuidade ao trabalho que abnegadamente desenvolvemos em Santa Catarina, em prol da Cultura Brasileira.

Renovando este agradecimento, transmito a minha admiração aos integrantes dessa Colenda Câmara Municipal, na pessoa do ilustre Vereador, Prof. José Sant'anna.

Com elevado apreço, estima e distinta consideração, mui atenciosamente,

a) DORALECIO SOARES

* * *

São Paulo, 21 de outubro de 1986

Exmo. Sr.
Dr. José Sant'anna
DD. Vereador à Câmara Municipal
Olímpia - SP

Ilustre edil:

Sirvo-me desta para agradecer ao nobre Vereador, que, através do Requerimento n.º 379/86, aprovado por unanimidade em 30/10/86, distinguiu-me com um Voto de Congratulações dessa Egrégia Câmara, cujo presidente é o nobre Vereador José Carlos Moreira, pelo lançamento do meu livro "Rapsódia Caipira" - Cornélio Pires, seu mundo e seus seguidores.

Outrossim, valho-me da oportunidade para solicitar-lhe o especial obséquio de, em meu nome, apresentar a todos os seus

ilustres pares signatários de tão tocante manifestação de apreço ao meu labor literário, a expressão da minha eterna gratidão.

Cordialmente,

a) ROQUE LUZZI

Residência: Rua Décio, 151 - Saúde - 04 055 - São Paulo - Cap.

* * *

COMISSÃO ALAGOANA DE FOLCLORE

Maceió, 23 de outubro de 1986

Ilmo. Sr. Presidente
Câmara Municipal de Olímpia
Sr. José Carlos Moreira

Um voto de congratulações, proposto pelo ilustre vereador e professor José Sant'anna, é um prêmio ou uma coroação de um trabalho feito com denodo e pouquíssimas ajudas estatais.

Mesmo sem a ajuda, trabalhamos diuturnamente, tentando desvendar os segredos e a magia do homem das Alagoas, compreendendo ou tentando compreender "in totum" o seu potencial criativo.

Agradeço penhoradamente e estou certo que o estímulo não foi em vão, é um motivo para continuar um trabalho com mais seriedade, tranqüilidade, sabedores que alguém sério neste país reconhece nosso valor.

Estamos sempre às ordens,

a) JOSÉ MARIA TENÓRIO ROCHA
Presidente C.A.F.

* * *

MINISTÉRIO DA CULTURA INSTITUTO NACIONAL DO FOLCLORE

Carta n.º 289/86 Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1986

Ilmo. Sr.
José Sant'anna
Rua Jorge Tibiriçá, 420
Caixa Postal 60
15 400 - Olímpia - SP

Prezado Senhor:

Acusamos o recebimento e agradecemos a gentileza da remessa, para este Instituto, de um exemplar do Anuário do Folclore - 22.º Festival do Folclore - ano XIII, n.º 16, ago. 1986.

Atenciosamente,

a) LAIR DINIZ MOURA KORACAKIS
Setor de Intercâmbio

* * *

Recife, 23 de outubro de 1986

Meu Caro José Sant'anna:

Excelente a sua revista comemorativa do 22.º Festival de Folclore de Olímpia.

Todos os trabalhos nela contidos são da maior importân-

cia para a divulgação do nosso Folclore que, na verdade, anda escasso de publicações dessa natureza.

Parabéns a você e aos seus companheiros de ideal. Com o seu entusiasmo e inteligência, a Cultura Popular, sem tardança, ocupará o espaço que está merecendo como coisa séria.

Um abraço do seu confrade,

a) ALCIDES NICEAS

* * *

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

São Paulo, 12 de novembro de 1986

Ilmo. Sr. Prof.
José Sant'anna
DD. Vereador de Olímpia
Câmara Municipal
Olímpia - SP

Meu Caro:

É com grande satisfação que lhe escrevo, para agradecer sua iniciativa de ter proposto e obtido aprovação, na Câmara Municipal de Olímpia, do voto de congratulações por motivo da edição do **Folclore Paulista**. Espero que o livrinho possa de fato ser útil a quem desejar informes sobre o populário em São Paulo.

Sem dúvida, o referido voto de congratulações constitui mais um ato resultante de sua bondade e de sua elevada compreensão para com as coisas da Cultura e da Educação, associadas aquelas ao seu inegável dinamismo; além, evidentemente, do seu encançado amor pelo folclore. Afinal, cinco minutos de se conhecer o Professor José Sant'anna já é tempo bastante para se saber de seu espetacular espírito realizador, a ponto de ter transformado a pequena Olímpia na grande cidade de sempre.

Receba meu sincero agradecimento,

a) AMÉRICO PELLEGRINI FILHO

* * *

Recife, 1.o/2/1987

Ilmo. Sr.
Sr. José Carlos Moreira
DD. Presidente da Câmara Municipal de Olímpia
Olímpia - São Paulo

Senhor Presidente:

Estou acusando o recebimento do ofício n.o 557/86, de V.Sa., comunicando haver essa Câmara aprovado o voto de aplauso encaminhado pelo vereador JOSE SANT'ANNA, referente à publicação de nosso livro FOLCLORE QUASE SEMPRE, iniciativa do editor Jadson BEZERRA, do Recife.

Quero agradecer a V.Sa., ao Senhor Vereador José Sant'anna, bem como a todos os membros dessa Câmara a honra e a alegria que me deram por intermédio de tão carinhoso ato que guardarei no meu coração.

Respeitosamente,

a) MÁRIO SOUTO MAIOR

* * *

RHODIA S.A.
GERÊNCIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

GCS/CEVE-046
MR/zlf
São Paulo, 06 de março de 1987

Senhor Presidente:

Através do Ofício n.o 58/87-GP., tivemos a grata satisfação de saber da inserção do voto de congratulações à Rhodia, pela edição do livro "Máscaras Brasileiras", requerida pelo Senhor Vereador José Sant'anna e aprovada por unanimidade pelo Plenário da Câmara Municipal de Olímpia.

Atitudes como essa nos sensibilizam e incentivam a prosseguir com nossos objetivos culturais que visam apoiar e valorizar a arte popular brasileira em suas inúmeras formas, da qual Olímpia tem grande representatividade, bem expressa na referida obra "Máscaras Brasileiras".

Queremos, nesta oportunidade, agradecer a V.Exa., por essa manifestação de apreço, agradecimento esse que pedimos seja extensivo ao Senhor Vereador José Sant'anna e aos demais membros do Plenário, apresentando a todos nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

a) WALTER NORI

Exmo. Sr.
WANDERLEY DARIO FORTI
DD. Presidente da
Câmara Municipal de Olímpia
Estado de São Paulo

* * *

ESTADO DE SANTA CATARINA
PALÁCIO SANTA CATARINA
GABINETE DO GOVERNADOR

Of. n.o 06554/CC

Exmo. Sr.
Vereador José Carlos Moreira
DD. Presidente da Câmara Municipal de
Olímpia - São Paulo - SP

Assunto: Acusa o recebimento do ofício n.o 211/86
Florianópolis (SC), 03 de junho de 1986

Senhor Presidente:

Com os meus cumprimentos, aprez-me acusar o recebimento do ofício n.o 211/86, solicitando o fornecimento de ônibus para o transporte do Grupo Folclórico "Boi-de-mamão", quando da realização, nessa cidade, do 22.o Festival do Folclore.

Comunico-lhe que determinei ao órgão próprio do Governo o atendimento da solicitação.

Na oportunidade, renovo-lhe as minhas expressões de estima e apreço.

ESPERIDIÃO AMIN
Governador do Estado

* * *

REQUERIMENTO N.º 245/86

Senhor Presidente:

Considerando que no atendimento de solicitação desta Câmara, o Excelentíssimo Senhor Esperidião Amin Elon Filho, Digníssimo Governador do Estado de Santa Catarina, está patrocinando o transporte dos integrantes do grupo folclórico "Boi-de-Mamão" daquele Estado até Olímpia, para sua participação no 22.º Festival do Folclore;

REQUEREMOS, na forma regimental, que seja oficiado ao Exmo. Senhor Governador do Estado de Santa Catarina, agradecendo o atendimento de nosso pedido, gesto que permanecerá como mais uma prova de seu acendrado amor às tradições e à cultura de nosso povo.

Sala das Sessões Professora Dona Oscarlina de Toledo Bonilha, em 27 de junho de 1986.

OSÉ SANT'ANNA
Vereador

* * *

ESTADO DE SANTA CATARINA
PALÁCIO SANTA CATARINA
GABINETE DO GOVERNADOR
CASA CIVIL

Of. n.º 08612/CC

Exmo. Sr.
Vereador José Carlos Moreira
DD. Presidente da Câmara Municipal de
Olímpia - São Paulo - SP

Assunto: Acusa recebimento
Florianópolis (SC), 15 de julho de 1986

Senhor Presidente:

De ordem do senhor Governador do Estado, cumpre-me acusar o recebimento do ofício n.º 322/86, através do qual V. Exa. encaminha o Requerimento n.º 245/86 de autoria do Vereador José Sant'anna, agradecendo a participação do grupo folclórico "Boi-de-Mamão", no 22.º Festival do Folclore, realizado nessa cidade.

Na oportunidade, apresento-lhe protestos de estima e consideração.

a) CELESTINO ROQUE SECCO
Secretário de Estado para Assuntos da
Casa Civil

* * *

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Florianópolis, 21 de julho de 1986

Ao
Exmo. Senhor
Wilson Zangirolami
DD. Prefeito Municipal de Olímpia
São Paulo - SP

Senhor Prefeito:

Sensibilizado com o convite formulado por V. Exa., sinto-me honrado em ter sido convidado tão expressivamente, para participar do 22.º Festival do Folclore de Olímpia, a realizar-se de 10 a 17 de agosto próximo.

Agradeço a bondade de vossas palavras, elevando o meu humilde nome a tão alto grau de expressão, naturalmente em face do trabalho que tenho desenvolvido na área do folclore em Santa Catarina. Outros brasileiros entretanto, como eu, que nessa área atuam também são destaques. Com eles dividirei as homenagens que pretendem me tributar. Entre eles, destaco a figura insigne desse companheiro de lutas de V. Exa., Professor José Sant'anna, sem o qual, dificilmente o Brasil seria consagrado com esse maravilhoso Festival de Folclore.

Assim, Senhor Prefeito, confirmo a minha presença, possivelmente a partir do dia 13 ou 14, visto que aqui também serei obrigado a estar presente em compromissos já assumidos em promoções folclóricas.

Como a sua cidade é muito distante de Florianópolis, deverei viajar por via aérea, juntamente com minha senhora, Iná da Veiga Soares.

Em agradecendo, formulo votos de total êxito na importante promoção do 22.º Festival Nacional do Folclore.

Apresento a V. Exa., os meus protestos de estima e real consideração.

Atenciosamente,

a) DORALÉCIO SOARES

* * *

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO GABRIEL
PALÁCIO PLÁCIDO DE CASTRO

Ofício n.º 203/86

São Gabriel, 27 de agosto de 1986

Prezado Senhor:

Prazerosamente dirigimo-nos a V. Exa. para em nome da Comunidade Gabrielense, convidar V. Excelência e o Professor José Sant'anna a estarem presentes em nossa cidade, na qualidade de convidados especiais do povo gabrielense, quando da realização das comemorações da Semana Farroupilha, anualmente desenvolvida por toda a comunidade Riograndense que cultiva a tradição herdada de nossos antepassados, orgulhosamente preservada por nós e nossos filhos, na evolução dos tempos.

Nesse período de comemorações, temos a certeza de que V. Exa. colherá a admiração e o respeito dos gaúchos de nosso torrão natal, e por certo apreciará a autenticidade do homem destes pagos no cultivo de suas tradições e costumes.

Esperando desde já poder recebê-los em nossa cidade nos dias 19 e 20 de setembro do corrente ano, apresentamos os nossos protestos de elevada estima e consideração.

Atenciosamente,

a) BALTAZAR BALBO GARAGORRI
TEIXEIRA
Prefeito Municipal

Exmo. Senhor
Wilson Zangirolami
DD. Prefeito Municipal
Olímpia - São Paulo

* * *

De agosto de 1986 à presente data vimos, com prazer e muito orgulho, recebendo vasta correspondência agradecendo a convites recebidos e congratulando-se com o 22.º FEFOL, com o I Simpósio Nacional Sobre Folclore, com o prefeito Wilson e com o criador e coordenador dos Festivais. Ofícios recebidos foram 1485, telegramas 271, além de vultosa correspondência através de cartas, cartões e bilhetes amigos. Recebemos ofícios do Senhor Presidente da República, de governadores de Estado, Prefeitos Municipais e Presidentes de Câmara, Secretários de Estado, Ministros da União, folcloristas, escolas, entidades culturais, escritores. Honram-nos as palavras de estímulo e congratamento e por esses dois mil ou mais comunicados, somos eterna e sinceramente gratos.

Sensibilizou-nos, no entanto, telegrama da ilustre escritora Lea Vinocur Freitag que, sem especificar os festivais, nos prestou loas da seguinte forma: "Telegrama 20/10/86; Vereador José Sant'anna; Câmara Municipal de Olímpia; Olímpia/SP: Meu livro, graças a Deus, recebeu críticas amáveis de toda a imprensa. Foi lançado em Roma e divulgado em Paris e Coimbra. Mas nenhuma homenagem me comoveu tanto, porque vinda de pessoas muito sinceras, batalhadoras de uma cidade que honra as mais legítimas tradições brasileiras. Muito obrigada. Lea Vinocur Freitag". Realmente, só agradecimentos darão idéia da medida

* * *

BRADESCO, NOSSO PALADINO

Agradecer ao BRADESCO seria muito pouco, pois há alguns anos, é esse Banco que praticamente mantém a parte literária de nossos festivais do folclore. É nosso patrono em todas as atividades culturais, é nosso amigo em todos os momentos de penúria e defasagem. Antes, através do Sr. Luiz Carlos Pimentel Gianasi, ex-gerente que foi para Fernandópolis - SP, atualmente, isto é, a partir de 4 de novembro de 1986 a mesma gentileza foi prometida por parte do nosso gerente, Sr. Aldair Morandim e do subgerente Sr. Carlos Alberto Benedetti. Através desse BRADESCO - o banco brasileiro, conseguimos cobrir enorme parte das vastas despesas dos festivais olímpenses. A essa Agência de alto nível humanitário, Agência 534/7, situada na Praça Rui Barbosa 127, e da Gerência de Marketing - Osasco-SP, nós, folcloristas, em nome do Prefeito Wilson e de todo o povo de Olímpia e visitantes que se deleitam com nossos festivais, rogamos seja sempre coberta pelas bênçãos do Senhor, humilde agradecimento pela imensidão de bens materiais e espirituais que nos proporciona. Eternamente gratos, BRADESCO!

* * *



COOPERATIVA DE LATICÍNIOS
DE OLÍMPIA LTDA.

RUA BERNARDINO DE CAMPOS, 540
TELEFONE (0172) 81-1182

15 400 - OLÍMPIA - SP

"É o folclore que melhor assinala as transformações produzidas por atos humanos, todos eles inspirados por motivos, paixões, ambições, crenças, conhecimentos ou condutas, e, sobretudo, pela recordação do passado que cria a tradição. Contudo, longe de ser primordialmente estático, o folclore é essencialmente dinâmico. Os dias, os meses, os anos, as décadas, os séculos se sucedem e novos costumes, novas lendas, novas canções surgem no seio do povo, para enriquecê-lo. Não é contra as mudanças, antes se opulenta com as inovações."

ROTHSCHILD MATHIAS NETTO

Olímpia - 1977

LATICÍNIOS "FLOR DA NATA"

OLÍMPIA PARA O BRASIL

Rua Américo Brasiliense
N.os 939 e 957

Fones: (0172) - 81-1148
(0172) - 81-1220

**BADIIH NASSIF AIDAR
FAZENDA NATA
SEVERÍNIA - SP**

Criação de Cavalos Manga-Larga

Plantação de Cítricos, Café, Cana

Fone: (0172) 87-1266

LOTEAMENTO "VILA HÍPICA"

RUA BENJAMIM CONSTANT, Nº 184

Fone: (0172) 81-1025

15400 - Olímpia - SP

**HIROCHI KITAGAWA
CÍTRICOS**

Rua Conselheiro Antônio Prado, n.o 666

Fone: (0172) 81-1750

15 400 - Olímpia - SP

"Só o estudo e a pesquisa do Folclore nos pode permitir um conhecimento exato da vida do povo, na sua realidade presente e na sua continuidade histórica, elementos fundamentais para traçar a configuração de um país."

JÂNIO DA SILVA QUADROS
Brasília - 1961

**BENEFICIADORA DE CEREAIS
VIETTI LTDA.**

Rua Dr. Veiga Miranda, n.o 184

Caixa Postal 11

Fone: (0172) 81-1025

15 400 - Olímpia - SP

**FÁBRICA DE IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS
E DISPOSITIVOS INDUSTRIAIS**

Av. Dr. Ademar Pereira de Barros, n.o 630

Fones: (0172) 81-1291 e 81-1061

15 400 - Olímpia - SP

ELETRO RURAL OLÍMPIA LTDA.

Al. José Rodrigues da Silva, n.o 19

Bairro de São José

Fones: (0172) 81-1297 - 81-1968

15 400 - Olímpia - SP

**PLANRURAL
PRODUTOS AGRÍCOLAS/MUDAS EM GERAL**

Rua São João, n.o 991

Fone: (0172) 81-3039

15 400 - Olímpia - SP

**INDÚSTRIA DE COMÉRCIO E CEREAIS
DAVID DE OLIVEIRA LTDA.**

Av. Brasil, n.o 450

Fone: (0172) 81-1191

15 400 - Olímpia - SP

JOSÉ ROSO DOS SANTOS - DESTAQUE EM DECORAÇÕES

Rua Jorge Tibiriçá, n.o 795

Fone: (0172) 81-1732

15 400 - Olímpia - SP

GRUPO EMPRESARIAL ZANGIROLAMI HÁ 47 ANOS SERVINDO O BRASIL

FAMÍLIA ZANGIROLAMI



FUNDADORES DA EMPRESA: CASAL AUGUSTO E ROMILDA
E OS FILHOS EURIDES, WILSON, SÍLVIA, IVO

“Que o mais humilde e o menos humilde dos brasileiros tenham orgulho de sua língua, de sua maneira de ser, de sua dança e de seu canto. Que a literatura e o **folclore** tenham apoio para manterem a chama que não morre nunca.

Que o brasileiro aprenda a respeitar e cultivar a sua cultura, sabendo que isso só depende dele próprio”

José Sarney
(Brasília - 1986)

Avenida Governador Dr. Ademar Pereira de Barros, 218
Telefone: (0172) 81-1015
15 400 - Olímpia - SP

FOLCLORE: UM POUCO DA NOSSA TERRA E DA NOSSA GENTE



BRADESCO